O Sínodo nos interpela



MARTÍN LASARTE, sdb - DAMÁSIO MEDEIROS, sdb
(Coords.)

Amazônia salesiana

O Sínodo nos interpela



ELLEDICI

Coleção
Publicações do Dicastério para as Missões Salesianas.
Nº 68.

Tradução para o português (Brasil):
Pe. José Luiz Lima de Mendonça Júnior, sdb (UPS-Roma)
Pe. João Benedito da Cunha Alves, sdb (Manaus-Brasil)

www.ELLEDICI.org

© Settembre 2019 - Editrice ELLEDICI
Corso Francia, 333/3 - 10142 Torino
☎ 011 9552111 ✉ info@elledici.org
ISBN 978-88-01-06629-6

SIGNIFICADO DE CAPA DO LIVRO

A arte foi realizada pela inspetoria de Manaus (Brasil) por ocasião do encontro Pan-Amazônico Salesiano *aí realizado entre os dias 1 e 4 de novembro de 2018.*



1. O cartaz expressa a rica e complexa diversidade da Pan-Amazônia: grandes centros urbanos, vida ribeirinha, palafitas, periferias e montanhas, símbolos do sagrado.
2. Em destaque, aparecem os destinatários principais de nossa missão: de um lado um jovem indígena e do outro, crianças e adolescentes aventurando-se no rio.
3. No centro, há o símbolo do Sínodo, expressão de nossa unidade com a Igreja e a Cruz de Cristo, centro e motivação da nossa missão.
4. Em feliz coincidência com Sínodo, está presente o logotipo do mês missionário extraordinário de outubro de 2019: "batizados e enviados".
5. A fauna e a flora estão presentes simbolizado pela arara e pelos tons verdes.

Amazônia Salesiana:
O Sínodo nos interpela.

Contribuições dos Salesianos de Dom Bosco
para o Sínodo e para uma renovada presença
entre a juventude amazônica.

P. Martín Lasarte, sdb
P. Damásio Medeiros, sdb
(Coordenadores)

Dicastério para as Missões Salesianas
Universidade Pontifícia Salesiana

ÍNDICE

Apresentação do Reitor-Mor dos Salesianos de Dom Bosco.
Pe. Ángel Fernández Artime, sdb (Roma) ..... » 13

Introdução Geral.
Pe. Martín Lasarte, sdb, Dicastério para as Missões Salesianas (Roma) ..... » 15

1. Resultado da pesquisa feita junto às Presenças Salesianas Amazônicas. *Coleta de dados e síntese.* Pe. Martín Lasarte, sdb

1. *Introdução* ..... » 28
2. *Fichas das comunidades salesianas e agentes pastorais* ..... » 29
3. *Conclusões da pesquisa* ..... » 37

2. Encontro Salesiano Pan-Amazônico: O Sínodo nos interpela! (Manaus, novembro de 2018).

1. *Introdução.* Pe. Martín Lasarte, sdb (Roma) ..... » 44
2. *.Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia Integral.* Pe. Justino Sarmento Rezende, sdb (Manaus – Brasil) .... » 47
3. *Visão indígena salesiana sobre o Sínodo Pan-Amazônico.* Pe. Justino Sarmento Rezende, sdb (Manaus – Brasil) ..... » 51
4. *Amazônia. Contextos, interculturalidade e situação juvenil.* Sr. José Juncosa Blasco. Vice-reitor da Universidade Politécnica Salesiana de Equador e membro do Grupo de pesquisa 'Missões e povos indígenas' (Quito - Ecuador) ..... » 56
5. *Um caminho ministerial: Centro de formação ministerial Intervicarial Achuar.* Pe. Diego Clavijo Illescas, sdb (Kuyuntsa – Perú) ..... » 80
6. *A escuta das Juventudes da Amazônia.* Documento (Manaus – Brasil) ..... » 87

3. Seminário: Testemunhos de santidade com os povos amazônicos.
Universidade Pontifícia Salesiana (Roma, 2016, 2018).

1. *Introdução.* Pe. Martín Lasarte, sdb (Roma) ..... » 92

2. *Evangelização, promoção humana e martírio.*
Pe. Georg Lachnitt, sdb, Universidade Católica Dom Bosco
(Campo Grande - Brasil) ..... » 93

3. *O contexto da morte de padre Rodolfo Lunkenbein.*
Pe. Juan Bottasso, sdb, Universidade Politécnica Salesiana
(Quito-Ecuador) ..... » 107

4. *"Vim para servir e dar a vida". O perfil missionário e espiritual do padre Rodolfo Lunkenbein, mártir de Meruri-Brasil (1939-1976).* Pe. Luigi Cameroni, sdb, Postulador Geral
dos Salesianos (Roma) ..... » 110

5. *Gritou o Evangelho com a Vida.* Pe. Juan Bottasso, sdb,
Universidade Politécnica Salesiana (Quito-Ecuador) ..... » 119

6. *A leitura espiritual da experiência de Yánkuam'.* Pe. Aldo
Giraudo, sdb, Universidade Pontifícia Salesiana (Roma)..... » 148

4. Seminário: Novos caminhos para uma Igreja com o rosto amazônico.
Universidade Pontifícia Salesiana (Roma, março de 2019).

1. *Introdução.* Pe. Damásio Medeiros, sdb, Decano da Faculdade
de Teologia da Universidade Pontifícia Salesiana (Roma) ..... » 160

2. *O caminho de preparação para o Sínodo.* Dom Fabio Fabene,
Bispo titular de Montefiascone e Subsecretário do Sínodo
dos Bispos (Vaticano) ..... » 164

3. *Valores e culturas dos povos da Selva. A situação atual da Amazônia.* Pe. José Zanardini, sdb, Universidade Católica
de Assunção (Paraguai) ..... » 171

4. *Considerações sobre o Sínodo da Amazônia.*
Sr. Guzmán Carriquiry, Vice-presidente da Pontifícia
Comissão para a América Latina (Vaticano) ..... » 180

5. *Jovens indígenas e processos de urbanização na América Latina: sonhos e desafios.* Prof.ª Gabriela Bernal,
Universidade Central de Quito (Equador), Universidade Católica
de Lovaina (Bélgica) ..... » 211

6. *Perspectivas teológicas, eclesiais e missionárias para a Amazônia.* Dom Raúl Biord, sdb, Bispo de La Guaira (Venezuela) ..... » 222

7. *O espaço dos jovens na igreja amazônica.* Pe. Reginaldo Cordeiro, sdb, Delegado inspetorial da Pastoral Juvenil de Manaus (Brasil) ..... » 238

8. *Inculturação e catecumenato no contexto indígena.* Pe. Damásio Medeiros, sdb, Universidade Pontifícia Salesiana (Roma) -Pe. Georg Lachnitt, sdb, Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande - Brasil) ..... » 248

9. *Amazônia e caridade: serviço de promoção humana.* Dom Antônio de Assis Ribeiro, sdb, Bispo Auxiliar de Belém (Brasil) ..... » 256

10. *A contribuição cultural dos Salesianos na Amazônia.* Pe. Juan Bottasso, sdb, Universidade Politécnica Salesiana (Quito - Ecuador) ..... » 270

Anexos

A) Encontro Salesiano Pan-Amazônico (Manaus, novembro 2018).

1. Participantes ..... » 306

2. Palavras de boas-vindas, Pe. Jefferson Luís Santos, sdb, Inspetor da Inspetoria S. Domingos Sávio (Manaus – Brasil) ... » 309

3. Trabalho em grupos: *Salesianos e a Amazônia* ..... » 313

4. Trabalho em grupos: *Situação Amazônica* ..... » 319

5. Boa Noite: *A presença missionária salesiana entre as minorias do Nordeste da Índia*: "Os Wanchos", Pe. George Menamparampil, sdb, Dicastério para as Missões Salesianas Missões (Roma) ..... » 323

6. *Vamos viver em contínua interação! Ecologia integral e Poesia*, Pe. Justino Sarmento Rezende, sdb (Manaus – Brasil) ..... » 328

7. Trabalho em grupos: *Prioridades para o Sínodo Pan-Amazônico* ..... » 340

B) Entrevistas (Roma, março de 2019)

1. *O grito da Igreja Amazônica.*
Cardeal Cláudio Hummes, Arcebispo Emérito de São Paulo, Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Brasil) ..... » 344

2. *Os desafios para a Região Pan-Amazônica a partir das assembleias territoriais em preparação ao Sínodo.*
Sr. Mauricio López Oropeza, Secretário Executivo da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Equador) ..... » 350

3. *Profecia e esperança para a igreja Pan-Amazônica .*
Cardeal Pedro Ricardo Barreto Jimeno, sj, Arcebispo de Huancayo, Vice-Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Peru) ..... » 356

APRESENTAÇÃO DO REITOR-MOR DOS SALESIANOS

P. Ángel Fernández Artime, sdb

Com gratidão e simplicidade, oferecemos à Igreja, à Sociedade Civil e à Família Salesiana este volume sobre a Amazônia Salesiana. Partilhamos experiências, testemunhos e reflexões, em vista do iminente Sínodo Pan-Amazônico.

É uma oportunidade para agradecermos a Deus pelo bem que tem feito àquela região, desde a chegada do primeiro grupo de Salesianos na Amazônia equatoriana, há 125 anos, no Vicariato de Méndez, em 1893, junto ao povo Shuar. Em 1894, a expedição salesiana chegava em Cuiabá, Brasil, para iniciar o serviço missionário com os Bororo. Pouco depois, em 1918, os Salesianos partiram para o Rio Negro, no Norte do Brasil. Por fim, a presença salesiana chega, em 1927, à Amazônia venezuelana.

Foram anos heroicos, cheios de contribuições pastorais, didáticas e científicas; contribuições de entrega, santidade e martírio.

Desejamos agradecer pelo dom das 47 comunidades salesianas da Amazônia, do Mato Grosso e do Chaco Paraguaio, que continuam a realizar a missão de Dom Bosco com os mais variados serviços de evangelização, educação e promoção humana.

"A vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja e põe-nos inteiramente ao serviço da sua missão" (*Const.* 6). Com este sentimento, estamos em plena sintonia e à disposição do Sínodo para continuar a buscar na *"Amazônia: novos caminhos para uma Igreja e para uma ecologia integral"*.

Como diz o subtítulo do livro: *"contribuições para uma renovada presença entre a juventude amazônica"*. O dom do Espírito, que foi dado à Igreja no carisma salesiano, não é outra coisa, senão serviço ilimitado à juventude, sobretudo, àquela mais pobre da Amazônia. Jovens indígenas, migrantes nas preriferias das grandes cidades, jovens caboclos, afros, jovens de toda raça e condição, que precisam de uma mão amiga, de uma oportunidade, de trabalho, de educação, do próprio Senhor; esperam da Igreja uma renovada esperança.

A Amazônia continua a ser uma das prioridades da nossa Congregação. Estamos decididos a continuar a nossa ação pastoral e missionária, mobilizando todos os recursos educativos e pastorais típicos do nosso carisma. A exemplo do

Filho de Deus, que em tudo se fez semelhante aos seus irmãos, tomamos como nossos os valores dos povos da floresta, e partilhamos suas angústias e esperanças (Cfr. *Const.* 30)

Assim como o Sínodo, que refletirá e alçará a voz em favor de uma ecologia integral, desejamos também nós estar em sintonia com uma educação integral, em que os jovens vivam em harmonia consigo mesmos, com os demais, com a criação e com o Criador.

Agradeçemos a Deus pelas bênçãos das vocações amazônicas em nossa família, provenientes de vários povos. Rezemos para que o Senhor Jesus, a Igreja e Dom Bosco continuem a ter um rosto cada vez mais amazônico e o mesmo coração apaixonado do Senhor.

Maria Auxiliadora abençoe os jovens amazônicos e a renovação pastoral naquele que é o pulmão do mundo.

P. Ángel Fernández Artime, sdb
Roma, 24 de maio de 2019

INTRODUÇÃO GERAL

Pe. Martín Lasarte, sdb[1]

"*Como sabeis muito bem, em outubro de 2019, Mês Missionário Extraordinário, celebraremos o Sínodo para a Amazônia. Acolhendo as preocupações de muitos fiéis, leigos e pastores, quis que nos encontrássemos para rezar e refletir sobre os desafios da evangelização destas terras da América do Sul onde vivem importantes Igrejas particulares. Gostaria que esta coincidência nos ajudasse a manter fixo o nosso olhar em Jesus Cristo ao enfrentar problemas, desafios, riquezas e pobreza; que nos ajudasse a renovar o compromisso de serviço ao Evangelho para a salvação dos homens e das mulheres que vivem naquelas terras. Rezemos a fim de que o Sínodo para a Amazônia possa requalificar evangelicamente a missão também nessa região tão provada do mundo, injustamente explorada e que necessita da salvação de Jesus*"[2].

Com estas palavras o Papa Francisco une o evento do mês missionário especial ao Sínodo Pan-Amazônico, evidenciando sua preocupação evangélica e missionária. Nós, Salesianos, colocamos à disposição da Igreja Universal a reflexão da "Família Salesiana" como "*contribuição para o Sínodo e para uma renovada presença salesiana a serviço da juventude amazônica*". Tal contribuição abrange apenas uma parcela da vasta realidade amazônica, seja porque a Congregação não está presente em todos os rincões amazônicos, seja pelo tipo de serviço que, de acordo com o nosso carisma, realizamos. De qualquer modo, podemos afirmar que a nossa é uma presença significativa na região e serve muito bem de amostra da realidade eclesial aí instalada.

Neste período de preparação ao Sínodo emergem, em vários contextos, aspectos fundamentais que serão fortemente considerados e sublinhados: o urgente problema da ecologia integral com suas implicações globais à toda humanidade; a demarcação de terras indígenas e ratificação de seus demais direitos; a preocupação pela preservação da riqueza cultural presente em aproximadamente 390 grupos étnicos amazônicos.

---

[1] Membro do Dicastério para as Misões salesianas (Roma). Especializado em Sagrada Escritura.

[2] Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia das Pontifícias Obras Missionárias* (Vaticano 01/06/2018).

O recente *Instrumentum Laboris*, Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos da Região Pan-Amazônica, publicado em 17/06/2019, que ainda não era conhecido quando foram realizados os seminários incluídos neste livro, oferece um texto estimulante para a reflexão, preparação e debate do Sínodo.

As reflexões contidas neste livro são variadas e interdisciplinares, levando em conta as urgências acima indicadas. Gostaria, no entanto, de sublinhar três elementos que aparecem nos questionários, nos debates e nos estudos. Tais elementos, na minha opinião, não são tratados suficientemente na mídia, nos documentos e nos debates preparatórios do Sínodo:

a. Os **jovens amazônicos**: Quem são? Aonde vão? Quais são os seus sonhos e aspirações? Quais são suas relações com as tradições ancestrais? Quais são suas dificuldades e desafios? Como vivem o fenômeno da globalização e da interculturalidade? Como se preparam para inserir-se e interagir num mundo complexo e conflitivo?

b. As **cidades amazônicas e a migração**: Neste ano, a população mundial é mais urbana que rural. O fenômeno migratório e, em particular, a massiva migração juvenil amazônica, em direção aos centros urbanos, é uma constatação sociológica. Não se trata apenas de um evento migratório, mas também cultural (jovens rurais com mentalidade urbana). 92% da população da Amazônia é urbana, vivendo em grandes ou médias cidades. São católicos e não católicos. A maioria da população juvenil è urbana. Devemos estar atentos em não marginalizar ou colocar em segundo plano essa realidade interpeladora. Como é a presença da Igreja Católica nas periferias destas cidades? Como é o acompanhamento eclesial real a essa população migrante, particularmente vulnerável? Deixaremos o povo abandonado às propostas fragmentárias de fé das comunidades eclesiais neopentecostais ou, ainda pior, ao narcotráfico e à delinquência?

c. **Processos de fé capazes de gerar uma igreja ministerial com o rosto amazônico**. Outra constatação é a dificuldade, nesses últimos cinquenta anos, de formar uma igreja com o rosto amazônico. Em muitos contextos, existe um grande compromisso diaconal-ministerial por parte da Igreja em diversos âmbitos: direitos humanos, demarcação de terras, valorização das culturas. O que não sempre é acompanhado por uma preocupação com as outras dimensões fundamentais da pastoral: o anúncio, a catequese, a liturgia. Consideramos que é fundamental ter uma proposta evangelizadora holística, capaz de vislumbar o **catecumenato** como caminho de inculturação da fé através de processos que, paciente e harmonicamente, integrem Evangelho e vida, apto a descobrir

nas riquezas culturais amazônicas os *semina Verbi*. É necessário ainda fazer desabrochar outros **itinerários de fé** que possam funcionar em contextos diferentes, como aqueles urbanos. Os frutos desse processo de evangelização são comunidades vivas, sobre as quais o Espírito derrama inumeráveis carismas e ministérios. Não existirão vocações à vida religiosa e sacerdotal na Amazônia, se não houver processos sérios e profundos de anúncio e evangelização nas comunidades cristãs de fé que visem formar testemunhas críveis. Não se constrói a casa começando pelo teto, mas pelo alicerce. Diz-nos, neste sentido, o Papa Francisco: "*Em muitos lugares, há escassez de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Frequentemente isso fica-se a dever à falta de ardor apostólico contagioso nas comunidades, pelo que estas não entusiasmam nem fascinam. Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas*" (*EG* 107).

Trabalho em conjunto

Agradeço à **Faculdade de Teologia (Instituto de Teologia Dogmática) da Universidade Pontifícia Salesiana** (UPS) que ajudou na obtenção do material para a confecção do presente livro, rico em experiências, testemunhos, debates, estudos e reflexões. Deve-se notar aqui o trabalho em conjunto das duas "mãos" da única missão salesiana: a **prática-missionária**, representada pelo Dicastero para as "Missões" da Congregação Salesiana, e a reflexiva, representada pela Faculdade de Teologia. Por um lado, a praxe pastoral sem reflexão corre o risco de descambar para um ativismo que se esvazia. Por outro, a reflexão, que não põe os pés na vida concreta da missão, corre o risco de se tornar somente erudição, intelectualismo e, até mesmo, ideologia. Assim, à luz do próximo Sínodo Especial para a Pan-Amazônia, a Congregação Salesiana sente-se na responsabilidade e no dever de contribuir, através de sua práxis e de sua reflexão, com a Igreja.

Este livro divide-se em 4 partes, além de um anexo:

A primeira (**1.**) contém a fase preparatória do encontro sobre a Amazônia, ocorrido em Manaus, no mês de novembro de 2018, através de uma **sondagem** (questionário) junto às comunidades salesianas daquela região;

A segunda (**2.**) é composta de algumas reflexões e partilhas feitas durante **o encontro de Manaus**;

A terceira (**3.**) são as reflexões e conferências dos **seminários** de 2016 e 2018 sobre as testemunhas significativas salesianas na Amazônia, como os mártires Simão Bororo e o Pe. Rodolfo Lunkenbein, e a paradigmática figura de Pe. Luís Bolla, exemplo de evangelização inculturada;

A quarta (**4.**) são as conferências do último **seminário internacional**,

realizado na Universidade Pontifícia Salesiana e organizado pelo Instituto de Teologia Dogmática, em março de 2019, tendo como tema "Novos caminhos para uma Igreja com o rosto amazônico", em que participaram diversos acadêmicos que, em uma perspectiva interdisciplinar, enriqueceram a reflexão em preparação ao Sínodo Pan-Amazônico do ponto de vista sociológico, antropológico, teológico, missiológico, histórico e pastoral.

O **anexo** está organizado da seguinte maneira: a) Encontro de Manaus: palavras de boas-vindas, "Boas noites", frutos dos trabalhos em grupo, e poemas; b) vídeo-entrevistas, realizadas com os principais membros da REPAM (Card. Cláudio Hummes, ofm, presidente; Card. Pedro Barreto Jimeno, sj, vice-presidente; Mauricio López Oropeza, secretário executivo).

As conferências contidas nesta obra correspondem a diversos eventos, com diferentes destinatários e objetivos. Se por um lado o encontro, em Manaus (2), foi de índole pastoral, baseado na troca de experiências, com a presença de missionários, missionárias e agentes de pastoral; por outro, as conferências dos seminários de 2016 e 2018 (3), foram voltadas ao estudo acadêmico de duas figuras emblemáticas da missão amazônica, a saber, padre Rodolfo Lunkenbein e padre Luigi Bolla. Por sua vez, o seminário internacional "Novos caminhos para uma Igreja com o rosto amazônico" (4) foi de caráter interdisciplinar, tendo o Sínodo Pan-Amazônico, de outubro de 2019, como horizonte desafiador. Portanto, essa diversidade de abordagens oferece uma variedade de pontos de vista, que são relacionados ao grande e enriquecedor diálogo entre a práxis e a reflexão.

Como é a presença salesiana na Amazônia?

a. Encontro de Manaus (01-04/11/2018)

Seguindo uma tradição de animação missionária na região amazônica[3], realizou-se em Manaus, Brasil, entre os dias 1 e 4 de novembro de 2018 – o encontro pastoral com o tema *"O Sínodo nos interpela"*, organizado pelo Dicastério das Missões. Participaram do evento mais de quarenta Salesianos empenhados na evangelização

[3] Houve, anteriormente, diferentes **"Seminários sobre a práxis missionária"** animados pelo Dicastério para as Missões: *Pastoral Amazônica. Semana de Estudos missionários* (Campo Grande 05-10/09/1988), onde se aprofundaram temas como: evangelização, cultura, inculturação, desenvolvimento humano, educação; *Evangelización y cultura en el contexto de pastoral Amazónica* (Cumbayá - Ecuador 20-25/09/1993), refletiu-se à luz da *Redemptoris Missio* e da *Assembleia de Sto. Domingos* sobre o tema da cultura e da evangelização; *Seminário sobre a práxis missionária na Região "Amazônica"* (Manaus 1-5/09/1999), o tema foi o dialogo intercultural, ecumênico e inter-religioso no contexto da iniciação cristã; *Pueblos indígenas y evangelización. 5tº Encuentro de misioneras y misioneros salesianos* (Cumbayá - Ecuador 1-5/05/2006), foram analisados os temas da "Teologia Índia", da formação específica dos missionários e das vocações indígenas.

da região amazônica. Foram convidadas também as Filhas de Maria Auxiliadora e outras religiosas com quem partilhamos a missão. A presença de agentes pastorais foi muito significativa, particularmente a dos indígenas das missões (diáconos permanentes, ministros, animadores, políticos). Éramos um total de 100 participantes.

O encontro foi antecedido por um questionário, dirigido às comunidades salesianas e aos agentes pastorais, através do qual buscamos compreender a realidade das presenças amazônicas. A partir dessa sondagem, obtivemos dados significativos.

As missões salesianas da Amazônia, do Mato Grosso e do Chaco paraguaio contam com **47 comunidades religiosas**, um total de **245 SDBs**. Dessas, 22 comunidades encontram-se em zona urbana com uma população de 7,66 milhões de pessoas. As 25 restantes estão localizadas em zona rural (floresta ou pequenos centros urbanos) e atendem uma população de 612.231 pessoas, formando um mosaico de **63 grupos étnicos**, distribuídos em **1219 comunidades católicas** que representam 66,7% da população total. O número **dos agentes pastorais é de 2.123** (entre diáconos permanentes, ministros da palavra, da eucaristia, exorcistas, catequistas, professores, animadores juvenis). Colabora-se com outras congregações religiosas femininas, particularmente com as Filhas de Maria Auxiliadora. A inspetoria de Manaus (BMA) é completamente amazônica. Expandimos o espaço geográfico e incluimos o Mato Grosso (BCG) e seu vizinho, o Chaco paraguaio (PAR). As inspetorias da Venezuela (VEN), Equador (ECU) e Peru (PER) têm uma presença significativa na Amazônia. As inspetorias da Colômbia e da Bolívia não têm presenças na Amazônia. Na Guyana, no Suriname e na Guiana Francesa não há presença salesiana.

Os **serviços educativo-pastorais** que se realizam são: a pastoral itinerante, a formação de ministros, as paróquias, o Oratório/Centro Juvenil, centros universitários e editoriais, escolas primárias e secundárias, formação profissional e agrícola, ensino superior em áreas indígenas, internatos, serviços de saúde e cooperativas de produção (cf. os resultados da sondagem).

b. Questionário em preparacão ao encontro

Analisamos as forças, as fraquezas, as ameaças e as oportunidades de nossas missões de ontem e de hoje, bem como as propostas para a Congregação e o Sínodo. Estas são as principais propostas que surgiram da sondagem feita por ocasião do Sínodo Pan-Amazônico:

1. investigar a **orientação atual dos jovens indígenas** e sua posição em relação à tradição e à modernização, para assim poder ouvir os gritos dos jovens e poder acompanha-los no fenômeno da migração;

2. promover os **ministérios** para a vida da Igreja, em particular o diaconato;
3. atuar um maior compromisso pela **inculturação** (conhecimento da língua e da cultura) a fim de promover uma liturgia e uma catequese inculturada; adquirir maior consciência da evolução contínua das culturas;
4. propor o caminho do **catecumenato**, que unifica a experiência religiosa;
5. investir nas **vocações** e na formação sacerdotal e religiosa com o rosto indígena;
6. reforçar a presença da Igreja, oferecendo uma **educação** de qualidade;
7. **preparar** sacerdotes, religiosos e leigos para a missão amazônica;
8. criar **centros de estudo** e treinamento para a missão amazônica;
9. **denunciar** s causas da destruição do planeta;
10. defender as populações indígenas e promover a avaliação das **demarcações** das Terras Indígenas;
11. criar **projetos pastorais comuns** para a evangelização e a defesa da Amazônia;
12. reorganizar os **territórios eclesiais**.

c. Desafios que surgiram no encontro em Manaus

A partir de um questionário pessoal, com 16 urgências, emergiram as seis seguintes, como a mais significaticas, que aqui são elencadas em ordem de prioridade:

1. a formação das **vocações salesianas nativas**;
2. a Atenção ao fenômeno da **migração de jovens** indígenas para a cidade;
3. a Situação atual e as perspectivas da **juventude** amazônica;
4. a formação de **agentes pastorais e ministros**;
5. a defesa dos **direitos indígenas** e a demarcação das terras;
6. a **inculturação** do Evangelho nas culturas locais.

Surgiram, nos trabalhos em grupo por inspetorias ou por nações, alguns pontos a serem propostos às próprias inspetorias (províncias) e ao Sínodo, que coincidem substancialmente com o resultado da pesquisa.

Propostas para as inspetorias salesianas

– acompanhar os indígenas, particularmente os jovens, **no contexto urbano**;
– Fortalecer a **formação** de missionários e agentes pastorais com itinerários formativos;
– promover e acompanhar as **vocações sacerdotais e religiosas nativas,** respeitando o contexto cultural;
– comprometer-se na **demarcação** das Terras Indígenas;
– promover estudos e publicações nas **línguas** indígenas;
– promover uma **pastoral em conjunto**, integrando as forças da Igreja. Fazer reuniões regionais, de preferência por grupo étnico;
– envolver os **Salesianos em formação e leigos** em experiências missionárias nas missões amazônicas.

Propostas para o Sínodo

– promover **ministérios leigos**, particularmente o diaconato permanente e novas formas ministeriais;
– promover o protagonismo das **mulheres**;
– promover o **catecumenato**;
– pensar em um **ritual litúrgico indo-americano**;
– trabalhar com **projetos missionários pastorais**, onde as prioridades tenham continuidade;
– reorganizar os **territórios eclesiais** da igreja amazônica.

Na Amazônia, como Salesianos

O Santo Padre, no anúncio da convocação do Sínodo em 17/10/2017, lançou dois objetivos:

a. *O objetivo principal deste chamado é identificar **novos caminhos para a evangelização daquela parte do povo de Deus**, especialmente dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem a perspectiva de um futuro sereno,*

b. *também por causa da **crise da selva amazônica**, pulmão de importância capital para o nosso planeta.*

O primeiro escopo (caminhos para a evangelização) é mais localizado e o segundo (ecológico) tem um alcance mais universal porque envolve a humanidade e também toda a Igreja. Nós, como educadores e pastores dos jovens, contribuímos em ambos. Sobre o segundo: Promovemos a adesão, a promoção e a educação à ecologia integral.

O primeiro objetivo nos desafia de maneira particular a causa da nossa presença histórica na região como educadores e evangelizadores, bem como por nossas características carismáticas. Para nós, o grito amazônico traduz-se no grito dos jovens daquela porção do povo de Deus: jovens indígenas, afrodescendentes, caboclos, brancos, mulatos, que precisam de uma oportunidade, respeito, dignidade, educação e do Evangelho.

A contribuição salesiana nestes 125 anos de presença amazônica

Os Salesianos nestes 125 anos de presença missionária na Amazônia navegaram pelas águas do zelo missionário, da santidade, das iniciativas pastorais e educacionais. E, ao mesmo tempo, singraram riachos contaminados por visões antropológicas e culturais limitadas, confinadas numa época já passada. De qualquer modo, podemos dizer que a presença salesiana foi e é uma presença muito significativa de Igreja. Quatro são as principais contribuições dos Salesianos à Igreja e aos povos amazônicos:

1. **Amor, respeito e valorização das culturas amazônicas**. Após um início marcado por uma visão europeia etnocêntrica, típica das primeiras décadas do século XX e que perdurou até os anos sessenta, muitas contribuições científicas foram feitas sobre: antropologia, etnologia, mitologia, linguística, geografia, etnohistória, biologia. Não se trata de estudos abstratos, isto é, simplesmente acadêmicos, mas de uma produção científica que brota de um grande amor e respeito pela cultura que deu aos missionários hospitalidade. Tal esforço provém de uma visão de fé, sabendo que Deus semeou sua sabedoria, beleza e bondade nas ricas culturas dos povos amazônicos.

2. **Um esforço inculturado para anunciar Cristo, *luz das nações***. Nessa linha, tem havido muitos esforços na produção de material litúrgico, bíblico, pastoral e catequético nas línguas locais. Pensemos particularmente nos cursos de formação de ministros indígenas e agentes pastorais; no **catecumenato inculturado**, que permite acolher os traços profundos das culturas (mitos, ritos), tornando-se possível compreender e identificar-se com a iniciação cristã dentro do seu próprio universo cultural. Neste sentido, a longa e fecunda experiência de catecumentato entre os Xavantes, Achuar, Shuar e Yanomamis são excelentes práticas evangelizadoras que a Congregação oferece à reflexão sinodal.

Um significativo fruto pastoral é o crescente número de **Salesianos amazônicos** que estão a dar à Igreja um rosto e um coração amazônico. Por exemplo, na Inspetoria Amazônica do Brasil e Equador há sete sacerdotes, dois irmãos coadjutores perpétuos, dezoito jovens religiosos em formação, doze aspirantes

pertencentes a 10 grupos étnicos diferentes (tuyuka, desano, tariano, arapaso, tucano, baniwa, bororo, xavante, shuar, kitchwa).

A **escassez de vocações locais** para a vida religiosa e sacerdotal chama particularmente a atenção, em especial, se se considera a profunda sensibilidade e religiosidade das populações amazônicas. Comparando os processos de evangelização e de fecundidade vocacional dos últimos cinquenta anos em outros contextos, como na África, no Leste e no Sul da Ásia e na Oceânia, percebe-se que algo em nossa impostação missionária na Amazônia não deu certo. Escuta-se falar sobre a ordenação de "*viri probati*" como solução nova e corajosa para resolver, como num passe de mágica, a ausência de sacerdotes. O problema da falta de vocações é muito mais profundo. É o sintoma da falta de uma evangelização integral. Muitas realidades eclesiais ficaram inibidas por um excessivo enfoque da antropologia cultural que, sem dúvida, tem feito um serviço precioso às culturas locais no que concerne ao conhecimento das mesmas. Também visões ideológicas e sociológicas redutivas tiraram a convicção e a alegria de evangelizar (*EG* 9-13).

O Sínodo será uma oportunidade para avaliar com humildade o caminho realizado até agora, e, se for preciso, será também uma oportunidade para corrigir as escolhas que não se demonstraram fecundas; evitando colocar-se na defensiva, embasando posições já superadas que levaram até a atual situação de "desflorestamento espiritual".

Devemos apostar nas vocações locais, sem preconceitos, confiando nelas, aprender a respeitar suas sensibilidades culturais, acompanhá-las com grande paciência e com um testemunho vigoroso de fé, esperança e caridade, investindo para isso em meios e com o melhor pessoal à disposição. A feliz coincidência do Sínodo com a celebração do mês missionário em outubro, lembrando a *Maximum Illud*, que tem sido um forte estímulo missionário para promoção do clero indígena, possa ser também um estímulo para a reflexão da pastoral vocacional no contexto amazônico.

3. Educação. Se tem apostado por mais de um século na educação. Uma educação que preparou gerações para enfrentar os desafios contemporâneos do trabalho, da promoção e da defesa de suas comunidades. Escolas primárias, escolas secundárias, internatos, escolas técnicas e agrícolas, centros universitários, prepararam e preparam milhares de jovens para suas comunidades indígenas e nacionais. Com sabedoria pedagógica, foi desenvolvido um material intercultural bilíngue, destinado a enriquecer a interculturalidade. Deve-se também enfatizar a contribuição das universidades em dar a conhecer e preservar as riquezas culturais amazônicas, ajudando na conscientização sobre os mais diversos problemas sociais, econômicos e culturais da região.

4. Santidade. A mais bela e importante contribuição, é sem dúvida, o testemunho transparente e luminoso de vida cristã que se faz um anúncio credível; um testemunho de caridade concreta, de generosidade e de doação até o fim, de delicadeza para com a diversidade. Há muitos missionários e missionárias que deram suas vidas por essa terra, há muitos cristãos amazônicos que abraçaram o Evangelho com generosidade e convicção. Pensemos na bem-aventurada Irmã Maria Troncatti, uma mulher simples, uma enfermeira muito amada por todos, capaz de ser um instrumento de paz e reconciliação entre os Shuar e os colonos; no Servo de Deus, Carlos Crespi, insigne cientista; no martírio dos servos de Deus, Rodolfo Lunkenbein e Simão Bororo, que deram suas vidas pela defesa das terras das comunidades indígenas. Pouco tempo atrás, deu-se início ao processo de beatificação do P. Luigi Bolla, que entregou a sua vida missionária no meio dos Achuar, vivendo como hospede por 40 anos, compartilhando com eles o Evangelho de Jesus, coração do seu coração missionário, o trabalho, a vida, a alegria e as tristezas, os mil detalhes de uma cultura rica e altiva.

As figuras dos padres Rodolfo e Yánkuam' (como era chamado o Pe.Bolla) são apresentadas neste livro (parte 3), não só como exemplos edificantes, mas como dois paradigmas que souberam resolver harmonica e evangelicamente a tensão entre anúncio e promoção humana, evangelização e inculturação. O zelo pela defesa das Terras Indígenas e dos direitos dos seus habitantes, assim como o profundo respeito e amor pelas culturas dos povos amazônicos, em nada diminuiu neles a paixão pelo anúncio de Jesus Cristo, plenitude de vida para os povos destas regiões. Viveram um projeto unitário, centrados num profundo amor ao povo e àquele que os chamou a esta missão. Foi um amor concreto e sensível: "*Não basta amar, eles devem perceber que são amados*"; o sangue do martírio e o suor duma presença humilde, respeitosa e permanente, são expressões desse Amor.

Dois rios que se fundem

Perto de Manaus a natureza oferece um belo espetáculo: o encontro de duas águas: o rio Negro e o rio Solimões. Os rios têm cores diferentes, temperaturas diferentes, densidades diferentes. Eles se encontram e formam, aos poucos, um único rio. O que nos lembra o livro da antropóloga Anna Meiser: "*Eu bebo de dois rios*"[4], que mostra o esforço pastoral salesiano na Amazônia

[4] Meiser A., *Bebo de dos ríos. Sobre la lógica de processos transculturales entre los cristianos Achuar y Shuar en la Amazonía Alta*, Abya Ayala (Quito 2015).

pela inculturação da fé, bebendo das riquezas das culturas amazônicas e do Evangelho. É uma confluência que nada tem a ver com o sincretismo ou a justaposição; é sim uma autêntica encarnação do Evangelho num contexto cultural particular.

Nós também somos convidados a beber de dois rios: o amor criativo, comprometido e encarnado com os povos amazônicos e o amor por Cristo e seu Evangelho. Ou ainda, em consonância com nosso carisma: paixão por Cristo e paixão pelos jovens. Que essa confluência na caridade pastoral seja feita em nós, nas nossas igrejas locais, que seja a realidade de um projeto unitário e harmonioso, síntese enriquecedora entre fé e cultura, fé e promoção humana, evangelização e educação, comunhão entre as pessoas, comunhão com a Criação e comunhão com o Criador.



Encontro das Águas: Manaus, rio Solomões e rio Negro.



AMAZÔNIA
SALESIANA

1.

RESULTADO DA PESQUISA FEITA JUNTO ÀS PRESENÇAS SALESIANAS AMAZÔNICAS

P. MARTÍN LASARTE, sdb (Roma)
COLETA DE DADOS E SÍNTESE

PAN-AMAZÔNIA

1. INTRODUÇÃO

Esta apresentação da realidade de nossas presenças é o resultado das respostas feitas mediante um questionário enviado às inspetorias.

Havia dois tipos de fichas:

a. Uma que solicitava alguns dados essenciais a cada uma das **nossas comunidades** presentes na Amazônia, ou às comunidades ao serviço da missão amazônica, particularmente atentas à evangelização indígena.

b. A outra, mais pessoal, era dedicada aos **agentes pastorais** das missões: alguns Salesianos responderam individualmente, outros em grupo. Assim também fizeram as religiosas, de modo particular nossas irmãs salesianas e os leigos. Destacamos particularmente as respostas dos agentes pastorais indígenas das etnias: Achuar, Ayoreo, Bororo.

Todas as inspetorias responderam ao questionário. As respostas foram muito ricas, porém, em alguns casos, foram incompletas. O que fazia com quê o relatório fosse incompleto e fragmentário. Após o encontro de Manaus, pouco a pouco, foram completados os dados que faltavam das presenças salesianas.

Apresentamos aqui de forma resumida os resultados da sondagem, procurando fazer uma síntese que nos foi útil para a reflexão nos dias do encontro, mas que continua sendo válida para a projetação da nossa missão amazônica.

O foco do encontro Pan-Amazônico salesiano foi a reflexão das presenças salesianas no contexto amazônico em vista de um inteligente redimensionamento das nossas presenças.

Objetivos do encontro:

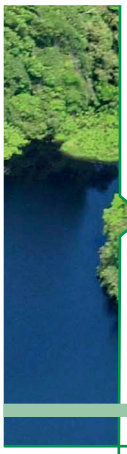
a. **Fazer memória do caminho realizado** nestes 125 anos das missões salesianas amazônicas, para aprender da história os acertos e os erros da nossa missão; bem como, para deixarmo-nos contagiar pela doação total de tantos irmãos e irmãs que deram suas vidas, até o fim, por Cristo, pela missão e pelos nossos destinatários.

b. **Analisar o presente** da realidade amazônica no seu complexo (econômico, político, cultural, eclesial, salesiano), procurando ser particularmente sensíveis à nossa identidade carismática, caracterizada pelo cuidado, pelo acompanhamento, pela evangelização e pela educação da juventude amazônica.

c. **Identificar e discernir pistas para o futuro** das nossas inspetorias que, em comunhão com a Igreja, ajudem-nos a continuar, com inteligência e de forma projetual, o serviço pela juventude amazônica, em sintonia com os novos desafios e segundo as potencialidades reais da nossa Congregação.

d. Oferecer algumas **sugestões ao Sínodo Pan-Amazônico**, que será realizado em Roma, em outubro de 2019.

Tais propostas surgiram particularmente da nossa experiência e identidade carismática.



2. FICHAS DAS COMUNIDADES SALESIANAS E AGENTES PASTORAIS

Comunidades amazônicas e Salesianos

Na região Amazônica (incluindo Mato Grosso e Chaco) há 47 comunidades com 245 SDBs. Distinguimos entre as comunidades presentes no meio urbano e as presenças nas áreas rurais ou na floresta. Um detalhe interessante é que há 18 Salesianos (além de 9 pré-noviços e 12 aspirantes) de 10 etnias indígenas amazônicas (Tuyuka, Desano, Tariano, Arapaso, Tucano, Baniwa, Bororo, Xavante, Shuar, Ketchua).

Nas **zonas urbanas** da Amazônia, os Salesianos, representados pela Inspetoria São Domingos Sávio (BMA), com sede em Manaus, estamos presentes nas seguintes cidades: Belém, Porto Velho, Ananindeua, Ji-Paraná. Já na região mato-grossense os Salesianos, representados pela Missão Salesiana, com sede em Campo Grande, estamos nas seguintes cidades: Cuiabá, Cáceres, Corumbá,



Aldeia Yanomami da Missão Salesiana em Maturacá.

Barra do Garças, Primavera do Leste, Rondonópolis, Coxipó da Ponte, Dourados e Três Lagoas. São 22 comunidades, no total, com 138 Salesianos. Há uma casa de formação em Campo Grande e uma de repouso. Nestas cidades há uma população de 7.660.577 habitantes.

Nas **zonas rurais** estamos presentes em 25 comunidades com 107 Salesianos. Na Inspetoria de Manaus (BMA) nos seguintes distritos: Santa Isabel, São Gabriel da Cachoeira, Iauaretê, Maturacá, Manicoré; na Inspetoria do Equador (ECU): Macas, Yaupi, Sevilla Don Bosco, Súcua, Bomboiza, Taisha, Wasakentsa; na Inspetoria do Perú(PER): San Lorenzo, Monte Salvado, Pucallpa; na Inspetoria da Venezuela (VEN): Mavaca, Puerto Ayacucho, Esmeralda, San Fernando, Manapiare; na Missão Salesiana do Mato Grosso (BCG): São Marcos, Meruri, Sangradouro, Nova Xavantina; na Inspetoria do Paraguai, Chaco (PAR): Carmelo Peralta, Puerto Casado. Nestas áreas há uma população de 612.231 habitantes.

Tem-se reduzido o número de comunidades religiosas nas áreas de "missão". Normalmente, uma comunidade religiosa atende diversas presenças ou missões. Apesar de as missões serem a prioridade das inspetorias, nota-se o envelhecimento do pessoal missionário. As comunidades que se encontram em território amazônico realizam a missão prevalentemente no âmbito indígena. Aquelas, ao contrário, que se encontram em zonas urbanas dedicam-se ao serviço pastoral salesiano junto às populações não indígenas (ribeirinhos, caboclos, mulatos, brancos, afros). Toma-se maior consciência da importância do serviço aos migrantes indígenas, particularmente jovens, que chegam à cidade. Algumas comunidades,

não estando presentes em território amazônico, realizam serviços de apoio, de reflexão e de estudo ou de atenção aos indígenas migrantes (por ex. Quito).

A inspetoria de Manaus é completamente amazônica. Alargamos o espaço geográfico, incluindo o Mato Grosso e o seu vizinho, o Chaco Paraguaio. As inspetorias da Venezuela, do Equador e do Peru têm significativas presenças na Amazônia. Eis alguns dados:

BMA (14 comunidades, 65 SDBs): Iauaretê, Maturacá, Marauiá, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel, Manicoré, Porto Velho, Manaus (Alvorada, Dom Bosco, Domingos Sávio, Zumbi), Ji-Paraná, Belém, Ananindeua.

BCG (17 comunidades 108 SDBs): S. Vicente (NEPPI, Centro de documentação missionária, animação missionária), S. Marcos – Meruri, Nova Xavantina, Sangradouro, Barra do Garças, Primavera do Leste, Cuiabá, Coxipó da Ponte, Corumbá, Cáceres, Campo Grande, Três Lagoas, Rondonópolis, Dourados.

ECU (7 comunidades, 27 SDBs) Macas, Sevilla Don Bosco, Taisha, Yaupi, Wasakentsa, Bomboiza.

VEN (5 comunidades, 18 SDBs): La Esmeralda, Mavaca, Puerto Ayacucho, Isla de Ratón, San Juan Manapiare, San Fernando.

PER (3 comunidades, 20 SDBs) San Lorenzo, Pucallpa, Monte Salvado.

PAR (2 comunidades, 7 SDBs): Puerto Casado, Carmelo Peralta.

Os Salesianos compartilham o trabalho missionário com outras congregações religiosas e organizações eclesiais: com as Filhas de Maria Auxiliadora – em primeiro lugar, com as Missionárias Lauritas, com as Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida, com a "Compañía Misionera del Sagrado Corazón" (PER), com a Operação Mato Grosso, com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e com a CRB.

Além do auxílio das comunidades dos Salesianos, o questionário se enriqueceu muito com as respostas das Filhas de Maria Auxiliadora, particularmente as respostas globais das inspetorias Amazônicas das FMAs: Laura Vicuña e Santa Terezinha. Também recebemos a rica contribuição das respostas das Missionárias de Maria Imaculada, Santa Catarina de Sena (Lauritas) e das Franciscanas de N.S. Aparecida.

As respostas das comunidades são um resumo de diversas missões. A partir das respostas, que nos chegaram, emergem com clareza a vida, os desafios e as esperanças das comunidades amazônicas.

A respeito das fichas, recebemos resposta das seguintes comunidades:

- Inspetoria de Campo Grande (**BCG**): Instituto São Vicente que, junto ao Centro de Documentação Missionária (CDM) e ao Núcleo de Estudos e

Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), realiza um serviço de animação para a inspetoria e a região. Recebemos também informações das missões de São Marcos, Sagrado Coração (Meruri), Beato Filipe Rinaldi (Nova Xavantina). Responderam, além do mais, as Salesianas de São Marcos, as Franciscanas de N.S. de Aparecida de Santa Maria da Porciúncula e as seguintes presenças das irmãs Lauritas, Maria Imaculada (Paranatinga) e Nossa Senhora Aparecida.

- Inspetoria de Manaus (**BMA**): Missão de Marauiá, Missão de Iauaretê, São Gabriel da Cachoeira; Santa Isabel; Maturacá, Manicoré. Além das respostas das inspetorias das irmãs salesianas, Santa Terezinha e Laura Vicuña.
- Inspetoria do Equador (**ECU**): missões de Don Bosco Macas (Morona-Santiago); Imaculado Corazón de María (Yaupi); Beato Zeferino Namuncurá (Wasakentsa); Sevilla Don Bosco (Morona-Santiago), Ángeles Custodios (Taisha) e Bomboiza.
- Inspetoria do Peru (**PER**): San Lorenzo (Vicariato de Yurimaguas); María Auxiliadora (Monte Salvado); María Imaculada Auxiliadora (Pucallpa -Vicariato).
- Inspetoria da Venezuela (**VEN**): San Fernando (Atabapo); San Enrique (Puerto Ayacucho); María Auxiliadora (La Esmeralda); Don Bosco (Mapiarei); Domingo Savio (Mavaca).
- Inspetoria do Paraguai (**PAR**): Zeferino Namuncurá (Puerto Carmelo) e San Raimundo Nonnato (Puerto Casado).

Comunidades amazônicas e Salesianos

Os seguintes grupos (ou pessoas) responderam a ficha de agentes pastorais:

Agentes pastorais indígenas: Grupo de animadores e ministros Achuar, Kuna: Encontro entre os dias 1 e 6 de julho de 2018 (PER); Grupo Ayoreo: Tocoi Picanerai, 68 anos, Moreno Picanerai, 49, Vicente Chiqueno, 52, Oscar Posoraja, 55, Bernardo Cutamonja, 49; Agentes pastorais (PAR); José Mário Kugarubro Bororo, 50, catequista e vice-cacique Bororo, Meruri (BCG).

Salesianos: *Grupo de estudo do patrimônio histórico, antropológico e pastoral da presença salesiana na Amazônia* (P. Georg Lachnitt, sdb, P. Juan Bottasso, sdb, P. José Zanardini, sdb, Sr. José Juncosa, Sr. Maurizio Gnerre); Ir Mário Bordignon, sdb, 71, Rondonópolis (BCG); P. Daniel Martínez, sdb, 38, pároco de Zeferino Namuncurá (PAR); Dom Pedro Gabrielli, sdb, 87, de Macas (ECU); P. José del

Porte, sdb, 76, diretor de Taisha (ECU); P. Luís Flores, sdb, capelão, 81, Macas (ECU); P. Sergio Micheli, pároco, 77, Chiguaza (ECU).

Religiosas: *Compañía Misionera del Sagrado Corazón*, San Lorenzo (PER); Ir. Maria Carmelita de Lima Conceição, fma, 57, inspetora da Insp. Laura Vicuña (BMA); Ir. Fermina Lopez Villa, fma, 73, coordenadora do Âmbito, Insp. Santa Teresinha (BMA); Ir. Magda da Costa Marcelino, fma, 44, e Ir. Leoneia Ferreria Furtado, fma, 56 (ecônoma e secretária inspetorial, BMA); Ir. Emília Benítez, fma, 52; Ir. Blanca Ruíz Díaz, fma, 48 (PAR); Ir. Gloria Elena García Pereira, fma, 70, centro pastoral Don Bosco (PAR); Ir. Ana Clébia Palheta Lima, fma, 40, animadora de comunidade (BMA).

Padres diocesanos: P. Anibal Chimbo, 36, páraco em Indanza (ECU); P. Cornelio Maldonado, 60, páraco em S. Wenceslao (ECU); P. Wiliam Cifuentes, 45, páraco de Súcua (ECU); P. Alejandro Rosas, 47, páraco de S. Juan Bosco (ECU); P. Héctor Cajamarca, 43, páraco de Gualaquiza (ECU); P. Juan Pareja Herrera, 52, Limón (ECU); P. Juan José Huñisaca, 38, Purísima de Macas, vicário (ECU).

Grupos étnicos

A Congregação, está a serviço de ao menos **63 etnias indígenas amazônicas**.

BCG: Xavante, Bororo, Terena, Guaraní, Kaiowá, Kinikianau, Atikum, Guató, Ofaié, Kadiwíeu, Kura Bakairi.

BMA: Tukano, Tariano, Dessano, Piratapuya, Hupda, Cubeo, Uanano, Barassano, Mirity-tapuia, Arapaso, Tuyuca, Carapanasso, Baré, Yanomani. Baniwa.

ECU: Shuar, Achuar, Saraguro, Kitchwa.

PER: Achuar, Shawi, Kandozi, Wampis, Awajun, Kitchwa, Chapra, Shivillo, Kucamacucamilla, Shipibo-Conivo, Machiguenga, Kakinte.

VEN: Arawaco, Hiwi, Piaroa, Yanomami, Sanema Yekauana, Wayúu, Wotuha, Eñepa, Hoti, Maco, Puinave, Yavarana, Piapoco, Baniba, Baré, Curripaco, Yeral, Warekena, Inga.

PAR: Ayoreo, Maskoy, Ishir, Tomarajo.

A população que não se auto-identifica como indígena em nossas presenças é cada vez maior. Ao longo dos rios amazônicos, encontram-se os "ribeirinhos", isto é, populações mestiças: indígenas, caboclos, mulatos, afros, brancos de variada proveniência.

Atividades

Dentre as atividades indicadas como principais a primeira é a pastoral itinerante, isto é, as visitas às comunidades para a evangelização e o acompanhamento; seguida da formação dos ministros; e por último, a Paróquia com o acompanhamento das famílias, a organização das diversas pastorais, o Oratório-CJ.

O estudo, a **valorização e a difusão da cultura** são atividades muito importantes. Mediante a etnologia, a sociologia, a antropologia e a linguística pode-se dar uma grande ajuda à evangelização inculturada, em especial, na produção de material litúrgico, catequético e bíblico, no oferecimento de itinerários formativos aos agentes pastorais e na confecção de material didático utilizado nos centros educativos. Não se pode esquecer a assessoria jurídica, promotora da cultura indígena e de seus direitos. São exemplos concretos de difusão e valorização cultural: o impressionante serviço realizado pela editora Abya-Yala, pela cátedra de antropologia da UPS (Universidade Politécnica Salesiana) do Equador, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI) na UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), em Campo Grande, e pelo Centro de Documentação Missionária - CDM (BCG).

As **escolas** primárias e secundárias e as de formação profissional e agrícola são bastante presentes. Há experiências de Escolas de Magistério e de Ensino Superior (Wasakentsa). Há missões que oferecem o serviço de internato (S. Lorenzo). Todas as missões estão atentas aos serviços de saúde e, em algumas, às Cooperativas de Produção.

Presenças salesianas: Área Rural Amazônica

N.	Insp	Casas Salesianas	Sdb	Habitantes	Católicos	Catecúmenos	Comunid	Agent. Past.	Grup Jov.	Etnias (a maioria das missões também atende grupos não indígenas)
1	BCG	São Marcos	3	3348	731	65	48	14	5	Xavante
2	BCG	Meruri	3	1500	1320	120	5	22	3	Bororo
3	BCG	Nova Xavantina	5	14302	9000	170	194	200	2	Xavante
4	BCG	Sangradouro	5	1600	1200	30	107	100	3	Xavante, Bororo
5	BMA	Santa Isabel	5	23000	21850	270	20	120	2	Yanomami, Baniwa, Tuyuka, Dessano, Arapaso, Baré, Piratapuia
6	BMA	Iauaretê	3	6000	5990	600	56	153	7	Tukano, Tariano, Dessano, Piratapuia, Hupda, Cubeo, Barassanos, Tuyuka, Mirititapuia, Arapasso, Uanano, Arapaso
7	BMA	S. Gabriel da Ca.	4	44816	25000	70	14	25	5	Baré, Tukano, Tariano
8	BMA	Manicoré	4	54000	43200	190	48	150	5	(Ribeirinhos)
9	BMA	Maturacá	3	2000	2000	30	12	24	2	Yanomami

N.	Insp	Casas Salesianas	Sdb	Habitantes	Católicos	Catecúmenos	Comunid	Agent. Past.	Grup Jov.	Etnias (a maioria das missões também atende grupos não indígenas)
10	ECU	Macas	7	13500	7000	2500	1	200	18	Achuar, Shuar
11	ECU	Yaupi	4	1529	1299	160	26	52	3	Shuar
12	ECU	Wasakentsa	4	5000	3000	100	38	145	2	Shuar, Achuar
13	ECU	Sevilla D Bosco	3	9700	6500	200	38	72	1	Shuar
	ECU	Súcua	1	6000	3500	180	12	38	0	Shuar
14	ECU	Bomboiza	4	3000	2000	420	28	65	0	Shuar, Saraguro
15	ECU	Taisha	4	13078	7847	4000	60	97	6	Shuar
16	PER	Monte Salvado	9	20000	14000	700	140	60	6	Kitchwa, Machiguengas, Kakinte
17	PER	S. Lorenzo	6	60000	35000	120	220	174	8	Achuar, Shawi, Kandozi, Shivillo Wampis, Awajun, Kitchwa, Chapra, Kucama-cucamilla
18	PER	Pucallpa	5	60000	20000	230	8	48	4	Shipibo-Conivo
19	VEN	Alto O. Mavaca	3	2600	250	125	50	78	4	Yanomami
20	VEN	Puerto Ayacucho	6	231000	177000	1200	28	160	10	Piaroa, Hiwi, Yanomami, Wayúu Yekauana, Wotuha, Eñepa, Hoti, Maco, Baré, Puinave, Yavarana, Sanema, Piapoco, Baniba, Curripaco
21	VEN	Esmeralda	3	3500	1595	20	12	21	1	Yekauana, Arawaco, Yeral, Warekena, Baré, Curri-paco, Inga, Yanomami, Piaroa
22	VEN	San Fernando	2	12400	5000	200	20	25	4	Arawaco
23	VEN	Manapiare	4	8700	4100	180	25	40	5	Yekauana, Sanema
24	PAR	Carmelo Peralta	3	4500	4000	200	6	40	3	Ayoreo, Maskoy, Ishir, Tomarajo
25	PAR	Puerto Casado	4	7158	6000	220	3	58	0	Maskoy
25			107	612231	408382	12300	1219	2123	109	

Área Urbana Amazônica – Mato-grossense										
N.	Insp	Casas Salesianas	Sdb	Habitantes	Católicos	Catecúmenos	Comunid	Agent. Past.	Grup Jov.	Etnias (a maioria das missões também atende grupos não indígenas)
1	BCG	NEPPI (UCDB Campo Grande)	4							Guaraní, Kaiowá, Terena, Kura Kinikianau, Atikum, Guató, Bakairi, Ofaié, Kadiwíeu, Bororo, Xavante
2	BCG	Campo Grande (4)	44	774202	460650					
3	BCG	Cuiabá	7	607153	536687					
4	BCG	Cáceres	4	93882	46002					
5	BCG	Corumbá	5	105300	87100					
6	BCG	Barra do Garças	4	56560	28845					

N.	Insp	Casas Salesianas	Sdb	Habitantes	Católicos	Catecúmenos	Comunid	Agent. Past.	Grup Jov.	Etnias (a maioria das missões também atende grupos não indígenas)
7	BCG	Primavera do Leste	4	52066	36394					
8	BCG	Rondonópolis	5	195476	144652					
9	BCG	Coxipó da Ponte	5	323682	229814					
10	BCG	Dourados	5	485.927	353000					
11	BCG	Três Lagoas	5	141.196	101661					
12	BMA	Porto Velho	5	697700	475900					
13	BMA	Manaus (4)	29	2145444	1600501					
14	BMA	Belém	4	1393399	1149554					
15	BMA	Ananindeua	4	471980	240709					
16	BMA	Ji Paraná	4	116610	70200					
22			138	7660577	5561669					

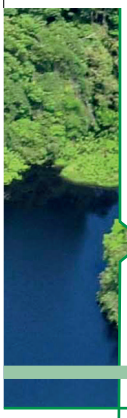
População e comunidades católicas

As presenças salesianas em **zonas urbanas** amazônicas e mato-grossenses estão situadas em meio a uma população de 7.660.577, da qual 72,60 % é católica (5.561669 fiéis)[1].

De acordo com as fichas respondidas, estimamos que as missões salesianas localizadas em zonas rurais indígenas amazônicas atendem cerca de 612.231 pessoas, das quais 408.382 são católicas (66,7%), 12.300 catecúmenas (ou catequizandas). Foram indicadas 1219 comunidades católicas, 2123 agentes pastorais (diáconos, ministros da eucaristia e da Palavra, catequistas, exorcistas, docentes, animadores juvenis).

O questionário inquiria sobre as forças, fragilidades, ameaças e oportunidades das missões e recebia as propostas à Congregação e ao Sínodo.

[1] O número de habitantes tem como fonte o último censo brasileiro de 2010. O número da população católica das grandes cidades provém dos dados oficiais da Santa Sé sobre as dioceses: http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dtrla. html (acesso 30/02/2018). As informações das áreas rurais foram deduzidas a partir das respostas das fichas.



3. CONCLUSÕES DA PESQUISA

A publicação apresentada no encontro de Manaus continha, sistematicamente, todas as respostas das fichas. Algumas delas foram completadas ulteriormente. A contribuição das comunidades salesianas e dos agentes pastorais indígenas, Salesianos, Salesianas, religiosos de outras congregações e padres diocesanos ajudaram-nos a individuar elementos de reflexão. Um primeiro aspecto que chama a atenção é a concentração de habitantes nas zonas urbanas, 92,01%, em comparação a 7,99%, nas zonas rurais. Apesar disso, a presença salesiana na zona rural é de 44% e na zona urbana, 56%. As populações, em sua maioria, são católicas (66,7% em zonas rurais e 72,6% em zonas urbanas), mas a tendência é que essa percentagem diminua com o gradual crescimento de diversos tipos de comunidades eclesiais pentecostais e novos movimentos religiosos.

1. Pontos positivos do passado missionário a que se deve agradecer:

- ✓ a Palavra de Deus foi semeada nas culturas;
- ✓ Cristo foi entregue aos povos da Amazônia;
- ✓ o projeto foi contínuo e de evangelização integral;
- ✓ a formação dos ministros, em particular dos diáconos permanentes;
- ✓ a promoção dos valores evangélicos, como a paz e a reconciliação;
- ✓ a fidelidade ao carisma salesiano, a devoção a Maria Auxiliadora;
- ✓ a doação, abnegação, coragem, criatividade, amor e capacidade de se inserir na cultura dos povos amazônicos;
- ✓ o testemunho evangélico até o martírio;
- ✓ o cuidado e a promoção dos jovens e das jovens;
- ✓ a valorização, cuidado e resgate dos valores culturais;
- ✓ a promoção da comunhão e da interculturalidade;
- ✓ o desenvolvimento humano e econômico;
- ✓ a defesa dos Territórios Indígenas e dos seus direitos;
- ✓ a promoção de organizações indígenas;
- ✓ o valor da preservação do meio ambiente.

2. A história da missão também revela limitações e insuficiências:

- × falta da visão, do estudo das línguas e das culturas amazônicas;
- × falta de um suficiente conhecimento, cuidado e respeito pela a cultura dos povos amazônicos;
- × forma de educação que não tem levado em conta as culturas locais;
- × um forte personalismo com pouca ação conjunta e critérios em comum;
- × paternalismo, assistencialismo;
- × silêncio frente aos atropelos do Governo;
- × imposição cultural;
- × pouca sensibilidade à educação da consciência social;
- × fragilidade dos agentes pastorais;
- × falta de formação duma Igreja autóctone.

3. Hoje, são muitos os elementos positivos presentes na missão:

- ✓ a doação e generosidade dos missionários;
- ✓ chegada de novos missionários;
- ✓ possibilidades de melhor preparação missionária;
- ✓ a formação para os variados ministérios e animação;
- ✓ a pastoral missionária itinerante;
- ✓ a continua evangelização e o anúncio de Cristo;
- ✓ a presença entre os jovens indígenas nas comunidades e no contexto urbano;
- ✓ atenção ao cultivo das vocações indígenas;
- ✓ o protagonismo dos indígenas na educação, na evangelização e na organização social;
- ✓ esforços pela inculturação da fé e a incidência dos valores evangélicos na vida e na celebração litúrgica;
- ✓ comunidades educativas em contexto amazônico que possuem um bom Projeto Educativo-Pastoral;
- ✓ elaboração de material antropológico, pastoral e educativo;
- ✓ a interação entre a cultura indígena e fé cristã;
- ✓ o cuidado pela preservação dos valores culturais;
- ✓ muitas iniciativas de promoção humana: educação, saúde, capacitação profissional, agricultura, internados, rádio;
- ✓ a promoção da mulher;

- ✓ o trabalho com as outras forças eclesiais (REPAM), organizações (ONG's) e instâncias dos Governos pela defesa da Amazônia e promoção dos povos indígenas;
- ✓ o melhoramento do acesso às comunidades indígenas.

4. Hoje, aparecem os seguintes aspectos negativos:

- × a falta de coerência, paixão apostólica e testemunho de alguns missionários;
- × a fragilidade, infidelidade e insegurança na vida consagrada;
- × conflitos geracionais entre missionários antigos e novos;
- × a falta de missionários e de vocações religiosas autóctones;
- × pouca promoção de leigos missionários;
- × pouca atenção à cultura local (ritos, mitos...) e a sua valorização;
- × formas de paternalismo;
- × falta de unidade pastoral;
- × em algumas partes, há pouca ou nenhuma colaboração com outras entidades de defesa da Amazônia;
- × pouco compromisso político com as causas indígenas;
- × há maior debilidade nas iniciativas de promoção humana;
- × dificuldades na auto-sustentabilidade das missões;



Pastoral da Juventude da Missão Salesiana de Iauaretê (Alto Rio Negro).

5. Ameaças à missão:

- × invasão cultural estranha à cultura indígena;
- × alcoolismo, drogas, promiscuidade entre os jovens, violência contra menores, suicídios;
- × incidência de doenças entre os indígenas (diabetes, hipertensão, AIDS);
- × desvalorização da fé e dos costumes ancestrais;
- × proselitismo das seitas e comunidades eclesiais neopentecostais;
- × divisões das comunidades por motivos políticos e religiosos;
- × empresas estrangeiras; extração mineral e madeireira;
- × o agronegócio e a exploração sem critérios ecológicos dos recursos naturais;
- × a redução dos recursos naturais nas Terras Indígenas (caça, pesca);
- × a pressão econômica das famílias indígenas que as levam a destruir a floresta;
- × a crença xamânica que escraviza;
- × a corrupção dos governos locais;
- × a massiva migração do campo à cidade;
- × a tecnologia e a globalização que diluem todo processo de desenvolvimento.

6. Propostas para o futuro das missões salesianas:

- ✓ maior presença de missionários salesianos jovens entre os povos indígenas;
- ✓ promover em diversos níveis uma formação específica missionária, desde a formação inicial;
- ✓ envolver toda a inspetoria na missão amazônica;
- ✓ continuar a presença salesiana entre os povos amazônicos, acompanhando a catequese em língua local, o catecumenato, as atividades pastorais, particularmente os sacramentos e o primeiro anúncio;
- ✓ fazer um repensamento global sobre a nossa presença amazônica;
- ✓ trabalhar em conjunto com as inspetorias, em sitonia com a realidade pastoral;
- ✓ continuar a promoção e formação dos ministros, voluntários locais, agentes pastorais;
- ✓ uma presença missionária mais capilar e inculturada;
- ✓ se espera um estilo de presença missionária, atualizada, flexível, capaz de responder aos desafios de cada lugar;

Crianças da missão de São Gabriel da Cachoeira.



- ✓ maior compromisso com a inculturação (conhecimento da língua e cultura);
- ✓ continuar a atender integralmente as crianças e jovens indígenas;
- ✓ dar uma especial atenção aos jovens indígenas em contexto urbano;
- ✓ promoção e um cuidado especial pelas vocações autóctones, criação de aspirantados nas Terras Indígenas;
- ✓ acompanhar os jovens desorientados, continuar com a proposta educativa salesiana;
- ✓ tomar conta dos internatos inter-étnicos e da capacitação profissional;
- ✓ continuar com os estudos e elaboração de materiais ao serviço das culturas indígenas, da sua defesa e evangelização;
- ✓ uma ação missionária junto com os povos indígenas mais conscientizados;
- ✓ continuar o estudo e a valorização das culturas locais;
- ✓ apoio na luta pelos direitos e pelas Terras Indígenas;
- ✓ trabalhar com outras organizações para a preservação da Amazônia;
- ✓ compromisso pela ecologia integral cuidando da "Casa Comum".

7. Propostas para o Sínodo Pan-Amazônico:

- è indispensável investigar seriamente a atual orientação dos jovens indígenas e sua posição frente à tradição e à modernização; escutar os clamores da juventude, acompanhar o fenômeno migratório juvenil;
- promoção dos ministérios para a vida da Igreja, sobretudo, do diaconato;
- maior compromisso com a inculturação (conhecimento da língua e cultura); promover a liturgia, a catequese inculturada, sendo conscientes da continua evolução das culturas;
- propor um caminho de catecumenato que unifique a vivência religiosa;
- maior presença da Igreja com uma educação de qualidade;
- denúncia das causas profundas da destruição do planeta;
- defesa dos povos nativos, promoção e avalição da demarcação das Tierras Indígenas;
- investir na formação sacerdotal e religiosa com o rosto indígena;
- preparar sacerdotes, religiosos e leigos para a missão Amazônica;
- criar centros de estudo e capacitação para a missão amazônica;
- projetos pastorais comuns para a evangelização e defesa amazônica;
- reorganizar os territórios eclesiais.



AMAZÔNIA
SALESIANA

2.

ENCONTRO SALESIANO PAN-AMAZÔNICO
O SÍNODO NOS INTERPELA!

MANAUS
01-04 NOVEMBRO 2018

1. INTRODUÇÃO AO ENCONTRO SALESIANO PAN-AMAZÔNICO

P. Martín Lasarte, sdb,
Dicasterio para las Misiones (Roma)

Dom Edmilson Tadeu dos Santos, Dom Ángel Divasson, Pe. Jeffeson Luís, inspetor (BMA); Ir. Alaíde Diretti, Conselheira para o Âmbito das Missões; Irmãs inspetoras: Ir. Carmelita Conceição, Insp. Laura Vicuña, e Ir. Madalena Scaramussa, Insp. Santa Terezinha, Cuiabá; queridos irmãos diáconos, leigos, agentes pastorais e jovens da nossa missão, religiosas e Salesianos aqui presentes:

1. Passos do caminho salesiano amazônico

Este encontro pressupõe um olhar sobre os passos dados nos encontros anteriores, "*Seminários sobre a práxis missionária*":

- **Campo Grande 1988** (05-10/09): apresentação das diversas realidades missionárias e reflexão da Evangelização e da cultura: evangelização e inculturação, evangelização e promoção humana, evangelização e educação.
- **Cumbayá-Quito 1993** (20-25/09): evangelização e cultura no contexto da Pastoral Amazônica. Fizeram-se as apresentações das diversas missões e refletiu-se, à luz da *Redemptoris Missio* e da *Assembleia de Santo Domingo*, sobre o tema 'cultura e evangelização'.
- **Manaus 1999** (01-05/09): o encontro foi celebrado à luz do Sínodo da América em relação à Primeira Evangelização e ao Diálogo Intercultural, ecumênico e inter-religioso. A partilha de experiências significativas sobre a assunção de elementos religiosos-culturais no processo de iniciação cristã em contexto paroquial, educativo, escolástico e promocional.
- **Cumbayá-Quito 2006** (01-05/05): Povos indígenas e Evangelização. Trataram-se temas como a Teologia Índia, a formação específica dos missionários, as vocações indígenas. Este encontro abrangia toda América.

Fizeram-se também **outros encontros** de Pastoral missionária com temáticas diversas, não diretamente ligadas à situação amazônica: em 1993, em Rucua Choroi-Argentina, sobre os Mapuches e, em Cumbayá, sobre os povos Andinos; em 1994, sobre a pastoral Mesoamericana, em Ayutla-México; em 1999, sobre a

Primeira evangelização em diálogo intercultural, na cidade de Quito. Em relação às experiências e à formação de catequistas: seminário da pastoral em contexto afro-americano, em Belo Horizonte, no ano de 1999. Realizaram-se ainda outros encontros: no ano de 2012, sobre a animação missionária em contexto salesiano americano com o seguinte tema: 'Mantém viva a tua chama missionária'. Em Los Teques, no ano de 2013, realizou-se a Jornada de estudo sobre o Primeiro Anúncio: Do Primeiro Anúncio ao discipulado missionário na América e no Caribe. Finalmente, no ano de 2016, fizemos um Seminário, em Belo Horizonte, para a aplicação da temática do Primeiro Anúncio nos diversos setores da missão salesiana.

2. Reflexão sobre a presença dos Salesianos na Amazônia

Assim como nos outros encontros, realizados juntamente com os DIAM (Delegados Inspetoriais de Animação Missionária), neste procurar-se-á refletir e discernir, como Congregação Salesiana, nossas presenças amazônicas. Portanto, não se trata apenas de um seminário de reflexão e formação sobre o Sínodo Pan-Amazônico, mas de um itinerário de reflexão das inspetorias a fim de contribuir para o discernimento e a qualificação da nossa missão na Amazônia. Talvez, dentre as irmãs salesianas, haja alguém que demonstre uma certa perplexidade pelo fato do presente evento ter sido organizado pelos Salesianos e não, como os anteriores, em conjunto.



Crianças das escolas salesianas amazónicas do Rio Negro.

A razão disso é que, na programação conjunta do Âmbito das Missões das Salesianas e do Setor das Missões dos Salesianos, ele não estava previsto; pois, já tinham sido organizadas, pelos dois órgãos, as Jornadas de Estudo do Primeiro Anúncio, na cidade de Los Teques, em 2013, e o seminário de implementação do Primeiro Anúncio em nossa missão, na cidade de Belo Horizonte, no ano de 2017. O Âmbito e o Setor deverão, assim, em sua próxima reunião de programação (2020-2026), indicar quais serão os novos encontros regionais e suas respectivas temáticas, além de acenar qual será a modalidade de trabalho missionário em conjunto.

Explico a vocês como se deu a gênese deste evento. Em 2017, numa visita que fiz ao Mato Grosso, o Pe. Georg Lachnitt e eu vimos a urgência de convocar um encontro entre os Salesianos, com o objetivo de rever e refletir nossas presenças amazônicas num contexto de redimensionamento das inspetorias. Nascia, assim,

o primeiro germe do presente encontro. Mais tarde, o Papa Francisco, 'tendo-nos idealmente escutado(!)', coincidentemente, anunciaria o Sínodo Pan-Amazônico. A partir desses acontecimentos, tivemos uma troca de ideias entre mim, o Pe. Bottasso e os missionários do curso de Formação Permanente, que trabalham em contexto amazônico, e estavam em Roma no ano de 2017. Aproveitando o ensejo, o Pe. Bottasso evocou a urgência de reunir os Salesianos para recolher o patrimônio científico e pastoral produzido ao longo destes 125 anos de presença.

Logicamente que, para tal evento, não podíamos nos privar da presença dos nossos leigos indígenas, dos agentes pastorais, dos jovens, das religiosas com as quais colaboramos, e – em primeiro lugar – das Filhas de Maria Auxiliadora, a fim de que possam nos ajudar a discernir e a refletir nossa missão. Dessa feita, em cada inspetoria, o inspetor e o Setor missões convidaram, além dos Salesianos, pessoas externas a participarem. Portanto,mais que um seminário de reflexão e estudo este é um momento único para rever as nossas políticas internas interinspetoriais, os nossos PEPSIs (Projetos Educativos Pastorais Salesianos Inspetoriais) e os POIs (Projetos Orgânicos Inspetoriais), motivados pelo Sínodo Pan-Amazônico.

3. Objetivos do presente encontro

O foco deste encontro Pan-Amazônico salesiano é a reflexão de nossas presenças no contexto amazônico em vista de um inteligente redimensionamento das mesmas. Para isso, propomos-nos os seguintes objetivos:

a. Fazer **memória** do caminho realizado nestes 125 anos das missões salesianas amazônicas, para aprender da história os acertos e os erros da nossa missão; bem como para deixarmo-nos contagiar pela doação total de tantos irmãos e irmãs que deram suas vidas, até o fim, por Cristo, pela missão e pelos nossos destinatários.

b. Analisar o **presente** complexo da realidade amazônica (econômica, política, cultural, juvenil, eclesial, salesiana), sendo particularmente sensíveis à nossa identidade carismática caracterizada pelo cuidado, pelo acompanhamento, pela evangelização e pela educação da juventude amazônica.

c. Identificar e discernir pistas para o **futuro** das nossas inspetorias que, em comunhão com a Igreja, possam nos ajudar a continuar inteligente e projetualmente o serviço em prol da juventude amazônica, sintonizados com os novos desafios e conscientes das potencialidades reais da nossa Congregação.

d. Oferecer algumas **sugestões ao Sínodo** Pan-Amazônico a ser realizado em Roma no mês de outubro de 2019.

Estas propostas surgiram particularmente da nossa experiência e identidade carismáticas.



2. AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

P. Justino Sarmento Rezende[1], *sdb,*
(Manaus – Brasil)

O Sínodo move-nos a buscar novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, junto com os povos amazônicos e indígenas. A colegialidade leva à participação de todos dentro de diversas fases do processo sinodal: acolhida à convocação; convocados, participando das consultas e escutas; colaborando com as propostas. O Papa Francisco pede que as propostas sejam valentes, com ousadia e sem medo. Papa Francisco: "atendendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como ouvindo a voz de muitos pastores e fieis de várias partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. O encontro do Papa Francisco com os povos indígenas (Porto Maldonado 19/01/2018) marca o início do Sínodo; no dia 8/03: é divulgado o tema: **Amazônia novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral**.

São divulgados os nomes dos membros do Conselho Pré-sinodal. Seguiu-se o processo de preparação dos primeiros textos sobre os temas. Roma: 12-13/04/2018 reunião do Conselho Pré-Sinodal, com a participação do Santo Padre. No dia 13/04 (tarde) deu-se a aprovação do *Documento Preparatório*. Agora o Documento está nas comunidades, dioceses, congregações e instituições que realizam suas assembleias, estudando e escutando o Povo de Deus que expressa suas angústias, desafios e perspectivas. A Igreja é pensada a partir das bases e acolhe as suas contribuições. É uma visão de comunhão, solidariedade eclesial e solicitude de todo o Povo de Deus pela Igreja que vive na Amazônica.

A REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônica) é considerada como lugar social, teológico e eclesial no Sínodo, pois ela convoca e provoca. A ela foi confiada a tarefa de pensar numa proposta metodológica.

O Sínodo é uma extensão e um complemento da *Laudato Sì* – Cuidado da Casa Comum (2015). É um acontecimento de extraordinária magnitude com repercussões globais para a Igreja e para o mundo; incita-nos ao debate de temas que vão desde a evangelização dos povos até os aspectos concernentes à ecologia

[1] É Mestre em Educação pela Universidade Dom Bosco de Campo Grande, membro da Comisão preparatório do Sínodo Especial para a Amazônia e pertencente a etnia Tuyuka, Alto Rio Negro, Amazonas.

e à salvaguarda da criação, dada a peculiar situação que esta região ocupa no planeta. O Sínodo motiva a aprender as lições de convivência e o cuidado com a criação junto aos povos amazônicos e povos indígenas.

1. Organização do documento

A metodologia sinodal é *participativa* desde o processo de preparação, celebração e aplicação das orientações sinodais. O Documento contempla aspectos pastorais, teológicos, eclesiológicos e a análise da realidade da Igreja e das sociedades Pan-Amazônicas, em comunhão com a realidade eclesial latino-americana e universal. O Sínodo não é somente para os povos amazônicos nem somente para os povos indígenas. O Sínodo trata os problemas de uma região, mas tem alcance universal, para toda a Igreja e para todas as sociedades. Nós Salesianos não podemos ficar fora disso!

a. Preâmbulo (n. 1-5) Confirmar que o Sínodo será realizado em Roma – outubro de 2019, significa ratificar que o mesmo não é somente um evento regional, mas de toda a Igreja Católica. O Sínodo deve ser feito *para* e *com* o povo de Deus da Amazônia. Deve estar atento à biodiversidade, multietnicidade, pluriculturalidade e plurirreligiosidade dos povos amazônicos. O Sínodo deve apontar caminhos para o cuidado com o cosmo/mundo.

b. I. VER - Identidade e clamores da Pan-Amazônia (n. 6-34) A Igreja quer *conhecer* a riqueza do bioma, os saberes e a diversidade dos povos da Amazônia; os povos indígenas, suas lutas por uma ecologia integral, seus sonhos e esperanças, suas histórias, memórias, espiritualidades; a história da Igreja, modos de evangelização e suas mudanças. A Igreja quer *reconhecer* as resistências dos povos amazônicos à colonização e aos projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida, na destruição da floresta e dos recursos naturais. A Igreja quer *conviver* com a Amazônia e com o *modo de ser* de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados. A Igreja quer *defender* a Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios, injustiçados, expulsos de suas terras, torturados e assassinados nos conflitos agrários e socioambientais, humilhados pelos poderosos do agronegócio e dos grandes projetos econômicos desenvolvimentistas. A Igreja quer *ver* a identidade e os clamores do Povo de Deus, especialmente dos povos Indígenas; a biodiversidade do território; a caracterização da diversidade sociocultural, política e econômica. A Igreja quer *defender* a região com as suas florestas, águas e povos. A Igreja quer *conhecer, reconhecer e defender* os povos Indígenas com sua identidade, processos históricos e as ameaças atuais; *ver* a atual situação sócio demográfica e seus principais

desafios em toda Pan-Amazônia. A Igreja quer *ver* e *revisitar* a memória histórica e eclesial dos Povos da Pan-Amazônia; *reafirmar* o compromisso com a justiça e os direitos dos povos. A Igreja quer *ver* a espiritualidade e sabedoria dos povos dessa imensa região.

II. DISCERNIR – Para uma conversão pastoral e ecológica (n. 35-64) Expressa-se a necessidade de compreender, valorizar, agradecer, defender as realidades apresentadas na primeira parte, à luz da Palavra de Deus, do magistério da Igreja universal, do magistério da Igreja Latino-americana e dos conhecimentos, saberes e sabedorias dos povos amazônicos e dos povos indígenas.

O Sínodo quer *discernir* para anunciar o Evangelho de Jesus na Amazônia, observando as seguintes dimensões: dimensão bíblico-catequética; dimensão social; dimensão ecológica; dimensão sacramental; dimensão eclesial-missionária. É uma parte do documento muito importante, aquela iluminada pela Palavra de Deus e pelo magistério eclesial que nos questiona a sermos mais comprometidos com a vida humana e com o cuidado da ecologia, pois uma depende da outra.

III. AGIR – Novos caminhos para uma Igreja com rosto amazônico (n. 65-90) Aqui estão presentes os desafios lançados para que os povos amazônicos, indígenas, leigos e leigas, jovens, missionários e missionárias, sacerdotes e bispos vislumbrem, sonhem, apresentem propostas, visibilizem a importância dos povos amazônicos, de suas comunidades cristãs locais que tem um alcance universal. Mostrem o que significa ser uma Igreja com rosto amazônico: nas pastorais, catequese, evangelização, celebrações, sacramentos, formações... Papa Francisco: os novos caminhos exigem que a Igreja na Amazônia faça propostas "valentes", que devam ter "ousadia" e "não ter medo". O Sínodo nos convida para a construção de novos caminhos: uma Igreja com rosto amazônico; dimensão profética; ministérios com rostos amazônicos; novos caminhos. Todos os temas são importantes, mas o que mais preocupa ao Papa Francisco é a questão de acesso à eucaristia (missa) e isso nos faz pensar sobre os Ministérios ordenados (sacerdócio).

c. Questionário. Serve para a consulta às bases, para orientar as Assembleias sinodais. Os encontros são realizados entre os diferentes estratos sociais, assembleias, peregrinações. Não há necessidade de responder a todas as perguntas. Podem ser criadas outras perguntas relevantes para ajudar o Sínodo.

d. Ausências. O Documento não trata de diversas questões, temas, problemas, desafios, avanços, retrocessos e ações boas que existem na região Pan-Amazônica. Vocês, meus irmãos Salesianos e irmãs salesianas, com o olhar salesiano devem ter percebido que é ausente o tema da juventude e outros temas.

No Conselho Pré-Sinodal foi estabelecido que o documento fosse de pequena dimensão, sem a pretensão de incluir todos os temas, mas que deveria ser um *instrumento provocador* para que os povos da Amazônia pudessem participar *propondo* temas importantes referentes aos povos amazônicos e povos indígenas.

e. Atitudes presentes. É importante entender os temas do Sínodo em profundidade e perceber as atitudes presentes: posição firme frente aos novos colonialismos; insistência na defesa da justiça e dos direitos humanos; reconhecimento dos valores culturais dos Povos Indígenas, valorização da sua identidade, resistência ao modo de vida capitalista com a proposta do Bem Viver (Papa Francisco expressa como: Futuro Sereno para evitar a apropriação política da temática).

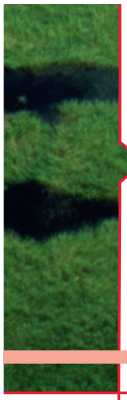
f. Palavras-chave. São palavras importantes que nos ajudam a entender a importância da região Amazônica no âmbito eclesial, social e ecológico. Cada palavra remete a outras situações profundas, elas não são somente palavras: América Latina, Amazônia, Bacia Amazônica, Casa Comum, Diversidade, Fronteiras; Ameaça, Política, Conflitos socioambientais, Violência no campo, Destruição, Grandes projetos, Etnocídio, Genocídio, Tráfico de pessoas, Contrabando de migrantes, Deslocamento compulsório, Contaminação, Feridas, Clamores, Terra Sem males, Bem viver, Sobriedade feliz, Futuro sereno, Ecologia integral, Encontro, Escuta, Caminho Sinodal, Conversão ecológica, Igreja, Igreja a caminho, Igreja em saída, Igreja que sonhamos, Igreja Samaritana, História, História missionária, Memória, Ministérios, Missionários (as), Povo de Deus, Povos Indígenas, Rosto Amazônico, Rosto Indígena.

2. Fechando a conversa

Caros irmãos Salesianos e irmãs salesianas, o Sínodo da Amazônia é um evento da Igreja Católica, porém, seus resultados ultrapassam a instância eclesial. Atinge diversos setores das sociedades nacionais e internacionais. Muitas pessoas não gostarão dos trabalhos do Sínodo, pois vão em contramão dos interesses de grandes empresas que querem explorar a Amazônia. Por isso, dizemos que o Sínodo é um evento político-ético que defende a vida humana e a ecologia.

Nós, Salesianos e Salesianas, temos esse momento importante para a retomada de nossas histórias, para refletir, decidir e escrever outras novas histórias. Temos que dar atenção a algumas situações presentes em nossos espaços educativos: evangelização, catequese, formação das lideranças comunitárias, lideranças políticas, gestores sociais; precisamos dar atenção à formação de religiosos/religiosas, ministérios ordenados junto aos povos amazônicos e povos indígenas

para que a Igreja e a Congregação Salesiana ganhem um rosto amazônico e um rosto indígena. O tema do Sínodo precisa transitar em nossas escolas, Obras Sociais, Faculdades e Universidades. Nós temos condições de contribuir muito, pois atendemos muitos destinatários. Nesse momento, eu estou apostando na ajuda imensa que podemos dar, somos aliados, irmãos e irmãs dos povos amazônicos e dos povos indígenas. Sejamos amigos e amigas deles, escutemos o que eles têm para nos dizer! Reassumamos as palavras do Papa Francisco (Porto Maldonado, 19/01/2018): *"Confio na capacidade de resistência dos povos e na vossa capacidade de reação perante os momentos difíceis que vos toca a viver. Assim o tendes demonstrado nas diferentes batalhas da história, com as vossas contribuições, com a vossa visão diferenciada das relações humanas, com o meio ambiente e com a vivência da fé"*.



3. VISÃO INDÍGENA SALESIANA SOBRE EL SÍNODO PAN-AMAZÓNICO

P. Justino Sarmento Rezende, sdb,
(Manaus – Brasil)

Para nossa Família Salesiana e para os povos indígenas o Sínodo Pan-Amazônico é muito importante. Serve-nos como um espelho novo que mostra como está o nosso rosto salesiano e o rosto de nossos destinatários. Partilho com vocês aquilo que sai do meu coração Tuyuka, do meu coração salesiano e sacerdotal.

1. Nossos rostos salesianos

- Há quantos anos estamos na região Pan-Amazônica?
- Descobri que não somos tão jovens na região, somos centenários.
- Alguns assessores me dizem: vocês, Salesianos, têm muito que contribuir com o Sínodo!
- Nós temos histórias para contar, experiências para partilhar; todavia, devemos reconhecer que em muitas coisas não avançamos!

2. O Sínodo nos interpela!

- As histórias centenárias salesianas nos interpelam?
- O Sínodo exige que construamos novos caminhos para Igreja, para a Congregação, junto com os povos indígenas!
- O Papa Francisco diz que é necessário identificar novos caminhos para a evangelização dos povos indígenas daquela porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta amazônica, pulmão de capital importância para o nosso planeta...".
- No dia 8/03/2018 o Papa anunciou do tema do Sínodo: AMAZÔNIA novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.

3. Significado do Sínodo para um Tuyuka

É um evento surpreendente! No dia 19 de fevereiro/2018, o Sr. Maurício Lopez (secretário/REPAM) ligou-me comunicando que eu havia sido indicado para ser um dos assessores do Sínodo. Levei um susto, pois participar de um Sínodo era algo que não cabia a mim (em mim), um indígena. Apesar de muitas dúvidas/medos acabei aceitando, pois ele não aceitava minhas argumentações para não aceitar.

Seguiu-se o tempo de produção de textos a partir de temas indicados na reunião em Puerto Maldonado.

Coube-me escrever textos sobre a questão indígena. Escrever em nome dos povos indígenas de uma região foi difícil. Pela plataforma virtual reunimos várias vezes para estudar e melhorar os textos produzidos até chegar a última semana de março quando os textos foram enviados para a secretaria do Sínodo, em Roma.



Pe. Justino Rezende com o Papa Francisco na comissão preparatória do Sínodo.

Na sessão de abertura da primeira reunião do Conselho Pré-sinodal com a presença do nosso Papa Francisco, deram-me a oportunidade de dizer o que eu sentia como um Tuyuka, Salesiano, sacerdote, missionário e como assessor.

4. Como o Sínodo interpela aos Salesianos e as Salesianas

O Papa Francisco, os Salesianos, as Salesianas e os povos indígenas percebem que cada povo é diferente, com sua capacidade de interagir/dialogar com outros povos em busca do bem viver (tema complexo). Papa Francisco fala de um futuro sereno; os povos indígenas precisam ser os interlocutores principais, para dialogar entre si, com outros povos, com governantes e com os missionários e as missionárias.

5. Novos caminhos para a evangelização

As nossas Congregações continuamente refletem sobre a nossa missão no mundo; procuramos estar interligados aos documentos da Igreja.

Nesse momento é importante entrar no espírito do Sínodo Pan-Amazônico.

Nós temos que vestir/revestir-se da AMAZÔNIA como um lugar ecológico, eclesial, antropológico, teológico, filosófico, pedagógico e carismático salesiano.

Nosso desafio: a partir do carisma salesiano, apontar novos caminhos para a Igreja, com o rosto amazônico, rosto indígena, rosto juvenil, rosto popular; nos métodos de evangelização, nos conteúdos e práticas de evangelização e educação. Nova dinâmica que devemos reforçar é ouvir/escutar o que os povos amazônicos e os povos indígenas têm para dizer para nós Salesianos e Salesianas.

Nós Salesianos e Salesianas temos caminhos já acertados e adequados para muitas regiões onde atuamos. O Sínodo nos interpela: esses caminhos possuem rostos amazônicos e rostos indígenas?

6. Alguns destaques

O *Documento Preparatório* não trata de todos os temas que, imaginamos, deveria tratar. As ausências serão preenchidas através das contribuições dos grupos, comunidades, dioceses, congregações e instituições que lidam com os temas que o Sínodo desafia a pensar.

As contribuições devem ter alcance local e universal; para a Igreja e para sociedade em geral.

O Papa Francisco diz que as propostas precisam ser valentes, com ousadia e sem medo!

A Família Salesiana precisa entrar dentro desse espírito para ajudar a Igreja, os povos amazônicos e os povos indígenas. Numa perspectiva mais concreta vale perguntar: quem somos nós Salesianos e Salesianas na Amazônia? Quem são os povos amazônicos e povos indígenas para nós?

Como as nossas Pastorais, Evangelização, Catequese... Escolas, Faculdades e Universidades trabalham com as questões Pan-Amazônicas: línguas, culturas, conhecimentos, sabedorias, pedagogias, filosofias, antropologias, espiritualidades, teologias, etc.?

As respostas devem ser encontradas nas memórias de nossas presenças, crônicas das casas, atas de reuniões, planos de cursos e livros publicados e nas nossas atitudes.

6. Ver (I) – Identidade e clamores da Pan-Amazônia

a) **Memória histórica eclesial** (n.4): Fragilidade da defesa dos indígenas (histórias da Igreja). Compromissos da Igreja. Opção preferencial (n. 23); Interiorização e demonização das culturas indígenas. Compromisso da Igreja. Inculturação. Novos modelos de educação escolar (n. 24); Amazônia é testemunha de fé (n. 25).

b) **Justiça e Direitos dos povos** (n. 5): Perigo de novos colonialismos: destruição das identidades culturais (n. 27); proteção e defesa das características próprias de cada cultura (na sua dinâmica); (n. 28); os povos indígenas organizam processos políticos próprios/com outros; criam agendas baseadas nos direitos humanos (n. 29); proteger os povos indígenas e seus territórios é uma exigência ética fundamental; compromisso básico dos direitos humanos (n. 30).

c) **Espiritualidade e Sabedoria** (n. 6): O Bem Viver: comunhão entre as pessoas, com o mundo, com os seres vivos e com o Criador (n. 31); o Bem Viver: indígenas cristãos partem do Anúncio do Reino para criar a comunhão com as pessoas, comunidades... (n. 32); família indígena: defesa da vida (n. 33); presença de seitas que não favorecem uma ecologia integral (n. 34)..

7. Discernir (II) – Para uma conversão pastoral e ecológica

O Criador, a Biodiversidade e os Povos vivem na mesma Casa Comum; destruição = morte (n. 45); o processo de evangelização da Igreja na Amazônia não pode ser separado da promoção do cuidado do seu território (natureza) e de seus povos (culturas) (n. 46); em Puerto Maldonado: escuta recíproca entre o Papa Francisco e os povos indígenas (n. 63); a Assembleia Especial para a região Pan-Amazônica precisa de um grande exercício de escuta recíproca: fiéis e seus pastores (n. 64).

8. Novos caminhos (III) – Para uma Igreja com rosto amazônico

A Igreja e a Congregação salesiana são chamadas a aprofundar suas identidades em correspondência às realidades de seu próprio território e a crescer em sua espiritualidade escutando a sabedoria de seus povos (n. 66)

Papa Francisco (*EG* 198): "é necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles"; "não só a emprestar-lhes nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus *amigos*, a *escutá-los*, a *compreendê-los* e a *acolher* a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles" (n.75); o perfil profético da Igreja, hoje, mostra-se através de seu perfil ministerial e participativo, capaz de fazer dos povos indígenas e das comunidades amazônicas "os principais interlocutores" (*LS* 146; n. 79).

9. Fechando a conversa

Papa Francisco: "*Ajudai os vossos Bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena*" (n. 89).



Missão Salesiana de Iauaretê, fundada no 1929, no Alto Rio Negro.

4. AMAZÔNIA: CONTEXTOS, INTERCULTURALIDADE E SITUAÇÃO JUVENIL[2]

Sr. José Juncosa Blasco[3]
(Quito - Ecuador)

O pulmão do mundo, a zona mais megadiversa do planeta, a Casa Comum. Com esses nomes a Amazônia é denominada, um espaço geográfico – e complexo – pela sua grande diversidade, pela sua reserva de água doce e também por seus recursos naturais não renováveis. A Amazônia é a maior selva tropical do planeta e a região chave para os ecossistemas climáticos globais.

---

[2] Este documento é a versão em formato de artigo da conferência compartilhada e dialogada com os participantes do Encontro Salesiano Pan-Amazônico: O Sínodo nos desafia (Manaus, de 1 a 4 de novembro de 2018). Agradeço a Milagros Aguirre, editora-chefe da Ediciones Abya Yala, por suas contribuições na redação, edição, pesquisa e adaptação de mapas e figuras.

[3] É antropólogo, Doutor em Estudos Culturais Latino-americanos, Vice-reitor da Universidade Politécnica Salesiana do Equador, sede em Quito, membro do Grupo de Pesquisa Missões e Povos Indígenas da mesma universidade. Bibliografía: Agencia EFE, *Efe Verde*; https://www.efeverde.com/noticias/ suicidios--deforestacion-mineria-ama zonia-papa/(acesso 17/01/2108). Alexiades, M., Peluso D., «La urbani-zación indígena en la Amazonía. Un nuevo contexto de articulación social y territorial.» *Gazeta de Antropología* (2016). Amazon Conservation, *maaproject.org* https://maaproject.org/ 2018/sintesis3/(acesso: 09/03/ 2019). Césaire, A., *Discurso sobre el colonialismo* (Madrid [1950] 2006). Echeverri J.A., «Presente y futuro de las lenguas Indígenas»; en *Presente y futuro de las lenguas indígenas*, de Aa.Vv. Universidad Nacional de Colombia (Bogotá 2018). Goldáraz, J.M., *La selva rota*, Abya Yala (Quito 2017). Gutiérrez F., 2011; en http://obser vatoriogeogra ficoamericalatina.org.mx/egal11/ Procesos ambientales /Ecologia/02.pdf (acesso 19/01/2108). Lander E., 2010. "Crisis civilizato-ria: el tiempo se agota"; en Irene León I. (Coord.), *Sumak Kawsay/Buen Vivir y cambios civilizatorios*, FEDAEPS (Quito 2010[2]) 27-40. Loebens G.F., de Oliveira N., Lino J., *Povos indígenas isolados na Amazonía*, Abya-Yala (Quito 2012). Mapbiomas 2019, *Mapbioma*; http://plataforma. amazo nia.mapbiomas.org /map. Nakata M., *Disciplinar al Salvaje. Destruir la disciplina*, Abya Yala (Quito 2014). OPS, «Epidemiología del suicidio en adolescentes y jóvenes en Ecuador», OPS, *Revista Panamericana de Salud Pública* (2018). Ortiz P., «Gobernanza territorial y conflictos entre Estado y pueblos indígenas Una perspectiva comparada de Ecuador y Bolivia», UASB (2013). Ribeiro B., *Amazonía Urgente: cinco séculos de historia y ecología* (1990). Roosvelt A.C., *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*, Academic Press (1991). Soarez J.P.; http://www. Biodiversid adla.org/Documentos/La-Ama-zonia-se-esta-secando?fbclid=IwAR3J56RDZk2PfrML60uMpwyabQG4Jc6eDtF6Zj3QkP-r2BqVf056sGKfq O8 (acesso: 10/03 /2019). TCA, *Tierras y áreas indígenas en la Amazonía*, Secretaría Pro Tempore, TCA (1997). Universidad Nacional de Colombia. *UN periódico digital*; http://unperiodico.unal.edu.co/pages/ detail/ suicidios-en-la-ama zonia-alertan-por-salud-mental-indigena/ (acesso 31/10/2018). Wain Collen Pnud 2016, *La Amazonía y la Agenda 2030* (Panamá 2016).

Com uma área de 7,8 milhões de quilômetros quadrados, a Amazônia representa 5% da área total do mundo. É composta por 12 macro bacias e 158 sub-bacias, compartilhadas por 1497 municípios, 68 departamentos ou províncias e oito países: Bolívia (6,2%), Brasil (64,3%), Colômbia, 6,2%), Equador (1,2%), Guyana (2,8%), Peru (10,1%), Suriname (2,1%) e Venezuela (5,8%); com uma população aproximada de 33 milhões de pessoas que inclui 385 povos indígenas e, além disso, grupos humanos que permanecem isolados (Wain Collen Pnud 2016).

A representação geográfica da Amazônia responde a diferentes interesses e diferentes conceitos legais, ambientais e territoriais. Muitas vezes, essas representações são enganosas e suas cartografias mostram apenas o rosto que queremos ver: os interessados em negócios extrativistas geralmente dividem o território em lotes de hidrocarbonetos ou mineiros e os pintam em cores, enquanto os ambientalistas colocam ênfase na selva verde, protegida, intangível. Sabemos que a selva é a soma disso. Rumo aos Andes é uma meia-lua de riqueza e diversidade e, do outro lado, do Sul, uma meia-lua através da qual a destruição avança (Mapbiomas 2019)[4]. Uma moeda com duas faces: a da abundância e a da pobreza e desapropriação.

Pelo menos duas concepções geográficas devem ser distinguidas: a bacia amazônica que se refere ao canal de drenagem do rio e seus afluentes e a Grande Amazônia, que inclui uma região mais ampla, limitada a oeste pelos Andes e o escudo brasileiro ao sul. Conhecido como a Grande Amazônia (Gutiérrez 2011), 7.989.204 km2, estão incluídos os seguintes:

- **Bacia hidrográfica:** considera o sistema de afluentes e inclui áreas nevadas e colonos andinos. Cobre 7.352.112 km2 de seis países.
- **Floresta Amazônica:** um contínuo de floresta tropical que ultrapassa a bacia e que significa a maior área florestal do planeta: 7.989.004 km^2.
- **O Tratado de Cooperação Amazônica, TCA:** integra a bacia, a floresta e o que cada país considera legalmente a Amazônia de acordo com suas razões políticas e compreende 7.590.083 km^2.
- **A Pan-Amazônia:** é constituída pelos países, com jurisdição ou territórios, na bacia do rio Amazonas e com cobertura florestal amazônica;

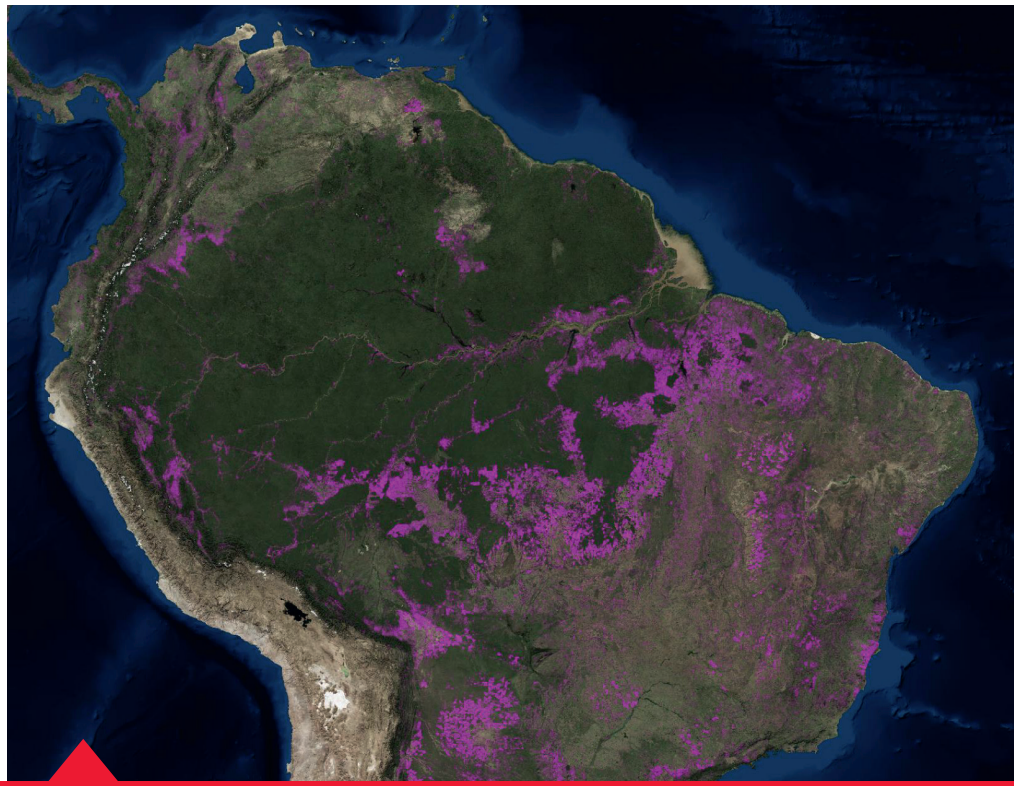
[4] *MapBiomas* é a iniciativa de uma rede de colaboração formada por organizações não governamentais, universidades e empresas do Brasil, organizada com o objetivo de utilizar uma tecnologia de qualidade a baixo custo para produzir séries anuais de mapas de cobertura e uso do solo dos biomas Brasileiros O Mapbiomas Amazônia foi criado para contribuir para o entendimento das transformações amazônicas através do mapeamento anual do uso e cobertura da terra na Pan-Amazônia. Os mapas podem ser consultados em amazonia.mapbiomas.org.

países andinos da Amazônia com características políticas, socioeconômicas e ambientais semelhantes, como Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela; países da faixa atlântica como Guyana, Guyana Francesa e Suriname e Brasil, que tem a maior parte de seu território na planície amazônica.

1. Ecossistema estratégico e vulnerável

Deve-se notar que nem toda a floresta amazônica é chuvosa: cerca de um terço não é floresta, mas savana (Beni, na Bolívia, é a maior) e as inundações na Amazônia e seus afluentes são entre 5 e 10% da sua bacia.

A Bacia Amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo e, por seu complexo sistema de rios, corre 20% da água doce da superfície terrestre do mundo. É um bioma que produz serviços ecossistêmicos e controle climático planetário. O bioma da floresta amazônica é o mais importante. Em segundo lugar está a



Floresta amazônica ameaçada.

floresta do Congo, e outras de menor profundidade nas regiões de Madagascar, Argentina, México, Guatemala ou Nova Guiné.

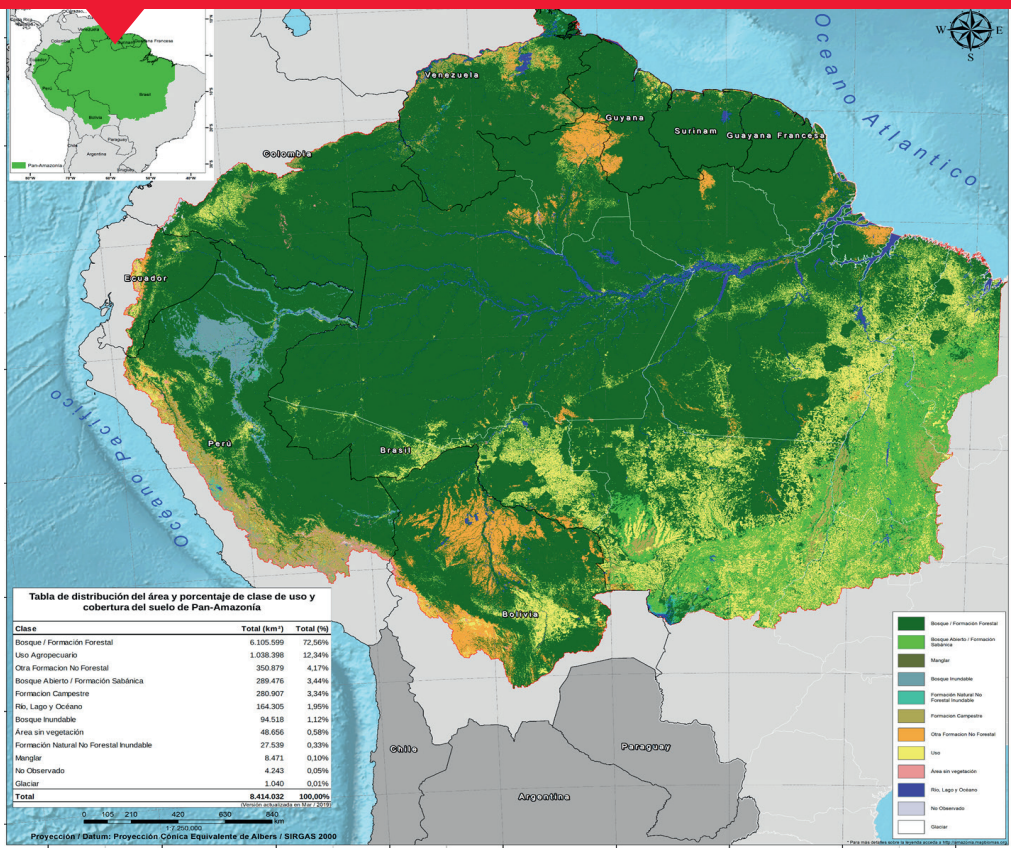
A Amazônia é um sistema tão rico, vulnerável e sensível. Sua exuberante camada vegetal cobre uma base empobrecida que abriga a maior biodiversidade de flora e fauna do planeta.

A selva não é infinita e sua deterioração é evidente de acordo com os dados reportados por vários sistemas de informação geográfica, SIG, e com imagens de satélite que alertam: a Amazônia está doente e sua doença é incurável. Nos últimos 17 anos (2001-17), 4,2 milhões de hectares de florestas andinas amazônicas foram perdidas num ritmo crescente, com um pico em 2017 de 426 mil hectares. O Peru registra a maior perda anual, seguido pela Colômbia e pelo Equador; no entanto, em 2017, a Colômbia ultrapassou o Peru com um novo recorde histórico anual de 214,7 mil hectares (ver Figuras 2 e 3). A grande maioria (74% em média) dos eventos de perda é de pequena escala (5 hectares). (Amazon Conservation 2019).



Bacia Hidrográfica: inclui áreas nevadas e colonos andinos, 7.352.112 km².

Floresta Amazônica, maior área florestal do planeta 7.989.004 km².



2. Diversidade. Possibilidade de morte progressiva da Amazônia

Assim como a Amazônia concentra a maior diversidade do planeta, na mesma medida concentra também os maiores apetites do mundo, a tal ponto que a ascensão e queda dos ciclos de ocupação e povoamento referem-se a sucessivas fases extrativistas. A fome de recursos naturais colocou-a em perigo: no final do século XIX e início do século XX, era a sede de borracha; nos anos oitenta do século passado, colheitas de óleo de palma africana e a extração de madeiras nobres, como o cedro e o mogno; e agora, com mais força, a mineração, além das lavouras ilícitas. Estes, com voracidade insaciável, penetram na selva e se tornam a principal ameaça não só ao meio ambiente, mas também aos seus habitantes, aos povos indígenas e seus territórios.

O metabolismo amazônico é extremamente complexo e delicado. Seus solos são frágeis e pobres em nutrientes. A maioria dos nutrientes não está no



Imagem de satélite de 2016 mostrando o desmatamento no Perú. Fonte: Amazon Conservation 2019.

solo, mas na vegetação que o cobre. A enorme diversidade vem da soma de fatores como geologia, altura, clima. A Amazônia abriga uma de cada cinco espécies de mamíferos, peixes, pássaros e árvores no mundo. É um bioma que produz serviços ecossistêmicos e controle climático do planeta. Mas, por suas características, toda essa riqueza está pendurada por um fio.

A biodiversidade amazônica inclui a diversidade social e cultural dos grupos humanos que a habitam. A Amazônia tem sido uma extensão gigantesca, dispersa em termos biológicos, um ciclo de vida em atividade constante. Dentro dessa selva, aparentemente homogênea, acreditava-se que as frágeis culturas amazônicas viviam como se estivessem suspensas no tempo há milênios, em meio a uma paisagem em que é difícil encontrar o traço de seu passado. No entanto, hoje sabemos que a Amazônia não é um sistema intacto: ela é o resultado da interação do meio



Imagem de satélite de 2016 mostrando o desmatamento no Perú. Fonte: Amazon Conservation 2019.

ambiente com o ser humano, que moldou seu ambiente com conhecimentos e técnicas extraordinárias para sobreviver e usar seus recursos.

Exemplo disso é o processo agrícola de derrubada e queimada, técnica que até hoje é praticada pelos indígenas e que consiste em limpar por meio de fogo, pequenos espaços para que posteriormente as cinzas contribuam para o solo com nutrientes e permitam alguma colheita. Após a queimada, floresta é responsável por cobrir essa ferida sem expor ao sol ou chuva e sem causar mais danos ao ecossistema. Isto implica que os seus antigos habitantes não puderam extrair da sua terra a riqueza com excedentes, mas sabiam como sobreviver sem acumular.

Os solos da Amazônia ribeirinha são mais ricos para uma agricultura permanente e sustentável, como o milho, enquanto os solos do *Hinterland* (terras no meio de pequenos afluentes), são mais pobres e de agricultura itinerante (mandioca). A técnica de corte e queima, além da colheita sazonal, definiram os padrões de assentamentos humanos na Amazônia, dispersos ou aglitinados, com baixa densidade demográfica e quase sempre móveis. Todavia, esses padrões são portadores de uma enorme sabedoria, capacidade de adaptação e sobrevivência. Qualquer grupo que tivesse superexplorado seu ambiente teria morrido. Essa boa gestão do meio ambiente, que permitiu a convivência do homem com a natureza por pelo menos dois mil anos, ainda é explicada hoje pelos indígenas amazônicos por meio de suas visões de mundo. As ameaças a esse frágil ecossistema estão se tornando cada vez mais perigosas. O desmatamento, a crescente urbanização, a pecuária e a agricultura extensiva, a agro-exportação e as monoculturas (palma de óleo), a extração de madeira, a mineração e o petróleo, não só envolvem a erosão do solo, mas também a da diversidade cultural e simbólica amazônicas. Neste contexto, merecem preocupação especial as tribos isoladas, em situação de nenhum contato ou de contatos esporádicos, cujos territórios foram reduzidos pela metade, atingindo limites impossíveis para a sobrevivência (Loebens e Oliveira Neves 2012).

O desmatamento da Amazônia produziu enormes secas, em 2005 e 2010. Em apenas cinco anos, aconteceu o que normalmente acontece a cada cem anos. Se essa Casa Comum não for cuidada, em 2050 a Amazônia terá perdido sua capacidade de reter carbono e devolvê-lo à atmosfera. E também terá perdido seus povos indígenas isolados, a herança viva do mundo, os sobreviventes da conquista e das incursões da borracha, no final do século XIX.

3. A selva educada

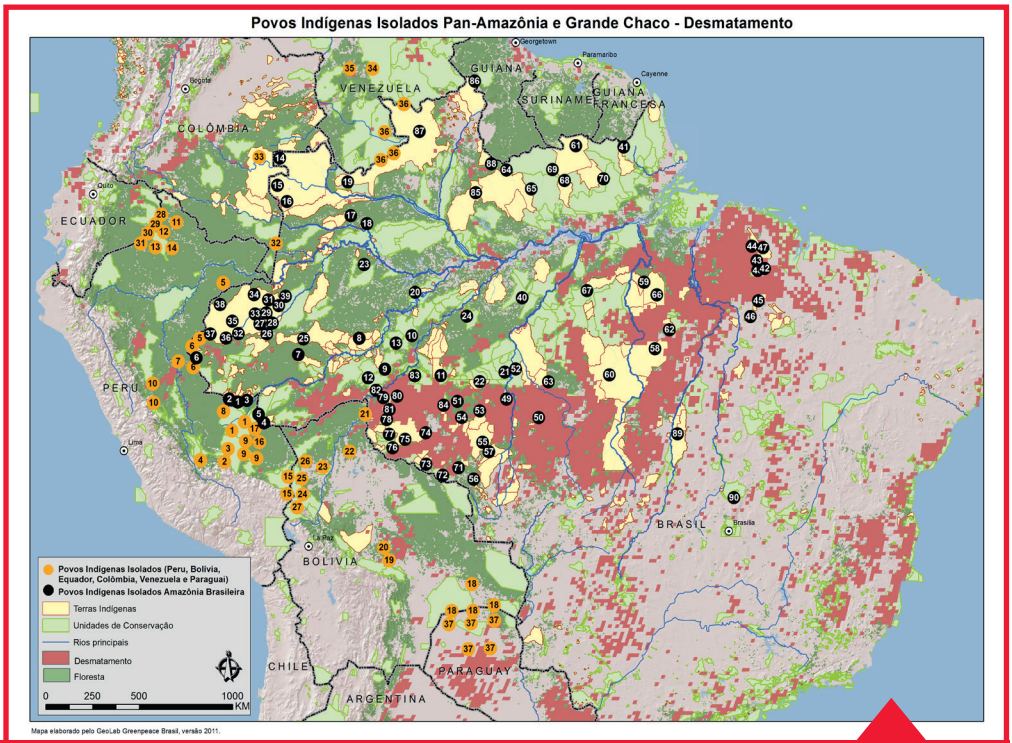
Embora não seja fácil encontrar vestígios antigos na selva, provavelmente havia habitantes humanos na Amazônia no final do Pleistoceno, senão antes. De acordo com os registros arqueológicos existentes, sabemos que as comunidades

caçadoras e coletoras do baixo Caroní, Venezuela, são datadas entre 10000-8000 anos. Acredita-se que eles viviam em lugares ao ar livre e também em cavernas onde, por volta do ano 3000, eles realizaram pinturas rupestres. Em outro ambiente, na Ilha de Marajó (Brasil), em uma zona de inundação, abundam cavernas que despertaram o interesse de arqueólogos, desde meados do século XX.

A ciência determinou duas classes de ocupantes, um muito antigo que não conhecia a cerâmica e outro, cujo conhecimento da cerâmica seria uma prova de que a Amazônia poderia ser uma fonte de inovação social e tecnológica. Sua cerâmica é a mais antiga do continente, é a prova do domínio do fogo e não se baseia na técnica da roda de oleiro, mas em uma técnica que consiste em fazer rolos para sobrepô-los e moldá-los.

Os primeiros habitantes da alta Amazônia chegaram às margens dos rios há 7500 anos. Há evidências de que sabiam como limpar a floresta para desenvolver a agricultura, motivo pelo qual fabricaram machados de pedra polida.

Arqueólogos, como Anna C. Roosevelt, descobriram que a Ilha do Marajó, por exemplo, foi uma das mais extraordinárias realizações culturais indígenas do



Presença de povos indígenas isolados na América Latina Fonte: Entreculturas, 2015.

novo mundo: um centro que durou mil anos, provavelmente tinha mais de 100 mil habitantes e cobriu grandes territórios (Roosvelt 1991). Santarém (Ribeiro 1990), também no Brasil (1000 dC), era uma cidade das mais populosas do mundo na época, que possuía grandes ceramistas e que a mulher desempenhava um importante papel social e de liderança.

Apesar de não ter monumentos majestosos, como os maias, astecas ou incas, até os dias de hoje encontram-se vestígios dos habitantes da Amazônia que surpreendem. A floresta, situada no atual Equador, também foi explorada. O casal Evanns-Meggers estudou a chamada a chamada Fase Napo e ficou deslumbrado com as urnas funerárias dos Omaguas; padre Porras e Ernesto Salazar, na década de oitenta, fizeram grandes descobertas no vale de Upano que, graças à nova tecnologia (Light Detection and Ranging, LIDAR), revela agora um assentamento de cerca de 10 km2 de plataformas e redes de estradas ...



Urna funerária da Omaguas, Napo Phase. Foto cortesia Cicame.

Hoje sabemos que na Amazônia muitos povoados desenvolveram-se antes da conquista. A Amazônia é viva e é culta, no sentido de cultivada. A arqueologia amazônica força-nos a reescrever sua história. Essa selva culta rejeita teorias colonizadoras que pretendem ignorar as culturas pré-colombianas da Amazônia, sua riqueza e diversidade cultural e a visão de mundo de seus habitantes.

Não podemos esquecer que grande parte dos progressos civilizacionais e culturais começaram na Amazônia: a cerâmica, a domesticação de espécies ao longo de cinco mil anos (milho, batata, cacau, mandioca), o manejo da terra (derrubada e queimada), além da visão de mundo, o planejamento urbano, a articulação social e de parentesco. Ao contrário das "terras não cultivadas", das quais o Estado se apropriava sob o slogan de "uma terra sem povo para um povo sem terra", a arqueologia amazônica mostra-nos uma região de interações fluídas com outras regiões e formas de mobilidade territorial, além de uma articulação social muito diversa: cidades ribeirinhas com alta densidade populacional; cidades interligadas em rede; assentamento disperso e aglutinado, sociedades desenvolvidas comercialmente, do rio Napo até as florestas do Marajó; uma região de enorme diversidade linguística e sociocultural, onde se desenvolveram culturas sem monumentos arqueológicos, porém com complexas

e monumentais ritualidades. Sem equívocos, podemos dizer atualmente que existem marcas profundas das culturas pré-colombianas civilizacionais nas culturas amazônicas que não podem ser ignoradas e devem ser úteis para sua conservação e validez.

Em toda a bacia amazônica, cerca de 240 línguas ameríndias são faladas e muitas delas estão em perigo de extinção. Estima-se que na chegada dos europeus existiam cerca de 1.200 idiomas no atual território brasileiro. No século XVIII, por exemplo, padre Nieto Polo, em um relatório ao rei da Espanha, escreveu: "Há muitas línguas nesta área. Um problema plantado pelo diabo para dificultar a conversão dos índios ". Nos séculos XVI e XVII, a Coroa espanhola ordenou a criação de cátedras em línguas indígenas. A partir dessas políticas nasceram as "línguas gerais", quer dizer, línguas indígenas que eram usadas como línguas francas para a evangelização e a educação. As duas línguas gerais mais importantes foram o Nheengatu, com base no tupí, e Quechua ou Kichwa. (Echeverri 2018).

4. Áreas protegidas e territórios de conservação versus territorialidades indígenas

Em 1993, o programa regional para a consolidação de territórios indígenas por meio do TCA (Tratado de Cooperação Amazônica) assumiu, com o apoio da União Europeia, vários programas de desenvolvimento que incluíam as aspirações das populações indígenas. Naquela época, foi feito um diagnóstico da situação das terras e territórios indígenas na Amazônia nos oito países do TCA (TCA, 1997). Durante esses anos as contradições entre a entrega de terras comunitárias e as dificuldades de administração, entre a autonomia dos povos no governo de seus territórios e a interferência dos estados naquela administração, foram evidentes. O modelo de distribuição de terras aos indígenas, de maneira coletiva e através de sistemas que contrastavam as disposições civis, implicou conflitos. Os territórios coletivos indígenas com projeções de duração de perpetuidade não têm o mesmo caráter em todos os países nem têm o mesmo alcance em âmbito econômico, administrativo e político.

Como um mecanismo de defesa contra o movimento extrativista, os países amazônicos lançaram uma série de iniciativas de conservação ambiental criando diferentes figuras normativas, incluindo a criação de parques, reservas e estações nacionais, que protegem e definem o direito de propriedade e uso regulado pelo Estado.

Setenta e nove milhões de hectares, ou seja, o equivalente a 10,6% da área total da Amazônia, são definidos dentro da categoria de Áreas Protegidas.

- A Guyana possui o nível mais alto de preservação, com 36,6% de seu território.
- Colômbia, Equador e Peru: 14 e 19% da área.
- Brasil e Bolívia: 8 e 10%
- Suriname: 3%

No entanto, esses sistemas de áreas protegidas não são suficientes para sua conservação. Por um lado, as chamadas áreas protegidas se sobrepõem aos territórios indígenas na maioria dos países da bacia amazônica. Por outro, fazem parte das políticas contraditórias dos governos que, ao promover e facilitar as atividades extrativistas, criam regulamentos de conservação unilateralmente. Essas iniciativas



Tratado de Cooperação Amazônica. Integra a bacia hidrográfica, a floresta e o que cada país considera legalmente a Amazônia.

refletem ações estatais que excluem a população indígena e a população local da tomada de decisões, afetando seus direitos à terra e ao território, sem mecanismos de consulta ou participação.

Essas declarações de territórios indígenas, como parques nacionais ou áreas protegidas, respondem a decisões geopolíticas de controle sobre a Amazônia e, embora signifiquem tentativas de conservação plausíveis, subtraem direitos aos povos indígenas sobre seus territórios.

Embora existam esforços de todos os países para estabelecer áreas de conservação e incorporar os cuidados ambientais na legislação e formulação de políticas públicas de proteção, não se consegue parar o dano ambiental e cultural na região (Wain Collen Pnud 2016).

Hoje, os países amazônicos enfrentam essas contradições entre o dever de estar em seus marcos legais e o que acontece nesses territórios que, em algumas áreas, nada mais são do que o retrato da espoliação e da violência. Uma selva que revela suas feridas e as dificuldades de controle e administração territorial, uma vez que os donos da casa são ignorados e excluídos dessas decisões.

5. Áreas de expectativas e tensões

A Amazônia tem o que falta no mundo: recursos estratégicos, como água e terra. E recursos naturais não renováveis, como petróleo, gás, minerais, agro combustíveis. Somam-se a isso os recursos genéticos e o conhecimento dos povos sobre as propriedades da diversidade de plantas medicinais. Ambos são igualmente desejados pela indústria global.

A falsa premissa de que a Amazônia era um terreno baldio transformou-a em uma válvula que reduziu as crises de pobreza em outras regiões e, além de ignorar os povos indígenas que lá viviam, promoveu uma colonização desordenada. Logo, com mecanismos de invasão de terras, sua população cresceu exponencialmente, transformando a Amazônia na caixa de ressonância dos problemas nacionais, mas num contexto de instituições mais fracas e marginais.

A sociedade amazônica é uma sociedade muito complexa, pois possui uma estratificação muito ampla: populações indígenas em resistência, população indígena integrada, colonização de colonos, população urbana e uma elite ligada ao latifúndio e empresas petroleiras ou mineradoras, transnacionais ou nacionais, que operam na área, além de grupos indígenas chamados não contactados ou em isolamento, que ainda vivem na selva e estão cercados por todos os tipos de ameaças que afetam seus territórios, enfrentando madeireiros, garimpeiros e trabalhadores de dragas rústicas que navegam em seus rios e penetram perto de suas casas, acabando com seus recursos e envenenando suas fontes de água.

A isso se soma a existência de um padrão urbano que se reproduz sem controle. As cidades da Amazônia crescem e, com isso, multiplicam-se os problemas sociais. Há um modelo disperso de vida social e uma superposição de territórios, questão que é uma característica regional: as delimitações das concessões a petrolíferas e, atualmente, a mineradoras sobrepõem-se às delimitações políticas e administrativas dos Estados, sujeitas às delimitações dos territórios dos povos indígenas, que supostamente são parte das políticas de conservação, a saber: áreas protegidas, parques nacionais, reservas, corredores e áreas intangíveis. Esta sobreposição territorial contribui para o conflito geral. As delimitações arbitrárias têm implicações para a soberania dos povos.

A modernidade chega agressivamente à Amazônia por meio de vários atores. O mercado, com suas demandas por monetarização das economias, imposição de relações salariais precárias, apresentação de bens de diferentes tipos para consumo e produção, está moldando uma economia local com sérias dificuldades para se inserir nas economias nacionais e globais.

A atividade econômica mais importante é o extrativismo: petróleo, minerais, madeira, borracha, palma ... a fraqueza institucional e a precariedade econômica dos seus habitantes, que não é proporcional à alta incidência da região no PIB, abre as portas às economias e violências ilegais. A região tem fronteiras porosas e é permeável a ilegalidades e conflitos que, muitas vezes, são armados pois aí convivem militares, paramilitares, guerrilheiros, dissidentes, traficantes de drogas, populações que se declaram em resistência, colonos.

A Amazônia é um tecido complexo que é debatida entre constantes tensões: entre conservação e extrativismo; entre desenvolvimento racional e desenvolvimento sustentável; entre os chamados interesses nacionais e os interesses das minorias étnicas; entre a necessidade de economias emergentes e interesses de conservação; entre a população colona-campesina e a população indígena; entre as instituições do Estado e seus habitantes. Não raramente tem-se falado nos diferentes países da região, de políticas esquizofrênicas que apontam para o discurso do conservacionismo, mas que vivem de espremer até a última gota de recursos não renováveis que a floresta possui.

6. Integração regional progressiva e transnacionalização de política

Os interesses transnacionais e a importância estratégica que a Amazônia tem em nível regional e global também exigem políticas globais. Portanto, os países criaram ferramentas e instrumentos para sua conservação. Em 1978, o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA) foi assinado no Brasil. Bolívia, Brasil,

Colômbia, Equador, Guyana, Peru, Suriname e Venezuela são signatários deste tratado, criado para promover o desenvolvimento harmonioso e integrado da bacia, com dois objetivos: melhorar a qualidade de vida de seus habitantes e para a conservação e utilização racional de seus recursos.

Há também a Convenção 169 da OIT, adotada em 1989, que garante e protege os direitos dos povos indígenas e tribais. Este instrumento foi ratificado por 22 estados e antecede a Declaração das Nações Unidas sobre Povos Indígenas (2007). Posteriormente, em consonância com a conservação do meio ambiente, outros acordos foram assinados, como a Declaração do Rio (1992), o Acordo de Mudança Climática (1994) ou o Protocolo de Kyoto (2000).

Paradoxalmente, e respondendo à geopolítica dos processos de mercado e integração regional frenéticos, enquanto por um lado aposta-se na conservação, assinando tratados internacionais para a proteção da Amazônia; por outro, vê-se a imposição de um modelo desenvolvimentista e neoliberal que obriga os países a desenvolver projetos de infraestrutura, que resultam na destruição dos corredores ecológicos. Um exemplo disso é o projeto da IIRSA, Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana, que propõe, entre outras coisas, a conectividade entre o Atlântico e o Pacífico (o eixo Manta-Manaus).

A IIRSA foi criada no início do século XXI, na primeira Cúpula da América do Sul, com o objetivo de desenvolver projetos de transporte, energia e telecomunicações. Para projetos dessa escala, os fluxos de investimentos transnacionais são maiores e com o máximo de facilidades e prazos. A IIRSA está articulada a 10 eixos de desenvolvimento que buscam consolidar e fortalecer a oportunidade de uma hidrovia internacional na Amazônia. Os eixos são definidos como "tiras multimodais" que concentram fluxos comerciais atuais e potenciais: o eixo de mineração andino e o eixo agroindustrial da Amazônia. O projeto reduz-se ao comércio e à integração comercial facilitando a extração e a mobilização de matérias-primas, deixando de lado os sistemas democrático, cultural, ambiental e de justiça que "permanecem como o osso jogado ao cachorro para entretê-lo, enquanto o ladrão entra para roubar "(Goldáraz 2017).

A Amazônia vive agora uma fase de exploração compulsiva que implica a abertura e a violenta intervenção das forças de mercado sobre as possibilidades do meio ambiente, as políticas de proteção e as territorialidades indígenas.

A construção acelerada de estradas e vias de acesso abre caminho para a divisão da floresta em parcelas e para a colonização indiscriminada de forma legal e também ilegal; as concessões de petróleo e mineração dividem a floresta em blocos e lotes nos quais constrõem-se plataformas, poços e isqueiros para a queima de gás; o oleoduto se estende como uma enorme serpente pela selva ao norte, enquanto no sul a maquinaria de mineração mergulha nos pequenos rios

amazônicos em busca de minerais preciosos. A queima da floresta, uma prática agrícola intensificada desde 2002, deixa pontos quentes nas florestas do Brasil e da Bolívia. Petróleo, gasolina, óleo, mercúrio derramam-se pelos rios amazônicos causando danos silenciosos e sistemáticos, afetando comunidades que resistem, mas não têm voz ou que, quando falam e se manifestam, sua voz é criminalizada.

"A Amazônia está secando", diz um documento publicado pela Aliança da Biodiversidade (Soarez 2019), que explica como a Região Nordeste do Brasil, abrangente os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande Norte e Sergipe, particularmente o semiárido, será afetada pelas alterações climáticas nas próximas oito décadas, de acordo com projeções do Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas (IPCC) e do Painel brasileiro de mudanças climáticas (PBMC). As estimativas são de redução de 10% a 20% nas precipitações chuvosas até 2040 e de 40% a 50% de 2070 a 2100 na Caatinga, bioma exclusivo do Brasil, cobrindo cerca de 10% do território.

7. A interculturalidade amazônica em contextos de transformação

A diversidade cultural na Amazônia é proporcional e recíproca em relação à sua biodiversidade. A cultura não é um sistema estático, homogêneo, fechado, coerente e contínuo. Pelo contrário, a vitalidade cultural é diretamente proporcional à capacidade de adaptação, de interpretar o que acontece e de tomar decisões coletivas.

A densidade de população elevada das regiões circundantes, a expansão da produção e exploração de formas de capitalismo tardio, bem como o aumento da presença do Estado através de suas agências e instituições abriram a Amazônia para a colonização intensiva, impulsionando a ocupação, por parte de camponeses pobres, a fim de explorar seus recursos naturais. Esses fatores mudaram a face da Amazônia e criaram uma realidade complexa para seus povos, tanto do ponto de vista social quanto cultural.

A população amazônica cresceu exponencialmente. Hoje, essa face amazônica é muito mais diversificada, multicultural e complexa. Convivem no mesmo espaço camponeses e colonos mestiços, grupos indígenas da Amazônia que vivem com grupos indígenas que migraram de outras regiões, os trabalhadores de indústrias extrativistas, representantes governamentais, grupos indígenas não contactados, igrejas ...

O afã modernizador ocidental irrompe na vida tranquila amazônica, e a penetra de forma agressiva, intensa, corroendo o poder das culturas locais, causando choques culturais, que dificultam a integração e a convivência. O mercado

Interculturalidade.



com as suas exigências de monetização das economias,de imposição de relações salariais, de apresentação de bens para consumo e de produção está a moldar a nova face Amazônia.

Um tipo de padrão urbano se reproduz sem controle. As cidades crescem em um ritmo acelerado e, com isso, os problemas sociais aumentam. O abismo entre a população indígena e a rural cria centros de atração para as pessoas e comunidades amazônicas que veem oportunidades de uma vida melhor nas cidades, pela maior possibilidade de "desenvolvimento", aumentando, desse modo, a migração. Também a indústria do tráfico de drogas vê nessas terras "de ninguém" possibilidades para a sua expansão e, assim, alimenta o monstro da violência social.

A presença cada vez maior de igrejas evangélicas e pentecostais contribui para o choque cultural que, como no *"O abraço da serpente"*, filme do colombiano Ciro Guerra (2015), quer impor-se às culturas ancestrais, estrangulá-las e engoli-las para que desapareçam.

Este processo "civilizatório" cria tensões com as populações locais; entre estruturas de crenças ocidentais e estilos de vida gerados a partir da profundidade histórica, mais perto da natureza e da vida comunitária dos povos indígenas. Embora, nas últimas décadas, tenha havido avanços significativos no campo da saúde, educação, acesso a serviços básicos, as desigualdades de gênero e etárias e proteção de grupos indígenas, continuam, bem como a exclusão de setores importantes da população e a deterioração ambiental e cultural dos povos indígenas.

A falsa premissa de que a Amazônia era um espaço vago e ocioso promoveu a colonização e transformou a floresta em objeto do Estado. Esta ocupação foi um meio poderoso para entrada da população mestiça na floresta, a fim de implementar a produção agrícola e a pecuária, e o desenvolvimento urbano, através de políticas estatais em diferentes países.

Com o progresso urbano evolui também a educação, que busca introduzir a cultura moderna ocidental e citadina, entrando em tensão com as culturas ancestrais da região.

A Amazônia não é o cenário da crise de um certo modo de governar ou produzir. É a expressão e reflexo da crise civilizacional ocidental que pode ser terminal, pois põe em risco a possibilidade da própria vida no planeta. Estes padrões eurocêntricos de relacionamento são baseados nos seguintes princípios (Lander, 2010):

- profanação da natureza, que produz subordinação e dominação da natureza da negação da sua autonomia e da alienação da humanidade sobre a vida. A teologia da criação promoveu essa dessacralização, ao mesmo tempo em que gerou dualidades baseadas em relações de subordinação de um polo com relação ao outro.
- A separação da unidade alma / corpo que se expressa na dualidade masculino / feminino, razão / sentimento, etc., onde o primeiro polo é mais relevante.
- A noção de progresso, entendida como uma evolução progressiva e ininterrupta que concebe a natureza como um reservatório inesgotável de recursos naturais.
- Racialização dos povos indígenas, afro-americanos, camponeses pobres, etc. Quando considerados inferiores, são um obstáculo ao progresso, e seus modos de vida são vistos como inevitavelmente improdutivos e atrasados.

Dado o fracasso do projeto de desindianização por meio da miscigenação, que foram vistos por décadas como objetivo da civilização através da escolarização infantil.

Embora não seja mais possível que o branqueamento seja biológico, pretende-se que os povos indígenas pensem, atuem e produzam como bancos. A escolarização da infância é uma das maiores invenções civilizacionais, pois introduziu a noção da população objeto da intervenção de adultos e do Estado; no caso dos povos indígenas, a história mostra que, na maioria dos casos, a educação aponta para a desindianização.

De acordo com a visão do afro-antilhano político e poeta, Aimé Césaire (1913-2008), as culturas afro-americanas - a que acrescentamos a indígena - não são anteriores ou prévias em relação as do Ocidente, consideradas civilizadas: elas são, acima de tudo, anticapitalistas (não pré-capitalistas), ou na linguagem de outros teóricos, constituem diferenças radicais irredutíveis e críticas com relação aos padrões civilizatórios eurocêntricos.

Diante desses padrões civilizatórios, é possível identificar traços de culturas amazônicas que inspiram diversos padrões de civilização, abertos à diversidade, às relações de igualdade com a natureza e entre os povos? Acreditamos que que sim, e propomos as seguintes características que devem ser levadas em conta pelas missões, pois abrem novas possibilidades de relacionamento e convivência:

- A natureza é um espaço de transformações onde as subjetividades não-humanas pensam, falam e se comunicam com os humanos. A natureza em si não é tanto um sujeito humanizado: ela abriga subjetividades não-humanas que exigem um relacionamento.
- As outras diversidades fazem parte do ciclo de vida de um povo; portanto, a diferença não é negada, mas é assumida como riqueza e possibilidade de crescimento através da troca e da reciprocidade.
- A vontade de *ex-istir* de maneira coletiva e diferenciada, que dá sentido ao *in-sistir*, ao *re-sistir* da comunidade aos padrões civilizatórios eurocêntricos, é a base da comunidade que decide. Assim, o exercício político baseia-se na sobrevivência da comunidade e na responsabilidade comunitária, e não no interesse pessoal.
- Os ciclos de vida e de maturação do indivíduo envolvem processos de transformação real e verdadeira de pessoas que devem passar por intensas experiências sensoriais, oníricas, emotivas, etc., e envolvem o sentir-pensar. O apego profundo aos valores vitais, à abundância da vida, a intensidade vital, marcam a vida dos povos amazônicos.

Uma missão a serviço da expansão dos padrões civilizatórios eurocêntricos não é legítima. Tão pouco, a missão pode ser concebida como uma atividade eclesial "para os outros", mas como compromisso "com o outro" para garantir a vida no planeta e criar juntos padrões de relacionamento civilizacionais que tornam a vida possível, a plenitude da vida. Hoje, a missão não pode ser

considerada sem transformar a Igreja a partir da diferença radical dos povos indígenas da Amazônia, porque eles são parte do ciclo de vida da Igreja, a sua renovação, revitalização.

Por fim, é necessário enriquecer os recursos conceituais para entender melhor as culturas amazônicas e seu dinamismo frente à mudança. Assumir a cultura como plataforma ou interface se torna necessário. Ou seja, é necessário enriquecer o conceito de cultura para ir além do senso comum que o considera um reservatório estático de conteúdos ancestrais. Mais ainda, é mister assumir a cultura como capacidade operacional e deliberativa de um povo, criando recursos para interpretar e decidir em seu presente, a partir de materiais e informação heterogênea, composta de textos, de informações e de novos e antigos recursos. Nesta interface, os jovens indígenas põem em prática recursos simbólicos, rituais e discursivos que misturam o tradicional ao contemporâneo, aquilo que lhes é próprio àquilo que lhes é estranho a fim de tomar decisões coletivas e ser capaz de decidir diante das transformações (Nakata 2014). A civilização eurocêntrica não apenas retira recursos naturais, mas também anula e priva os povos de suas capacidades e recursos de organização e deliberação.

8. Pobreza em um território empobrecido

A pobreza é uma condição não só do povo, mas também da natureza amazônica, em virtude das relações recíprocas entre ambos. Se as nacionalidades indígenas estão empobrecidas, a natureza mostra sinais de empobrecimento que ameaçam a sobrevivência e a satisfação das necessidades.

A poluição ambiental, o desmatamento e a deterioração dos solos são sinais do empobrecimento da natureza. Os territórios cada vez mais estreitos e cercados são outro indicador de pobreza, pois não darão conta da crescente população indígena. A escassez de território torna impossível colocar em prática muitos dos conhecimentos tradicionais, que implicam na disponibilidade de um espaço que não está mais disponível para subsistência. Os indígenas hoje não podem exercer autonomamente seus padrões de convivência e governança com a natureza, o que implica também um cenário de empobrecimento de seu território.

Na última década, os estados da região, em suas versões progressistas ou neoliberais, tendem à centralização da ação pública, priorizando a centralidade do Estado, enfraquecendo a descentralização e a autonomia. A presença do Estado é fraca e os atores empresariais e corporativos têm mais presença do que o Estado.

No Equador, por exemplo, para poder desenvolver e apaziguar alguns conflitos, o Estado e as empresas impulsionaram a formação de interlocutores indígenas, legitimando seus líderes e dando-lhes recursos e poder de barganha,

mas dividindo a estrutura política comunitária, a qual tem a ver com outras formas próprias indígenas, como a assembleia comunitária e a tomada de decisões por consenso. Há uma presença paralela de líderes indígenas, alguns em organizações comunitárias e outros no Estado, muitas vezes, entrando em conflito. Também pode-se demonstrar a presença de indígenas, mais recentemente, em governos descentralizados (prefeituras, associação de bairros). A realidade é semelhante em outros países da região, onde se discute questões como a implementação de consulta livre, prévia e informada nas comunidades indígenas, a sua jurisprudência e seu modo de aplicação em áreas que assegurem os direitos dos povos indígenas.

Acrescenta-se a isso a criminalização do protesto social que tem a ver com a rejeição das comunidades camponesas e indígenas em face da desapropriação territorial que estão sofrendo. Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador, somam casos em que os defensores dos direitos humanos e dos direitos dos povos indígenas são perseguidos, e até mortos.

Esses fatos evidenciam a crescente tensão e conflito entre a lógica estatal – de um tipo de uso e exploração da natureza e do território – e a necessidade de o próprio Estado gerar excedentes ou ganhos econômicos que lhes permitam atender as crescentes demandas da população (Ortiz 2013). As lógicas territoriais do Estado e as demandas indígenas subnacionais, que aumentam o reconhecimento e os direitos autônomos, também entram em contradição. Essa tensão exige a busca de equilíbrios e acordos, assunto que permanece como questão pendente nas agendas estaduais.

9. O contexto da juventude: ambiente de conflito e baixa regulação

As sociedades amazônicas são sociedades "emergentes" como consequência da colonização e da ação de uma modernidade avassaladora e precária. Enquanto o território amazônico é reduzido por essa ação extrativista indiscriminada, sua população, por outro lado, se multiplica.

> O Equador mostra um crescimento demográfico exponencial: de 1950 a 2010, a população amazônica do Equador aumentou de 46.000 para 739.831 habitantes. Actualmente as províncias amazônicas têm a maior população de jovens indígenas: Napo (56%), Morona Santiago (44,9%) e Pastaza (38,1%). De 1980 até hoje, os Shuar do Equador passaram de 45.000 para 100.000 habitantes. O mesmo é o Kichwa da Amazônia.

Os jovens indígenas agora se encontram entre dois mundos: o mundo de seus avós e o mundo contemporâneo, com todas as complexidades que isso implica. Há um aumento da matrícula escolar na população indígena, marcada por políticas de ação afirmativa e pela construção de centros educacionais. Mas também há deslocamentos simbólicos violentos: o acesso dos jovens indígenas aos padrões de consumo mediados pelas telecomunicações, pela internet e pelas redes sociais, causa um forte impacto na ideologia e na maneira de ver o mundo e de se comunicar.

A perda de autoridade das formas tradicionais de controle social e a orientação para os jovens, incluindo as regras do casamento preferencial, mudam a vida da comunidade indígena. Conflitos intergeracionais são visíveis nas comunidades e a migração de indígenas para as cidades em busca de trabalho, estudos ou serviços de saúde somam-se aos processos de transformação do mundo amazônico contemporâneo.

A juventude indígena na Amazônia não fica de fora de outros problemas que envolvem marginalização e desapropriação: o abuso de álcool e o uso de drogas têm um impacto na vida da comunidade. As taxas de suicídio entre os adolescentes indígenas da região amazônica aumentam, em consequência da anomia, da mudança cultural violenta e da frustração em todos os países da Bacia.

Entre 2001 e 2014, houve 4.855 suicídios de adolescentes e jovens no Equador. O maior risco está entre os homens de 15 a 24 anos e entre os adolescentes residentes na Amazônia. 40% dos jovens que cometem suicídio na Amazônia equatoriana são indígenas (OPS 2018). Entre 2015 e 2016, o número de suicídios em comunidades indígenas no Brasil aumentou em 18%, com 106 casos em 2016, segundo relatório apresentado pelo Conselho Indigenista Missionário (Agencia EFE 2018). Como uma epidemia, os casos de suicídio nas comunidades indígenas da Amazônia multiplicam-se e a realidade é semelhante na Colômbia, no Peru ou na Bolívia. A explicação do indígena Tikuna da Colômbia, Abel Antônio Santos Angarita, retrata essa realidade em um testemunho: "Se um tikuna morre, passa para outro território, passa para outra vida, para a terra sem o mal. Mas se uma pessoa morre assim (suicídio) ele não pode fazer essa transição para esse novo mundo. Está pagando, está contaminando e procurando outros companheiros para que este fato volte a ser cometido em seres humanos "(Universidad Nacional de Colombia 2018).

Trata-se de uma cadeia de eventos que não para, fazendo com que novas vítimas apareçam todas as semanas, meses ou anos dando início a um ciclo. Pará-los é uma tarefa que está nas mãos do conhecedor ou xamã, que tem a tarefa de gerenciar e curar os corpos, para apaziguar mental e espiritualmente sua comunidade.

As línguas indígenas também foram afetadas neste processo. Muitas das línguas amazônicas desapareceram e muitas outras estão em perigo de extinção. Para muitas pessoas, a língua materna da geração entre um e 18 anos é castelhano. Quase toda essa geração entende a língua materna, mas não a fala. Isso exige repensar com urgência a educação bilíngue intercultural.

Nesta área, os pais procuram e exigem dos missionários espaços de religação de seus filhos com a língua materna e a cultura em seus centros educativos. Mas a Igreja não é mais o interlocutor privilegiado dos povos indígenas. O Estado assumiu gradualmente essa tarefa e deslocou a Igreja e as organizações não-governamentais do espaço educacional e de formação. A Igreja na Amazônia também precisa repensar seu papel, suas formas de convocação de jovens e formas de acompanhar os povos indígenas nesta jornada por caminhos cada vez mais espinhosos.

10. Apostar na juventude indígena: acolhida nas cidades, profissionalização e bem viver

Atualmente, grande parte da população indígena da Amazônia vive ou está fortemente ligada aos centros urbanos. Essa tendência não implica necessariamente um processo de êxodo ou abandono dos espaços rurais ou uma simples desterritorialização; em vez disso, estabelece um novo regime caracterizado pela mobilidade, diversificação econômica e um padrão de apropriação residencial e territorial (Alexiades e Peluso 2016).

Permanentemente ou temporariamente, as populações urbanas da Amazônia estão crescendo.

No Brasil, por exemplo, quase 40% da população indígena já era urbana em 2010. A tendência é a mesma no resto dos países da bacia amazônica. Movidos, em alguns casos, pela urgência de estudar ou pelas necessidades de dinheiro, isto é, de trabalho, milhares de indígenas migram de suas comunidades para centros povoados. O fenômeno não é dado pela industrialização, mas também pelas situações de deslocamento e desapropriação, o que torna o problema mais complexo. Iquitos, Manaus, Belém do Pará, Leticia, Coca, Puyo, para citar algumas, tornam-se territórios complexos, onde indígenas deixam suas comunidades com a esperança de uma melhor qualidade de vida e acabam enfrentando situações de marginalidade e de extrema miséria. Outros, com mais sorte, vão às grandes cidades para estudar, alguns com bolsas concedidas por centros educacionais ou por governos. Lá eles enfrentam outros problemas de exclusão, racismo ou de adaptação a sistemas educacionais mais exigentes do que em suas comunidades.

O Papa Francisco com os povos indígenas em Puerto Maldonado (Perú).



A questão que nos interpela hoje é a da juventude indígena nas cidades, porque elas exigem acolhimento, acompanhamento e escuta, uma tarefa basicamente confiada às instituições educacionais e aos atores, como a igreja ou as ONGs. Esta tarefa envolve desafios como o multiculturalismo que, embora seja esteja presente nas diferentes Constituições dos países amazônicos como conquista dos povos indígenas, exige uma prática que envolva mudanças estruturais nos modelos de ensino existentes.

Parte desse acolhimento e desse acompanhamento tem a ver com as iniciativas de profissionalização dos povos indígenas, muitos povos desterritorializados só podem sobreviver com um emprego.

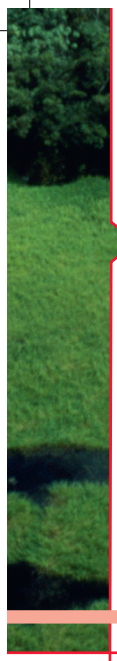
O aumento de matrículas da população indígena no Equador aumentou de 24,25% (2006) para 59,65%, em 2016. Os jovens indígenas mostram o seu interesse em profissionalizar-se e, embora o território seja o mesmo, o emprego é visto como alternativa para a subsistência. Para conseguir um trabalho é necessário estudar e, atualmente, isso é uma das prioridades para os pais nas comunidades indígenas. Isso também acontece na Amazônia e representa um desafio que envolve repensar formas de aprendizagem entre pares e formas autônomas e individualizadas de acesso à informação, bem como a ênfase nos processos interculturais de educação.

11. Conceitos de desenvolvimento alternativo, há algum?

O atual contexto amazônico mostra um panorama sombrio. No entanto, há noções de desenvolvimento que são colocadas como alternativas diante da devastação e que têm a ver com as noções do chamado Bem Viver, nutridas por visões de mundo indígenas e ancestrais. Enquanto os modelos nacionais apostam no crescimento econômico e produtivo, as nacionalidades consideram a opção pelo desenvolvimento da governança no território, da autonomia e da autogestão e da convivência e respeito de todas as formas de vida no território.

Algumas linhas alternativas aos problemas que afetam a Amazônia podem ser orientadas para o fortalecimento de instalações públicas, infraestrutura de comunicação, serviços básicos e seu posicionamento como destino turístico. O incentivo de atividades produtivas alternativas relacionadas com bio-conhecimento e patrimônio cultural, bem como o incentivo de escolas técnicas como opção de governança são fundamentais e neles encaixam-se questões como a conservação e recuperação das florestas, a busca de energias alternativas e biocombustíveis, a soberania alimentar, a geografia crítica. O que envolve a construção de uma sociedade intercultural que vá além da ideia de multiculturalismo e assuma a interculturalidade como relação de igualdade entre os povos e culturas, a partir da perspectiva de um diálogo de saberes e não de uma imposição de conteúdos.

A Amazônia está por um fio. Mas, como diz o Papa Francisco, "a sabedoria ancestral dos povos indígenas é memória viva de uma alternativa à cultura do descarte, por isso o diálogo proposto a partir de uma ecologia cultural enriquece os processos de evangelização". Valorizar a espiritualidade dos povos amazônicos pode ajudar a construir a interculturalidade e defender o que resta da floresta, que é tão rica e, ao mesmo tempo, tão frágil.



5. UM CAMINHO MINISTERIAL: CENTRO DE FORMAÇÃO MINISTERIAL INTER VICARIAL ACHUAR:

VICARIATOS APOSTÓLICOS DE YURIMAGUAS-PERU E MÉNDEZ-MACAS-ECUADOR

P. Diego Clavijo Illescas, sdb[5]

Introdução:

A experiência de inculturação e transculturação do Evangelho e da Igreja, levada a cabo pelo Pe. Luís Bolla, *Yánkuam' Jintia* (Luz do Caminho) desde 1971, com os Achuar do Equador e do Peru, permite-nos refletir sobre os ministérios instituídos e sua ação pastoral como encarnação do Evangelho em favor do povo Achuar, que vive na fronteira entre o Equador e o Peru.

Compartilhando com vocês esta experiência de formação ministerial com os Achuar, gostaria de alcançar um objetivo não tão abrangente, mas simples e significativo para ajudar a entender a utopia missionária, proveniente de um carisma particular do ESPÍRITO chamado encarnação, e para que se possa tornar fermento do BEM VIVER aos povos indígenas.

A fonte da vida espiritual dos povos indígenas está ameaçada por interesses poderosos e egoístas, bem como por um sistema, provindo "de fora", que se caracteriza pela desordem e desvalorização da vida, alheio à cultura indígena, que está cancelando a riqueza de sua identidade minoritária, reconhecidamente originadora de grandes valores humanos, espirituais, sociais, econômicos e culturais.

1. Identidade dos ministros instituídos

A cultura amazônica tem um contexto interno dinâmico, onde a identidade existencial de um povo consolida-se com uma evangelização encarnada para gerar uma autoestima original e existencial que leve a uma interação com outros povos.

A formação de ministros e diáconos instituídos permite-nos uma reflexão séria e satisfatória do patrimônio cultural dos antepassados em relação à situação

[5] Missionário em Kuyuntsa - Perú.

atual da família e do povo. Do diálogo harmônico entre o eu e o outro, entre a cultura e a fé, provêm a capacidade de superação do complexo, tantas vezes dominante, de inferioridade. A assimilação dessa síntese possibilita também a superação dos próprios medos, gerados pela insegurança em relação às próprias raízes de povo minoritário, desvalorizado, discriminado, usufruido e ignorado.

A força de uma evangelização encarnada do Evangelho nos povos nativos é capaz de cultivar constantemente uma inter-relação afetiva, grata e reconhecida nas famílias e comunidades que herdaram os valores espirituais das assim chamadas "sementes do verbo".

A formação ajuda na autoafirmação da identidade existencial propriamente amazônica e dos seus valores. Por isso, é urgente avaliar, conhecer e recuperar os seguintes aspectos:

- a **língua** nativa;
- a **cosmovisão** espiritual e os mitos originais;
- a **sabedoria** contida nas tradições e costumes ancestrais;
- **conhecimento** do ambiente, ambiente ecológico;
- o **relacionamento** interpessoal e intercultural do povo.

O espírito do homem, ao longo do tempo, a história e o seus contextos diversos geram dinamicamente valores e conhecimentos que identificam uma nova sociedade. Por isso, sempre se diz que toda cultura é patrimônio da humanidade, por sua riqueza espiritual, social e cultural.

A crise cultural produz a perda de valores naturais, o desprezo da língua e da cultura, não permite que um povo avance, renove-se. Em face à pressão negativa de uma sociedade globalizante e envolvente, o valor essencial do sistema cultural orgânico, com uma vida única e diversa, sucumbe.

Nessa realidade hegemônica, o fortalecimento de sua identidade, o amor de sua própria língua e de sua cultura, retomados pela mensagem da Boa Nova do Reino, permitirão ao povo ter acesso a um processo de interculturalidade evangelizadora correto.

2. Encarnação da fé e o clero nativo da Amazônia

A aceitação crítica e positiva da cultura descobre elementos próprios da espiritualidade indígena, tais como: contato com a natureza, com o sobrenatural, com a vida, com a morte e com a família. Este é um caminho de fé e cultura que precisa de continuidade e não de ruptura. O sentido profundo da existência de um povo está no espírito da cultura que sempre busca na transcendência respostas para as dificuldades da vida e, como povo, encontra em Deus um futuro promissor.

A vivência da Cultura indígena e da cultura de fé gera um processo de continuidade entre o "Deus de seus pais" e o Deus de Jesus Cristo, levando os crentes a encontrar sua verdadeira dignidade e a dar uma **resposta definitiva** de libertação e salvação junto à toda humanidade.

Os itinerários formativos de fé inculturados ajudam a descobrir a ação de Deus nas Sementes do Verbo; eles também encorajam os crentes a uma renovada leitura da ação de Deus através do Evangelho de Jesus Cristo na situação presente dos povos indígenas. A encarnação do evangelho gera não apenas uma nova sociedade, mas uma Igreja renovada, com seus próprios valores internos e adquiridos, inclusive, assumindo implicações políticas e sociais.

A semente da Palavra semeada no povo Achuar do Peru e do Equador fez nascer uma comunidade de fé em Jesus Cristo: a Boa Nova de Jesus encarnou-se harmoniosa e respeitosamente na cultura; deu à luz um diálogo sereno entre os mitos e os ritos ancestrais. Deste encontro, emerge uma síntese de vida pessoal e social de matriz cristã: a liturgia, os sacramentos, a proclamação do Evangelho, os sinais, os cânticos, os ritos espirituais. Mas acima de tudo, os caminhos do Discipulado Missionário Indígena, com a presença dos Ministros e Diáconos Permanentes Instituídos, dão-nos a conhecer que a Igreja Católica AUTÓCTONA está amadurecendo com formas e expressões originais, isto é, com um rosto amazônico que lhe é próprio.

A Igreja Católica indígena, através de um clero nativo amazônico, testemunha a Fé do Povo que encontrou um caminho de verdadeira santidade cristã para as crianças, os jovens e os povos ancestrais da Amazônia sul-americana. Portanto, acreditamos que é necessário que um Centro de Formação Ministerial oficialmente reconhecido possa preparar não só os leigos, mas também os sacerdotes, necessários à autogestão pastoral e sacramental da Igreja nesta parte da Amazônia.

3. Caminho ministerial do leigo Achuar até o diaconato permanente: História e realidade

A prática da Igreja e dos missionários para a formação das vocações locais não é recente. Esta estrada, aberta desde o Concílio Vaticano II, oferece várias possibilidades para o serviço ministerial com verdadeiras vocações nativas para a Igreja particular, especialmente em lugares de Missão *Ad Gentes* e *Inter Gentes*.

No Equador, a experiência de formação ministerial com os índios Shuar começa pouco antes de 1969 com a Escola Apostólica Missionária (EAM-Paute-A-zuay-Equador). E desde 1976, com o Centro de Formação Shuar "Wea Nekaptai", no cantão Sucúa, província de Morona Santiago-Equador.

O Padre Luís Bolla, sdb, tendo a experiência de formação ministerial dos Shuar, inicia a instrução de animadores da Palavra, entre eles conhecidos como *Etserin* (comunicador), na comunidade Achuar de Wichimi - Equador, no ano de 1971. Depois de um período de formação e prática pastoral foram instituídos como Ministros da Palavra, *ETSERKARTIN* entre os Achuar do Norte. Já entre os Achuar do Sul, no Peru, os ministros foram instituídos apenas depois de 1984.

Posteriormente, um programa mais completo e organizado foi desenvolvido a partir da experiência inicial com a participação do P. Domingos Bottasso, sdb. O itinerário de formação e os materiais pastorais no Norte e no Sul do território Achuar são os mesmos, assim como os textos de estudo inculturados (entre eles Teologia, Liturgia, Pastoral, Dogmática, História da Igreja, etc.), escritos em língua indígena. Assim, hoje temos os seguintes cursos:

- ETSERKARTIN – MINISTRO DA PALAVRA: 5 cursos. O candidato participa das reuniões pastorais e, depois de um tempo de participação e maturação de sua fé, recebe o ministério.
- AYURKARTIN – MINISTRO DA EUCARISTIA: 3 cursos. O candidato exercita a prática pastoral por meio de visitas às comunidades. Depois desse período de avaliação, é instituido ministro da eucaristia.
- JIIKRATIN – EXORCISTA 3 cursos. O candidato exercita a prática pastoral por meio de visitas às comunidades. Depois desse período de avaliação, é instituido exorcista.



Formação de ministros Shuar e Achuar.

- IMIIAKRATIN – DIÁCONO PERMANENTE: 5 cursos formativos. O candidato fas visitas às comunidades designadas a fim de exercitar-se no zelo pastoral. Depois desse período de avaliação, é ordenado o DIÁCONO PERMANENTE.

Deve-se notar que muitos dos atuais Ministros Instituídos e Ordenados começaram há mais de trinta anos. Durante esse período receberam formação regular, amadureceram sua fé, iniciaram a pastoral visitando outras comunidades e as suas próprias, exercitando-se em uma ação missionária direta. Observa-se neles um alto grau de perseverança, tanto que atualmente servem à Igreja com grande entusiasmo, apesar de encontrar dificuldades em suas famílias e comunidades.

E, como conclusão desse processo, no Congresso binacional de Animadores Cristãos Achuar, em novembro de 2016, foi estabelecida a criação do "CENTRO BINACIONAL DE FORMAÇÃO MINISTERIAL ACHUAR", na sede da Missão Salesiana de Wasakentsa- Equador, tendo como sub-sede a comunidade Achuar Yankuntichi -Peru.

Contam entre os agentes pastorais Achuar homens solteiros e casados, muitos deles instituídos como *Etserkartin*, *Ayurkartin*, catequistas, respectivamente, além de cinco diáconos permanentes que trabalham ativamente em suas comunidades. Portanto, pensa-se que aqueles que se sentem chamados devam ter uma forte espiritualidade, identidade cristã e cultural, bem como estar dispostos a enfrentar as tarefas e renúncias que esta vocação lhes pede no exercício ministerial.

Por todo o exposto, podemos concluir que o Centro Ministerial oferece uma formação precípua aos Ministros eclesiais instituídos. Pode-se falar inclusive de formação permanente e de atualização teológica dos diáconos permanentes. O seminário é organizado pelos missionários que trabalham diretamente neste território eclesial.

A formação do grupo dos CATEQUISTAS, dedicados à formação cristã específica de crianças de 5 a 10 anos começou há pouco tempo. Este processo de acompanhamento das crianças visa ensinar os elementos básicos da fé cristã a partir da cultura Achuar e do Evangelho, ensinar as orações de um bom cristão, os cantos e a liturgia Achuar. De tal maneira que o iniciado ao conhecimento da Fé em Cristo Jesus possa crescer com valores e princípios cristãos, que testemunhem a unidade da fé e da vida em suas casas e comunidades.

4. Perfil e valores dos que desejam preparar-se no centro de formação ministerial

No Congresso Achuar de Animadores Cristãos realizado junto com os missionários da comunidade Achuar dos Churus, do dia 7 ao dia 9 de novembro de 2016, foi decidido institucionalizar esta experiência de formação ministerial indígena com os seguintes critérios iniciais.

a. Podem iniciar a formação ministerial os seguintes candidatos:

- aqueles que frequentemente ouvem a Palavra de Deus;
- aqueles que são batizados e ou receberam outros sacramentos;
- os catequistas, animadores da Palavra e aqueles que desejam aprofundar sua fé e servir sua comunidade eclesial;
- o candidato que pede o reconhecimento de sua atividade pastoral junto à comunidade cristã;

Diácono permanente achuar, Guido Etsaa.



- aqueles que se oferecem livremente a Deus e acreditam Nele e se comprometem a deixar atitudes negativas;
- aquele que entende ter sido chamado por Deus;
- quem é capaz de conhecer o projeto de Deus;
- quem demostra viver sua fé cristã;
- quem pede e acolhe frequentemente a força de Deus através dos Sacramentos;
- os jovens adultos casados que se sentem chamados a servir sua igreja local;
- quem se comprometeu em ajudar seus animadores locais;
- aqueles que participaram dos encontros pastorais de animadores e ministros instituídos.

b. As qualidades dos ministros instituídos e diáconos permanentes:

- caridade com os necessitados;
- respeito às pessoas: homens e mulheres;
- obediência às autoridades e à Palavra de Deus: serenidade, honestidade, proatividade, respeito, compreensão, desapego material;
- capacidade de superação das tentações;

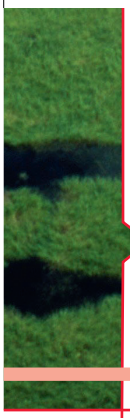
- não propensão ao mal;
- capacidade de controlar-se dianta da tentação da difamação e da crítica negativa aos outros;
- veracidade;
- responsabilidade;
- solidariedade;
- sinceridade;
- capacidade de autodóminio em relação ao álcool;
- generosidade;
- vida ilibada e isenta de ações criminais;

c. Algumas diretrizes para os ministros instituídos:

- Os Ministros da Palavra, Eucaristia e Diáconos Permanentes, quando se sentem oprimidos, com sofrimentos, preocupados, num sentido cristão, jejuam por dois dias e vão à selva para fazer o ritual do tabaco e/ou da ayahuasca.
- A Celebração da Palavra de Deus será celebrada duas vezes por semana em todas as comunidades (sábado e domingo), e aqueles que sentem a maior força espiritual podem fazê-lo três vezes por semana, incluindo a sexta-feira.
- Os ministros instituídos serão aconselhados pelos diáconos permanentes, ou também pelos próprios sacerdotes; e no caso de descumprimento de suas responsabilidades, jejuarão por dois dias para tomar tabaco ou ayahuasca.
- Os ministros e diáconos permanentes instituídos não aceitarão nenhum cargo político de alto nível da comunidade ou federação.
- Chefe do Seminário Achuar: P. Domingo Bottasso, sdb.
- Os professores desta etapa de formação são os seguintes: Diácono Guido Etsaa; Diácono Puanch Mukuink Titia ; P. Domingo Bottasso, sdb; P. Agustinos Togo, sdb; Padre Diego Clavijo, sdb.

Conclusão

A presença do Messias, Jesus Cristo, o Senhor Ressuscitado nos povos da Amazônia é muito mais visível. Ele ficou conosco para sempre. Os povos originários já são o corpo de Cristo, membros da sua família espiritual, de sua Igreja universal. Por esta razão, estamos comprometidos a viver, caminhar e trabalhar, plantando a Boa Nova para tornar realidade o sonho esperançoso do "Reino de Justiça e Paz" entre os povos da Selva da América Latina.



6. A ESCUTA DAS JUVENTUDES DA AMAZONÍA

Documento de las Juventudes Amazónicas REPAM
(Manaus - Brasil)

Documento: O presente e o futuro do jovem amazônico. Escuta das Juventudes da Amazônia *(Manaus - 09/09/2018)*

Nós, jovens da Amazônia brasileira, reunidos e reunidas em Manaus entre os dias 07 a 09 de setembro de 2018, na escuta para o sínodo da Amazônia, que será realizado em outubro de 2019, afirmamos que essa experiência de escuta da Igreja da Amazônia, com o olhar a partir do nosso chão, é um momento único na nossa história.

Somos jovens indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas, habitantes da zona rural e urbana de nossas cidades, moradores das periferias, das fronteiras. Expressamos nossa fé, nossa cultura, nossa espiritualidade, nossa crença das formas mais plurais e diversas, seja no toque dos atabaques, no som dos maracás, no batuque dos tambores, na melodia do violão, na batida dos nossos pés e na expressão dos nossos corpos. Com olhar amoroso, cuidadoso e esperançoso com a criação, afirmamos que é possível trilhar novos caminhos para a Igreja a partir de uma conversão ecológica.

Nós, jovens, somos afetados diretamente pelas ameaças que dia a dia excluem, matam, degradam e cerceiam a vida dos povos. Os grandes projetos, como a construção de hidroelétricas, a exploração do minério, as indústrias, os garimpos, contaminam nossos rios, invadem nossos territórios e nos condenam a uma vida sem qualidade e plenitude, atestando a ausência de políticas públicas e de adequada regulação do Estado. O livre acesso nas fronteiras ameaçam a vida das mulheres, crianças e adolescentes que são explorados, abusados, traficados e prostituídos para atender uma lógica que transforma as pessoas em mercadorias.

O narcotráfico, o extermínio dos jovens nas cidades, os problemas relacionados à saúde mental e suicídio são ameaças em nossa realidade particular. A desvalorização e banalização dos elementos da cultura indígena, a falta de agilidade nos processos de demarcação dos territórios, o infanticídio causado pelo avanço do agronegócio, a imposição fundamentalista da religião cristã

representam graves problemáticas à vida dos povos indígenas, a quem devemos ter um olhar especial durante este Sínodo.

Unindo as vozes de todas as juventudes organizadas na Amazônia e, por meio do trabalho que a Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM propõe, sonhamos com os novos caminhos que a Igreja trilhará, sobretudo um caminho de vida plena e garantia de direitos das e para as juventudes.

É urgente que a Igreja reconheça, valorize, apoie e fortaleça a participação das juventudes, levando em conta a pluralidade quanto às formas de identidade e campos de atuação, assumindo de forma afetiva e efetiva as diretrizes presentes nos documentos já construídos pela própria Igreja (Concílio Vaticano II, Civilização do Amor – CELAM, Doc. 85 – CNBB, Doc. De Aparecida, Sínodo da Juventude).

Reafirmamos que é importante para a Igreja aprofundar a consciência amazônica na linha da Ecologia Integral, das questões socioambientais, da Espiritualidade Ecológica e da justiça Inter geracional, de forma especial, nos processos que tocam a vida das juventudes. Para uma Igreja com rosto amazônico, é importante a abertura de novos ministérios, principalmente levando em conta a presença da mulher e dando voz ativa a elas nos espaços decisórios.

Juventudes da Amazônia brasileira, em sintonia com toda a juventude dos países amazônicos, queremos uma Igreja inculturada, que respeite a diversidade das juventudes dos povos amazônicos, que resistem e assumem as lutas nos diferentes espaços em que estão inseridos. Pedimos, à hierarquia eclesial e a todo o povo de Deus, coragem para responder aos desafios do nosso século e que possam acreditar na beleza da novidade que a juventude traz.

É preciso o mesmo carinho e cuidado que o Papa Francisco traz ao se dirigir à juventude como "profetas da esperança". O pontificado de Francisco lança sopros de alegria e novidade no seio da Igreja no processo de escuta do Sínodo da Juventude e Sínodo para a Amazônia. Confirmamos o nosso apoio e estamos ao lado daquele que faz opção por uma "Igreja pobre e para os pobres".



Jovens da Pastoral Juvenil Shuar – Equador.

Sonhamos uma Igreja na qual as juventudes sejam protagonistas e que as mulheres tenham voz e vez; uma Igreja que promova e defenda a vida em todos os âmbitos, sem

Menino Tucano.



medo de assumir e atuar na opção preferencial pelos pobres, a luta dos povos indígenas, comunidades tradicionais, urbanas, migrantes e, finalmente, todos os jovens da Amazônia; uma Igreja menos clerical, em que os leigos e leigas, especialmente as juventudes, se apropriem, sejam protagonistas na ação pastoral e tenham apoio na capacitação técnica para sua atuação, dentro e fora dos espaços eclesiais.

Rememos ligeiro, façamos puxirum. Com as canoas da paz e as cuias do amor, seguimos no chão da Amazônia acreditando nessa Igreja em saída, que tem cheiro do povo e da floresta, que se coloca em atitude de escuta, fazendo história e lutando pela vida das juventudes.

Na certeza da construção de uma cultura de paz, no chão da Amazônia, assinam:

Juventudes indígenas da Amazônia; Pastoral da Juventude dos regionais Norte 1, Norte 2, Norte 3, Noroeste, Nordeste 5; Missão Jovens Sarados – Manaus/AM; Irmãos e Leigos/as Maristas, Irmãos das Escolas Cristãs - La Salle; Juventudes Salesianas; Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental/SARES; Sociedades das Missões Estrangeiras; Movimento dos Focolares; Juventude Missionária Redentorista/JUMIRE; Pastoral Universitária; Pastoral Juvenil – CNBB; Fé e Alegria; Juventude Missionária e COMIRE – Norte 2, Setores Diocesanos das Juventudes unidos pela REPAM Juventudes.

AMAZÔNIA
SALESIANA

3.

TESTEMUNHOS DE SANTIDADE COM OS POVOS AMAZÔNICOS

UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA
SALESIANA

ROMA
OUTUBRO 2016 e 2018

1. INTRODUÇÃO

P. Martín Lasarte, sdb,
Dicasterio para las Misiones (Roma)

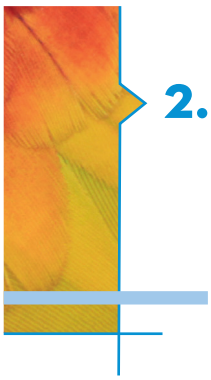
A terceira parte do livro reúne algumas das conferências de dois seminários distintos, realizados na Universidade Pontifícia Salesiana. Os destinatários eram os missionários, que realizavam um curso de formação permanente, em Roma. A participação, todavia, foi aberta ao público. Propomo-nos, neste ponto, a discorrer sobre duas figuras emblemáticas para a missão salesiana na Amazônia.

A primeira delas é a do **Pe. Rodolfo Lunkenbein**, **sdb**, que juntamente com seu colaborador, **Simão Bororo**, morreu mártir, em defesa das Terras Indígenas. Apresentamos três conferências: a primeira, composta por Georg Lachnitt, amigo e compatriota do P. Rodolfo, visa partilhar o tema da "Evangelização, promoção humana e martírio", narrando, em detalhes, a história e o contexto do martírio; a segunda, escrita por Juan Bottasso, explicita o contexto social e eclesial dos eventos que levaram ao martírio de Pe. Rodolfo e de Simão Bororo. Finalmente, a terceira conferência, redigida pelo Pe. Luigi Cameroni, Postulador Geral dos Salesianos para a Causa dos Santos, apresenta-nos o semblante desses dois mártires, dos quais foi oficialmente aberta a causa do martírio. A segunda figura emblemática, que nos acompanha na reflexão sinodal, é a do Pe. Luís Bolla, a quem dedicamos o seminário de outubro de 2016, organizado entre o Dicastério das Missões e o Instituto de Teologia Dogmática da Faculdade de Teologia, UPS. Pe. Bolla dedicou a sua vida aos irmãos Achuar, com quem viveu durante 40 anos, entre o Equador e o Peru. Duas conferências são oferecidas: uma, de Juan Bottasso, que conheceu bem o nosso missionário outra, do prof. Aldo Giraudo, sdb, que faz uma leitura espiritual das experiências do **Pe. Bolla**, denominado 'Yánkuam' (estrela da manhã).

Estas duas figuras de missionários salesianos são muito mais do que biografias edificantes. Ambos tocam nos pontos nevrálgicos da missiologia. A relação entre promoção humana e evangelização; e a relação entre cultura e evangelização. Estes são assuntos muito atuais. Por um lado, P. Rodolfo lembra-nos o tema da defesa das Terras Indígenas, hoje mais do que nunca ameaçadas. Juntamente com esta realidade está o compromisso eclesial pela defesa da dignidade humana dos diversos povos indígenas, a salvaguarda não só das terras de interesse dos indígenas, mas também de toda a humanidade, que deve ser ecologicamente defendida e preservada. Por outro lado, o exemplo de Pe. Bolla convida-nos a refletir sobre um tema de enorme atualidade: o encontro das culturas, a interculturalidade. Em

um contexto globalizado, onde não só as florestas e as espécies de animais são extintas, as línguas e culturas ancestrais também desaparecem, constituindo-se em uma verdadeira tragédia, tornando a humanidade mais pobre e uniforme.

Essas testemunhas não podem ser consideradas meramente ativistas sociais ou antropólogos. Notadamente, também o eram, em certa medida; porém eram, sobretudo, cristãos, sacerdotes, missionários e Salesianos, que viveram com intensidade a sua vocação e a sua dedicação a Deus e aos povos amazônicos. Essa motivação nos ajuda a uma leitura muito mais profunda e rica de suas experiências na Amazônia.



2. EVANGELIZAÇÃO, PROMOÇÃO HUMANA E MARTÍRIO

Pe. George Lachnitt, sdb[1]

O bispo da diocese de Cuiabá, dom Carlos D'Amour, quando dom Bosco ainda era vivo, enviou a este último um pedido de missionários salesianos para atender às populações indígenas e promover escolas profissionais em sua diocese.

[1] Doutor em Liturgia com experiência na inculturação litúrgica entre os Xavantes, Mato Grosso. Pesquisador da Universidade Dom Bosco de Campo Grande, Brasil. Bibliografia: Ferreira da Silva A., *Cronistoria o Diario di Monsignor Luigi Lasagna (3-1893 – 11-1895)*, (= Piccola Biblioteca dell'Istituto Storico Salesiano, 10), LAS (Roma 1989). Ferreira da Silva A., *Unità nella Diversità, Le visite di Mons. Cagliero in Brasile (1890 / 1896)*, (= Piccola Biblioteca dell'Istituto Storico Salesiano, 6), LAS (Roma 1990). Ferreira da Silva A., *La Missione fra gli Indigeni Del Mato Grosso (1892 – 1909)*, (= Piccola Biblioteca dell'Istituto Storico Salesiano, 14), LAS (Roma 1993). Ferreira da Silva A., *La missione salesiana tra gli indigeni del Mato Grosso nelle lettere di Don Michele Rua (1892 – 1909)*, in Ricerche storiche Salesiane, 22 anno XII – N. 1 Gennaio--Giulio, LAS (Roma 1993) 39-64. Castilho M.A., *A primeira Experiência de Educação Indígena Salesiana no Brasil: Encontros e Confrontos para a Sobrevivência dos Bororo na Região dos Tachos*; em Motto F. (a cura di) *L´Opera Salesiana dal 1880 al 1922 – Significatività e portata sociale*, vol. III, Esperienze particolare in America Latina, LAS (Roma 2000) 231-255. Bordignon M., *Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716- 1986*, MSMT - CIMI-MT (Campo Grande 1986). Motto F., *Fonti per lo Studio della figura e dell´opera di Don Michele Rua*, in Ricerche Storiche Salesiane, 22 anno XXVIII – N. 1 (53), LAS (Roma 2009)15-177. Cojazzi D.A. (Note autobiografiche e testimonianze raccolte da), *Don Balzola fra gli Indi del Brasile – Matto Grosso*, Crônica de Meruri *de 16 de dezembro de 1901 a 14 de dezembro de 1914*, SEI (Torino 1932).

Tal pedido, no entanto, só foi atendido quando padre Miguel Rua se tornou sucessor de dom Bosco. Naquela mesma época, no dia 12 de março de 1893, em Roma, dom Lasagna fora ordenado bispo com o título de *"bispo dos índios do Uruguai, Paraguai e do Brasil"*. Uma nomeação única e nunca mais repetida. Depois de sua ordenação, o neo-bispo voltou à América acompanhado de 35 Salesianos e, no dia 6 de junho de 1894, partiu em direção à Cuiabá, juntamente com outros missionários, a saber, padre Antônio Malán, padre João Balzola e padre Giuseppe Solari. Foram recebidos solenemente pelas autoridades e pelo povo no dia 18 de junho de 1894. Dom Lasagna logo fez o contato com as autoridades do governo para iniciar as missões entre os índios.

1. Primeira experiência na Colônia Teresa Cristina

A Colônia Teresa Cristina, atendendo às ordens do governo do Mato Grosso, foi fundada em 1886 pelos militares com a finalidade de manter a paz entre os bororos, depois de quase 100 anos de guerras. Contava com a presença de uns 50 militares, além de um grupo de não indígenas. Os bororos foram aí isolados por dois motivos: o primeiro, era o de manter a incolumidade do grupo indígena; o segundo, provinha do receio que se iniciasse uma nova guerra. Um acordo de paz foi estipulado, o que deu um termo ao longo conflito. O pacto previa como condição de paz a devolução de algumas mulheres indígenas raptadas anteriormente.

Nesse contexto, em 1895, o governo, após reiterados apelos à Igreja para a "catequização dos índios" (terminologia civil do poder governativo usada no sentido de pacificar), autorizou a presença dos missionários salesianos e missionárias salesianas. Padre Balzola foi, então, nomeado diretor e, ao mesmo tempo, comandante supremo do destacamento militar – situação complicada aquela de um estrangeiro ser comandante de militares nacionalistas.

No dia 5 de junho de 1895, os missionários tomaram posse da missão Teresa Cristina entre os indígenas bororos. A missão era composta por uma aldeia e uma colônia militar.

O contato com os militares havia degradado a situação existencial dos bororos: uma imagem negativa de um mundo reconhecidamente cristão pela tradição do ato sacramental do batismo. Muitos esteriótipos foram fabricados a respeito dos bororos: *"preguiçosos e indolentes por natureza"*, *"não tem o costume de trabalhar"*. Tais preconceitos podem ser explicados pelo fato de que os índios eram prisioneiros na colônia.

Diante desse quadro de dominação por parte dos militares, os Salesianos, em um primeiro momento, tentaram educar os índios ao trabalho por meio do exemplo. Somente aos poucos foi possível derrubar, com a ajuda dos índios, um

pedaço de mata para começar a roça de modo que os índios pudessem viver do próprio trabalho.

Em 1898, padre Balzola viajou à Itália acompanhado de três bororos, os quais no dia 16 de outubro foram batizados no Santuário de N. S. Auxiliadora. O padrinho dos neófitos foi o reitor-mor dos Salesianos, padre Miguel Rua[2]. A ausência de padre Balzola fez-se notar na missão que viu crescer as tensões entre os Salesianos e os militares a tal ponto que naquele mesmo ano (1898) o Governo do Mato Grosso ordenou que os Salesianos fossem despejados dalí.

Quando voltou ao Brasil, padre Balzola viu-se obrigado a procurar um novo campo de missão entre os indígenas. Depois de ter visitado os índios Bakairi, ele acompanhou padre Malán até Araguaiana, onde juntos estudaram a possibilidade de fundar uma missão numa localidade chamada Tachos. Padre Balzola fez ainda outras visitas: aos Bororo, no rio São Lourenço, e aos Kayabi, no norte do Mato Grosso; chegando até a cidade de Coxim, limite do território Bororo[3]. Hoje a cidade Coxim está a 450 km de Cuiabá, por vias asfaltadas; àquele tempo ela era alcançada apenas por via fluvial, através de embarcações. Decidiu-se, enfim, fundar uma nova missão na região dos Tachos, assim chamada pelos tanques de água formados nas rochas arenosas que no tempo das chuvas enchem-se e nos de seca permanecem vazios.

2. Uma nova Missão nos Tachos: a Colônia do Sagrado Coração de Jesus

Um fruto da primeira experiência com os Bororo, em Teresa Cristina, que padre Balzola e seus companheiros levaram para a nova missão foi o conhecimento da língua e da cultura dos índios.

É de se notar que àquela época, por obra do Marechal Rondon, foram instaladas as linhas telegráficas por aquelas bandas. Elas passavam exatamente no lugar onde tinha sido instalada a nova missão e foram de proveito não apenas para o Brasil inteiro, mas também para os indígenas, pois suas terras foram definidas através dessas linhas; além do mais, o telégrafo facilitava a comunicação dos missionários.

A expedição em direção aos Tachos saiu de Cuiabá no dia 17 de dezembro de 1901. A viagem, feita no lombo de animais e longa 400 km, foi demorada e, além do mais, complicada em razão das monções. A comitiva chegou ao destino um mês e um dia depois da partida, exatamente no dia 18 de janeiro de 1902; em plena estação de chuvas... todos vestidos à moda europeia.

[2] Cf. Cojazzi A., *Don Balzola fra gli indi del Brasile – Matto Grosso*, SEI (Torino 1932) 68.

[3] Cf. Cojazzi A., *Don Balzola fra gli indi*, 75-78.

Naquele tempo, os "pacíficos" trabalhadores procuravam penetrar no território dos índios. Não era de se estranhar que dentres aqueles estivessem também os garimpeiros. Os bororos procuvam defender seu hábitat da invasão de tais elementos. Havia perdas e mortes para ambos os lados; permanentes guerras consumavam-se naquele território.

Os missionários recém-chegados não construíram sua residência em uma das aldeias dos bororos, mas na região onde eles viviam. Dessa feita, tiveram que esperar por meses para a realização de um primeiro encontro com um grupo de indígenas. O que se deu no dia 8 de agosto de 1902. O tempo de espera não foi tempo perdido, pois, nesse ínterim, os missionários e missionárias ocuparam-se intensamente com a construção dos ambientes para a nova missão.

Enquanto os missionários trabalhavam e esperavam, os bororos, por sua vez, os observavam e discutiam entre si como enfrentar os novos "intrusos" em seu território. Depois da chegada do primeiro grupo de bororos, que foi muito bem recebido, cada vez mais chegavam outros, fazendo crescer a tal ponto a aldeia que padre Rua mostrou-se maravilhado. A catequese era uma atividade permanente – "catequese" para as autoridades civis era o mesmo que 'pacificação dos indígenas'. Os missionários educavam os indígenas ao trabalho, pois todos queriam receber sua refeição diária na Missão. No entanto, o trabalho a que eram treinados os índios pelos missionários era a agricultura e a criação de animais em estilo europeu, obrigando os índios a abandonar seu estilo de vida nômade. Para os missionários a vida cristã não era compatível com a vida nômade.

3. Novas Frentes

Foram fundadas outras frentes missionárias, todas no mesmo estilo: com catequese e ensino de atividades agrícolas e de criação de animais. Assim, por exemplo, no dia 24 de maio de 1906, padre Malan abriu a Missão de Sangradouro como apoio para a missão entre os bororos dos Tachos. Sangradouro era uma fazenda comprada pelos Salesianos de um médico de Cuiabá.

Em 1908, padre Balzola levou a banda dos bororos ao Rio de Janeiro para uma exibição pública. Foi um sucesso! Certamente o sucesso deu-se pelo efeito exótico, principalmente para aqueles que consideravam os índios *"gente pela metade", "menos gente", "gente menos capaz", "selvagens"*. Na análise dos historiadores, a arte da música cultivada pelos indígenas era uma prova contundente para o Governo do Brasil, formado por intelectuais que consideravam os indígenas *humanos pela metade.* Infelizmente, três jovens indígenas morreram naquela visita ao Rio de Janeiro. Padre Malan encarregou-se de dar a triste notícia aos missionários nos Tachos.



Primeiro grupo de Bororo da Colônia do Sagrado Coração.

Em 1914, padre Balzola, por seu estilo missionário empenhado na catequese e na educação ao trabalho, foi transferido para o rio Negro com a obediência de abrir alí uma nova Missão, a pedido da Santa Sé. As condições climáticas no rio Negro (Amazônia) eram consideradas muito férreas, até mesmo desumanas. Todos deram alguma coisa para equipar o missionário, inclusive o neo-bispo dom Malan (à epoca nomeado bispo de Registro do Araguaia, hoje diocese de Guiratinga) e padre Aquino, futuro arcebispo de Cuiabá. No rio Negro, padre Balzola encontrou-se com monsenhor Giordano. Juntos organizaram o trabalho missionário nas imensidões do rio Negro, onde outras congregações já tinham desistido. Infelizmente, padre Balzola faleceu de malária, numa cabana de garimpeiros em Barcelos, no dia 17 de agosto de 1927.

4. Os Xavantes

Na primeira metade do século XIX, os Xavantes, fungindo dos *"campos de concentração"*, administrados pelos militares no Estado de Goiás, atravessaram o rio Araguaia, na altura de São Félix do Araguaia, estabelecendo-se à margem esquerda do rio das Mortes. Nos *"campos de concentração"* os índios sofriam com envenenamentos cruéis, agressões e abusos às mulheres. Parte daquele grupo em fuga não atravessou o rio Araguaia, pois no momento de sua traversia foi

avistado um boto, mamífero de caráter pacífico pertencente à família dos golfinhos, desconhecido aos índios. Desse modo, aquele grupo de xavantes seguiu em direção ao norte (nos dias de hoje essa região forma o estado do Tocantins): os Xerente.

O rio das Mortes tornou-se para os xavantes uma fronteira que era defendida com unhas e dentes pelos índios contra a invasão de quem quer que fosse. Assim, por exemplo, a equipe do sertanista Genésio Pimentel Barbosa, em meados de 1943, foi morta pelos indígenas por ter invadido suas terras. A mesma coisa acontecia aos índios quando precisavam, especialmente nos tempos de estiagem, atravessar o rio das Mortes para caçar e fazer outras conquistas: eram atacados pelos moradores "*pacíficos*". Pode-se encontrar uma série de aventuras desse tipo descritas em livros. Os xavantes eram o pavor dos bororos, pois quando apareciam em Merúri (Missão Bororo), roubavam os animais domésticos e os mantimentos. Esse era um dos maiores problemas com os quais tinham que conviver os missionários que se encontravam entre os bororos.

Foi então que os missionários padre João Fuchs, padre Pedro Sacilotti e coadjutor José Peregrino constituíram uma equipe com o objetivo de fazer uma aproximação aos xavantes de modo a catequizá-los e, assim, pacificá-los. Isto começou a ser organizado a partir dos anos 30, quando os missionários moravam em Araguaiana. Padre João Fuchs e padre Pedro Sacilotti, descendo de barco o rio Araguaia e subindo o rio das Mortes, no dia 1º de novembro de 1934, encontraram um grupo de jovens xavantes no lado esquerdo do barranco. Os missionários aproximaram-se com grande alegria, distribuindo presentes. Terminada a distribuição de donativos, compareceram os índios mais velhos que, por não terem sido agraciados com dons como os jovens, assassinaram os dois Salesianos a cacetadas. O coadjutor José Peregrino não estava naquela expedição porque tinha contraído leishmaniose, doença à época incurável, vindo a falecer no dia 21 de maio daquele mesmo ano.

A primeira tentativa de aproximação falhou, mas pouco tempo depois se organizou uma nova equipe composta pelo padre Hipólito Chovelon, pelo coadjutor Francisco Fernandes e pelo aspirante Pedro Lachat. Navegando o rio das Mortes, encontraram numa praia dois jovens xavantes que fugiram. No entanto, os missionários deixaram alguns presentes na praia, o que atraiu um grupo de mais ou menos 20 xavantes que, para levar os presentes, tiveram que deixar suas bordunas na praia. Era o dia 28 de outubro de 1937. A mesma experiência foi repetida nos anos seguintes, todavia não se conseguiu mais encontrar os xavantes. O motivo era que uma expedição, Bandeira Anhanguera, tinha passado por aquelas bandas dando tiros, fazendo com que os índios fugissem.

Apesar de que os Salesianos estivessem entre os primeiros que contataram os xavantes, o reconhecimento histórico desse feito não coube a eles.

Depois da morte de Genésio Pimentel Barbosa, em abril de 1946, o sertanista Francisco Meirelis com sua equipe conseguiu atrair um grupo de xavantes para o lado direito do rio das Mortes, onde tiveram um encontro amigável. Era o grupo da hoje TI Pimentel Barbosa. Este foi um encontro oficial com os Xavante ou, ao menos, com parte deles.

Os tempos passaram e na residência provisória de Santa Terezinha dos Salesianos, no lado direito do rio das Mortes, o Pe. Pedro Sbardellotto celebrou a missa de Natal de 1953 cercado de xavantes, pertencentes a um grupo diverso daquele outro.

O vento das mudanças fez com que o governo lançasse um programa de conquista do interior do país. Para isso, dentre tantas iniciativas, foi construída uma base aérea nas proximidades de onde hoje se encontra a cidade de Nova Xavantina. Daí decolavam voos pestíferos que, viajando à baixa altura, lançavam bombas e roupas infectadas! Os xavantes não conseguiam mais dedicar-se às suas atividades de caça, pesca e agricultura doméstica. Foram obrigados assim, as ininterruptas mudaças de assentamento. Viveram o drama da fome. Foi então que decidiram colocar-se sob os cuidados dos missionários que cuidavam já dos bororos. Na missão salesiana, seria-lhes garantida ao menos a alimentação. Um primeiro grupo chegou em Merúri no dia 4 de agosto de 1956. Os índios estavam totalmente tomados pelas sarnas. Foram acolhidos pelo padre Pedro Sbardellotto.

A convivência com os bororos tornava-se cada vez mais difícil. Decidiu-se, então, que os xavantes deveriam ser levados para uma nova residência a 15 km dalí: o Córrego Fundo, onde ficaram nove meses. 15 km de distância eram poucos para manter os índios xavantes distantes do Merúri. De fato, eles voltavam à missão todos os dias. Foi então que o Pe. Salvador Papa resolveu caminhar com eles até o lugar hoje chamado de São Marcos, onde chegaram no dia 25 de abril de 1958, que é a sede atual da Missão.

Um outro grupo chegou em Sangradouro no dia 24 de fevereiro de 1957, onde se estabeleceu. Ainda outro grupo foi recebido no PI Simões Lopes, posto avançado do SPI, junto aos Bacairi e ficaram alguns anos por lá.

Como as terras indígenas de Parabubu até o Culuene tinham sido ocupadas por grandes fazendeiros (latifundiários), o governo militar decretou que Sangradouro e São Marcos deveriam acolher todos os xavantes, deixando as terras do outro lado do rio das Mortes livres. Sendo assim, o mesmo governo por meio de um decreto demarcou a TI de Sangradouro no dia 14 de setembro de 1972 e a de São Marcos no dia 5 de setembro de 1975. Com a presença da Polícia Federal foram superados em breve tempo os conflitos. Os antigos donos daquelas terras foram indenizados.

5. Os Mártires de Merúri

A demarcação das TI de Sangradouro (1973) e de São Marcos (1975) não decorreram sem problemas. Em Sangradouro, um grupo de fazendeiros veio tirar satisfação com os Salesianos sobre a *"invasão"* de suas terras. Suas intenções talvez não fossem das melhores, mas enquanto se informava a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) via rádio pedindo para que viesse de Cuiabá, chegou rapidamente um grupo de xavantes armados com arco e flecha forçando os reclamantes a fugirem rapidamente. Tempos depois, um xavante de alta estatura enfrentou sozinho um grupo de 15 pistoleiros ameaçando-os com a sua borduna de modo que os jagunços acharam por bem retirar-se.

Em São Marcos, um grupo de 30 fazendeiros armados reuniu-se na casa da fazenda de Otacílio, um dos fazendeiros, para no dia seguinte assaltar a Missão. Pressentindo a cilada, os missionários estrangeiros (italianos) solicitaram proteção à Polícia Federal de Cuiabá por meio do Consulado Italiano. Um pequeno destacamento da Polícia Federal, ainda de madrugada, fez um cerco à fazenda de Otacílio apreendendo as armas dos invasores e levando-os presos para a cidade de Barra do Garças. Assim, o massacre de missionários e xavantes foi evitado.

Quando, em 1976, começou a demarcação da TI de Merúri, aos olhos das autoridades tudo parecia estar em paz. Mas não era bem assim in loco. Já tinham acontecido vários confrontros entre fazendeiros e bororos, algumas vezes, acompanhados pelo padre Rodolfo Lunkenbein.

No dia 15 de julho, veio a Merúri um grupo de 70 pessoas, dos quais 30 eram provavelmente informados sobre o motivo daquela "visita". Padre Rodolfo, estando na roça com os bororos, foi chamado. Cumprimentou a todos e, já que reclamavam seus direitos sobre aquelas terras, foi ao escritório e anotou o nome de todos os que vieram para ajudá-los com os procedimentos legais – precioso documento. Estavam para ir embora quando começou o tiroteio e um dos pistoleiros mirou certeiro no padre. Simão Bororo, amigo e estreito colaborador de padre Rodolfo,



Simão Bororo e P. Rodolfo Lunkenbein, martiri di Meruri.

colocou-se à frente do sacerdote para protegê-lo acabando por ser atingido de maneira letal. Em seguida, descarregaram três tiros no padre Rodolfo, um dos quais (o terceiro dísparo) atingiu o coração.

Em vista do processo de beatificação dos dois mártires de Merúri, toda a história está sendo recapitulada.

Padre Rodolfo e Simão Bororo foram significativamente os primeiros de uma série de mártires, mortos pela defesa dos indígenas, dos abandonados, dos sem-terra... uma série de mártires que continua até hoje. Entre eles estão: o padre João Bosco Burnier, S.J., nascido no dia 12/6/1917 e assassinado no dia 12/10/1976, em Ribeirão Cascalheira Mato Grosso; o Ir. Vicente Cañas, S.J. nascido no dia 22/10/1939 e assassinado no dia 6/4/1987, em terras indígenas no Mato Grosso; e tantos outros. Os intimidadores e assassinos pensam que matando um religioso ou um líder indígena podem obter o silêncio e a conivência. O que na verdade não se verifica. Ao contrário, o sangue dos mártires anima tantos outros ao martírio pelo seu povo.

O padre Rodolfo não foi somente um defensor dos Bororos e de suas terras tradicionais, antes, ele foi um grande promotor da vida do Povo Bororo. Diante das pressões externas, que duraram décadas, os Bororo tinham decidido pelo seu próprio fim, evitando a geração filhos. Foi o padre Rodolfo, como grande animador, que motivou os bororos a não deixar morrer seu povo e a retomar o nascimento de crianças. Era um motivo de alegria para os bororos quando viam uma criança nos braços do missionário. Os bororos tornaram a ter orgulho de sua própria cultura e o número de seus componentes crescia sempre mais. Que grande alegria para um missionário poder contribuir para a subsistência e a vida de um povo!

6. Como trabalhar com os indígenas hoje

A finalidade principal do trabalhao missionário, desde os inícios, foi a evangelização tendo como meta de chegada a dispensação do Batismo e demais Sacramentos cristãos. Todavia, para se chegar a este escopo, teve-se que passar por um corolário indispensável: o nômade não pode viver a vida cristã. Desse modo, os índios foram obrigados a abandonar a vida nômade ou semi-nômade, já que, na concepção dos missionários daquele tempo, tal estilo de vida não era compatível com o estilo de vida cristã:

Para por em prática tal concepção, buscou-se atrair os indígenas a viverem um estilo de vida sedentário (em oposição ao estilo nômade), residindo na sede da missão juntamente com os missionários. Estes últimos eram responsáveis por garantir a proteção e a subsistência dos indígenas, ensinando-lhes um trabalho

e oferecendo-lhes alimentação diária, inclusive aos domingos. Assim, os índios *"aprenderiam"* a trabalhar de verdade, pois a caça, a pesca e a agricultura doméstica não eram consideradas um trabalho sério. As atividades de trabalho tradicionais dos indígenas vinham, dessa feita, desestimuladas. Fixados na missão, os índios deixavam a aldeia apenas no tempo da grande seca para caçar e pescar. Devemos citar aqui um agravante, um esteriótipo que sofriam os bororos: *"vivem sempre cansados e preguiçosos"* – isso não acontecia com os xavantes, considerados ferozes, mas obedientes ao diretor, trabalhavam regularmente para garantir uma alimentação diária.

Os missionários, além do mais, proibiram expressamente os bororos, desde o início da Missão, de celebrar o funeral tradicional, essencial no conjunto da cultura juntamente com os ritos de iniciação. Todavia, os bororos não desistiram! Por um lado, faziam como mandavam os missionários: o funeral cristão com o sepultamento no cemitério. Por outro, clandestinamente, continuaram a realizar o funeral tradicional de noite, longe dos olhos dos missionários. Eis porque durante o dia estavam sempre cansados! De qualquer forma, o trabalho com os Bororo foi muito mais tortuoso.

Após o Concílio Vaticano II, em 1972, foi fundado o CIMI (Conselho Indigenista Missionário, órgão da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para a formação dos missionários.

Os Jesuítas do Mato Grosso, constatando o impasse criado com a cultura indígena, abandonaram as suas Missões. Os Salesianos, ao invés, decidiram adaptar progressivamente a atividade missionária, em consonância com o Concílio. Depois da demarcação de suas terras, entre os anos 70 e 80, os indígenas voltaram a ocupar seus territórios e a praticar atividades produtivas tradicionais. Também os missionários foram obrigados a mudar seu estilo de missão. Se antes o trabalho manual era indispensável para o próprio sustento, agora com as aposentadorias e os salários, pagos pela FUNAI e, atualemente, pela SESAI (Secretariado Especial da Saúde Indígena), como professores e servidores das escolas, começou a circular algum dinheiro e o modelo de trabalho com o qual os missionários eram habituados tornou-se obsoleto. Eis a nova situação!

Num primeiro momento, se estamos bem atentos, os indígenas xavantes procuraram os missionários para garantir a própria sobrevivência. Agora, com esse novo quadro de bem-estar, a subsistência é-lhes garantida... os índios, com isso, tiveram a possibilidade de voltar às suas práticas rituais com seu amplo sistema de iniciações de longas etapas. De início, isso não agradou muito aos missionários.

Hoje, porém, os missionários valorizam e apreciam os ritos indígenas; participam também dos rituais, sempre que são convidados. O anúncio de Jesus Cristo é feito a partir da vivência cultural. O Evangelho, longe de ser uma prática

imitativa dos brancos, é assumido na cultura indígena como força e vigor para toda a vida. O mesmo processo, aliás, já tinha sido iniciado com os Bororo nos tempos do padre Rodolfo.

A presença dos missionários é fundamental para os índios que não permitem que a FUNAI os retire, ainda que aqueles habitem em terras indígenas. Uma pergunta que deveríamos fazer hoje é a seguinte: qual é a missão dos missionários hoje, uma vez que os serviços básicos como saúde e educação são garantidos pelos órgãos de competência, SESAI, prefeituras e Estado?

A nossa missão é entendida como educação e evangelização dos povos indígenas. Não nos comprometemos mais na atuação da assistência social. Além do mais, a prática da catequese e evangelização eram direcionadas aos indígenas que viviam em nossas missões. Atualmente os xavantes já possuem mais de 300 aldeias espalhadas pelo território do Mato Grosso. O desafio é encontrar um novo método de trabalho que nos garanta a presença evangelizadora em meio ao povo. Somos poucos e as aldeias são muitas.

Portanto, a nossa missão hoje é formar agentes pastorais indígenas: capazes de garantir às comunidades, na ausência dos missionários, a *Celebração da Palavra*, ao menos com frequência dominical; aptos a promover a iniciação cristã proposta pelo RICA (Rito de Iniciação Cristiana dos Adultos), método amplamente assumido pelos xavantes. Isto requer uma formação catequética que prepare ao Batismo, à Eucaristia e à Crisma. Eis aí a nossa missão hoje.

7. Uma reflexão mais sistematizada

Propomos aqui uma reflexão mais sistemática do trabalho missionário pioneiro junto aos Bororo.

A evangelização

a. Catequese e Sacramentos. O grande objetivo do trabalho missionário era batizar os indígenas. O Batismo, no entanto, não era administrado sem uma condição prévia: a garantia de que eles viveriam como cristãos. A compreensão da vida cristã por parte dos índios, às vezes, era confundida com a *"vida civilizada"*, isto é, eles entendiam a vida cristã como viver em assentamentos regulares não praticando o nomadismo. Aos olhos externos, os missionários faziam um precioso trabalho de *Catequese*, entendida como pacificação dos índios.

Desde os tempos da missão Teresa Cristina, o trabalho missionário era entendido como um serviço propriamente paroquial. A prática missionária em si era de caráter paroquial. Basta olhar os livros de registros dos batismos para se ter uma ideia. Tudo era anotado.

b. Visão ampla de evangelização. Padre Miguel Rua em uma de suas intervenções escreve aos Salesianos mostrando que a evangelização inclui várias outras dimensões: *instruir os selvagens nas verdades da nossa santa fé, habituá-los aos poucos ao trabalho, fazê-los apreciar a vida estável em uma aldeia, fazê-los bons cristãos com o batismo, a crisma e com os demais sacramentos*[4]. E, para isso, serviam as anotações nos devidos livros de registro.

Ser cristão, segundo padre Rua, exigia o abandono da vida nômade. O nomadismo, porém, era para os índios a única garantia de sustento. Abandonar o nomadismo significava também ter que encontrar um novo modo de subsistência. O que, na visão europeia, aconteceria por meio do implemento da agricultura e da criação de animais.

Não podemos deixar de considerar que para os indígenas o trabalho sempre foi uma exigência precípua: afinal, a caça, a coleta e a pesca eram trabalhos específicos dos índios, nos quais eram peritos. Portanto, eles eram sim trabalhadores, mas não à maneira europeia. Ainda hoje, um século depois, essa mudança continua sendo desafiadora para os índios. A metodologia para obter estes resultados, por sorte, não era impositiva: procurava-se atraí-los com a simpatia, a mansidão e a persuasão.

c. O funeral

O funeral Bororo é um ponto bastante polêmico da ação missionária dos salesianos junto aos bororos. Já na missão Teresa Cristina o padre Balzola tinha contrastado tal prática, que descreveu detalhadamente em todos os seus aspectos[5].

Em resumo, o funeral tradicional bororo dá-se deste modo: após o falecimento, o defunto é sepultado no centro da aldeia, na frente do Baito (Casa ritual), numa cova rasa, coberta de palha. Durante dois ou três meses – Balzola fala em 20 dias - são realizados rituais ao redor da sepultura provisória (Grande parte dos rituais de iniciação bororos fazem parte do conjunto de ritos funerais). Em seguida, os ossos são limpos e enfeitados com penas, ao rítimo de cantos, para num momento posterior serem colocados em uma cesta de vime, depositada finalmente em um sepulcro definitivo. Pode-se afirmar que o funeral Bororo é o centro e o esteio da vida cultural daquele povo em todas as suas dimensões.

Padre Miguel Rua posicionou-se em dois sentidos. De um lado, diz que a cultura deve ser respeitada[6]. De outro, propõe uma nova prática aconselhando *"os missionários de aos poucos ensinar o belo costume de sepultar os mortos em um*

[4] Ferreira A., *La missione salesiana tra gli indigeni del Mato Grosso nelle lettere di Don Michele Rua (1892 – 1909)*, in Ricerche storiche Salesiane, 22 anno XII – N. 1 Gennaio-Giulio, LAS (Roma 1993) 53.

[5] Cf. Cojazzi, *Don Balzola*, 36-37.

[6] Cf. Cojazzi, *Don Balzola*, 120, na carta de 31-12-1903; em Ferreira A., *La missione tra gli indigeni*, 80.

cemitério". À distância, padre Miguel Rua confirma uma prática já introduzida por Balzola: substituir o funeral bororo pelo cristão.

A história revela-nos que tal intervenção não surtiu muito efeito. Os Bororos continuaram a realizar seus funerais clandestinamente, de noite, enquanto, de dia, participavam piedosamente do sepultamento cristão.

A questão de civilizar os índios

Depois da experiência na colônia Teresa Cristina de instalar a missão numa aldeia já constituída, os Salesianos iniciaram uma nova prática: construir a residência missionária perto (e não dentro) da aldeia dos índios e, posteriormente, convidá-los a residir na missão. É o que vemos acontecer nos Tachos. Naturalmente, como se pode ver na vinda dos primeiros bororo aos Tachos, os indígenas esperavam vantagens ou atrativos para residir junto aos missionários[7]. Padre Balzola, por exemplo, aos primeiros bororos que se aproximaram das missões nos Tachos, prometeu fartura de comida na missão, sem dizer, todavia, que os indígenas deveriam participar com o trabalho nas atividades produtivas. Ao despedir-se dos primeiros visitantes, o missionário os presenteou com donativos insistindo para que voltassem trazendo outros, o que se deu no dia 15 de junho de 1903.

A vida na missão, naturalmente, diferente da vida na aldeia, tinha como carro-chefe o trabalho produtivo, que se tornava sempre mais problemático com a vinda de sempre mais adeptos. Padre Miguel Rua aconselhou que o número de novos habitantes da missão fosse aumentado gradativamente, mas o entusiasmo dos missionários em receber novos grupos tornava-se cada vez maior[8]. A vida ali era muito dinâmica e cheia de anedotas. Por exemplo, certa vez, quando Balzola saiu em viagem pela primeira vez, depois de meses de estadia nos Tachos, em busca de apoio, os bororos, aproivetando de sua ausência, desapareceram. Tinham ido caçar, pescar e colher frutas na floresta (prática tradicional para prover o necessário para a vida). Os outros missionários ficaram preocupados que o diretor, quando voltasse, encontrasse a missão vazia. Todavia, os índios voltaram. Chegaram pontualmente à missão um dia antes do diretor. Que bom! Até o padre Rua tinha ficado preocupado com a "fuga" dos índios[9].

As visões culturais que guiaram os Salesianos missionários da primeira hora estavam em consonância com seu tempo. No caso do Brasil do século XX, podemos afirmar que o contexto cultural positivista dominava a *inteligentia* nacional, isto é, os militares, os missionários e os intelectuais. Só para ser ter uma ideia, o uso do termo "selvagem" em referência aos índios era mais que comum. Ideia

[7] Cf. Cojazzi, *Don Balzola*, 110.

[8] Cf. Ferreira A., *La missione fra gli Indigeni*, 82; carta de 16.3.1904.

[9] Cf. Cojazzi, *Don Balzola*, 141.

esta que provinha de August Compte para o qual a cultura passa por estágios, de "selvagem" à "civilizada". Não podemos negar, porém, que os missionários possuíam também outros parâmetros de civilização, notadamente aqueles do Oratório de Valdocco: *Estudo, trabalho, oração e catequese.*

A presença dos Salesianos foi fundamental para a sobrevivência dos indígenas. Os missionários eram muito conscientes da onda invasora de colonos que dalí a pouco iria aumentar. A continuidade dos bororos dependeu muito da capacidade dos missionários em reuni-los, protegê-los e *"civilizá-los"*, fazendo-os abandonar a vida nômade.

Infelizmente, a história provou que os Salesianos estavam certos. Muitas aldeias desapareceram com a vinda dos colonos. A convivência destes últimos com os índios contribuiu para dizimação de muitos indígenas. Foi o que aconteceu, por exemplo, nas cidades de Poxoréu, de Guiratinga, de Torixoreo e de Rondonópolis. Em Merúri e em Sangradouro, foram construídas duas ruas com quadras para alocarem os não indígenas. Sonhava-se que, à luz do Evangelho, a convivência pacífica fosse possível. A história, no entanto, mostrou o contrário.

8. Salesianos e Salesianas fazem juntos o trabalho missionário

As missões salesianas do Mato Grosso, desde o início, foram concebidas como uma atividade da Família Salesiana: Salesianos, Salesianas, noviços, colaboradores e colaboradoras. Mesmo após a separação canônica das irmãs salesianas, em 1906, nada mudou nesse quadro. A figura do diretor era central, de máxima importância para garantia de unidade. O mesmo estilo de trabalho missionário persiste até os nossos tempos. Naturalmente, cada grupo tinha seus destinatários específicos: os Salesianos cuidavam dos jovens e as irmãs, das jovens.

3. O CONTEXTO DA MORTE DO P. RODOLFO LUNKENBEIN

P. Juan Bottasso, sdb[10]

O continente americano foi o último a ser alcançado pelas migrações do *homo sapiens*, que começaram na África Oriental há 200 mil anos. E tem outra característica: é o continente que, junto com a Austrália, viu sua população mudar quase completamente nos últimos séculos. Hoje, aqueles que descendem dos habitantes primitivos são apenas 8% da população total. Os ibéricos, que chegaram ao sul há cinco séculos, conquistaram, em poucas décadas, grande parte da superfície. Os ingleses, no norte, empregaram mais tempo, mas no final dominaram totalmente o território.

O que aconteceu com os habitantes primitivos? Evidentemente havia assassinatos quando eles se rebelavam mas a principal causa do despovoamento foram as doenças trazidas pelos europeus que, sem saber, desencadearam uma guerra bacteriológica colossal. Hoje, grande parte da população é mestiça, em maior ou menor grau, dependendo do país.

A colonização ibérica e anglo-saxônica diferia profundamente. No norte, não havia miscigenação: os índios fizeram guerra para atraversar a fronteira a oeste e dispor de suas terras. Os colonizadores nunca os usaram como força de trabalho. Para isso, mais tarde, trouxeram os africanos. Na visão dos ingleses, índio bom era índio morto.

No sul, a situação foi diferente. Alguns continuam repetindo que espanhóis e portugueses praticaram massacres sistemáticos. Não é assim! Por que eliminariam a mão-de-obra de que precisavam para a mineração e a agricultura? O que fizeram, ao invés disso, foi apropriar-se de suas terras e adotá-los como força de trabalho nas mesmas, para a produção de alimentos.

As colônias espanhola e portuguesa tinham características muito diferentes, mas este não é o lugar para analisá-las. A colônia portuguesa, onde a população indígena era muito mais escassa, acabou empregando, em grande escala, mão-de-obra africana nas usinas de açúcar e nas minas. Hoje na América, os afrodescendentes são muito mais numerosos do que os descendentes de indígenas.

[10] Antropólogo, docente da Universidade Politécnica Salesiana (Equador) e membro do Grupo de Investigação Missões e povos indígenas da mesma universidade.

Quando os Salesianos chegaram à América Latina, tinham apenas iniciado, no sul do continente, as conquistas definitivas das áreas que, de alguma forma, tinham sido relativamente livres da ação dos conquistadores: Amazônia, Patagônia e Terra do Fogo. Os primeiros missionários que entraram na Patagônia dos sonhos de Dom Bosco foram testemunhas impotentes dos horrores de uma verdadeira guerra de apoderamento e extermínio.

A Argentina, que durante o período colonial pesou muito pouco econômica e politicamente, devido à falta de metais preciosos, estava abrindo a *La Pampa* e a Patagônia à imensa onda de imigrantes europeus. Enquanto no resto da América Latina, especialmente na área andina e mesoamericana, durante séculos, os índios tinham sido a principal força de trabalho, nas planícies argentinas, onde haviam sempre dominado e viviam independentes, eles eram considerados um obstáculo para a exploração agrícola e pecuária.

Algo semelhante aconteceu no Chile e no sul do Brasil. Os imigrantes europeus viriam a tornar-se os piores inimigos dos índios, considerados não apenas improdutivos, mas também um empecilho ao progresso, visto que ocupavam vastas áreas sem valorizá-las. Ora, entraram em oposição duas visões irreconciliáveis de relação com o território. Para os recém-chegados o único interesse e propósito era extrair o máximo de recursos do solo, o que, todavia, era totalmente alheio à mentalidade dos nativos, pois não tinham a cultura de exploração e de acumulação.

Não vou me deter em considerar os esforços feitos pelos missionários na Patagônia para mitigar a dureza do choque: sem dúvida foi um desafio muito superior às suas possibilidades reais. Até mesmo a tentativa de salvar os sobreviventes da agressão , reunindo-os em colônias (algo parecido com as reduções jesuíticas do Paraguai), resultou contraproducente, pois a aglomeração de pessoas favoreceu a propagação de doenças e acelerou sua extinção.

Enquanto, no Cone Sul, levou-se a cabo uma verdadeira e definitiva guerra de conquista que converteu os indígenas supérstites em hóspedes, com muito esforço tolerados em sua própria casa, na Amazônia, os países que repartiram sua vasta extensão empreenderam grandes projetos de penetração com o proposito, por um lado, de outorgar a respectiva nacionalidade às populações consideradas selvagens, existentes no território, e, por outro, de explorar as riquezas minerais, florestais e agriculas, que imaginavam existir.

Para os primeiros, a concessão de cidadania, apresentada com o rosto nobre da "civilização", foi usada em larga escala nas missões através da criação de Vicariatos Apostólicos; no Brasil, Prelazias. Foi assim que se popularizou o *slogan* "Evangelizar civilizando, civilizar evangelizando". Nisto, a atividade dos Salesianos foi formidável: ao se dedicarem entusiasticamente ao trabalho e à educação que lhes é característica. Ao Mato Grosso, Rio Negro, Méndez

e Gualaquiza, Alto Orinoco vieram centenas de religiosos consagrados para concretizar tal tarefa.

A dedicação e a boa vontade estão fora de discursão, mas é claro que este trabalho, visto a partir da perspectiva atual, foi caracterizado por um forte paternalismo.

Nos últimos anos, houve grandes esforços para orientar o trabalho de outra maneira: a valorização das culturas indígenas, o estudo de línguas, a inculturação da liturgia e da catequese. É uma mudança meritória, porém observa-se que não é suficiente. O assalto atual à Amazônia é de tal magnitude (indústria de petróleo, mineração e madeira, as monoculturas gigantescas, pecuária ...) que a presença das populações ancestrais corre o sério risco de ser simplesmente excluída. Esta é a preocupação que impulsionou o Papa Francisco a convocar o Sínodo Pan-Amazônico.

A Defesa do território e a defesa das populações caminham de mãos dadas. Sem território, o índigena não sobrevive, mas uma área abandonada nas mãos de empresários, cujo interesse é apenas econômico, possivelmente será transformada em um deserto. É esta herança que se quer deixar para as gerações futuras?

Para o grande capital, o índio acaba sendo o que o papa chama de "descarte", gente que sobra, que não tem utilidade alguma. Mas eles não seriam uma garantia para o futuro do planeta? Observa-se pelos satélites que as zonas reservadas às populações indígenas são as únicas que permanecem relativamente livres de agressão.

O Padre Rodolfo dedicou sua atividade missionária na defesa destes espaços e foi por essa causa que ele sacrificou sua vida. Ele, porém, não foi o primeiro entre os missionários salesianos que sentiram a gravidade do problema. No Mato Grosso, outros já estavam preocupados em encontrar uma solução.

Alguns anos antes de o P. Rodolfo completar seus estudos teológicos na Alemanha e voltar ao Brasil para dedicar-se ao trabalho entre os Bororo, no Equador, P. Juan Shutka já havia fundado a Federação de Centros Shuar a fim de ajudar os povos indígenas a organizar-se na defesa do seu território. Foi um passo fundamental para que o trabalho missionário deixasse de lado os traços paternalistas.

Quando o padre Rodolfo dedicou-se a defender a terra Bororo, sabia que estava exposto a sérios perigos. E, por receber repetidas ameaças, convenceu-se ainda mais de que o risco era muito real. Todavia, decidiu levar adiante o seu compromisso, pagando, por isso, com sua vida.

4. *"EU VIM PARA SERVIR E DAR A VIDA"*. PERFIL ESPIRITUAL E MISSIONÁRIO DO PADRE RODOLFO LUNKENBEIN, MÁRTIR DE MERURI-BRASIL (1939-1976)

Padre Pierluigi Cameroni, sdb[11]

1. Uma peregrinação

Queria iniciar esta minha contribuição compartilhando aquilo que experienciei na minha viagem à inspetoria de Campo Grande, em maio de 2016, convidado pelo Inspetor, padre Gildásio Mendes dos Santos, com o intuito de visitar os lugares onde viveram e foram mortos o padre Rodolfo Lunkenbein e Simão Bororo, e de acompanhar o caminho de discernimento da abertura da Causa de Beatificação. Um discernimento que, apesar de já ter sido começado e preparado, com pesquisas, testemunhos, e documentos, precisava de um passo orientador e decisivo.

Depois de ter inaugurado o mês mariano em Cuiabá, cidade onde chegaram os Salesianos em 1894, visitei as terras indígenas dos bororos e dos xavantes onde os Salesianos estão presentes desde 1904.

Quando cheguei em Meruri fui acolhido pela comunidade Bororo com os ritos de acolhida próprios daquela cultura (cantos, danças, investidura, pinturas...). Segui uma espécie de percurso que cada vez mais se fazia ver como uma peregrinação com algumas etapas e estações:

- Partida do **pátio** da missão, lugar onde morreram o padre Rodolfo e Simão no dia 15 de julho de 1976; o pátio salesiano simbolicamente é de verdade um lugar de martírio seja no sentido da dedicação pastoral educativa à missão recebida, seja no sentido da disponibilidade em viver com fidelidade a vocação, até a efusão do sangue.

[11] Postulador Geral dos Salesianos (Roma).

Parada no **cemitério** da comunidade Bororo, onde estão enterrados o padre Rodolfo e Simão. Aqui dois indígenas relembraram os fatos ocorridos e a imagem das duas testemunhas (como se fazia na Igreja primitiva), sublinhando o amor deles pelos pequenos e pobres. Falaram com uma vivacidade tal e com tamanho envolvimento emocional que parecia que aqueles fatos tivessem acontecido pouco antes. Sobre a sepultura do padre Rodolfo está escrito em alto-relevo o mote que escolhera para a sua primeira missa: "eu vim para servir e dar a vida". Os Bororo o chamam "Peixe dourado", simbolicamente quase a recordar-nos como os primeiros cristãos exprimiam, no símbolo do peixe, o mistério de Cristo.

Do cemitério fomos à **igreja paroquial** do Sagrado Coração de Jesus, passando pela Porta Santa. De fato, aquele era o Ano da Misericórdia, o bispo diocesano estabelecera que a Igreja do Meruri fosse uma Igreja jubilar, em memória do padre Rodolfo e de Simão que, com a vida e com a morte, demonstraram que a justiça consiste essencialmente num abandonar-se esperançoso à vontade de Deus na defesa dos pobres e dos oprimidos, perdoando os próprios assassinos, como fez Simão antes de morrer, e como padre Rodolfo tinha dito na sua primeira homilia.

Depois veio a **celebração eucarística**, onde se fez memória do sacrifício do padre Rodolfo e Simão, em união com o sacrifício de Cristo. Meruri: uma aliança no sangue. Um Salesiano, padre Rodolfo, que dá a vida pelos Bororos; um Bororo, Simão, que dá a vida pelo padre Rodolfo.

Seguiu-se o encontro com algumas **testemunhas**: duas mulheres narraram como, por intercessão de padre Rodolfo ,tinham recebido a graça da cura: uma para a filha muito doente e em perigo de vida; outra para uma outra criança acometida por uma grave infecção em uma das orelhas, instantaneamente curada. Seguiu o encontro com o padre Gonzalo Ochoa, que foi testemunha direta do assassinato do missionário e do índio, e com o padre Bartolomeo Giaccaria, que trabalha entre os Xavante desde 1954. Foi tocante o testemunho de um jovem aspirante salesiano que falou sobre o padre Rodolfo, com muita emoção, dizendo que em família tinham-lhe dito que graças ao sacrifício do missionário salesiano o seu povo não havia sido extinto, ao contrário tinha aumentado em número e também em fecundidade.

Depois seguimos em direção ao cemitério de **Araguaya**, onde estão conservados os restos mortais dos missionários Fuchs e Sacilotti, mortos pelos Xavantes no dia 1 de novembro de 1934, sementes de esperança para uma missão salesiana entre os índios do Mato Grosso.

2. "uma aliança de coração e de sonhos em terra missionária"

Rodolfo Lunkenbein nasceu no dia 1 de abril de 1939, em Döringstadt, na Alemanha. Desde a adolescência a leitura das publicações salesianas suscitaram nele o desejo de tornar-se Salesiano. Foi mandado ao Brasil como missionário e fez o tirocínio-prático na missão de Meruri, onde permaneceu até 1965. Foi ordenado sacerdote em 29 de junho 1969, na Alemanha, escolhendo como mote: "Eu vim para servir e dar a vida".

Em seguida, retornou ao Meruri, acolhido com grande afeto pelos bororos que lhe deram o nome de *Koge Ekureu* (Peixe dourado). Participou da fundação do Conselho Indígena Missionário (CIMI), em 1972, e lutou pela defesa das reservas indígenas. No dia 15 de julho de 1976, foi assassinado no pátio da missão salesiana. Na sua última visita à Alemanha, em 1974, sua mãe, informada dos riscos que o filho corria, pedia-lhe para que tomasse cuidado. Ele respondeu: "mãe, por que te preocupas? Se quiserem quebrar-me o dedo, mostro-lhes minhas duas mãos. Não existe nada mais belo que morrer pela causa de Deus. Esse seria o meu sonho".

Simão Bororo, amigo de padre Rodolfo, nasceu no Meruri no dia 27 de outubro de 1937, foi batizado no mesmo ano, no dia 7 de novembro. Era membro do grupo de bororos que acompanharam os missionários padre Pedro Sbardellotto e o Salesiano coadjutor Jorge Wörz, na primeira residência missionária entre os Xavantes, na missão de Santa Teresinha, nos anos 1957-1958. Entre 1962 e 1964, participou da construção das primeiras casas em alvenaria para as famílias bororos do Meruri, tornando-se um bom pedreiro e dedicando o resto de sua vida a esta profissão. Foi ferido mortalmente na tentativa de defender a vida de padre Lunkenbein, no dia 15 de julho de 1976. Antes de morrer, perdoou os seus assassinos.

O padre Rodolfo Lunkenbein e Simão Bororo, com o sacrifício de suas vidas, testemunharam que existe no nosso meio alguém que é mais forte que o mal, mais forte do que quem lucra sobre a pele dos desesperados, do que quem oprime com prepotência... os mártires não vivem para si, não combatem para confirmar as próprias ideias, e aceitam a morte apenas por fidelidade ao Evangelho. Fica-se estupefato com a força com a qual eles enfrentaram a prova. Essa força é sinal da grande esperança que os animava: a esperança certa de que nada nem ninguém os podia separar do amor de Deus, que nos foi dado em Jesus Cristo.

Padre Rodolfo Lunkenbein anunciava um Deus fraterno, promovia a justiça e angariava uma vida em plenitude para o povo Bororo, que vivia em situação de marginalização, desprezo, ameaçado por quem, sem escrúpulos, queria ocupar suas terras.

Ele testemunha como o anúncio do Evangelho manifesta-se no respeito e na promoção da cultura, das tradições, dos estilos e dos ritmos de vida da população indígena, apoiando seu processo de liberação.

Padre Lunkenbein e Simão viveram um verdadeiro encontro com Jesus Cristo sigilando no sangue uma aliança profunda através do dom de si: "uma aliança de corações e de sonhos em terras missionárias".

3. O dia15 de Julho de 1976[12]

O turbilhão de tumultos, a tempos escondido, improvisamente explodiu às nove da manhã, quando os fazendeiros chegaram à missão de Meruri. Não atacaram subitamente a missão. Renderam dois topógrafos que estavam a quatro quilômetros da aldeia.

Desarmaram os quatro indígenas que os acompanhavam, os ameaçaram com suas próprias armas e os fizeram subir em seus carros para depois retomar a estrada. À altura de algumas casas coloniais, pararam para comer algo e beber cachaça e rum. Excitados, partiram de ímpeto em direção à missão. Em curso, estava uma luta antiga por aquelas terras. Dois órgãos ligados ao Ministério da Justiça, a Funai e o Incra, tutelam os interesses dos indígenas e dos colonos respectivamente; mas encontram muitas dificuldades em exercer suas funções. Centenas de pequenos posseiros desvinculados das grandes fazendas de ricos latifundiários, invadiam os territórios dos índios e ali se fixavam, em situação, tantas vezes, de extrema indigência. Era o caso de Meruri.

A presença dos topógrafos da Funai, vindos com o intuito de dividir os terrenos, tinha improvisamente reacendido os ânimos. Quando chegaram os fazendeiros (62 homens armados de revólveres e facas), desejos em descontar sua raiva, encontraram apenas um missionário franzino, padre Ochoa. Começaram a agredi-lo e bradar aos quatro ventos que os missionários eram ladrões e que estavam interessados nas terras indígenas para si. Os guerreiros bororos partiram uma semana antes para a caça da arara e do porco-do-mato. O missionário franzino insultado e empurrado para todos os lados não sabia como se defender. Foi quando chegou o padre Rodolfo.

O rosto estava vermelho a causa da fadiga, no entanto, estampava um sorriso; as mãos sujas de graxa porque estava reparando o jeep, que mais uma vez apresentava problemas. Os invasores eram pessoas conhecidas na aldeia. O chefe Eugênio, que acabara de tomar o café da manhã, reconheceu prontamente

[12] Para a narração do martírio, servi-me em parte do texto de Bosco T., publicado no *Bollettino Salesiano* (outubro de 2016) 30-33.

João, o Preto, e muitos outros. João e padre Rodolfo falavam sobre terras e medidas. O missionário procura dar explicações. "não é assim", dizia. "Estas medidas são de cunho oficial, por ordem da Funai...". Os colonos sentiam-se, todavia, enganados. Então o padre Rodolfo propôs fazer um elenco de todos aqueles que pretendiam fazer uma reivindicação: ele, em pessoa, teria recolhido tais reivindicações e as teria posteriormente repassado à Funai, o órgão governativo que protege os índios. Desse modo, entraram no escritório da direção, padre Rodolfo sentou-se. Escreveu em uma grande folha de papel, um depois do outro, quarenta e dois nomes. Aquela folha de papel permaneceu na mesa: a escrita era claramente nervosa.

Padre Rodolfo saiu, não imaginara que tivesse escrito pela última vez e que, além do mais, tivesse colocado por escrito em uma folha o nome dos seus assassinos. Parecia que tudo tinha-se resolvido. O cacique, os nove indígenas, os topógrafos, os fazendeiros saíram ao aberto e o padre Rodolfo deu um aperto de mão à cada um deles.

Os topógrafos descarregaram de um dos carros seus equipamentos. Também as armas confiscadas anteriormente aos bororos foram recuperadas. Ao ver aquela cena estranha, padre Rodolfo demonstrou espanto e, ao mesmo tempo, os chamou à atenção. Foi o estopim. João Mineiro subitamente deito-lhe a mão.

Os indígenas vieram em sua ajuda. João tirou do bolso um revólver beretta. Enquanto mirava para efetuar um disparo, Gabriel, um dos bororos, agarrou-lhe pelo pulso. Simultaneamente, Preto tirou da pistola e disparou no missionário. Da varanda, irmã Rita viu o padre Rodolfo levar a mão ao peito e balançar seu corpo alto e robusto. Preto descarregou outros quatro tiros no missionário que caiu por terra. O índio Simão que houvera tentado defender o missionário, foi atingido em cheio. A mãe do jovem índio, Teresa, que correra para acudir ao filho, também foi ferida por um balaço no peito. Por fim, os invasores fugiram, subindo às pressas nos carros. Irmã Rita correu para o lugar onde o missionário estava caído em meio a uma poça de sangue. Ainda respirava, mas estava nas últimas. Pode oferecer a ele apenas palavras de conforto: "padre diretor, vai para a casa do pai". O missionário acenou um sorriso, depois disso seu coração parou. O sacrifício foi consumado. A missa de Rodolfo Lunkenbein terminara.

4. A História da causa

No dia 7 de setembro de 2016 a Congregação para a Causa dos Santos comunicou ao bispo de Barra do Garças (Brasil), Protógenes José Luft, S.d.C., o *nulla osta* para a causa de martírio, por parte da Santa Sé, dos Servos de Deus,

Rodolfo Lunkenbein, sacerdote salesiano, e Simão Bororo, leigo, mortos por ódio à fé, no dia 15 de julho de 1976, na missão salesiana do Meruri (Mato Grosso- Brasil).

"**Meruri Rodolfo! Meruri Simão! Meruri, martírio, missão!**". O verso do poema de dom Casaldáliga, bispo emérito da Prelazia de São Felix do Araguaia, vem muito bem a calhar para descrever aquilo que aconteceu na Missão de Meruri, no dia 31 de janeiro de 2018, quando dom Protógenes José Luft abriu oficialmente a fase diocesana de indagação sobre a vida, o martírio, sobre a fama de martírio e dos sinais dos Servos de Deus Rodolfo Lunkenbein, sacerdote professo da Sociedade de São Francisco de Sales, e do indígena Simão Cristiano Koge Kudugodu, conhecidamente Simão Bororo, leigo. Não podíamos apresentar algo melhor que isso a dom Bosco no dia de sua festa: um filho missionário de dom Bosco e um indígena destinatário da sua missão, em caminho juntos na estrada em direção aos altares. Assim continua o poema de dom Pedro Casaldáliga: "na missa e na dança, no sangue e na terra, tecem a aliança Rodolfo e Simão! Meruri na vida, Meruri na morte, e o amor mais forte, é a missão cumprida".

A causa avança velozmente: foram escutados mais de 40 testemunhas entre Salesianos, irmãs, índios Bororo, parentes do padre Rodolfo (uma irmã, os cunhados...)

É incrível o modo com o qual esta causa tocou o coração de tantas pessoas na Inspetoria do Mato Grosso, no Brasil salesiano e na Igreja. O exemplo de fé e de amor pelo Reino de Deus de Rodolfo e de Simão é um sinal verdadeiro e uma chamada à renovação e ao ardor missionário.

Padre Rodolfo e Simão fazem parte daquela longa fila de missionários católicos e de indígenas assassinados enquanto acompanhavam, evangelizavam e lutavam com os índios e por seus direitos.

A luta pela defesa da terra, dos povos que a habitam, de suas imensas riquezas naturais, culturais e espirituais foi e é ainda hoje fecunda através do sangue dos mártires.

Esta causa dá-se no contexto do 125º aniversário da presença salesiana no Mato Grosso, da qual as celebrações foram iniciadas no mês passado, em junho, e se concluirão no mês de Janeiro de 2019: toda meta desse nível pressupõe sempre uma precedente contribuição de santidade.

Além do mais, a causa acontece no caminho de preparação para o Sínodo especial para a região Pan-Amazônica, almejado pelo Papa Francisco e que se concretizará em Outubro de 2019.

Um sínodo que tem como objetivo "identificar novos caminhos para uma evangelização do povo de Deus nas áreas da grande Amazônia, especialmente das populações indígenas".

5. Na escuta do Padre Rodolfo

Padre Rodolfo nas suas cartas, nas suas homilias e em outros escritos manifestava o seu coração missionário e a força profética do Evangelho na promoção da justiça e da solidariedade.

Na primeira homilia pronunciada no XV Domingo depois de Pentecoste, na paróquia de Aschau (Alemanha), no dia 15 de setembro de 1968, o neossacerdote, depois de ter lembrado como "os textos da missa dominical mostram de forma sempre nova o senso e a finalidade da vida", manifestando como a Palavra de Deus tenha sido sempre a lâmpada que iluminou o seu caminho, comenta o capítulo sexto da Carta de São Paulo aos Gálatas. Antes de mais nada, ele contextualiza de maneira muito significativa a Palavra proclamada, colocando em evidência a dignidade da pessoa humana como ser comunitário e filho amado de Deus:

"Somos seres racionais, não somos animais. Vivemos juntos em comunidade. Somos filhos de Deus, cristãos ou não, e somos todos amados por Aquele que nos criou e é o nosso Pai". Exorta a viver com responsabilidade com uma expressão muito sugestiva: "por isso, todo cristão deveria agir como uma pessoa humana com uma postura cristã".

Padre Rodolfo em todas as fotos aparece como uma pessoa alta, sempre sorridente, com um físico forte e robusto, quase significando a sua robustez interior.

Quem o encontrava pela primeira vez ficava impressionado pela sua altura de 1,92 m, todavia, subitamente depois do impacto inicial, qualquer um se sentia acolhido pela sua bondade contagiosa e pelo seu sorriso alegre e afetuoso. Os indígenas da missão o tinham chamado poeticamente "Koge Ekureu" (Peixe dourado).

Ele continua: "somos humildes, isto é, somos modestos, coloquemo-nos no nosso lugar como criaturas de Deus que é nosso Pai, Senhor da criação, da vida e da morte; essa é a nossa orientação fundamental. Ser humildes não significa desprezar a própria dignidade, mas pelo contrário, ser humildes é saber viver na presença de Deus que mora em nós".

O cristão a exemplo de Cristo e seguindo seus passos é chamado a renunciar a si mesmo e a viver segundo a vocação recebida: "o nosso envio é como o seu, estar aqui para os homens, para os pecadores, para os doentes, para os anciãos e para amá-los. Desse modo, somos como Jesus Cristo. A nossa tarefa como cristãos é seguir os seus passos. Os seus passos, no entanto, são a via do amor e do bem. 'não cansemos de fazer o bem' (*Gal* 6,9)".

Conclui a homilia com uma oração que, à luz da sua vida terminada com a imolação, assume um valor profético extraordinário: "Senhor, vós que nos

Um grupo de jovens salesianos, em formação, diante da cruz do pátio da missão de Meruri, onde foram martirizados P. Rodolfo e Simão Bororo.



dissestes para amar todos os homens; Pai, vós que nos ensinastes a rezar: perdoai-nos nossas culpas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

Pedimos-vos: possa o vosso Reino vir também para os nossos inimigos. Dai também para eles o pão quotidiano como destes a nós. Não posso excluir ninguém da minha oração e do meu amor.

E ninguém que faz o bem pode ser excluído por Deus. Amemos todos os homens como Deus nos amou. Amém". É uma oração de perdão e de reconciliação que pede o pão até para os inimigos e que manifesta um horizonte de amor que não exclui ninguém.

Um particular interessante que motivou essa oração é a reconciliação entre os Bororo e os Xavante, inimigos históricos, sigilada no Natal de 1964, quando um cacique Xavante recebeu o batismo, tendo como padrinho um cacique Bororo.

Nos seus últimos escritos, evidencia-se sempre mais alusões à morte: "também hoje, um missionário deve estar disposto a morrer para cumprir o

seu dever. A ajuda que nos dareis mostra que entendestes o que significa hoje ser cristão: sacrificar-se com Cristo, sofrer com Cristo, morrer com Cristo e vencer com Cristo para a salvação do mundo inteiro, do nosso próximo" *(carta aos seus compatriotas de 11.08.1975)*.

A figura do catequista Simão é um válido exemplo para o Ano do Laicado promovido pela CNBB, visto que ele representa um modelo de cristão que "soube assumir a vocação com radicalidade evangélica, fez experiência de inculturação do Evangelho na própria vida, testemunhou a fé individual em Jesus Cristo, compartilhando a alegria do Evangelho com seu povo e com os missionários".

A Santidade de padre Rodolfo e de Simão é uma resposta simples e autêntica à experiência das bem-aventuranças. Eles foram testemunhas de uma fé no Ressuscitado vivida no serviço quotidiano, no contato fraterno com as pessoas, no trabalho, na pregação da Palavra e na catequese, na oração ordinária, no amor à Maria, na alegria e no compromisso evangélico com a causa indígena.

5. GRITOU O EVANGELHO COM A VIDA

P. Juan Bottasso, sdb

1. Meu nome é Yánkuam'

Com este título foram publicadas as "Memórias Missionárias" do Padre Luís Bolla. Não foi ele quem o colocou, mas o editor. Todavia, não poderia ser mais oportuno. Como Yánkuam' (estrela do entardecer), os Shuar e os Achuar conheciam-no; e também seus irmãos salesianos costumavam chamá-lo assim.

Os oitenta anos que Deus lhe concedeu foram vividos com intensidade e sem inflexões. Suas atividades, medidas com o critério de eficiência de nosso tempo, poderiam ser consideradas improdutivas e quase insignificantes: dias de trabalho nos pomares dos Achuar, seus anfitriões; muito longas caminhadas na selva, para visitar grupos de poucas pessoas; longas horas de participação em reuniões de pequenas comunidades, para resolver problemas que, com facilidade, julgaríamos como inconsequentes. Mas para ele esta era a maneira de viver seu compromisso total com um povo, o que lhe permitiu dar a conhecer os valores do Reino, abrindo um caminho de evangelização novo, difícil e totalmente atual, em qualquer contexto social e com qualquer cultura.



Pe. Luís Bolla – Yánkuam' (Peru).

É arriscado estabelecer comparações, mas ouso dizer que poucos missionários de nosso tempo foram tão radicais em seguir o caminho da inculturação. Ele demonstrou

audácia não em afirmar novas teorias de uma escrivaninha, mas em compartilhar a vida dura (para um ocidental) de um povo amazônico.

Em meio a essa entrega incondicional, que não conhecia momentos de descanso, ele encontrou tempo para deixar-nos o tesouro de suas Memórias. Quando as forças físicas não permitiam mais que ele manejasse o facão e viajasse pelas estradas como nos bons tempos, ele dedicou muitas horas para reviver as etapas de sua existência e nos deu suas memórias por escrito, com a ajuda da voluntária espanhola Unai Bikandi. Somos imensamente gratos. Sem essas páginas, haveria muitos resultados desconhecidos de uma das experiências missionárias mais originais e radicais do período pós-conciliar.

O que se segue não é uma síntese de suas Memórias, nem um compêndio de sua biografia. É simplesmente a tentativa de demonstrar as motivações profundas de sua escolha, explorar os princípios inspiradores e colocar essa experiência em seu contexto.

Refiro-me aos escritos do Padre Bolla, sempre chamando-o de Memórias. Para simplificar a leitura, evitei as notas de rodapé. Os números que aparecem entre parênteses indicam a página na qual a referência está localizada.

2. "Você será um missionário na selva"

Se há algo de que Yánkuam' estava absolutamente convencido quando criança, é do seu chamado para ser um missionário. A história que ele nos deixou é exemplar em sua simplicidade: nela identifica com precisão o lugar e lembra que era uma tarde de agosto de 1943, no oratório salesiano de Schio (Vicenza). "Muito perto da porta lateral da capela, ouvi a voz clara de um homem: "Você também pode ser um padre...". No ano seguinte, em 1944, aos 12 anos, sempre em agosto e nas mesmas circunstâncias, entrando na capela entre muitos companheiros meio indisciplinados, senti novamente a mesma voz que me dizia claramente: "Você será missionário na selva entre índios (na época nós costumávamos dizer selvagens), dar-lhes-á a minha Palavra. Você andará muito a pé" (333).

Luís ainda era um garotinho, mas desde então, e durante todas as décadas que se seguiram, ele não teve um único momento de hesitação. "Eu estava olhando para os mapas onde esses povos indígenas da selva viviam." Um dia, não só ele os encontraria, como se tornaria um deles, sem renunciar a sua identidade.

Há um tema que percorre todas as páginas das Memórias, tornando-se o motivo dominante: a preocupação quase obsessiva de anunciar a Palavra de Deus. Quando a possibilidade de fazê-lo é oferecida, ele sente uma alegria

profunda, especialmente quando percebe que é a primeira vez na história que a mensagem ressoa naquele canto remoto da selva. A satisfação é ainda mais forte quando vemos que é algo intimamente relacionado com a sobrevivência do povo Achuar.

Ele ama profundamente a esse povo e admira sua cultura, porém sofre vendo que os índios, por acreditarem que o xamã causasse doenças e mortes, moviam guerras internas permanentes, que ameaçavam a própria sobrevivência do grupo, justamente no momento em que se vê fortemente ameaçado por perigos externos. Para Yánkuam', é o único aspecto negativo da cultura Achuar, mas que pode ser superado pregando o Evangelho. De fato, mesmo com enormes sacrifícios e colocando sua vida em risco, em muitos casos, consegue mediar, evitar mortes já decididas e semear as premissas para uma mudança de mentalidade. Todos os seus esforços para penetrar os segredos da língua e conhecer os menores detalhes da cultura, os seus esforços para compartilhar a vida diária, sua tenacidade para enfrentar as caminhadas solitárias pelos caminhos intrincados da floresta, seus esforços para resistir a anos de isolamento, têm um único propósito: encontrar momentos propícios para proclamar que Deus é um Pai, que quer o bem de todos os seus filhos. Se este aspecto não for levado em conta, Yánkuam' se tornaria um fenômeno indecifrável e sua atitude poderia ser interpretada como a de um fanático, um pouco folclórico.

É bem conhecida a velha polêmica que os antropólogos moveram aos missionários. Estes proclamam, desde o início, estar interessados apenas em investigar como um grupo humano vive, trabalha e se organiza, a fim de compará-lo a outros e, assim, progredir no conhecimento de indivíduos e comunidades. O antropólogo estuda e observa, mas de maneira nenhuma propõe modificar os costumes de um povo. Aos seus olhos, o missionário chega com o propósito explícito de aculturar e corrigir os costumes, inculcar novas normas éticas e propor novas crenças religiosas.

Os missionários, por outro lado, não escondem uma certa antipatia pelos antropólogos. Aos seus olhos, aqueles aparecem simplesmente como pessoas interessadas em estudar os povos exóticos para elaborar teses, publicar livros e enriquecer seu currículo, tendo em vista as promoções na carreira acadêmica.

Yánkuam', mais com a sua vida do que com palavras, deixou para trásesse esquema excessivamente simplista. Ele nunca foi ouvido criticando o trabalho dos antropólogos, em vez disso, tinha um excelente relacionamento e verdadeira amizade com aqueles que conheceu em seu caminho. Apesar de estar localizado a uma grande distância de seus ideais religiosos, não faltaram entre os antropólogos quem o apreciasse e tivesse por ele admiração. Ele sempre agradeceu a grande ajuda que prestaram para desvendar os segredos das culturas: agradecia aos linguistas por ajudá-lo a conhecer os mecanismos secretos das línguas.

Ele sabia muito bem, e mais ainda os antropólogos sabem, que nenhuma cultura é perfeita e nenhuma é estática: todas elas evoluem com ritmos diferentes, de acordo com os estímulos que recebem.

Hoje as mudanças não são causadas pelos missionários, mas por uma sociedade envolvente cada vez mais agressiva e não há antropólogo que possa evitá-la. Mas este e aquele convergem quando se propõem a dar uma mão a esses povos isolados para que o contato seja o menos destrutivo possível. Yánkuam' não sugeriu simplesmente que se organizassem, nem "conscientizassem", como diziam durante algum tempo. Seu objetivo era muito claro e superior: ajudá-los a descobrir as razões profundas que permitem que indivíduos e grupos enfrentem os grandes desafios da vida e da morte. Para ele só o Evangelho poderia abrir novos horizontes para os seres humanos que a globalização condena à extinção. E ele não só dedicou essa tarefa alguns anos de sua juventude, mas toda a vida. Sessenta anos, até o último suspiro.

3. Sem olhar para trás

Yánkuam' realizou seus estudos teológicos em vista do sacerdócio, no estudantado de "El Porvenir", em Bogotá, frequentado unicamente por Salesianos. Eram os anos anteriores ao Concílio, convocado coincidentemente no ano da sua ordenação. É, assim, evidente que toda a sua formação tem a marca da mentalidade pré-conciliar. Se ele mais tarde tornar-se-á um inovador e um explorador de novos caminhos, deverá isso ao impulso de sua vocação missionária, sua abertura, sua curiosidade intelectual, seu amor pelos destinatários.

Um texto que foi fundamental para orientá-lo nas opções radicais foi, sem dúvida, "No coração das massas" de René Voillaume. A vida e a experiência de Charles de Foucauld tiveram uma enorme influência no mundo católico, nas últimas décadas do século XX. Aquele homem que foi assassinado em Tamanrasset, sem companheiros, sem poder realizar o sonho de criar uma comunidade que prolongasse seu carisma, motivou muitas pessoas a dar uma nova direção à sua vida cristã e apostólica.

Depois de uma juventude extraordinariamente dissipada, Charles começou a se questionar, em contato com o islamismo, durante sua estada na África. Ficara impressionado com a absoluta centralidade de Deus nas vidas de seres humanos extremamente pobres, mas confiantes e serenos. A estrada, que finalmente o levou a viver no deserto da Argélia, conheceu muitas etapas, cada uma delas caracterizada por um crescente radicalismo.

A sua fuga não foi motivada pelo desencantamento: depois de se converter, ardia-lhe sempre o ideal missionário, mas com o seu selo inconfundível: "Pregar

o evangelho com a vida." Foi especialmente sua longa estadia em Nazaré que o marcou. Jesus passara trinta anos na pequena aldeia, anônima e oculta, e isso não poderia ser algo periférico entre os testemunhos que ele nos deixou.

Yánkuam' aprendeu com Foucauld a desconfiar das mediações pelas quais o cristianismo chega muitos povos. Muitas vezes são tão esmagadoras que obscurecem o conteúdo central da mensagem. A história das missões conheceu episódios como "os cristãos do arroz", na China dos anos vinte e trinta do século passado: conversões mais devidas à fome do que ao fascínio do Evangelho.

É a experiência que empurrou Yánkuam' no caminho de Foucauld. Depois do ano em Macas, a primeira década de seu sacerdócio, ele passou em Taisha. Foi a última missão fundada no Vicariato Apostólico de Méndez, o mais avançado em direção ao leste, o mais submerso da selva. Uma missão tradicional, com um grande internato para meninos Shuar, cuidado pelos Salesianos e para as meninas sob a responsabilidade das Filhas dos Sagrados Corações. Clima desconcertante, isolamento, grande aflição de todos os tipos, mas os missionários e missionárias lidavam com tudo com serenidade e otimismo, já que o haviam escolhido por si mesmos.

Yánkuam' não se importou com a vida austera e difícil, mas, pouco a pouco, começou a duvidar de sua eficácia.

Uma missão pretende ser um centro de evangelização, mas não pode evitar tornar-se também um centro de serviços: escola, atenção à saúde, novas técnicas agrícolas, loja com os produtos mais indispensáveis ...

Com o tempo, torna-se necessário construir uma pista para pequenos aviões: não há estradas e é hora de pensar em resolver emergências. Em suma, nunca para de crescer. Muitas aldeias foram formadas em torno de uma missão, como aldeias medievais, em torno de mosteiros.

Tudo muito positivo e muito apreciado; são serviços que os missionários oferecem e que os colocam em contato com o povo, mas, ao mesmo tempo, os isolam. Eles vivem separados, com um estilo diferente, em grandes estruturas e, acima de tudo, são eles que organizam, promovem, decidem.

Um conjunto de coisas assim exige muita dedicação e muito tempo; O risco de que sua administração se torne a principal preocupação é sempre uma tentação: as pessoas podem ter dificuldade em distinguir o carro chefe do testemunho do Evangelho.

Yánkuam' advertiu sobre o perigo. Ele nunca criticou seus irmãos missionários que trabalharam e continuam a trabalhar nessa linha, mas ele começou a se perguntar se não seria possível também tentar uma presença que fosse sem as estruturas. O momento foi propício e adverso ao mesmo tempo. Por um lado, no calor da efervescência pós-conciliar, surgiram experiências de inserção na mídia popular: pequenas comunidades que se propuseram a compartilhar a vida dos

pobres, abandonando as imponentes residências tradicionais. Por outro lado, os primeiros balanços estavam começando a ser feitos e notou-se que muitos desses testes, improvisados e muito personalistas, não resistiam ao teste do tempo e do desgaste produzidos pelas inevitáveis dificuldades. Não poucos exploradores dessas novas rotas acabaram abandonando suas comunidades ou voltaram ao "normal".

Yánkuam', reformulado em uma missão remota, era completamente estranho a esses experimentos. O que ele sentia era alguma insatisfação com o estilo de uma missão tradicional e, ao mesmo tempo, uma irresistível vontade de anunciar a Boa Notícia a um povo que nunca tinha ouvido falar, os Achuar (16).

Eles são um subgrupo do Shuar (um tempo conhecido como Jívaros) localizado em ambos os lados da fronteira que separa o Equador do Peru. Tendo tido contatos relativamente recentes e esporádicos com a cultura ocidental, eles mantêm características ancestrais muito mais marcantes. Sua característica é a de ser um povo guerreiro, que vive em conflito interno constante, principalmente devido ao fato de, como foi dito, eles nunca considerarem a morte como natural, mas causada pelo feitiço de um xamã que, consequentemente, você tem que eliminar (250).

É exatamente a eles que Yánkuam' se sentiu chamado a anunciar que somos todos filhos do mesmo Pai, que nos ama sem distinção e nos chama a viver como irmãos. Mas ele queria fazê-lo com o único testemunho de sua presença, sem levar



Pe. Bolla em seu incansável trabalho por conhecer a cultura e língua Achuar. Aqui está realizando traduções.

nada além de seu exemplo. Isso envolveu ir sozinho e pedir-lhes para admiti-lo como convidado, submetendo-se a todas as condições que isso significa.

Os superiores salesianos estavam bem cientes da força de sua personalidade e sabiam que não se tratava de um entusiasmo passageiro, mas também pesou os enormes riscos: o isolamento, a solidão, a possibilidade de adoecer sem meios para curar, ficar no meio de um povo desconhecido e belicoso, a ausência de uma comunidade que o apoiasse em seus compromissos religiosos ... O Inspetor Pe. Ángel Botta, homem concreto e pouco amigo dos romantismos, pensou muito, mas, finalmente, deu-lhe a autorização (22).

Também o Vigário Apostólico, Mons. José Félix Pintado, teve suas dúvidas, mas achou que, depois de pouco tempo, o embate com a dura realidade o levaria de volta à missão de Taisha, curado de seus caprichos juvenis. Ele perguntou quanto tempo planejou permanecer com os Achuar. Yánkuam' decidiu que essa era uma opção definitiva, mas, para não parecer muito Quixote, ele respondeu que cerca de cinco anos poderia ser um período razoável. O bispo olhou para ele, sorrindo com um sorriso incrédulo (18).

Desde o início, Yánkuam' especificou claramente as condições que o levaram a seguir nesse novo caminho:

- Não adquiriria terras e não fundar nenhuma missão.
- Eu moraria entre os Achuar como convidado, adotando seu estilo de vida, roupas, comida, lar, mas sem perder sua identidade de padre e religioso.
- Não pediria apoio financeiro, nem para a Congregação nem para o Vicariato (5).

Ele observou em suas memórias: "Em uma missão tradicional, somos donos; Como convidados, os donos são eles. Isso nos torna inferiores, fracos, mas é uma fraqueza que nos faz livres" (332).

Desde seus primeiros dias entre os Achuar quase não há fotos. "Eu não queria usar a máquina fotográfica, considerando-a um costume muito estranho para os Achuar ... além disso, repugnava-me parecer estranho demais para eles" (18).

4. O missionário como convidado

Há muitas maneiras de se aproximar de pessoas com uma cultura diferente da sua. O turista que, entediado com um mundo cheio de produtos padronizados, quer ver algo diferente e tirar fotos com personagens "exóticas"; as do estudioso, que procura entender o porquê de certos comportamentos aparentemente raros, observam-no e os analisam com interesse.

A intenção de Yánkuam' certamente não era a do turista, nem a do pesquisador simples. A cultura Achuar ele a viveu, dentro dos limites de sua identidade de sacerdote e religioso. Como foi dito, o que ele pediu foi ser aceito como convidado, o que implica uma notável renúncia à autonomia de alguém. Os Achuar, quando o hóspede está em casa, o fazem trabalhar e exigem que ele adapte sua vida ao ritmo deles. Deve derrubar e carregar troncos, limpar as estradas, preparar os pomares para o plantio. O costume deles é acordar cedo - três ou quatro da manhã - e se reunir em torno do fogão para tomar a *wayús* (um tipo de chá) e vomitá-la a fim de limpar o estômago.

Durante essas longas sessões matinais, eles contam seus mitos e falam sobre suas guerras. Yánkuam' agradecia por ter sido autorizado a estar presente, para melhor conhecer os detalhes da cultura, aperfeiçoar as habilidades de linguagem e tirar partido de algumas pausas para proclamar a Palavra de Deus. Ao longo de suas Memórias existem inúmeros casos em que ele afirma que eles o ouviram com prazer.

Pouco a pouco, ele percebeu que este anúncio ía-se arraigando e começou a gerar dúvidas ao dessejo dos Achuar de vingar as mortes.

Custou muito para que eles entendessem porquê tinha pedido para viver entre eles. Durante muito tempo, os índios suspeitaram que tivesse algum propósito oculto: os poucos contatos que tinham com os brancos, os tinham convencido de que estes acabavam sempre os enganando, para explorá-los. De um modo especial, intrigou-os que ele morasse lá sem uma mulher e perguntaram a ele onde ele havia deixado a sua ou se ele queria uma do lugar.

Mas no final eles acabaram convencendo-se de que ele não poderia ter fingido durante décadas e viram que o que ele disse era verdade: ele estava lá sozinho, porque os queria bem e procurou fazê-los entender que Deus os amava ainda mais do que ele e queria que eles parassem de matar-se e que vivessem em paz. É comovedora sua exclamação: "Eles finalmente entenderam que eu vim para ficar" (334).

A sua adaptação não foi dolorosa, não vivia com saudade do mundo que ele abandonara, mais confortável e cheio de amigos. Não: ele com os Achuar se sentiu bem, porque eles realmente se tornaram seu povo. "Foi o povo mais feliz que eu já conheci" (317). "O contato por tantos anos com os Achuar, removeu meu pobre coração, enchendo-o de amor por eles, já que toda a minha vida estava aqui com eles" (318).

Obviamente, o entusiasmo não é suficiente para apagar as dificuldades e, muito menos, para esclarecer o caminho que deve ser seguido. Yánkuam' descreve claramente o que experimentou depois que partiu para viver com o povo Achuar: "Eu senti que dei um salto, caindo em um oceano sem clareza sobre como agir." Mas de forma muito clara, ele estava ciente do que esse salto significava: "eu deveria fazer morrer às coisas, sem perder a minha identidade e colocar-me

a serviço, tanto quanto possível, vivendo no mesmo nível, não acreditando ser superior a eles, mas sim igual a todos"(25).

Em 2010, depois de 30 anos no Equador e 26 no Peru, pude tentar fazer um balanço da situação : "Na realidade, somente aqueles que deixam parentes, pais, amigos e vão para outra terra para evangelizar, renunciando a nossa língua, costumes, comida e cultura, sabemos bem o que nos custou. Mas morrendo pelo Senhor e pela Igreja, também conhecemos a enorme alegria que o Senhor nos deu e continua a nos dar na vida missionária "(82).

Isso poderia afirmar apenas depois de mais de meio século de convivência com as pessoas que decidiu evangelizar. Um padre diocesano basco, que visitou a região em 1999, comentou quando foi embora: "Eu não suportaria nem mesmo um único dia com um povo tão difícil como este" (127). É eloquente também opinião da irmã colombiana Carmen Palácio, religiosa Laurita, que trabalhou por nove anos entre os Achuar. Ela se entregou sem medida e foi muito amada por todos, mas ela não conseguia abrandar por vezes certa exclamação: "Os Achuar só os entendem apenas o Pai Eterno e Yánkuam'" (116).

Para se ter uma ideia do que significa viver com os Achuar, devemos levar em conta sua maneira de se adaptar ao meio ambiente. Eles não formam aldeias, mas apenas núcleos familiares, distantes um do outro. Deixemos que a antropologia explique as vantagens dessa distribuição no território, mas consideremos o que significou para Yánkuam' visitá-las com certa regularidade. Sim, lendo suas memórias, estamos adicionando os quilômetros, podemos concluir que foram milhares, não por trilhas confortáveis, mas trilhas na floresta, enlameadas, fechadas por uma vegetação que requer, por vezes, o uso do facão para abrir caminho na selva, onde tremendas tempestades são desencadeadas, com ventos que derrubam enormes árvores: estas, ao cair, arrastam uma quantidade de plantas menores. É muito fácil então se perder, porque os traços das estradas são apagados e há o perigo de caminhar por horas, para perceber exaustos que estamos novamente no ponto de partida.

Uma parte notável de seus dias ele passou a andar pelas estradas. Observa isso em suas Memórias: sete meses do ano os dedicou a visitar famílias e pequenos grupos (145). E o fazia porque isso permitia a ele estar com as pessoas: depender dos índios para hospedar-se o tornava mais perto deles. Os evangélicos entraram muito cedo entre os Shuar e depois também entre os Achuar, mas o estilo deles era diferente.

O famoso pastor Francis Brawn, que foi um verdadeiro pioneiro ao entrar nessas terras, costumava dizer-lhes: construam a pista de pouso e levar-te-ei a Palavra de Deus. Um Shuar, chamado Mashu, disse-lhe um dia, ao receber o convite: "Nosso irmão Yánkuam' vai a pé como o Senhor Jesus e sempre nos dá a Palavra de Deus "(18). Ir a pé não era uma simples necessidade, porque não

havia alternativas, mas o fruto de uma decisão. Quando mais tarde a Missão Salesiana, por iniciativa do Pe. Adriano Barale, organizava o Serviço Missionário Aéreo (SAM), Yánkuam' foi muito reticente no uso de pequenos aviões. Refletia sobre isso nas reuniões, "pensávamos vendo os textos evangélicos e o exemplo de Jesus, que andava e não usava cavalos e carros utilizados na época por soldados e ricos (36). Ao "luxo" dos aviões dedica todo o capítulo 40 das Memórias (165).

Mas por que ele andou tanto? A motivação foi uma, articulada em dois aspectos intimamente relacionados. Em primeiro lugar, ele foi movido pelo desejo de levar a Boa Notícia. Nós já dissemos: Sentia uma imensa alegria em constatar que era a primeira vez que a Palavra de Deus ressoava naquelas selvas remotas. Ele também tinha a garantia de que esta Mensagem, penetrando gradualmente no coração daqueles guerreiros rudes, acabaria eliminando o único aspecto negativo que, segundo sua opinião, a cultura Achuar tinha.

Muitas literaturas missionárias de tipos populares insistem na descrição do antagonismo irredutível entre o missionário e o xamã (feiticeiro). Yánkuam' foi amigo de muitos xamãs. Não os combatia como pessoas, mas estava preocupado com a profunda convicção enraizada no grupo de que era a intervenção do xamã que causava guerras sem fim (250). "O xamã é uma gangrena", afirmou sem hesitar (247).

Preocupava-se profundamente que – examente no momento em que ao redor desses pequenos povos amazônicos ia se estreitando sempre mais o cerco da sociedade ocidental, faminta de recursos – eles continuassem matando uns aos outros e, assim, expondo-se ao perigo da autodestruição. E não eram mortes infligidas aos inimigos externos que os ameaçavam, mas a vingança entre parentes próximos, quase sempre com o intuito de eliminar um xamã que, segundo eles, causara a morte. Alguns assassinatos aconteceram devido a casos de adultério. A leitura das Memórias impressiona: são descritas, às vezes, com detalhes muito realistas, mais de quarenta mortes violentas. O único guerreiro mais temido (e admirado) Kashijinit era conhecido por ter eliminado pelo menos vinte pessoas (190, 245). Yánkuam' foi visitá-lo em seu lar, cercado por uma cerca robusta de troncos de palmeiras, para se defender dos muitos inimigos. "Você encarregou o seu genro de dizer-me para não lhe visitar, e que nesse caso você me mataria? É verdade? Bem, aqui estou eu. À luz da fogueira, vi no rosto de Kashijint o sorriso e ele disse: "O que está acontecendo? Como posso lhe matar? Eu fiz isso para que meus inimigos e os soldados ficassem com medo"(189). Os Achuar admiram a bravura; tornaram-se amigos.

Anos depois, ao visitá-lo, encontrou-o muito doente, com malária e uma enorme ferida no lado, tuberculose dos gânglios linfáticos e fortes dores no corpo. "Eu perguntei se ele sofreu muito. Ele me respondeu: se eu fosse um menino, eu

estaria gritando. Mas eu sou um tigre e não choro". Yánkuam' partiu, mas logo depois uma filha do guerreiro o mandou chamar, porque Kashijint queria ser batizado. "Eu perguntei: você pode perdoar seus inimigos? Você pode perdoar os feiticeiros que você acha que lhe enfeitiçaram? "Para as duas perguntas ele respondeu sim. Então, se é assim, Jesus também lhe perdoa, com o batismo, por sua paixão e morte na cruz, todos os seus pecados. Ele recebe você em sua nova comunidade como irmão dele. Com imensa emoção, no meio da noite e no meio das lágrimas contidas de seus parentes, batizei-o ". Um filho disse depois que Kashijint antes de morrer tinha-lhe dito: "Filho, eu lhe ensinei a arte da guerra durante toda a minha vida ... mas agora eu não quero que você vingue a minha morte. Ouça a Palavra de Yánkuam'"... viva em paz (194)".

Outro famoso guerreiro, Chayat, quando morreu, pediu ao catequista que o batizasse, dizendo: "Jesus perdoe-me por ter matado vários Achuar. Eu fui cruel, mas eu nem conhecia a Palavra de Jesus (245).

5. Evangelize sem colonizar

São dois os princípios que inspiraram a linha missionária de Yánkuam', poderia dizer que eram suas obsessões, se essa palavra não tivesse uma conotação negativa: não levar um Evangelho com características coloniais e anunciar tendo como base a cultura. O segundo é consequência do primeiro.

Para entender essa abordagem, é essencial lembrar um fato histórico: a América, foi primeiramente conquistada para, só depois, ser evangelizada. Isso condicionou fortemente as características do cristianismo que nela foi implantado. A pregação, na verdade, foi dirigida a povos previamente submetidos, que não podiam influenciar a linguagem dos evangelizadores.

Somente a falta de informação pode levar a argumentar que na América o Evangelho "foi imposto", como alguém disse, isto é, com golpes e com violência. Conhecemos muitos exemplos de missionários que lutaram para compreender e fazer-se entender, que estudaram as línguas, que se submeteram a mil sacrifícios para humildemente ficar ao lado dos índios e os defendiam, denunciando os abusos dos conquistadores. Mas, inevitavelmente, compartilharam a visão antropológica do seu tempo e estavam levando não só uma religião, mas uma "civilização" totalmente superior, contra a qual os povos conquistados não poderiam ter outra atitude que não fosse a do discípulo e do aprendiz. Resta dizer que isso levou ao aparecimento de complexos de inferioridade e de autoestima.

É a dinâmica que também caracterizou a atitude das missões latino-americanas dos séculos XIX e XX. Os governos republicanos, nascidos da fragmentação do império Ibérico, depois de consolidar suas estruturas políticas, e

em nome da modernização e do progresso, empreenderam a obra "civilizadora" das populações e dos territórios mais remotos, que haviam permanecido em situações de primitivismo, como foi definido então. Em muitos casos, a Igreja Católica foi chamada a cumprir a tarefa de converter os "selvagens" e fazer com que os "bárbaros" adquirissem o status de cidadãos. Foi neste contexto que, no continente, foram instituídos os Vicariatos Apostólicos, nascidos na Indochina dois séculos antes, com motivações muito diferentes. Um slogan foi generalizado: "Evangelizar civilizando, civilizar Evangelizando".

O Vicariato Apostólico de Méndez foi criado por Leão XIII, a pedido do Presidente da República do Equador, com o objetivo específico de "civilizar os Jívaros".

Mas o que significa "civilizar"? É reproduzir os próprios padrões culturais, considerando os do outro como inferiores. Yánkuam' negou-se a aceitar esse papel.

Shuar e Achuar viveram durante séculos no meio deles, autossuficientes, sem complexos. Mas pouco a pouco grupos de brancos–mestiços começaram a descer dos Andes e invadir seu território; eram considerados cristãos e civilizados e podiam ser vistos como os modelos a quem olhar, causando complexos, fáceis de imaginar. Tornar-se cristão significaria tornar-se "branco", isto é, negar a própria identidade. A América Latina está repleta de indígenas que passaram por esse processo.

Mas um povo complexado não tem outro futuro além de viver à margem e ser desprezado.

Não se deve dar esmolas a um povo, se quisermos o seu progresso, mas deve-se dar confiança em si mesmo e devolvê-la, se por acaso a tivessem perdido. Este era o propósito de Yánkuam'. Seus muitos anos com os Shuar o fizeram perceber que, em frente aos colonos, parte desse orgulho estava sendo perdido (236). Ele esperava chegar a tempo de ajudar os Achuar a não cair na armadilha.

Sabemos que seu propósito era evangelizar, mas sabia muito bem que através da evangelização poderia começar a desqualificação de toda a tradição de um povo.

Dizer-lhes que haviam vivido na ignorância, que adoravam deuses falsos, e até mesmo demônios, e que somente agora algo bom e positivo era-lhes anunciado para Yánkuam', não parecia a melhor maneira de incutir autoestima.

Os missionários muitas vezes utilizavam uma imagem bíblica, interpretada de uma certa maneira: a da arca de Noé, na qual os pares de animais tinham sido obrigados a se multiplicarem. Certamente, os animais que entraram na arca não sabiam o porquê e muitos resistiam, mas valeu a pena forçá-los um pouco para seu próprio bem, porque se não tivessem entrado, teriam perecido. Outra imagem, mais difícil por suas aplicações, era a do semeador e do campo. Um bom fazendeiro, antes de semear, preocupa-se em limpar o terreno, arrancando

Ordenação diaconal Achuar.



todas as ervas daninhas e depois vigia para que não brotem novamente. Assim, pensava-se muitas vezes que, antes de anunciar o evangelho, era preciso limpar o campo de todas as falsas crenças e estar vigilante para que elas não se manifestassem novamente. Daí a ver de forma negativa os padrões culturais em bloco e a subestimar e a atacar as culturas, há apenas um passo, que muitas vezes aconteceu. Basta rever a história da evangelização na América Latina.

Mas Yánkuam', refletindo longamente sobre o decreto conciliar "Ad Gentes", descobriu uma grande saída. "Ali, os Padres conciliares afirmam que o Senhor já está presente em todas as culturas, como uma semente *(Semina Verbi)*. De modo algum você pode acabar com tudo que encontrar, ao contrário, você tem que procurar cuidadosamente por esta presença até que você a descubra e, através do anúncio explícito, ajudando a crescer até sua plenitude. Agora, a sabedoria dos povos é encontrada em suas mitologias: você tem que conhecê-los, caso contrário, ficará só nos aspectos exteriores das culturas, o que pode parecer desconcertante. Para isso, o trabalho do Pe. Siro Pellizzaro, que passou toda a sua vida gravando, transcrevendo, traduzindo a mitologia Shuar, foi decisivo. Não foi um trabalho fácil, porque essas histórias usam uma linguagem arcaica, totalmente fora do comum. Os volumes da mitologia Shuar que foram publicados são meia dúzia e receberam os parabéns do próprio Claude Lévi Strauss. Yánkuam' partiu dalí, mas depois averiguou as variantes dos mitos Achuar e nunca fez uma celebração sem

partir do relato de um mito, que colocasse em destacar como Deus, de alguma forma, desde o início, tinha falado com as pessoas, como para todos os outros. Para ele, o aujmatin (o narrador) era um ministério indispensável, realizado, na maior parte do tempo, por anciãos que nem eram cristãos (278). Não esqueçamos que ele demorou nove anos antes de administrar o primeiro batismo (275).

Havia aqueles que sustentavam que o corpo mitológico de todo povo constitui seu autêntico Antigo Testamento. É muito ousado afirmar isso porque, ao fazê-lo, o conceito de Revelação seria distorcido. Yánkuam' nunca afirmou isso. A única coisa que o interessava era mostrar que Deus sempre os amou e os acompanhou na tarefa de elaborar suas regras de vida em grupos, aquelas regras que estavam incorporadas nos diferentes personagens dos mitos. Era importante que um deles exercesse o papel de narrador, especialmente se fosse um homem idoso, porque isso sublinhava o vínculo com a tradição.

Também para os sacramentos (quando, com extrema prudência, começou a celebrar um ou outro), ele escolheu sinais relacionados à sua cultura, depois de ter conversado longamente com as comunidades. Ele fez o mesmo com as músicas, evitando traduções e arranjos musicais, e descartando melodias copiadas de outras cidades.

O missionário, por si mesmo, não pode ser aquele que decide as regras neste campo: os destinatários são aqueles que elaboram os padrões de inculturação. Muitas adaptações litúrgicas do *post Concilium* não passaram de operações de pura folclorização.

6. A teologia de Yánkuam'

Como já foi dito, a teologia que Yánkuam' estudou era típica do pré-Concílio. Quando chegou a Bogotá, já havia feito o tirocínio na Missão Bomboiza e imaginava que dedicaria toda a sua vida ao povo Shuar; os Achuar mal sabia que existiam. O que sabemos é que nesse grupo de estudantes ele conheceu um bom grupo de jovens salesianos (Carollo, Calleja, Canzi, Creamer, Pulici, Shutka e, mais tarde, Pellizzaro) que também estiveram nas missões e compartilharam o mesmo desejo de preparar-se para retornar ao campo de trabalho após a ordenação, com um certo domínio da língua. Então, não havia todos os subsídios que Pe. Alfredo Germani. Os textos escritos eram poucos e muito elementares. Tinha a gramática escrita pelo Pe. Juan Ghinassi, com grande esforço e louvável boa vontade, mas difícil de usar, já que não era linguista.

Além disso, havia uma enorme confusão em relação à grafia da língua, porque cada missionário tomava sua língua materna como referência. Os jovens, no entanto, projetavam e gastavam seu tempo livre compartilhando o que aprendiam.

Yánkuam' era um dos mais assíduos e empenhados. Ao longo de sua vida, dedicou-se a aperfeiçoar o uso da língua. No entanto, depois de muitos anos, ele lamentou não ser capaz de dominar perfeitamente a língua (119). Para ele, a maior demonstração de amor pelos destinatários é aprender sua língua. "Toda a minha vida pobre como missionário eu tentei fazer isto" (274). A esse respeito, pode ser útil abrir um parêntese, citando uma anedota que ilustra a importância de compreender pelo menos os fundamentos da língua local. Em um centro de Achuar, à beira do vicariato de Puyo, os idosos haviam se reunido, preocupados com a multiplicação de doenças e mortes. Depois de uma longa discussão, eles decidiram que não havia escolha a não ser matar os xamãs, considerados responsáveis.

A decisão foi posta por escrito, escrevendo o texto em Achuar; aqueles que estavam em condição, assinaram e os outros carimbaram a impressão digital. As Irmãs, felizes por terem participado de uma longa deliberação que havia terminado com um acordo, também assinaram, mas por não conhecerem a língua, não souberam que estavam assinando uma sentença de morte, que foi posteriormente executada.

Quanto aos estudos teológicos propriamente ditos, Yánkuam' certamente os levou muito a sério: essas aulas devem ter lhe dado uma boa base para o trabalho futuro, mas sem abrir grandes horizontes. Havia estudado a dogmática tradicional, o Direito Público Eclesiástico, a Igreja, sociedade Perfecta, o "extra Ecclesia nulla salus" Mas foi a insatisfação com o estilo da missão tradicional, que começou a incomodá-lo. Depois, alguns acontecimentos específicos foram definitivamente orientados em um sentido muito determinado.

Em 1966, tive a oportunidade de viajar para Roma e dedicar dois anos ao estudo da Missiológia na Universidade Gregoriana. Voltei muito feliz com a experiência e comuniquei meu entusiasmo ao inspetor, Pe. Angel Botta. Nos anos seguintes, imediatamente ele enviou meia dúzia de missionários para fazer os mesmos estudos, durante um ano, incluindo o Pe. Bolla: "Certamente, o ano de reflexão, oração e estudo em Roma, me ajudou imensamente a decidir começar uma reversão da presença missionária, ligada à antropologia, história e tradições do povo Achuar e à luz do Concílio Vaticano II (31). Sem dúvida, um dos professores que mais influenciaram Yánkuam' foi Joseph Goetz, sj. Suas lições interessantes de antropologia tinham a característica inconfundível da experiência: ele passava um semestre todos os anos no Chade (África).

Aqueles foram os anos da conferência do CELAM, em Medellín, os anos em que a Teologia da Libertação começou a ser discutida. Apesar de viver em uma região isolada, ouvia o eco dos debates, mas não concordou com certas abordagens. De fato, o instrumento de análise que utilizou essa teologia foi o classista, mas a luta de classes era estranha ao contexto amazônico. "A teologia

da libertação se ligou mais ao marxismo do que ao evangelho"(268) ... Muitos missionários também trabalharam mais horizontalmente do que verticalmente. Yánkuam' nunca aceitou a tese que se espalhou por aquele tempo, a da "moratória sobre a evangelização". Não se pode, diziam, pregar a estômagos vazios; aos índios não evangelizados, devemos anunciar a Mensagem com obras sociais; de Jesus Cristo se deve falar a eles em um segundo momento. É o que eles chamam de "pré-evangelização". Yánkuam' nunca aceitou isso. A primeira coisa que ele fez foi proclamar a Palavra, evidentemente adaptando a linguagem e os conceitos aos ouvintes.

Meses antes da conferência de Medellín (agosto de 1968), houve um encontro de bispos e missionários dos Vicariatos Apostólicos, em Melgar (Colômbia). A novidade foi que dois antropólogos, Gabriel Reichel Dolmatoff e José de Recasens, também foram convidados.

Suas intervenções foram como pedras jogadas na quietude de uma lagoa. Ambos questionaram muito os métodos missionários tradicionais, semeando uma inquietude saudável. É lamentável que Medellín não tenha coletado as sugestões de Melgar, precisamente por causa do instrumento de análise que havia escolhido.

Mas o momento de ruptura ocorreu em 1971, quando na ilha de Barbados (Caribe) reuniram-se uma dúzia de antropólogos, coordenados pelo austríaco Jurgen Grunberg, para refletir sobre a situação dos índios na América. Sua crítica às missões foi muito mais radical. O documento, quando divulgado, ajudou a acelerar a crise do mundo missionário que durou anos, e ainda não foi superada. Meses depois, em Iquitos (Peru), encontraram-se os bispos amazônicos, que examinaram em profundidade as observações dos antropólogos. Dom Pintado voltou muito perplexo, enquanto Yánkuam' escreveu em suas memórias: "Eu pulei de alegria" (273).

Mas não foi apenas a antropologia que o motivou, embora ela nunca deixasse de ser um auxilio essencial para o missionário; suas preocupações eram religiosas.

Ele sentiu que era essencial dar aos Achuar uma visão de Deus para ajudá-los a superar os aspectos violentos de sua cultura, mas queria fazê-lo com base em sua religião. Em si não foi uma tarefa fácil porque, aparentemente, a experiência histórica da Igreja tinha percorrido caminhos muito diferentes. O Antigo Testamento manifestava uma rejeição inequívoca a todas as outras religiões e São Paulo nunca usufruia da religiosidade dos "gentios"para falar-lhes de Jesus Cristo, ao contrário, via-a como causa de imoralidade. Os Padres da Igreja tinham uma atitude semelhante.

Mas o próprio São Paulo havia manifestado uma notável abertura à "sabedoria" do mundo greco-romano: basta lembrar seu discurso na Acrópole de Atenas. É também inegável que o cristianismo dos primeiros tempos não mostrou pouca

harmonia com o pensamento estóico. Alguns até mesmo levantaram a hipótese de um encontro entr Paulo e Sêneca, em Roma. Matteo Ricci, hoje amplamente reavaliado, considerou o confucionismo um bom interlocutor para o anúncio de Jesus, na China.

A linguagem da mitologia é religiosa num sentido muito amplo, enquanto é o reflexo de toda a vida e experiência de um povo. Yánkuam' conta como, sobre esse assunto, refletiu durante anos e chegou à conclusão de que os mitos, como os mandamentos, são "escritos na consciência da humanidade" (277).

Sendo assim, será possível evangelizar sem levar em conta uma realidade tão arraigada na consciência de um grupo humano? Como poderíamos falar sobre Jesus Cristo começando com a rejeição de toda a história e do modo de ser deste grupo?

A enorme questão da formulação de termos teológicos cristãos em uma linguagem cujo léxico está circunscrito à realidade da floresta permanece em aberto. Yánkuam' estava muito consciente da extensão do problema, especialmente quando começou a tradução do Novo Testamento para Achuar. Como traduzir, por exemplo, o Espírito Santo? (131).

Exatamente por isso, ao trabalho de tradução dedicou muitas horas. Interessante, uma anedota. Nos intervalos, entre o trabalho da fazenda e a construção de uma casa, ele foi capaz de traduzir a Carta aos Filipenses, que deu ao linguista Maurício Gnerre para ler. O comentário: "Foi o primeiro texto da Bíblia que li e li em Achuar" (281).

Um ponto que causou conflitos, não apenas entre os missionários, foi a escolha de um termo para indicar a divindade. Os povos amazônicos, como muitos outros, não possuem o conceito de ser superior, único e pessoal. Eles têm a noção de espírito, que tem manifestações e presenças multiformes.

Desde os primeiros contatos com os Shuar, os missionários usaram a palavra *Yus*, adaptação fonética do espanhol *Deus*, mas era algo alheio à experiência dos Shuar e Achuar. Um termo usado pelos dois povos é *Arutam*, uma energia que eles constantemente buscam, também ingerindo alucinógenos, para levar a cabo empresas importantes. É verdade que contém sua dose de ambiguidade, porque eles sonham em obter o *Arutam* também para matar o inimigo (276).

Mas o conceito pode se tornar aceitável através de um paciente trabalho de purificação. Também o termo bíblico *Yahweh* passou por este processo para ser usado agora no culto cristão. Quem hoje poderia invocar um Deus irado e exterminador de inimigos? A história com a qual Yánkuam' descreve o rito do tabaco, em que participou várias vezes, é muito interessante para entender como ele valorizava as celebrações dos Achuar, lendo-as em chave cristã.

"Ao anoitecer você tem que se banhar na cachoeira ou no rio para se purificar. Canções tradicionais são cantadas para Arutam, o Deus da vida e da imortalidade,



Ele viveu 40 anos, sentindo-se amado pelos Achuar. Ele tinha duas colunas que o mantinham de pé: todo o seu ser irradiava uma fé inabalável em Deus e amor ao povo Achuar.

ou canções na fé cristã - no caso dos crentes em Jesus. Então o rapé mastigado por um homem idoso, que age como um intermediário entre a divindade e o parente do iniciado, é tomado com um pouco de água. O jejum, o canto, o silêncio da selva preparam esse momento, fonte de espiritualidade, buscando vida e harmonia na família e na sociedade, que também são bens da fé cristã "(276).

Na área, há anos, grupos evangélicos fazem-se presentes. Partem de pressuposições teológicas completamente diferentes, inspiradas na teologia dialética de Karl Barth, e fundamentalmente de Lutero: *solus Christus, sola Fides, sola Scriptura.* Dentro desta visão, as culturas e as religiões são inconsequentes, elas seriam um obstáculo para a salvação, como evidência da presunção humana de auto redenção.

Yánkuam' evitou ao máximo uma polêmica com eles. Ele só se importava que as diferenças teológicas entre um e outro não chegassem a dividir as comunidades. Ele simplesmente escolheu outro caminho, o de viver entre eles, como eles. Os pastores evangélicos vivem em centros isolados: ali reúnem periodicamente os líderes, instruem e catequizam (220). Sempre foi algo estranho ao espírito de Yánkuam' insistir em marcar as diferenças. Mas uma observação não pode ser ignorada: "Os evangélicos falam-lhes do fogo do inferno, eu da beleza do paraíso" (243).

A antropóloga e teóloga alemã Ana Meiser, da Universidade de Freiburg, estudou longamente o problema da inculturação teológica de Yánkuam' e também a comparou com a abordagem dos evangélicos. O fruto desta pesquisa é um volume grosso intitulado "Beber de dois rios" (Quito, 2014, Ed. Abya-yala), em alemão "Trinken aus zwei fluss". Sua leitura é esencial para aprofundar este tema.

7. "Como missionário eu estava disposto a fazer tudo"

Estas palavras dele (187) não significam apenas que ele não hesitaria em enfrentar qualquer dificuldade e sacrifício pessoal, mas que não pararia de lutar, não importa o que custasse, quando necessário. Yánkuam' era o homem mais gentil do mundo, sempre de bom humor, sereno, paciente, mas, sob esse aspecto amável, uma vontade e determinação excepcionais estavam ocultas. Era muito claro sobre seus objetivos e estava convencido de que o povo Achuar estava esperando por uma fase decisiva, da qual dependia sua própria sobrevivência. Durante séculos eles sobreviveram aos seus conflitos internos, mas agora as ameaças os sitiavam de diferentes frontes e podiam esmagá-los.

Em primeiro lugar, o padre tinha bem claro que o anúncio da Palavra, interiorizado e vivido, deve ser traduzido em realizações concretas: Yánkuam' não era um pregador itinerante inofensivo. A sociedade circunvizinha tinha recursos ilimitados e tinha os olhos fixos em seu território, rico em recursos: petróleo, minerais, madeira ... Não podiam resistir com lanças e a uma ou outra velha carabina. Era essencial criar uma organização que reunisse o maior número possível de pessoas e fizesse ouvir sua voz diante do governo e de entidades internacionais. Foi também por isso que Yánkuam' insistira em ajudar o grupo para acabar com os conflitos internos, se não o fizesse, seria impossível qualquer forma de organização além da familiar (100).

Desde o início dos anos 60, o Pe. Juan Shutka, em Sucúa (Equador), tinha começado a organizar politicamente os Shuar, chegando, em 1964, juntamente com o líder Miguel Tankamash, a estruturar a Federação que serviu de modelo para muitas outras organizações indígenas, tanto no Equador como em toda a América Latina. Yánkuam' usou essa experiência para alcançar algo semelhante com os Achuar do Peru. Em suas memórias, ele dedica três capítulos a este tema: fala com entusiasmo de realizações (cap. 28) e lamenta as rupturas (capítulo 48 e 49.). Mas estas deserções não o desanimaram, pois sabia que entre os Achuar isso era coisa comum, mas contava com os que permaneciam para lutar contra os novos e verdadeiros inimigos do povo (102).

Em primeiro lugar, as empresas petrolíferas transnacionais. Para essas, os povos indígenas são simplesmente um obstáculo: ocupam territórios onde a exploração não seria complicada, se não se opusessem a ela. Um tempo foi fácil eliminá-los em silêncio, mas hoje, com o poder que a mídia alcançou, tudo é muito mais complicado. A denúncia de um massacre, mesmo de alguns indígenas, causa um alvoroço mundial, que pode causar um dano muito forte à imagem (e à economia!) de uma empresa.

Obviamente, as multinacionais agem com muito mais cautela. O poder que têm pode condicionar os governos nacionais, e também alguns líderes indígenas,

semeando divisões (221, 224). A invasão desses atores é quase imparável e, quando chegam, as consequências para os índios é lástimável que são verificadas pontualmente em todos os lugares: alcoolismo e prostituição, duas pragas mortais para qualquer grupo que viveu isolado, ligado à sua tradição.

Yánkuam' testemunhou pessoalmente a destruição causada pela OXY (Occidental Petroleum). "As consequências são muito sérias e continuam até hoje" (137, 271). O empenho para fazer com que os Achuar permanecessem unidos na rejeição total dos petroleiros foi constante e obsessivo, mas ele era apenas um pequeno Davi que enfrentou, não um gigante Golias, mas muitos ao mesmo tempo (225). Nos últimos anos, quando suas forças estavam indo embora e não podia mais visitar as comunidades com a mesma frequência que antes, sofreu muito ao ver-se obrigado a constatar que, no dique, se abriram fissuras (219).

Não é necessário dizer que sua atitude causou a aversão de um número considerável de inimigos, que o odiavam até a morte e pediam sua expulsão. Com esse sentimento, os olhavam não só os trabalhadores do petróleo, mas também os madeireiros e os traficantes de drogas. Yánkuam' sabia que a droga estava causando estragos entre os jovens das cidades, mas nunca teria imaginado que ela também poderia chegar até os jovens Achuar, como um produto de consumo. Mas constatou que os casos estavam multiplicando-se: "Uma imensa penalidade!" (130). O ódio não se limitou às palavras e se traduziu em ameaças muito específicas: "Eu vou matar este padre" (209). "Nós temos que matar o Pe. Luís "(210). 'Yánkuam' foi acusado de ser comunista, guerrilheiro, traficante de drogas, espião ... (213).

A sua situação existencial o tornava particularmente vulnerável: era estrangeiro, tinha trabalhado extensivamente no Equador e, só depois, foi para o Peru. Não se pode esquecer que, até a paz de 1998, o conflito entre os dois países permaneceu muito vivo e despertou grandes suscetibilidades: era muito fácil desqualificá-lo, acusando-o de ambos os lados de ser um espião. De fato, isso aconteceu mais de uma vez. Em 1995, tendo passado pelo Equador, Yánkuam' foi preso em uma base militar, vigiada por uma sentinela armada (108).

O conflito entre dois povos irmãos, culturalmente muito semelhante, encheu-o de tristeza (105). Yánkuam' sempre suspirou pelo dia em que a paz seria celebrada e ficou muito feliz quando o tal acordo foi assinado. Além de concluir um conflito, que causou ódio, morte e grandes gastos militares, o acordo de paz facilitou as famílias Achuar, de ambos os lados da fronteira, a encontrar-se novamente, e permitiu que os missionários salesianos dos dois vicariatos, pudessem se reunir livremente.

Contudo, o conflito deixara uma sequela perigosa: a fronteira estava repleta de minas anti-indivíduos, que constituíam um perigo muito grave para o povo,

acostumado a mover-se pela selva em busca de caça. O próprio Yánkuam' correu o risco de pisar em uma delas quando teve que atravessar a pé, juntamente companheiro Achuar, um campo suspeito: "Eu disse a ele que, sendo casado e com filhos, era justo que eu me arriscasse. Nós invocamos a Virgem Maria. Eu fui sozinho com muita tensão, até o arame farpado. Virei-me para a esquerda e li a placa que dizia: Campo minado. Proibida a passagem"(106).

Há um episódio que vale a pena contar, devido ao seu forte significado: pena que o pouco espaço obriga a omitir detalhes interessantes: quatro Achuar e um professor foram maltratados pelos soldados. Yánkuam', com um documento escrito pela comunidade, foi a Lima para apresentar uma queixa formal às autoridades. Na época parecia que os resultados eram nulos, mas provavelmente as autoridades começaram a preocupar-se que tais denúncias pudessem ser difundidas no exterior.

Um dia, na comunidade em que Yánkuam' estava visitando, um helicóptero chegou com um almirante da Marinha, ex-Ministro da Agricultura e prefeito da região. O diálogo pôde ser feito com a intermediação de Yánkuam', como tradutor. O militar, que evidentemente queria resolver o assunto de modo rápido, com alguma generosidade, começou dizendo: "Queremos saber o que precisam".

Um deles, que havia sido maltratado, o deteve e disse: primeiro, faça justiça a nós; Eles nos trataram, em nossa terra, como se fôssemos inimigos. Então começou o discurso "Kakatramu" de raiva e rejeição, em que a palavra se repete quatro vezes, com grande veemência, para amedrontar o outro, como nas antigas guerras (181).

Isso impressionou muito os visitantes, que ficaram bastante desanimados. O ex-Ministro da Agricultura, antes de ir ao helicóptero, aproximou-se de Yánkuam' e disse: "Reverendo padre, nunca vi índio com tanto orgulho quanto estes. Eu parabenizo você"(182). Outra ameaça que pairou sobre o grupo veio de ninguém menos que do Ministério da Saúde. Sob o pretexto de fornecer vacinas, os funcionários daquela entidade injetavam nas mulheres drogas abortivas e esterilizantes. A iniciativa teve origem em organismos internacionais e foi totalmente compartilhada pelo governo local. Tratava-se de limitar o crescimento demográfico de povos fracos e marginalizados.

Yánkuam' não podia não se opor a tal projeto e atacou com tanta força que tanto o Ministro do Interior quanto o Ministro da Defesa queriam expulsá-lo do país "por causa da questão do petróleo e da questão das vacinas". Yánkuam' foi defendido por seu Bispo e pelo Núncio Apostólico (265).

O que impediu que, às vezes, ele reagisse frente à hierarquia eclesiástica, quando esta não se mostrava suficientemente forte diante dos petroleiros. "Meu bispo, José Luis Astigarraga, é um santo homem de Deus, mas ele pertence, como

eu, à cultura mais forte. Eu vivo na aldeia e ele, fora, por isso não é fácil entender-se com os indígenas... disse ao meu bispo que, como pastor, estava tentando alcançar a reconciliação, a paz e mútuas vantagens, mas os Achuar não queriam vantagens, só queriam e pediram para ser livres ..."(182).

Ainda no Equador Yánkuam' teve a oportunidade de falar com um tenente, que disse em um tom condescendente: "Padre, seja paciente. A cruz sempre chegou com a espada". "Eu olhei para ele com tristeza, sentindo meu sangue esquentar, como um bom latino. Tenente, se na história da colonização da América isso aconteceu muitas vezes; agora, acabou. Estaremos sempre com os mais fracos, que são os indígenas" (157).

O governo equatoriano, desde a época das desavenças com o Peru, concordou em pagar um salário aos párocos da fronteira, mas Yánkuam' nunca aceitou (147).

Outro problema, contra o qual Yánkuam' combateu, foi o da prostituição: o exército não apenas a tolerava, mas a promovia, fornecendo mulheres às tropas dos diferentes destacamentos. O que mais o feriu foi a introdução, entre os jovens Shuar e Achuar, de um hábito completamente alheio à sua tradição, e que acabaria causando enormes danos à estabilidade das famílias.

Quando ainda estava no Equador, Yánkuam' teve que viajar em uma canoa, onde o prático levava uma prostituta. Enquanto este último desembarcou para fazer algumas compras, o padre foi deixado sozinho com a mulher, no barco. "Que tristeza naquele rosto! ... Eu a encorajei o máximo que pude e pensei em minha imensa pequenez e fraqueza por estar revivendo aquilo que Jesus viveu. Disse a ela que o Reino de Deus também era para ela e que bastava que se convertesse" (159).

8. O Salesiano

Não se pode negar que, como Salesiano, a vida que levou Yánkuam' foi bastante atípica. Os Salesianos somos caracterizados pela vida comunitária, enquanto que Yánkuam' passou a maior parte de seus anos sozinho. Também quando, finalmente, pôde contar com dois companheiros, capazes de se adaptar a uma existência semelhante à sua, formaram, os três, uma comunidade muito *sui generis*, porque cada um deles atendia a uma grande área e se reuniam esporadicamente, por períodos bastante curtos.

É essencial esclarecer imediatamente um aspecto fundamental, a fim de poder interpretar corretamente o que a decisão tomada por ele implicava.

Deve ficar claro que Yánkuam' não optou por ir morar entre os Achuar por estar cansado de viver entre seus irmãos salesianos: em se tratando de uma

experiência pioneira, seria quase impossível começá-la de uma maneira diferente. A sua experiencia não era uma fuga, nem uma improvisação. Foi algo meditado e planejado, que estava amadurecendo durante longos anos.

Yánkuam' esperava que, uma vez que se sentisse aceito e conhecesse o ambiente, algum outro Salesiano viesse morar com ele. Mas não era que alguém estivesse "destinado" a essa vida, mas que a escolhesse como sua opção. Não foi fácil, porque as exigências que ele impôs excederam em muito a normalidade. No final de 1972, o jovem salesiano Catalão José Arnalot, que desejava fazer uma pausa no meio de seus estudos teológicos, para fazer uma experiência "radical", pediu para acompanhá-lo. Foi providencial. Em primeiro lugar, porque acabou por ser um excelente companheiro e uma grande ajuda no trabalho, mais tarde porque teve a feliz ideia de escrever um jornal que foi publicado e chegou a muitas edições, em castellano e em italiano. É através deste texto que foi possível conhecer uma infinidade de detalhes sobre a vida, a entrega e a espiritualidade de Yánkuam' (todo o capítulo 11). O trabalho é intitulado "O que os Achuar me ensinaram". Yánkuam' e Chuwint (como eles chamavam a Arnalot), tanto quanto possível, falavam em Achuar (49).

Quando Arnalot partiu, em 1975, Yánkuam' ficou novamente sozinho, por três anos, até chegada do Pe. Telmo Carrera. Em pouco tempo, o companheiro ficou doente e teve que sair.

Deu-lhe um alívio o Pe. Domingo Bottasso, com quem, em 1978, fez uma viagem de quatro meses, na zona de Achuar, no Peru. Essa experiência fortaleceu grandemente a amizade e o conhecimento mútuo, porque eles tinham corrido juntos aventuras e riscos não pequenos. O Pe. Domingo quase foi deixado pela estrada, no meio da selva, por causa de um ataque muito forte de malária (54). A sintonia que se estabeleceu entre os dois foi muito grande, mas eles não ficaram juntos por mais que um ano e meio. Conhecendo a situação de abandono dos Achuar do Peru, Yánkuam' não resistiu à vontade de ir morar entre eles. Outra ruptura dolorosa, mas inevitável para Yánkuam'.

Em um encontro de missionários, o novo Vigário Apostólico, Theodore Arroyo, e o inspetor, Pe. Pedro Creamer, comunicaram oficialmente a passagem de Yánkuam' para o Vicariato Apostólico de Yurimaguas (Peru), dirigida pelos padres Passionistas: "Sabemos que Yánkuam'não vai por capricho, e a área é muito difícil. Nós desejamo-lhe um santo fruto do trabalho missionário"(81).

Sim, a área era realmente muito difícil e o acesso era muito mais complicado do que no lado equatoriano. Um pouco por isso e um pouco porque essa não era uma opção decidida pela Inspetoria Peruana, Yánkuam' ficou sozinho por cerca de onze anos, sem que nenhum Salesiano o visitasse de Lima.

Yánkuam' ia todos os anos para os Exercícios Espirituais, mas chegou o momento em que ele decidiu protestar formalmente o abandono e o fez de uma

maneira muito especial: não participando de um retiro anual; preferiu fazê-lo sozinho, no "deserto" da selva, por dez dias, em vez de cinco (171). O Pe. Vicente Santilli, a quem devemos a publicação das Memórias, começou a visitá-lo todos os anos (10). Mais tarde tornou-se inspetor do Peru, valorizando e divulgando a experiência de Yánkuam' entre os irmãos.

O contato com os Salesianos era considerado por Yánkuam' como uma necessidade real, pois se sentia profundamente ligado à Congregação. Todos os anos, e se possível, mais de uma vez, estava na missão Wasakentsa com o Pe. Domingo Bottasso e os outros missionários, que se juntaram a ele. Isso implicava uma caminhada de vários dias.

Em certa ocasião, uma Irmã o criticou duramente porque morava sozinho, fora das estruturas da Congregação Salesiana. "Eu engoli a pílula amarga, acreditando que o hábito não faz o monge, mas que a vida dele o define" (143). E então Yánkuam' recorda, nas Memórias, que o Reitor-Mor, Egidio Viganò, o autorizou a mudar do Equador para o Peru (143).

Finalmente, no ano 2000, o sonho que nutria desde o início foi realizado: ser acompanhado por um Salesiano de maneira estável. Quando escreveu suas Memórias, Yánkuam' já podia falar de 10 anos de presença ininterrupta ao seu lado do Pe. Diego Clavijo, equatoriano. Para Yánkuam', foi o maior presente. "Foi a bênção que o Senhor me concedeu no Peru por tantos anos que eu não tive companheiros missionários. A primeira vez gastou cinco longos e sofridos dias para chegar a Shanchiik, onde eu morava desde junho de 1995"(326). Os dois entendiam-se perfeitamente. Padre Diego (Kiakua para os Achuar) chegou a amá-lo como pai e chorou sua morte como se fosse o parente mais próximo.

Pouco antes de chamar para receber o prêmio, o Senhor concedeu a oportunidade a 'Yánkuam' de retornar a Macas, missão, onde, 60 anos antes, iniciou o seu ministério sacerdotal e da onde tinha partido para a sua formidável aventura missionária. Na ocasião, aconteceu a beatificação da Ir. Maria Troncatti, a qual conhecia muito bem e admirava. A cerimônia, que contou com a participação de Shuar e colonos, foi presidida por Card. Angelo Amato, e presentes todos os bispos do Equador. Yánkuam' não queria perder: era uma festa muito grande para sua família religiosa, que reconhecia o heroísmo de uma grande missionária. Estava feliz e otimista como sempre, mas talvez ele estivesse exigindo muito de seu pobre corpo. Um homem de oitenta anos, que contraiu malária por quarenta vezes (136,63), caminhou três dias para chegar à missão de Wasakentsa, no Equador, de onde um pequeno avião o levou a Macas. O retorno exigiu mais três dias a pé. Não vamos esquecer que ele nunca apoiou a construção de pistas de pouso, em sua área. Finalmente, com tantas privações, cansaços e sacrifícios Yánkuam' teve que pagar a conta: indo para Lima, pouco tempo antes dos Exercícios Espirituais, foi acometido por uma isquemia.

9. Nuvens no horizonte

O que impressionou imediatamente no trato com Yánkuam' era sua serenidade e otimismo: nada ruidoso ou ostentado; tinha uma espécie de transparência, que expressava profunda harmonia interior de uma pessoa que estava em paz e realizada.

Em suas Memórias (318), Yánkuam' cita o dito de Mahatma Gandhi, que se tornou sua regra de vida: "A civilização é reduzir nossas necessidades". Ele abandonou praticamente todas aquelas que pudessem diferenciar sua existência daquela que levavam os Achuar. O que o motivou não foi um desejo estóico de resignação, mas a convicção de que a sobriedade do povo amazônico teria muito a ensinar à nossa civilização insaciável, consumista e, cada vez mais, insatisfeita. Yánkuam' estava profundamente convencido de que, com o desaparecimento dos povos indígenas, "a humanidade teria perdido algo imenso" (318).

Na ocasião em que o Pe. Domingo Bottasso, durante a viagem exploratória no Peru, foi falar com o Vigário Apostólico de Iquitos, Yánkuam' sentiu uma grande tristeza, quando percebeu que, para o bispo, a causa indígena estava perdida. "Ele viu que, em poucos anos, as multinacionais acabariam com todos os povos indígenas. Essa profecia da morte nos feriu e dissemos a ele que não concordamos e que estaríamos com essas pessoas até o fim, mesmo que tivessem que desaparecer" (56).



Sua vida é paradigma de vida missionária: um amor profundo, autêntico, perseverante e respeitoso pelo povo Achuar e pelo anúncio inculturado e apaixonado de Jesus Cristo.

Mas o otimismo não pôde impedi-lo de perceber uma evidência perturbadora.

A hostilidade da sociedade nacional era garantida, mas alguns jovens Achuar começaram a mostrar sinais preocupantes.

Yánkuam' sempre demonstrara admiração incondicional pelos Achuar. "Era um povo com enorme dignidade" (191). Ele nunca os julgou, apenas tentou entendê-los.

Apesar do isolamento, as armadilhas penetraram no coração da selva, transportadas por corporações internacionais. "Nesta época, ele apontou em uma de suas páginas, o desejo de adquirir dinheiro é o ideal de muitos, dentro

dos povos indígenas, como se esse fosse seu único valor e sua única esperança" (146). As companhias petrolíferas entenderam perfeitamente e daí começaram a lutar para superar toda a resistência. Um líder que tinha se rendido às bajulações comentou: "nos pagam quando vamos para cursos de aprendizagem no trabalho das companhias petrolíferas ... Pagam também os dias para chegar Tarapoto, ida e volta, e alojamento nos melhores hotéis, tudo de graça. Se adoecermos, eles nos pagam a cura no hospital de Tarapoto, muito bem equipado. Com esse dinheiro, mantemos nossos filhos na escola primária e secundária" (313).

Tudo isso era deprimente para Yánkuam', ainda mais quando um jovem contou-lhe sobre a embriaguez que ocorria durante esses cursos, as relações promíscuas com as prostitutas e todo o resto.

Yánkuam' sabia muito bem disso, sabia como esse processo começava e qual seria o seu epílogo esquálido. A história da América é uma crônica sem fim de povos indígenas, que daquele jeito tinham iniciado seu contato com a "civilização" e acabaram sendo marginalizados e desprezados. Muitos desapareceram.

Alguns hoje reagem e recuperam a vitalidade, pagando inclusive o preço por abdicar demasiadamente de sua identidade e aceitando acomodar-se excessivamente às exigências da situação. Os Shuar podem ser contados entre esses. Ultimamente, suas críticas ao trabalho dos missionários estão crescendo. Certamente, eles têm uma parcela de razão, mas não podem se esquecer que, sem a presença dos Salesianos entre eles há mais de um século, hoje não seriam o que são.

Uma vez inseridos na dinâmica introduzida pelas empresas, alguns jovens começaram a pressionar Yánkuam' para que servisse de intermediário na solicitação de dinheiro a diferentes organizações internacionais de cooperação, como costumam fazer as ONGs. Mesmo sabendo que sua relutância traria crítica e antipatia, não cedeu. Em uma reunião os índios reclamaram que Yánkuam' não tivesse pedido dinheiro ao bispo, como fez no lado equatoriano. Ele respondeu: "O Senhor Jesus chamou-me para anunciar o Evangelho aos povos da terra. Por esse mesmo motivo, a Igreja e a Congregação Salesiana enviam-me. Não me mandaram pedir dinheiro. Apesar de tudo, o Senhor sempre nos ajudou em nossas necessidades"(126). Obviamente, um discurso nesse nível tinha pouco impacto em indivíduos que já haviam sido mordidos pelo vírus monetário. Nessa mesma ocasião, repreenderam-no duramente, em público, por ter permanecido tantos anos entre eles sem construir obras e sem dizer-lhes claramente como os brancos faziam para conseguir tanto dinheiro e dispor de tantas coisas. Yánkuam' sofreu o ataque em silêncio: "Eles me humilharam duramente na assembleia, no dia seguinte ... Naquele momento Antuash (Domingo Bottasso) interveio e os silenciou" (126, 127).

Yánkuam' tinha empregado o seu tempo, a sua saúde e toda a sua inteligência para conseguir que esse povo, que amava, pudesse se mantasse digno e orgulhoso, agarrado aos valores da sua tradição. Mas, agora, os jovens iam aonde

estavam as empresas para mendigar presentinhos. "Sempre fomos pobres, mas evitamos ser mendigos. Em vez disso, agora, pela política e pelos petroleiros, muitos Achuar tornaram-se mendigos, em vez de obter com esforço e unidos aquilo de que necessitamos"(270).

Deve ter sido difícil para Yánkuam' ver-se obrigado a escrever essas anotações, enquanto dava-se conta que sua força estava se esvaindo.

É comovedora uma anotação que ele fez no final de suas memórias: "Agora eu estou caminhando, e lentamente, para a "quarta idade", como costumo chamá-la, quer dizer em direção à velhice, raramente, confesso, senti um certo desânimo e vazio profundo. Lembro-me de estar em Sanchiik, antes de retornar ao Kuyuntsa com Diego, em setembro de 2006. Eu estava sozinho em casa, a cortar a grama, quando disse a mim mesmo com uma certa tristeza melancolia: "Agora minha vida acabou? O que eu fiz? ... nada! A oração me sustentou e, no dia seguinte, estava disposto a fazer tudo, como sempre. Essa disponibilidade e o poder reconhecer meus irmãos indígenas no mesmo nível de vida que o meu, sustentaram-me em todos esses anos" (333).

As Memórias de Yánkuam' chegam até 11 de agosto de 2011. Em outubro, ele foi visto em Macas, feliz e cheio de vitalidade como sempre. Ele só tinha alguns meses de vida e é possível suspeitar que, mesmo sem perder essa serenidade, sofreu como o perfurar de um espinho.

Poucos dias antes de sucumbir ao ataque isquêmico, deixou uma nota que revela um pouco o véu que cobria o seu mundo interior e nos permite suspeitar da existência de uma dor, cujas dimensões nunca poderemos saber, "Temo que seu silêncio, Senhor, demais! Mas eu não posso esperar que você fale comigo como você fez quando me chamou quando criança, embora ache que você pode fazer isso ... Ajude-me, Senhor. Eu acredito e espero em ti, sem ver-te, nem te escutar" (7).

Deus ama seus filhos, mas nem sempre os recompensa neste mundo com consolos incessantes. Para o melhor, às vezes, purifica-os com longas noites de escuridão.

10. O que restou?

Desde que Yánkuam' nos deixou, passaram-se alguns anos e uma pergunta surge espontaneamente. Não é fácil respondê-la, pois o tempo decorrido ainda é pequeno e são muitas as variáveis que entram em jogo. Algo, no entanto, pode ser inferido, levando em conta o que aconteceu com outros povos indígenas, que passaram por experiências semelhantes.

À região onde viveu Yánkuam', que por séculos foi tutelada pela selva com seu abraço protetor, chegaram as estradas. Do lado equatoriano, já estão atingindo

P. Bolla envia em missão aos Diáconos permanentes.



a fronteira do território Achuar. Com as estradas, chegou também um mundo diferente, que vai expor nas suas vitrines uma infinidade de produtos, capazes de assegurar a felicidade na terra. Difícil resistir. Yánkuam' viveu o suficiente para ver que alguns começavam a ceder e tinha certeza de que muitos outros o fariam. Sabia, todavia, muito bem que esse encantamento acabaria por desapontá-los, visto que os índios só teriam acesso a uma quantidade mínima e muito marginal das maravilhas prometidas, o que geraria um sentimento permanente de frustração.

Yánkuam' colocou a esperança "naqueles que retornariam", ou seja, nos (talvez muito poucos) que voltarão a ter apreço por aquilo que foi abandonado, depois de ter experimentado as promessas falaciosas e vazias do mundo globalizado.

Entretanto, isso exige que a memória seja preservada, caso contrário, não restará mais nada a ser retomado. Yánkuam' dedicou muito tempo e energia para registrar essa memória nas mentes dos jovens e para documentá-la, escrevendo várias obras sérias e apreciadas de etnografia. Se a comparação não parecer muito ousada, a ação Yánkuam'recorda-nos a dos mosteiros medievais. Na biblioteca de muitos deles conservavam-se e, *no scriptorium*, multiplicavam-se as obras-primas da antiguidade clássica, mesmo que nem sempre pudessem entender o seu valor.

Todavia, quando esse patrimônio foi redescoberto, o milagre do Renascimento brilhou, uma verdadeira primavera para a história do Ocidente. Yánkuam' estava plenamente confiante de que parte da experiência daquele povo permaneceria e que o tempo permitiria que fosse reavaliada. Se ele não tivesse alimentado essa esperança, teria sido impossível dedicar toda a sua vida à causa. E mesmo se o vento da modernização conseguisse terminar tudo, seríamos obrigados a agradecer por existir "pessoas loucas", que acreditam em utopias. Sem elas, o mundo seria apenas um amontoado de estatísticas e gráficos que ilustram as flutuações do PIB e da produtividade, um mundo sem alma e sem sonhos. Temos necessidade de homens e de mulheres que se dediquem a causas perdidas, a grupos pequenos, ameaçados de extinção; precisamos de pessoas capazes de dedicar a eles, nã uma tese ou uma mesa redonda, mas a vida; pessoas capazes de dar a própria vida, de desperdiçá-la. Serão sempre uma pequena minoria, mas aptos a encorajar todos os demais. E ninguém disse que isso só pode ocorrer em periferias distantes, entre tribos perdidas em selvas ou em terras remotas. Também no coração da metrópole moderna pode-se descobrir pessoas e grupos que sofrem a ameaça de serem suplantados, porque a sua presença é vista como anacrônica, disfuncional ou irritante. Pessoas que a este mundo eficiente parecem inúteis e descartáveis. Eles não precisam de esmola, mas de alguém que anuncie que Deus os ama.

Por algum motivo Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, arcebispo anglicano da Cidade do Cabo, na África do Sul, disse que a Bíblia é o livro mais subversivo que existe, pois afirma que, para Deus, nenhum povo é inferior ao outro e todos têm um lugar na história. O povo que se convence disso não poderá ser impedido por ninguém.

Datos biograficos

- 1932, 11 de agosto: Luís Bolla nasce em Schio (Vicenza)
- 1948: entra no noviciado salesiano.
- 1949-1952: Frequenta o liceu em Nave (Brescia).
- 1953: É destinado ao Equador.
- 1953-1956: Realiza o Tirocínio, em Bomboiza.
- 1956-1959: Estuda teologia em Bogotá.
- 1959: É ordenado sacerdote.
- 1960: Trabalha em Macas.
- 1961-1971: Trabalha na missão de Taisha.
- 1971-1984: Com os Achuar do Equador.
- 1984-2002: Com os Achuar do Peru.
- 2012, 6 de fevereiro: Morre, em Lima.
- 2019, 1° de Agosto: Apertura da causa para a beatiicação.

6. LEITURA ESPIRITUAL DA EXPERIÊNCIA DE YÁNKUAM'[13]

Pe. Aldo Giraudo, sdb[14]

Os relatores que me antecederam tiveram um contato pessoal com Luís Bolla, conheceram-no, partilharam com ele, alguns mais outros menos, a vida e – como ouvimos – conservam uma imagem viva de sua personalidade, podem documentar a importância da experiência, da obra, do pensamento.

Eu não tive tal oportunidade. Li a sua aventurosa e interessante autobiografia, e depois tive em mãos o sugestivo diário de José Arnalot[15], onde, aqui e ali, emerge um retrato vivo de Yánkuam', a singularidade e a excepcionalidade de sua vida, de sua fé, as virtudes que o caracterizavam, as suas visões e utopias, a qualidade evangélica de sua experiência e ação missionária. Tem-se a impressão imediata de estar diante de um cristão autêntico, todo inteiro, uma testemunha genuína, um apóstolo heróico, permeado, em cada fibra do seu ser, em cada pensamento, desejo e projeto, pelo espírito de caridade, pelo amor que prefere a Deus e aos homens que a si mesmo; um homem que viveu para a comunidade à qual se consagrou, para a Igreja Achuar que se sente chamado a fundar, para o Evangelho que anuncia com paixão e com alegria. Fica-se afascinado e vem espontaneamente dizer: este homem é um santo.

Foi-me pedido uma leitura "espiritual" de tal experiência. Aqui devo limitar-me a enunciar alguns traços, núcleos dinâmicos, em torno dos quais ou a partir dos quais, articulou-se toda a vida e a ação de Yánkuam'. Para um estudo mais sério e crítico, necessita-se de uma documentação mais ampla (os escritos, os cadernos, os diários, os testemunhos recolhidos em campo…) e é necessário um método adequado, rigoroso, de acordo com o modelo utilizado por Anna Meiser no seu volume[16].

Inspiro-me nas sugestões metodológicas da teologia espiritual de Hans Urs von Balthasar, que afirma que a experiência das personalidades cristãs que

[13] A presente conferência foi feita no dia 20 outubro de 2016, no seminário sobre a figura do P. Luís Bolla, promovido pelo Discatério para as Missões Salesianas e o Instituto di Teologia Dogmática da Faculdade Salesiana, Roma.

[14] Professor Ordinário de Teologia Espiritual na Universidade Pontifícia Salesiana.

[15] Arnalot J., *La capanna senza steccato. Tre anni tra gli Achuar dell'Ecuador*, L'Arciere (Cuneo 1992).

[16] Meiser A., *«Ich trinke aus zwei Flüssen». Zur Logik transkultureller Prozesse bei christlichen Achuar und Shuar im oberen Amazonien*, Kohlammer (Stuttgart 2013).

se impõe pela sua excepcionalidade e genuinidade evangélica (os santos), não deve ser vista apenas com admiração ou como um simples estímulo à imitação, porque ela è um dom de Deus à Igreja. Enquanto tal deve ser considerada na sua singularidade, também como *lugar teológico*, que nos permite identificar algumas características essenciais do cristianismo. Na vida dessas pessoas extraordinárias, que se apropriaram intensamente da mensagem evangélica, que se conformaram a Cristo através de um processo de adesão total, de espoliação radical de si que envolve toda a existência – sem, todavia, privá-las de sua singularidade – podemos ver uma exegese vivente do Evangelho.

O teólogo espiritual deve, portanto, olhar a vida destas testemunhas sigulares não apenas para discernir neles a ação da graça divina, mas também para entender as necessidades históricas às quais tiveram que responder, enriquecendo a Igreja com uma específica contribuição. Isto significa atribuir uma importância privilegiada à categoria da *missão*, entendida como verdade de si, como "forma de santidade" particular que foi oferecida como dom a eles e que eles se esforçaram em atuar na história concreta em vantagem do próximo. Balthasar afirma: "Deus tem um projeto especial para cada cristão e assinala um lugar preciso na comunidade eclesial a cada um […] traduzir na prática esta ideia projetual que está na mente de Deus, atuar na vida esta 'lei individual', absolutamente sobrenatural e livremente concebida por Deus, é a meta última de todo cristão"[17]. Isso é ao mesmo tempo aquilo que Yánkuam' diz a Arnalot, a propósito da pobreza e da insegurança que compartilham com os Achuar: "somos sortudos, mas não por isso devemos ser orgulhosos da nossa pobreza; vivamo-la sem propaganda, não pretendamos a mesma coisa dos outros, porque Deus, na vida, assinala uma missão diferente a cada um... e a cada um pedirá de acordo com aquilo que lhe foi dado"[18].

Portanto, trata-se de descobrir na existência concreta de Yánkuam', para usar as expressões de um intérprete de Balthasar, "a sua experiência espiritual, a intencionalidade objetiva que aí se encontra: o projeto de Deus, isto è, o mistério divino ao qual se participa. No dado concreto, que deve também ser estudado e analisado, ocorre poder colher a 'forma', ou a 'figura' *(Gestalt)* que vem do alto. A concretude do dado histórico, humano, singular, pode assim ser assumida com pelnitude na teologia, sem nenhuma necessidade de conceitualizar ou de manter uma certa dicotomia entre a experiência e a ontologia"[19].

---

[17] Urs Von Balthasar H., *Sorelle nello Spirito. Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digione*, Jaca Book (Milano 1991) 24.

[18] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 149.

[19] Babini E., *Esperienza cristiana e teologia spirituale*, in Sicari A., *La vita spirituale del cristiano*, Jaca Book (Milano 1997) 66.

A partir dessa perspectiva, tentarei fazer uma leitura da experiência di Yánkuam' – assim como nos é apresentada na sua autobiografia e nos diários de Arnalot – que seja capaz de evidenciar, através de uma análise da natureza eclesial da missão, que ele percebia ter recebido de Deus, a mensagem teológica ligada à sua santidade.

1. Aspectos gerais da missão de Yánkuam'

Antes de tudo, a experiência cristã e missionária de Yánkuam' surge com uma singularidade e com uma qualidade tal que pode ser considerada "representativa", isto é, um exemplo inteiramente especial de santidade apostólica ofertada à Igreja e de experiência vital proposta à comunidade local. Como todos aqueles que abriram novos caminhos do espírito, até ao ponto da configuração de um novo modo específico de ser discípulos e apóstolos de Cristo (São Paulo, São Francisco de Assis, os grandes evangelizadores dos povos e os fundadores de Igrejas e ordens religiosas)[20], podemos conceber Yánkuam' como um dom de Deus ao povo Achuar e à Igreja universal, em um particular contexto e momento histórico. Pode-se de algum modo dizer sobre ele aquilo que lemos sobre João Batista: "Veio um homem mandado por Deus" (*Jo* 1,6), porque também Yánkuam', como o Precusor, é sobretudo uma voz que vem para indicar a via.

A sua é uma *missão* no sentido pleno da palavra porque, através dele, o Senhor coloca em foco uma característica fundamental do Evangelho, que está em relação às exigências daquele povo, numa época de transformação radical, que ameaça sua identidade e riqueza cultural e pode marcar dramaticamente seu fim, e em relação às exigências de uma Igreja pós-conciliar, que adquiriu consciência das necessidades de novos modelos de evangelização mais respeitosos das peculiaridades culturais. Como São Paulo, Yánkuam' tem consciência de sua própria missão e a cumpre com todo o seu ser, com determinação, coragem heróica e, simultaneamente, com alegria e mansidão. Tem a convinção de obedecer a um preciso mandato, sabido desde a juventude, como narra na sua autobiografia, um mandato que, ao longo do tempo, foi-se lhe mostrado de modo sempre mais pungente e claro, como um movimento do espírito. Estimulado pelo exemplo de Charles de Foucauld, pelas aulas e pelas leituras feitas durante o ano que passou em Roma, por meio de uma reflexão cultural iluminada pela meditação da Sagrada Escritura e corroborada pela oração, Yánkuam' soube contemplar as modalidade típicas da ação evangelizadora de Cristo e dos apóstolos, o estilo de

[20] Cf. Balthasar, *Sorelle nello Spirito*, 25.

vida e as atitudes deles; fez suas essas virtudes, e as reproduziu na especificidade da situação e do povo ao qual se sentiu chamado e no qual se inseriu como hóspede.

Por isso, moveu-se na estrada da renúncia evangélica, de uma total expropriação de si "que Jesus exige de todos aqueles que querem ser seus discípulos no sentido mais estreito do termo: vender tudo e segui-lo; entrar pela porta estreita; entender aquilo que poucos podem entender; pôr incondicionalmente a propria vida à disposição da vontade e do Reino de Deus"[21]. A sua espoliação não foi apenas de coisas supérfluas, dos métodos tradicionais da missão, mas, mais radicalmente, foi um dar 'si mesmo' em plenitude, um consumir-se quotidiano, um esvaziamento de si, unido a uma expropriação cultural absoluta, a um fazer-se servo no sentido mais concreto e material da palavra, sem, no entanto, perder a sua identidade de consagrado e sacerdote. A sua existência, liberada de todos os legames terrenos, de toda a preocupação consigo, espoliada de todas as coisas supérfluas ("das coisas rebuscadas não necessárias", como costumava dizer), mostra-se aos nosso olhos como exemplo concreto de um cristão que vive o Evangelho literalmente, de um religioso intero, essencial, e de um apóstolo genuinamente evangélico, que confia apenas em Deus e que obedesce o mandato de Cristo – (*Mt* 10,7-15: "Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos



Os jovens indígenas enfrentam o grande desafio de fazer uma síntese entre a sua rica identidade cultural e interagir com o mundo globalizado.

[21] Balthasar, S*orelle nello Spirito*, 25-26.

cintos, nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão…; *Lc* 10, 8-9: "Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei o que se vos servir. Curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: O Reino de Deus está próximo."). Yánkuam' estava imbuído de uma caridade e de um amor que o abriram não apenas ao serviço generoso, ao respeito pelas pessoas e pela sua cultura, mas também à irmandade, à imersão total, à admiração entusiasta e inteligente, à pesquisa antropológica apaixonada, que o impulsionaram a um contínuo aperfeiçoamento interior, a ele a sensibilidade e a iluminação espiritual necessárias para individuar os *semina Verbi* na cultura e na mitologia Achuar e para encarnar a mensagem evangélica com fecundidade na reformulação doutrinal, ética, ritual e operativa.

O testemunho de Yánkuam', concretamente, na sua determinação, em sua modalidade inconfundível, mostra-se-nos como um exemplo iluminante de como se possa ser verdadeiros discípulos de Cristo, eficazes evangelizadores, sapientes fundadores de comunidades eclesiais segundo a mais geneuína tradição apostólica da Igreja e, ao mesmo tempo, pesquisadores apaixonados e valorizadores de culturas e tradições, guardiões inteligentes dos patrimônios sapienciais ameaçados de extinção.

2. Dois particulares

1. O primeiro elemento que salta aos olhos é o seu **amor pelo povo Achuar, a sua admiração por eles e o grande respeito por sua cultura e tradições, pela sua liberdade de escolha**. Quanto mais Yánkuam' compartilha a vida e os costumes dos índios, quanto mais aprende a sua língua, quanto mais escuta suas narrações, tanto mais "sente crescer o seu amor por eles e que o Senhor o chama para que se dedique totalmente a eles"[22].

"O contato de tantos anos com os Achuar conquistou meu mísero coração, preenchendo-lo de amor por eles, porque a minha vida inteira está aqui com eles"[23].

Arnalot, que o vê todos os dias, testemunha a qualidade evangélica desse amor e as consequências concretas na vida quotidiana. Usa expressões que lembram o hino cristológico de *Filipenses* 2,6-11 ("mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens… humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz".): "amou-os loucamente, sem esperar nem reciprocidade nem gratidão. A eles deu tudo e deixou

[22] Bolla L., *Mi nombre es Yánkuam'. El encuentro del Evangelio con los Achuar. Mis memoria misioneras*, Editorial Salesiana (Lima 2015).

[23] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 318.

tudo. Atualmente, encontro-me diante de um homem que de seu, não tem nada. Sofre e se consome para ajudá-los, levá-los a Cristo, curar seus corpos, escutar suas histórias, suportar e suportar de manhã até o final do dia. [...] Num desses dias, disse-me: 'agora devo acompanhá-los neste difícil mutamento que devem sofrer. Devemos estar dispostos a suportar a insegurança deles e a entender a confusão que se cria neles quando o mundo deles se despedaça pela chegada do branco' [...]. Toda a sua vida e todas as suas energias consumiu para purificar-se dos resíduos que o separavam deste mundo. Por isso, domina a língua deles, conhece o espírito, irradia simpatia e testemunha, com o seu exemplo, o que significa amar até o fim. [...] Está penetrado na música deles, em seus motivos de guerra, nas suas histórias que, num primeiro momento, parecem sem fim e sem sentido... o modo absurdo com o qual creem em qualquer branco. Estudou e lutou para entender tudo isso. Sinto-me confuso pela sua simplicidade, que cheira a heroismo. E disso parece que ele não se dê nem mesmo conta, como se todos os seus sentidos fossem direcionados a escrutar, a saber alguma coisa a mais sobre eles, a preencher um outro caderno sobre sua língua, seus mitos e usos. Parece que a sua pessoa não conta. Hoje, como ontem e em outros tantos dias, enquanto escrevo estas linhas, ele volta da *chacra*, vestindo calças velhas, são tantos remendos que não existe mais espaço para novos, o lenço com quatro nós na cabeça, o machado e o machete... Tinha apenas terminado de limpar quase um quilômetro de trilha. Agora, sentado sobre seu *tutánk*, prepara a homilia da missa dos jovens, com a mesma preocupação e zelo que teria em preparar uma pregação para sabe lá quem. Vai celebrar a Eucaristia, comeremos, e depois se vai ao trabalho de novo. Assim è Yánkuam', e não passou nem bem um mês de quando tinha saído de uma febre malárica"[24].

Não existe nada de poético nessa escolha de partilha e de serviço incondicionado. "Custa-me suportar as 'estranhesas' deles – escreve Arnalot – e nisso tenho que lutar também contra Yánkuam'. Ele responde: irmão Carlos de Jesus deixava-se devorar pelos Tuareg; devemos estar dispostos a fazer a mesma coisa"[25].

Os Achuar sabiam o quanto os amava: "Yánkuam' agora è nosso para sempre"[26]. "Ele os ganhou sob muitos sacrifícios, que apenas Deus sabe, e com o carisma que deriva do seu modo de ser: alegre e brincalhão. Com uma capacidade de suportação sem limites e com o estudo contínuo da cultura deles, consegiu aproximar-se tanto que em certos momentos, não fossem as diferenças físicas, poderia-se dizer que foi desde sempre um Achuar"[27].

[24] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 117-119.

[25] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 174.

[26] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 219.

[27] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 380.

A propósito dos sacrifícios que este amor genuíno, total e heróico comporta, em um momento de esmorecimento diante de uma situação particular, onde alguns se aproveitavam da bondade de Yánkuam', Arnalot escreve: "Fiquei enfurecido [...]. Este egoísmo cínico desencoraja-me [...] e continuamos os dois. Eu, porque ele continua. Ele, porque tem uma fé inabalável [...] Yánkuam' plantou abacaxis, e eles comeram tudo. Yáncuam' plantou cacau, e não vemos os frutos. E mesmo tendo quatro mulheres em casa, Yánkuam' continua a lavar seus trapos, a remendá-los pessimamente, porque não é normal que façam isso a ele, visto que ele não é o marido. Nem isto nem aquilo è normal. A única coisa normal é ter um coração maior do que a caixa toráxica. Não se aproveitar, não se desencorajar. Sorrir, ajudar, e adiante. Ele vai de casa em casa semanalmente e quando volta mostram-lhe uma *chacra* a ser limpa ou um campo de milho para ser lavrado: ele toma do machado e desaparece por dias inteiros naqueles emaranhados de espinhos e mato; não se ouve nada, além do eco de seu machado e dos seus *ánent*. Se não tivesse uma fé além fora do comum, não continuaria: como vos agradecer, Senhor? Ele tem um só sonho: que o Evangelho se espalhe, que a Palavra seja acolhida, enquanto continua a varrer a casa, a reparar o galinheiro, a abrir trilhas e a remendar camisas"[28].

E conclui, apresentando a intencionalidade dessa escolha: "Yánkuam' diz-me sempre [...] tudo é válido, se serve para demonstrar o nosso amor por eles. È um amor que não se deve medir, mas apenas viver. Aceitar-lhes como são: homens como nós, num oceano de diferenças"[29].

2. O segundo aspecto peculiar da espiritualidade de Yánkuam', que caracteriza a sua específica missão, em relação àqueles que são chamados à evangelização, **é o estilo apostólico do seu ser anunciador do Evangelho**. Ele decidiu abandonar os métodos tradicionais com um programa bem claro, desde o início:

"Os superiores pediram-me para que eu indicasse as condições para este tipo de presença entre os Achuar, vivendo com um povo indígena. Respondi a eles que os pontos eram apenas três: 1) não andaria em busca de adquirir terras, porque elas pertenciam aos Achuar; 2) viveria como hóspede no território deles; 3) pedia que me permitissem viver de acordo com o estilo de vida Achuar: vestimenta, nutrimento, habitação, entre outras coisas, sem perder a minha identidade de sacerdote e religioso. Colocaria toda a minha confiança na providência do Senhor, que me daria o necessário, na dedicação total ao Reino de Deus. Por este motivo, renunciaria ao apoio econômico da Congregação Salesiana e do Vicariato Apostólico"[30].

---

[28] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 315-316.

[29] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 409.

[30] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 17-18.



Yánkuam' semeou a Palavra de Deus com sua vida e floresceu uma Igreja nativa Achuar: orgulhosa de sua cultura e aberta ao Evangelho.

Essas escolhas o impulsionaram, sobretudo, a viver de maneira apostólica, itinerante, renunciando a qualquer tipo de facilitação, para encontrar os Achuar singularmente. Diante do pedido de um pastor evangélico para construir uma pista de pouso para poder aunciar a Palavra Deus, um Achuar responde: "nosso irmão Yánkuam' caminha a pé como o Senhor Jesus Cristo e nos traz a Palavra de Deus". Semanas, meses todos os anos fazia extenuantes caminhadas na selva para visitar os vários grupos, suportanto a fome, a sede, os parasitas e feridas, arriscando a vida na traversia de rios em cheia, enfrentando grupos hostís e ameaçadores. "Pelo Evangelho sangrou, ao longo dessas trilhas de lama e de espinhos; seus pés caminharam – não obstante fome, frio e chuva – por dias inteiros, desde a manhã até a noite"[31]. Um estilo de vida iniciado na zona equatoriana e compartilhado com os anunciadores da Palavra *(etserin)* e os narradores de mitos *(aújmatin)* que o acompanhavam: "Era maravilhoso ver o envolvimento dos Achuar. Faziam analogias analizando os textos do Evangelho e os exemplos de Jesus que caminhava e não usava cavalos ou carros, usados em seu tempo pelos soldados e pelos ricos. Vivia como um pobre e amava a todos"[32].

[31] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 118.

[32] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 36.

Caminhou e viveu como eles, entendeu a mentalidade deles e seus costumes, apropriando-se inclusive das sutilezas da língua e da tradição Achuar, dos seus ritos e dos seu cantos. "São dez anos que Yánkuam' sua por estas trilhas pantanosas para conhecer pessoalmente os Achuar um por um. Para levar a eles o Evangelho, sofreus coisas inefáveis"[33]. Desse modo, conquistou a confinça deles. Quando retorna de uma viagem apostólica é contente: "os Achuar escutam com muito prazer o Kerigma. Fizeram-nos cantar muito. Pode-se dizer que, nessas zonas, entrou o canto"[34].

"Ontem retornou Yánkuam' da sua longa viagem. Caminhou ininterruptamente por oito horas, depois de ter-se despedido de Tayuhínt. Visitou uma parte da zona peruana habitada pelos Achuar. Volta contente, ainda que muito cansado. […] visitou cerca de duzentos Achuar, e ficou satisfeito pela aceitação da Palavra e pelo interesse no conteúdo da pregação. […] Tayujínt o fez enlouquecer de tanto cantar *ánent*"[35].

"No dia 10 de maio, Yánkuam' chegou da viagem que o tinha levado a Nayáants, onde encontrou Tukúp, Tsanímp e Káasap. Voltou contente. Como de costume, visitou família por família, ficando por diversos dias em cada lugar e seguindo o ritmo da vida que as circunstâncias comportam […]. Por onde passava era bem recebido. Todos o consideravam um amigo excepcional, prescindindo da mensagem cristã que difunde e que eles entendem, até um certo ponto: 'um branco totalmente diferente'. Simples e à disposição de todos: com o seu *itíp* e os seus cantos, nos seus discurso oficiais, apresenta a Salvação, compartilha todo o seu trabalho com os pobres, até a última gota de suor"[36].

Participando do quotidiano dos Achuar, descobre que o momento mais propício para o anúncio é durante o rito da *guayúsa* às três da manhã, da qual participa e depois da qual celebra a missa: "são momento nos quais todos estão muito atentos e Yánkuam' aproveita para alungar de muito a liturgia da Palavra […]. Terminada a missa, segue chicha e se joga conversa fora até a aurora. Yánkuam', que já está acostumado com o rito da *guayúsa*, diz que se trata de um momento privilegiado para o espírito. O rito da *guayúsa* converte-se em uma necessidade física e espiritual. […] Yánkuam' diz também que o método que usa, o de começar pela mitologia deles, captura completamente a atenção, desde o príncipio"[37].

O seu anúncio é gaudioso, provém da grande alegria que prova na proclamação do Evangelho, naquela terra, entre aquelas pessoas, que o escutam pela

[33] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 206.
[34] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 231.
[35] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 298.
[36] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 379.
[37] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 231.

primeira vez. "Durante a celebração emocionou-se, coisa estranha para ele. Estava dizendo que só agora Jesus chega de forma clara, nestas terras, desde quando havia mandado os seus discípulos, de dois em dois, para anunciar o Evangelho"[38]. O seu método, desde o princípio, foi aquele de partir dos costumes e anunciar o Evangelho dentro do esquema cultural deles:

"Fazia o discurso oficial da *Aushajáa*, que ainda não dominava totalmente. Eu o tinha escrito nos joelhos, enquanto recebiam a *pinik* (caneca de argila) de cada mulher, sem perder o filão do discurso. Eu o fazia em estilo guerreiro e procurava pronunciar aquelas palavras também em tom guerreiro; o Evangelho era a novidade do maior Guerreiro da história: Jesus de Nazaré, filho de Maria, que com a sua lança e amor de redentor, da Cruz salva a todos. Anunciar a eles o Kerigma [...] esse discurso oficial, em língua Achuar, trazia-me imensa alegria"[39].

Nas suas memórias, 'Yákuam' descreve a primeira visita à comunidade de Jawírit, no rio Paunás-Bobonaza. É um exemplo muito significativo do seu método e do seu carisma: o modo como se apresenta, com o discorso tradicional, como anuncia Deus ("Nunkui é o vosso Deus criador, em figura de mulher, que nos ama e nos dá o nutrimento"), tocando profundamente a sensibilidade deles e os comovendo; como afirma que "o Deus dos brancos e dos *gringos* é o mesmo Deus: Pai e Mãe de todos nós, de cada raça do mundo: todos somos seus filhos e filhas". Depois emenda: "continuando, falei a eles, com imensa alegria, sobre a incarnação. Sobre como, no pequeno e remoto povo de Israel, de uma jovem chamada Maria, nasceu Jesus, o Filho de Deus, nosso Pai e criador. Prossegui com a síntese de sua vida: os seus três anos de pregação, paixão, morte na cruz e ressurreição; a sua subida ao céu e a fundação da sua comunidade, a Igreja. O povo perguntava e respondia, homens e mulheres. O Espírito Santo envolvia-nos e nos dava a sua alegria. Jesus com o seu sangue perdou-nos. Depois, comecei a dizer que era um povo digno de ser estimado por todos, com valores de honestidade, história, trabalho comunitário, esplêndido sentido de hospitalidade e, certamente, com alguns defeitos, que, pela misericórdia do Pai e pelo sangue da



Pe. Bolla e Pe. Clavijo.

[38] Arnalot, *La capanna senza steccato*, 268-269.

[39] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 38.

Paixão de seu Filho Jesus, podiam ser perdoados e entrar na Comunidade. Todavia, sem perder a sua identidade de povo, diferente dos outros. Tinham o direito de se organizar e de defender a soberania do seu território, de forma coletiva, não individual. Passou o tempo, talvez três horas, e todos ficamos maravilhados de não estarmos cansados. Jawírit ofereceu-nos o que comer. Chegou a noite, cheio de alegria, dizia ao Senhor: 'Obrigado, Senhor Jesus, porque me fizestes viver um dia como esse. Um dia tão intenso; é a melhor conclusão para a minha pobre vida de missionário. Viver um dia assim e depois morrer"[40].

A alegria de Yánkuam' é intensamente espiritual, quando se compromete na tradução completa do Novo Testamento em língua Achuar. "Lembro que, antes de tudo, rezava, invocando o Espírito do Senhor Jesus e a Virgem Maria. Foi uma experiência maravilhosa. Sentia que alguém me ajudava e me animava a continuar este trabalho. Dei-me conta que se podia traduzir tudo. Foi uma alegria imensa pensar que se podia abrir a riqueza da Palavra de Deus revelada na Bíblia – especialmente no N. T. –, a este povo indígena. Sempre procurando usar a sua língua para que pudessem beber da riqueza dessa Palavra, com uma linguagem compreensível, mas sem trair as intenções do Escritor sacro. Sem a ajuda do Espírito, isto não seria possível [...]. Fiz este trabalho de tanta responsabilidade, com grande confiança na ajuda do Espirito, que continua a iluminar a Igreja durante a sua história. Realmente, Jesus prometeu-nos o Espírito Santo, que nos teria enviado do Pai para que ficasse sempre conosco e nos lembrasse as Palavras de Jesus e intercedesse por nós, com gemidos inefáveis. E continua a ser assim para cada povo que entra em contato com Jesus de Nazaré. E continuará a fazer isso através dos séculos, por meio de pessoas de fé que o anunciarão a outras, dispostas em aceitá-lo"[41].

Um anúncio sempre ligado à festa, à alegria e também ao jogo...

Podemos concluir que esta particular forma de missão e de santidade de 'Yánkuam' pode realmente ser considerada, no esquema proposto por Balthasar, como representativa, que nos é oferecida como um "válido esquema explicativo do Evangelho para o hoje". Tal figura, ao povo, representa uma nova forma de imitação de Cristo, uma ilustração exemplar do Evangelho, e, aos teólogos, uma possibilidade de aprofundamento, ou de uma nova explicação da verdade, até agora colocada de lado, visto que a consistência dessa experiência contém uma doutrina viva, adequada aos tempos, fecunda, voltada à toda Igreja: somente quem vive pessoalmente no âmbito da santidade, como Yánkuam', pode entender, testemunhar e explicar eficazmente a Palavra de Deus[42].

[40] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 42-43.

[41] Bolla, *Mi nombre es Yánkuam'*, 282.

[42] Cf. Balthasar, S*orelle nello Spirito*, 27-28.



AMAZÔNIA
SALESIANA

4.

NOVOS CAMINHOS PARA UMA IGREJA COM O ROSTO AMAZÔNICO.

UM OLHAR EM DIREÇÃO AO SÍNODO DOS BISPOS

UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA
SALESIANA

ROMA
7-8 DE MARÇO DE 2019



1. INTRODUÇÃO

Padre Damásio Medeiros[1]*, sdb*

Nos dias 7 e 8 de Março, a Faculdade de Teologia da Pontifícia Salesiana Universidade (UPS) promove, juntamente com o Instituto de Teologia Dogmática e o Dicastério para as Missões Salesianas, o II Seminário sobre o Sínodo para a Amazônia, que tem como título «Novos Caminhos para uma Igreja com o rosto amazônico». O tema, objeto do Sínodo Especial, que se dará em Roma entre os dias 6 e 27 de Outubro de 2019, é mais do que nunca atual, e envolve muitas personalidades, entre os quais: bispos, teólogos, antropólogos e pastoralistas, que provém, sobretudo, da América do Sul e têm uma forte experiência teológica-acadêmica-pastoral.

A Faculdade de Teologia da UPS, por meio do seu Instituto de Teologia Dogmática, o Dicastério das Missões Salesianas e a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), sensíveis ao apelo do Papa Francisco – no dia 15 de outubro de 2017 – para uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, quiseram colocar-se em atitude de escuta sobre os caminhos da evangelização que devem ser pensados para e com o povo de Deus, que mora naquela região: moradores de comunidades e de zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, polulações que vivem nas beiras dos rios, migrantes e refugiados e, especialmente, para e com as populações indígenas.

Além do mais, seja a Faculdade de Teologia seja o Dicastério das Missões Salesianas sentem-se profundamente envolvidos na convocação sinodal, por estes motivos:

1. A presença carismática missionária salesiana naquela Região, que compreende cerca de sete milhões e meio de quilômetros quadrados, com nove países que dividem entre si o grande bioma amazônico (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guyana, Perú, Suriname, Vezuela, incluindo a Guyana Francesa como território além-mar).

2. A escuta e o discernimento, nas pegadas da vocação teológica e da reflexão pastoral, guiadas pela Faculdade de Teologia, especificamente, em relação ao universo juvenil nas Igrejas da Pan-Amazônia.

[1] Decano da Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia Salesiana e professor de Liturgia e Teologia Sacramentaria.

3. A realidade específica da Amazônia e o seu destino interpelam hoje cada pessoa de boa vontade sobre a identidade do cosmo, sobre sua harmonia vital e o seu futuro, e, para dizer a verdade, também interpelam a nossa Instituição acadêmica, UPS.

4. Escutar o gemido «de milhares de comunidades privadas de Eucaristia dominical por longos períodos» (*Dap* 100,e). Somos certos que a Igreja, radicada nas suas dimensões sinodais e missionárias (cf. Papa Francisco, *Discurso da comemoração do 50° aniversário da Instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de Outubro 2015*), seja capaz de gerar processos de escuta (ver-escutar) e de discernimento (julgar) que possam responder (agir) às realidades concretas dos povos amazônicos.

5. Enfim, somos conscientes que as reflexões do Sínodo Especial superam o âmbito estreitamente eclesial amazônico, inclinando-se em direção à Igreja universal e também em direção ao futuro de todo o planeta, de modo tal a construir uma ponte com os biomas essenciais do mundo: a bacia do Congo, o corredor biológico mesoamericano, as florestas tropicais do Pacífico Asiático, a bacia hidrográfica Guaraní, entre outros.

A presença dos relatores convidados indica a escolha da Faculdade, numa atitude de escuta e de discernimento: bispos, pesquisadores, missionários, sacerdotes envolvidos na realidade eclesial-juvenil *in loco*, através deles queremos escutar os povos indígenas e todas as comunidades que vivem na Amazônia, como primeiros interlocutores deste Sínodo.

Participarão: S. Em.ª Rev.mª o Cardeal Cláudio Hummes, «O grito da Igreja Amazônica» (entrevista-vídeo); S. Em.ª Rev.mª o Cardeal Pedro Ricardo Barreto Jimeno, «Profecia e esperança para uma Igreja Pan-Amazônica»(entrevista-vídeo); S. Ex.ª o Bispo Fábio Fabene, «O caminho de preparação para o Sínodo»; S. Ex.ª o Bispo Raul Biord, sdb, «Perspectivas teológicas, eclesiais e missionárias para a Região Amazônica»; S. Ex.ª o Bispo Antônio de Assis Ribeiro, sdb, «Amazônia e caridade: serviço de promoção humana»; o Sr. Guzmán M. Carriquiry Lecour «Considerações sobre o Sínodo da Amazônia; o Sr. Maurício López Oropeza «Os desafios para a Região Pan-Amazônica a partir das Assembleias territoriais em preparação ao Sínodo» (entrevista-vídeo); o prof. José Zanardini, sdb, «Valores culturais dos povos da Selva. A situação atual da Amazônia»; a prof.a Gabriela Bernal, «A migração juvenil na Amazônia»; os prof. Damásio Medeiros e Jorge Lachnitt, «Inculturação e catecumenato no contexto indígena»; o prof. Juan Bottasso, «A contribuição cultural dos Salesianos à Amazônia»; e o padre Reginaldo Cordeiro, «O espaço dos jovens na Igreja Amazônica.

Queremos saber: «Como eles imaginam o "futuro sereno" e o "bem viver" das futuras gerações? Como podemos colaborar na construção de um mundo capaz de romper com as estruturas que matam a vida e com as mentalidade de colonização para construir redes de sociedades e de interculturalidade? E, sobretudo, qual é a missão particular da Igreja hoje diante dessa realidade? (cf. *Documento Preparatório ao Sínodo*).

O *Documento Preparatório ao Sínodo* lembra-nos que a bacia Amazônica representa para o nosso planeta uma das maiores reservas de biodiversidade (de 30 a 50% da flora e da fauna do mundo) e de água doce (20% da água doce não congelada de todo o planeta), possuindo mais de um terço das florestas primárias do planeta e, se bem que os maiores absorvedores de carbônio sejam os oceanos, não se pode ignorar a função de recolhimento desse material feita pela Amazônia.

A II Conferência do Episcopado Latino-Americano, reunida em Medellín (1968), na sua mensagem ao Povo da América Latina recordou que "malgrado os seus limites", a Igreja "viveu junto às nossas populações o processo de colonização, libertação e organização".

Em seguida, a III Conferência do Episcopado Latino-Americano, reunida em Puebla (1979), lembrou-nos que a ocupação e a colonização do território americano foi "um gigantesco processo de dominação", cheio de "contradições e dilacerações" (*DP* 6).

Mais tarde, a IV Conferência de São Domingos (1992) chamou a atenção sobre "um dos episódios mais tristes da história da América-Latina e do Caribe", que "foi um transferimento forçado de um enorme número de escravos africanos".

São João Paulo II chamou este transferimento um "holocausto desconhecido", ao qual "participaram pessoas batizadas, mas que não viviam a própria fé" (*DSD* 20; cf. João Paulo II, *Discurso na Ilha de Gorée*, Senagal, 22.II.1992, n. 3; Mensagem aos Africanos, 12.X.1992, n. 2). Por isso, foi um "ultraje escandaloso na história da humanidade" (*DSD* 20); O Papa e os delegados, em São Domingos, pediram perdão.

Na sua história missionária, a Amazônia foi lugar onde se testemunhou concretamente o que significa estar na cruz. Ela foi tantas vezes lugar de martírio. Também a Igreja aprendeu que neste território, habitado desde dez mil anos atrás por uma grande diversidade de povos, as diversas culturas constroem-se numa relação de harmonia com o ambiente circunstante. As culturas pre-colombianas deram ao cristianismo ibérico, que acompanhava os conquistadores, multíplices pontos e possivéis elementos de contato, "como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e de corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do culto, o crer em uma vida ultraterrena e em tantos outros valores" (*DSD* 17). (cf. *Documento Preparatório ao Sínodo*).

Hoje mais do que nunca a Igreja na região Amazônica reconhece a natureza como herança gratuita e, como profeta da vida, assume o compromisso de proteger esta Casa Comum (*Dap* 471).

Desejo que esta iniciativa possa servir como aprofundamento da evolução de uma Igreja com o rosto amazônico, comprometida na sua ação de evangelizar para descobrir as sementes e os frutos do Verbo já presentes na concepção de mundo dos nossos povos da região, na vida das comunidade cristãs, no universo juvenil hodierno, nas nossas diversas culturas e na nossa Casa Comum, na experiência espiritual dos nossos povos. Assim, "a Igreja poderá fazer presente entre o nós a vida de Cristo".





2. O CAMINHO DE PREPARAÇÃO AO SÍNODO

Dom Fábio Fabene[2]

1. Etapas do caminho sinodal

A Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (15 de setembro 2018), com a qual o Papa Francisco recentemente renovou a normativa sobre o Sínodo dos Bispos, há mais cinquenta anos da sua criação, distingue para cada Assembleia três etapas fundamentais: preparação, celebração e atuação.

A fase *preparatória* é a da consultação do Povo de Deus na diversidade de suas expressões. Os três Sínodos celebrados durante o pontificado de Francisco (respectivamente em 2014, 2015 e 2018) foram todos precedidos por uma ampla consultação que, através das Conferências Episcopais, pediu que os Pastores interpelassem diretamente seus fiéis, pessoal e comunitariamente. Além do mais, todos aqueles que desejassem podiam mandar suas propostas e observações diretamente à Secretaria Geral do Sínodo. Isso permitiu que o Sínodo fosse ao encontro das realidades eclesiais concretas.

A fase *celebrativa* é a do «discernimento», confiado aos Padres sinodais reunidos em Assembleia *cum Petro et sub Petro*. Aos Bispos reunidos no Sínodo, pede-se que falem com *parrésia* (n.d.t.: franqueza; liberdade de expressão) e que escutem com humildade, colocando-se na condição de busca da unanimidade, que vai além das lógicas humanas, e significa ser capaz de reconhecer a vontade de Deus para sua Igreja.

A fase de *atuação* è, por fim, aquela que podemos chamar de fase de recepção. Ela deve favorecer o acolhimento das conclusões sinodais, aprovadas pelo Santo Padre nos moldes que lhe pareça mais conveniente, em todas as comunidades cristãs, promovendo a sua inculturação nos diversos contextos eclesiais.

A próxima Assembleia para a região Pan-Amazônica, que acontecerá do dia 6 ao dia 27 de outubro de 2019, é o primeiro Sínodo Especial a ser celebrado depois da promulgação da Constituição Apostólica do Papa Francisco. Se bem que os Sínodos Especiais fossem já previstos pela normativa precedente – até hoje, foram já celebrados dez –, agora também eles devem ser estruturados de acordo

[2] Bispo titular de Montefiascone e Subsecretário do Sínodo dos Bispos (Vaticano).

com as modalidades indicadas pelo Santo Padre, dando ao Povo de Deus, sobretudo na fase preparatória, mais possibilidades de participação e envolvimento. Desse modo, o inteiro processo sinodal é enraizado no quadro da sinodalidade como dimensão característica de toda a Igreja.

A *Episcopalis communio* precisa que o Sínodo se reúne «em Assembleia Especial se se tratam assuntos concernentes principalmente a uma ou mais áreas geográficas concretas» (art. 1, § 3). Tal afirmação faz-nos entender que não pode existir um tema que, em sentido estreito, abranja apenas um território, excluindo todos os outros. Isto seria contrário à natureza própria da Igreja, como explicita S. Paulo: «Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele» (*1 Cor* 12, 26).

2. A Amazônia como *focus* do caminho sinodal

O que se foi dito antes vale também para o caso da Amazônia. Esta, com suas particularidades dinâmicas e os seus complexos problemas, torna-se o *focus* do caminho sinodal, pedindo a toda a Igreja um momento de pausa para a reflexão específica sobre esse imenso território, ocupado por nove países e sete Conferências Episcopais (Antilhas, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Perú, Venezuela). Na Amazônia, entre cidades e floresta, habitam cerca de 34 milhões de pessoas, dentre as quais, pelo menos, três milhões são indígenas.

Como afirma o *Documento Preparatório do Sínodo*, publicado no ano passado, «a Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica é chamada a encontrar novos caminhos para fazer crescer o rosto amazônico da Igreja e também para responder às situações de injustiça da região, como o neocolonialismo configurado pelas indústrias extrativistas, pelos projetos de infraestrutura que destroem sua biodiversidade e pela imposição de modelos culturais e econômicos estranhos à vida dos povos» (n. 12).

Desde a convocação do Sínodo Especial para a região Pan-Amazônica, em outubro de 2017, as Igrejas particulares daquela área colocaram em ação a prática da escuta do grito dos povos e da terra, em consonância aos apelos da Encíclica *Laudato si'* (n. 49) de conhecer os desafios e as propostas dos fiéis e de reconhecer os novos caminhos que Deus pede para aquele território.

A Secretaria Geral do Sínodo envolveu, desde o início do caminho de preparação, a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), um organismo nascido em setembro de 2014, em Brasília, por ocasião do encontro de bispos, sacerdotes, missionários e missionárias de Congregações religiosas que trabalham na região amazônica, representantes de algumas *Caritas* nacionais e leigos pertencentes a várias estruturas eclesiais.

Entre julho de 2018 e fevereiro de 2019, a REPAM, em colaboração com a Secretaria Geral do Sínodo, promoveu e realizou cerca de 260 eventos relacionados à temática amazônica em preparação à Assembleia Especial, entre os quais: 70 assembleias territoriais, 25 fóruns temáticos e 170 entre encontros, seminários e reuniões de todo tipo. Até hoje, estima-se a participação de 87 mil pessoas a esses eventos, dos quais: 22 mil naqueles organizados pelas dioceses e outros organismos eclesiais, e 65 mil nos processos preparatórios de consulta.

É evidente, desse modo, que o Povo de Deus na Amazônia seja o primeiro interlocutor deste Sínodo. Nessa fase, os povos originários estão recebendo uma atenção e um afeto realmente particulares. Somos cientes que devemos «escutar os povos indígenas e todas as comunidades que vivem na Amazônia, como os primeiros interlocutores deste Sínodo» (*Documento preparatório*, Introdução).

3. O Seminário internacional de fevereiro

Atualmente, estamos recebendo das Conferências Episcopais amazônicas e da REPAM as sínteses e as respostas ao Questionário, anexo ao *Documento Preparatório*, publicado em junho do ano passado. Daqui a algumas semanas, teremos um grupo de peritos trabalhando para a redação do *Instrumentum Laboris*, o documento de base para o debate na assembleia sinodal.

Na semana passada, a Secretaria Geral reiuniu, no Vaticano, cerca de 80 peritos para o Seminário, "*Verso il Sinodo per L'Amazzonia: dimensione regionale e universale*" (Em direção ao Sínodo Amazônico: dimensão regional e universal). Participaram antropólogos, indígenas, agentes pastorais, sacerdotes, religiosos, bispos e cardeais, leigos, e uma boa representação do clero amazônico. E não apenas: para ampliar a visão das temáticas sinodais, como nos indica o título, convidamos também personalidades de outros continentes (Ásia e África). A Assembleia Sinodal será sim, como insiste o Papa, focada na Amazônia, no seu território e nas suas populações, mas o tema do Sínodo é focado, ao mesmo tempo, na grande questão da Ecologia Integral, que se refere a todos. Propriamente, a Ecologia Integral – como todos sabemos – é um conceito central na proposta da Encíclica *Laudato si'*, que procura favorecer uma tomada de consciência do mundo inteiro sobre o futuro da humanidade e do planeta.

Parece claro, desse modo, que muitas questões que serão refletidas neste Sínodo Especial, ainda que digam respeito em modo particular à região amazônica, interessam também outras regiões do planeta. Basta pensar, por exemplo, em aspectos ecológicos, na bacia do Congo, nas matas tropicais do Pacífico asiático e no aquífero Guaraní. No Sínodo, portanto, a dimesão regional e universal estarão ligadas. Isto dá à Igreja, nesta reflexão específica sobre a Amazônia, a oportunidade

de refletir sobre sua missão evangelizadora, neste particular momento histórico, e sobre a urgência ecológica, que hoje é uma questão crucial para toda a humanidade e que – como afirma o Papa Francisco na Encíclica *Laudato si'* – deve ser considerada parte integrante, e não acessória, da fé e do agir moral do cristão.

4. Novos caminhos para a ecologia integral

As problemáticas discutidas e expostas com clareza e sinceridade pelos participantes no Seminário, já tratadas amplamente no *Documento Preparatório*, são muitas. Dentre elas destacamos, como é já do conhecimento de todos: a destruição da floresta, o impacto dos megaprojetos, das ferrovias e da minas que extraem as riquezas, negando-as aos habitantes nativos, poluindo seus rios… rios que para os índios represetam muito mais do que imaginamos: "a vida dirige o rio» e «o rio dirige a vida», costumam afirmar.

Os povos da Amazônia sempre tiveram um relacionamento de interdependência com os recursos hídricos. Os camponeses e as famílias utilizam os recursos das terras inundáveis, confiando no movimento cíclico dos rios – inundação, refluxo e períodos de seca. «Sua relação com as terras e com a água constitui a base física, cultural e espiritual de sua existência. Tal relação com a Mãe Terra os obriga a conservar a água doce e os mares para a própria sobrevivência das gerações do presente e do futuro», afirma a Declaração de Kyoto dos povos indígenas sobre a água, escrita em 2013.

A floresta Amazônica é um grande equilíbrio dinâmico no qual tudo é utilizado e continuamente reciclado. Funciona como um grande filtro que absorve o gás carbônico, o principal gás causador do efeito estufa, responsável pelo aquecimento global e pelas mudanças climáticas.

Experienciamos, no Seminário supracitado, aquilo que está realemente preocupando os povos amazônicos e o quanto seja importante instigar uma reflexão de todo o planeta sobre uma questão de vital importância para a humanidade. O caminho sinodal chama a atenção sobre um bioma que por décadas foi desfrutado e explorado, juntamente com as populações que aí habitam, que são os reais defensores do território. Apenas eles são capazes de preservar seu território, usando os recursos em modo sustentável, extraindo da terra e das águas apenas aquilo que serve, sem desperdício e ignorando a meta do lucro. Não têm necessidade de novos modelos econômicos e sociais, mas de um modelo que seja alternativa àquele predatório, em voga na economia de hoje; um modelo que considere o ambiente como um bem coletivo, que defenda o trabalho e as populações indígenas, que salvaguarde o papel dos movimentos sociais e das organizações da sociedade civil.

Como já afirmava o Papa na exortação apostólica *Evangelii Gaudium:* «esta economia mata». Hoje, a economia de mercado está modificando radicalmente o tecido humano e cultural, produzindo injustiças sociais, gerando pobresa e miséria; e injustiças ecológicas, dizimando bens e serviços naturais, muitos dos quais não renováveis.

5. Novos caminhos para a missão eclesial

A dimensão ecológica é estreitamente ligada a um outro aspecto do tema sinodal, que se refere aos novos caminhos eclesiais para a Amazônia. Igreja e ecologia são inseparáveis, pois o cuidado com a criação é parte integrante da fé cristã, como a *Laudato si'* afirma lembrando a narração do livro de Gênesis, o mistério de Cristo e os símbolos da fé. Assim, pode-se unir os dois aspectos no tema do Sínodo. É a própria fé em Deus Criador e Senhor do céu e da terra que impulsiona a Igreja a ser voz dos povos indígenas, que desde sempre insistem para que a Igreja seja mais presente e incisiva no território, valorizando sua cultura e identidade.

Neste sentido, fala-se, no *Documento Preparatório*, de *rosto amazônico da Igreja*, querendo com isso afirmar que a missão eclesial deve-se inculturar, integrando o conceito do "bem viver" com a sabedoria ancestral daqueles povos, nos quais se encontram certamente aspectos evangélicos, em consonância com a aniquíssima doutrina dos *Semina Verbi* (Sementes do Verbo).

O texto afirma que « para os povos indígenas da Amazônia, o *bem viver* existe quando estão em comunhão com as outras pessoas, com o mundo, com os seres de seu entorno e com o Criador. Os povos indígenas, realmente, vivem no interior da casa que Deus mesmo criou e lhes deu como presente: a Terra. Suas diversas espiritualidades e crenças os motivam a viver uma comunhão com a terra, a água, as árvores, os animais, com o dia e a noite [...] Os indígenas amazônicos cristãos entendem a proposta do *bem viver* como vida plena no horizonte da colaboração na criação do Reino de Deus. Esse *bem viver* será alcançado somente quando se realizar o projeto comunitário em defesa da vida, do mundo e de todos os seres vivos» (n. 6).

Nesse horizonte sinodal, encontra uma especial aplicação aquilo que o Papa Francisco escreveu na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: «Não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo» (n. 118). «Daí», prosegue o Santo Padre, «[vem]

a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si» (n. 122).

O Sínodo, à luz do magistério do Papa, é chamado a um renovado Anúncio de Jesus Cristo na Amazônia, reacendendo a paixão missionária e reavivando a certeza e a alegria da chamada de Deus à missão. Nesse sentido, deve-se re-descobrir a dimensão bíblica-teológica, social e ecológica da mensagem evangélica. Para que isto ocorra, pede-se à Igreja que atue aquela conversão pastoral – encarnada, inculturada e intercultural – a que o Papa, desde o início do seu pontificado, a convida.

Um renovado anúncio do Evangelho toca também a dimensão sacramental. Os povos Amazônicos nutrem uma sensibilidade particular a esta dimensão. Os sacramentos, constituídos por elementos materiais, possuem uma dimensão intresencamente ecológica. Eles, de fato, «constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo num plano diferente» (*Laudato si'*, n. 235).

A este propósito, constata-se a dificuldade das comunidades amazônicas de receber os sacramentos, em modo particular a Eucaristia, pelo escasso número de ministros ordinários. As comunidades de indígenas, de pescadores, de pequenos agricultores, ribeirinhos, sofrem por causa da ausência quase total da celebração da Eucaristia. O culto dominical desses cristãos não é a Santa Missa, mas a Liturgia da Palavra, visto que não têm sacerdotes para a celebração eucarística. Como sabemos, e como o Concílio nos ensina, a Palavra de Deus por si só não é um fim, mas deve culminar na celebração da Eucaristia. Isto nos ensina o próprio Papa Francisco na *Evangelii gaudium*. Não por acaso, esse tema foi levantado no Seminário pelos participantes. Não existem respostas simples ou polêmicas. Sobre isso, com a luz e a força do Espírito Santo, dever-se-á refletir atentamente, unindo oração, sabedoria, prudência e capacidade de ousar.

Ligado estreitamente a isso está o tema da ministerialidade, capaz de tornar a Igreja presente na imensisão do território e das suas variadas culturas. Como afirma ainda o *Documento Preparatório*, é necessário «re-lançar a missão da Igreja» na região, com «propostas corajosas, feitas com audácia e sem medo, como nos pede o Papa Francisco» de maneira que a Igreja possa mostrar seu perfil ministerial participativo (n. 14). Pelos resultados da consulta, surge a necessidade de uma presença capilar e mais encarnada da Igreja na Amazônia, de modo que, através dos novos ministérios e serviços para os diversos agentes pastorais, ela seja capaz de responder aos deveres e às responsabilidades da comunidade. É necessário encorajar a formação de um clero indígena e nativo do território e individuar os serviços também para as mulheres, que hoje na Amazônia têm papel fundamental.



A referência aos novos caminhos, presente já no título da Assembleia Especial, sugere que o Sínodo, mesmo tomando consciência da atual situação através da escuta da realidade, não poderá dar-se por satisfeito em repetir aquilo que já foi dito. À luz do Espírito Santo, o Sínodo Especial do próximo outono deve, com coragem, traçar novas estradas, novos itinerários, novos percursos, oferecendo ao Santo Padre propostas concretas sobre as quais o pontífice será chamado a pronunciar-se. Não se pode obviamente esperar que o Sínodo dê respostas a todos os numerosos e graves problemas do território amazônico. O Sínodo deve operar um discernimento sobre as principais urgências do Povo de Deus que vive naquela região, em mais de cem circunscrições eclesiásticas de dimensões geográficas sempre imensas. Não parece oportuno ter medo. Precisa-se, ao invés disso, superar as resistências. Temos necessidade de uma Igreja que seja profética, capaz de dialogar, de encontrar e também de se indignar: não uma indignação violenta, mas uma que seja capaz – como aquela dos profetas ou de Jesus na Bíblia – de denunciar aquilo que ofende o Criador e as suas criaturas. Além do mais, a Igreja Católica na América Latina, depois do Concílio e das grandes Conferências do CELAM, até Aparecida, sempre demonstrou ter um rosto profético, indicando caminhos, iluminando as sombras e ajoelhando-se às necessidades dos homens, evitando a resignação, encorajando com esperança.

À guisa de conclusão

A Amazônia è realmente *sui generis*. Por isso, ela exige que não se trate a sua diversidade com uma rígida uniformidade, pois, esta não exprime o rosto multifacetado da Igreja, edificada à imagem da Trindade Santa.

Uma tal biodiversidade, ambiental e cultural, não existe talvez em outras regiões do planeta. É, portanto, ali, inserindo-se naqueles povos de diferentes culturas, etnias e línguas, que a Igreja é chamada a buscar e a encontrar novos caminhos para atuar a evangelização e a ecologia integral.

Naturalmente, para que a evangelização seja também integral, a Igreja não pode não ter um olhar iluminante sobre a dimensão social da sua missão com a caridade, com a justiça e com a verdade. «A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora», lembra-nos o Santo Padre na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n. 178).

A Igreja na Amazônia é chamada, portanto, a partilhar a dor do Povo de Deus, a ser uma Igreja profética e samaritana, e a testemunhar cotidianamente o amor a Deus e ao próximo.



3. VALORES E CULTURAS DOS POVOS DA SELVA: A SITUAÇÃO ATUAL DA AMAZÔNIA

Pe. José Zanardini[3]*, sdb*

1. Quem são os povos da floresta?

Referimo-nos àquelas populações de origem asiática que há milhares de anos imigraram para o continente Americano e têm diferentes denominações: povos indígenas, nações indígenas, índios, povos originários, nativos, aborígenes, entre outro.

2. Quando se mudaram da Ásia?

Para alguns estudiosos, as primeiras imigrações ocorreram entre 50 e 40 mil anos atrás. Para outros, entre 28 e 10 mil anos. As possíveis rotas foram: pelo Norte, através do Estreito de Bering, durante um possível abaixamento de 50 metros do nível do mar que permitiu a passagem a pé de pessoas provenientes do Norte da Ásia; pelo Sul, por meio da traversia do continente Antártico de populações provenientes das ilhas australianas; pelo Oeste, por via marítima, através do Oceano Pacífico, populações da Polinésia teriam chegado ao continente Americano. Esta última imigração para nós é muito significativa porque muitos grupos, depois de terem atraversados os Andes, teriam-se estabelecido nas florestas tropicais dos biomas amazônicos e daqueles adjacentes.

Secondo pesquisas arqueológicas, teria acontecido na Amazônia uma grande catástrofe ecológica que obrigou seus habitantes a procurarem outros lugares para a própria sobrevivência. Desse modo, teria ocorrido um grande êxodo: a) dos povos da família linguística proto-arawak, que se espalharam nas regiões Norte e Sudoeste: b) dos povos da família linguística tupi-guaraní, que migraram a Sul e Sudeste do continente, chegando até à região onde hoje se situam o Paraguai, o Uruguai e a Argentina. Os artefatos arquelógicos mostram que em Boqueirão da Pedra Furada, no estado do Piauí (Brasil), existem evidências da presença humana

[3] Antropólogo, Professor da Universidade Católica Assunção (Paraguai).

que remontam a cerca de 32 mil anos. No Chile, encontramos artefatos de 34 mil anos. No Alto Paraná e no Mato Grosso (Brasil), como também na Bolívia e no Paraguai, pode-se encontrar incisões rupestres de mais de 6 mil anos de idade.

Os povos da família linguística tupi-guaraní sempre tiveram um grande dinamismo nômade conhecido como *aguata*, palavra que, na língua guaraní significa, *movimento, mover-se, caminhar em busca da Yvy Marane'y* (Terra isenta do Mal), isto é, o lugar ideal para viver, onde não apenas a floresta é rica de animais e de vegetação, mas também existe harmonia, compreensão, tranquilidade e equilíbrio entre todos os elementos: animais, plantas, pessoas, deuses, espíritos.

3. Algumas estatísticas

Os dados disponíveis podem variar significativamente de acordo com as fontes. O censo das populações indígenas são complexos por causa das distâncias, da mobilidade dos povos e da atitude reservada, além do medo de que se revelem dados específicos das comunidades. Aqui usaremos os dados da Atlante Linguístico da UNICEF, publicado em 2009. São dados confiáveis, próximos à realidade, mas que têm aqueles limites mencionados:

Na América-latina, há 99 famílias linguísticas, 420 povos (etnias) e 420 línguas diferentes. As famílias linguísticas que agrupam vários povos e, portanto, outras tantas línguas são:

Família Arawak	41 povos e línguas
Família Tupi-Guarani	38 povos e línguas
Família Maya	30 povos e línguas
Família Tucano	23 povos e línguas
Família Pano	21 povos e línguas
Família Jê	15 povos e línguas

Usamos o termo 'povo' como sinônimo de 'etnia'. Cada povo ou etnia pode ter dezenas ou centenas de comunidades ou aldeias onde se fala a mesma língua e se há as mesmas características culturais. O bioma amazônico não é composto apenas pelo Brasil, mas também pelos países vizinhos: Guiana Francesa, Suriname, Guyana, Venezuela, Colômbia, Equador, Perú e Bolívia. São 316 povos indígenas (etnias) na Amazônia; 41 povos indígenas no Orinochia; 35 povos indígenas (etnias) no Grande Chaco.

Segundo os dados do UNICEF, o percentual de população indígena em relação ao total da população do país é:

Bolívia	66%
Guatemala	39%

Perú	14%
México	9,4 %
Brasil	0,4%

A população indígena do continente americano, de acordo com nossas fontes, atualmente oscila entre 40 e 50 milhões de pessoas. Todavia, em 1492 estima-se que esta população fosse em torno de 24 milhões. Existem também línguas independentes, isto é, que não pertencem a nenhuma família linguística, como, por exemplo, a língua Tikuna (no Brasil e na Colômbia) e a língua Yanomami (no Brasil e na Venezuela).

O ano de 2019 foi declarado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional das Línguas Indígenas. Pediu-se aos Governos e a todas as Instituições, públicas e privadas, que as línguas indígenas fossem protegidas e reforçadas, porque são uma grande riqueza cultural e fonte de conhecimento insubstituível para a humanidade. As línguas indígenas seriamente ameaçadas de extinção são 40% das existentes na Amazônia, 16% das existentes no Orinoco e 4% das existentes no Grande Chaco.

4. Cultura, valores e historia de los pueblos indígenas

As diversidades culturais dos povos indígenas foram ignoradas, inviabilizadas e usurpadas, desde o início da invasão europeia ao continente americano, no século XV; Tal processo de usurpação simbólica foi continuado mesmo depois que os países americanos conquistaram sua independência da Espanha e de Portugal. O processo de exploração durou por séculos e continua até os tempos atuais, embora nas últimas décadas a legislação dos países tenha melhorado notadamente em favor dos indígenas, com a emanação de documentos irrepriensíveis do ponto de vista dos direitos coletivos dos povos. A usurpação simbólica é assim denominada por nós porque ela atacou, esvaziou, anulou e substituiu os conteúdos originais dos símbolos cultutais dos povos indígenas. Isso aconteceu em todos os âmbitos: território, língua, religião, xamanismo, educação e estruturas sociais, políticas, legais e éticas. Aconteceu um verdadeiro ataque e destruição do ser, do poder e do saber indígena. O postulado sobre o qual se baseava tal usurpação era o de que "os povos indígenas eram povos sem Deus, sem leis e sem reis"; portanto, não eram nem mesmo pessoas, não tinham direitos, não contavam nada.

As tentativas de resistência ativa foram sufocadas violentamente pelas armas europeias, desde os primórdios. A partir daí, desenvolveu-se uma espécie de resistência passiva que consistia numa adaptação e submissão aos usurpadores; quem não se adaptava tinha duas escolhas: a morte ou a fuga para a floresta. Em aluguns países existia a possibilidade de refugiar-se nas 'reduções jesuíticas'.

Com a formação dos Estados Nacionais independentes, nas primeiras décadas do século XIX, a situação dos índios não melhorou, pelo contrário piorou ainda mais em vários aspectos.

Somente na segunda metado do século XX, antropólogos e missionários iniciaram um movimento de crítica às instituições oficiais à causa das péssimas políticas indigenistas; e de apoio aos líderes indígenas em suas reinvindicações territoriais e culturais. Com o *Documento de Barbados* de 1971, assinado por um grupo reduzido de indigenistas e antropólogos, iniciou-se uma forte crítica e acusação aos Governos e a outras instituições que não respeitavam os territórios, as línguas, as culturas e as tradições religiosas dos índios. Em 1972, na cidade de Assunção (Paraguai), os missionários católicos de vários países Latino-Americanos redimensionaram atentamente a *práxis* das missões católicas, à luz dos documentos do *Concílio Ecumênico Vaticano II* e dos *Documentos de Barbados*, produzindo um Documento que serviu como base para um renovamento das missões católicas na América.

Começou-se, assim, aquela que chamamos de 'revolução simbólica' dos povos indígenas. Tratava-se de uma reapropriação dos conteúdos culturais mediante novos símbolos que tivessem um significado político, em vista de um reforço identitário dos povos originários. Entre os elementos de tal revolução mencionamos: as novas leis nacionais e internacionais sobre os direitos coletivos dos índios, a formação dos movimentos indígenas locais, nacionais e internacionais, a recuperação dos territórios tradicionais, as escolas indígenas interculturais, a revitalização das línguas em risco de extinção. Vários países renovaram as suas disposições legais, incorporando documentos internacionais como o Convênio 169 da OIT e o documento das Nações Unidas de 2007 sobre os Povos Indígenas.

5. Pensamento ocidental e não-ocidental

Todo povo possui um orgulho identitário que se chama etnocentrismo, motivo pelo qual se sente superior a qualquer um outro. Isto aconteceu com a Europa, em relação aos outros continentes e com os Estados Unidos, em relação a todos os países do planeta. Também dentro dos vários países Latino-Americanos, há formas de etnocentrismo, por exemplo, entre as populações urbanas, que se sentem superiores àquelas campestres e indígenas. Certamente, o pensamento ocidental, especialmente a filosofia grega e o direito romano, empregnaram profundamente o pensamento Latino-Americano, coloninzando o saber, o ser e poder.

O pensamento ocidental permitiu a transformação da matéria com resultados impressionantes no campo tecnológico: os meios de transporte, as comunicações, a informática, a medicina, etc. Já o pensamento não-ocidental desenvolveu

Povos ricos em valores culturais alternativos aos ocidentais: sentido comunitário, cosmocentrismo, essencialidade, frugalidade, alegria de viver.



outros aspectos: em contraposição ao individualismo, o senso comunitário; ao antropocentrismo, o cosmocentrismo; ao egoísmo, a solidariedade; ao consumismo desenfreado, a essencialidade e a frugalidade; ao cansaço, à depressão, ao stress, à frustação, ao suicídio, ao desequilíbrio mental, a alegria de viver.

6. Filosofia intercultural

É necessário colocar a filosofia ocidental em diálogo com aquela não-ocidental, especialmente com a filosofia indígena. O diálogo não deve ser apenas um respeito genérico e recíproco ou mesmo um intercâmbio dialógico superficial. Deve, ao invés, ser uma construção onde duas filosofias estão dispostas a modificarem-se, aceitando elementos uma da outra e incorporando-os profundamente e não folcloristicamente, fazendo-os parte importante de um novo modo de pensar e agir. Trata-se do célebre princípio muito apreciado no mundo indígena: dar e receber. O mundo indígena e o mundo ocidental podem e devem enriquecer-se mutuamente em todos os setores da vida: economia, política, língua, saúde, educação, ética, arte, espiritualidade, etc.

7. Valores

Entre estes sublinha-se: a essencialidade, isto é, o viver simples e sem desperdiçar nem arruinar os bens naturais; a espiritualidade que coloca em contato o indivíduo com o transcendente, com o mundo dos espíritos mediante especiais ritos carregados de profundos significados; a divisão dos bens que gera uma sociedade igualitária, onde ninguém é mais rico do que outro e assim não existem inveja nem roubo; a vida comunitária que dá segurança, apoio e garantia de futuro; a harmonia, o respeito recíproco e a alegria; o conceito de território como Mãe Terra, que dá tudo de si mesma a seus filhos; a defesa do ambiente, das plantas, dos animais, da água, do ar e de toda a criação; a sabedoria e os conhecimentos transmitidos pelos anciãos, pelos e pelas xamãs.

Como exemplo de sabedoria, as palavras do índio guaraní Karai Miri Poty:

Somos incapazes de escutar e compreender o poder da palavra. Por causa disso estamos nos perdendo de nós, perdemos o nosso caminho e o caminho para nos encontrar com os outros...

O mundo está doente, a mãe terra hoje agoniza, o homem branco é um devorador que não se sacia nunca porque a ele interessa mais o dinheiro do que a vida... É importante aprender a rezar pelo bem-estar do mundo, é urgente curar as feridas da nossa Mãe terra...

Devemos aprender a criar, a ser a nossa própria água, o nosso próprio sol, a nossa própria terra...

Devemos aprender a estar prontos para fazer uma nova existência...

Temos a grande responsabilidade de ser os guardiões do fogo do coração para que esteja sempre aceso e ilumine os nossos passos e os nossos caminhos pela vida...

Devemos manter sempre aceso o fogo do coração para reavivar o espírito da palavra, porque somente assim poderemos nos re-encontrar com os outros e, sobretudo, re-encontrar com nós mesmos.

8. Mitologia

É oportuno prestar atenção à mitologia dos povos amazônicos. Ela tem grande importância não só a partir do ponto de vista antropológico ou literário, mas também espiritual. Consiste em narrativas que exprimem a cosmovisão daqueles povos, o seu modo de pensar, de ver e de relacionar-se com a natureza, com as pessoas, com a divindade e com as essências profundas. Pode-se dizer que, de um certo modo, Deus sempre falou e fala aos povos nas suas diferentes culturas. Pode-se encontrar nos mitos e nos ritos as sementes do Verbo.

Eis aqui um fragmento de uma mitologia guaraní que toca os grandes e sempre atuais temas da humanidade, quais sejam a origem do universo, da vida e as relações com a divinidade:

O Verdadeiro Padre Ñamandu, o primeiro, a partir de uma pequena porção de sua divindade, da sabedoria contida na sua própria divindade, e em virtude da sua sapiência deu início à criação.

No exercício do seu poder, pela sapiência contida na sua própria divindade e em virtude da sua sabedoria criadora, concebeu a origem da linguagem humana. Pela sapiência contida na sua própria divindade e em virtude da sua sabedoria criadora, o nosso Pai criou o fundamento da linguagem humana e fez com que esta fosse parte da sua própria divindade.

Portanto, a palavra é o primeiro elemento da criação, foi criada antes dos seres humanos, e é parte da divindade. Não nos lembra o Evangelho de São João: "no princípio era o verbo"?

... Tendo concebido a origem do futuro da linguagem humana o nosso Pai verdadeiro, a partir da sua sapiência, contida na sua própria divindade, e em virtude da sua sabedoria criadora, concebeu o fundamento do amor. Antes que a terra existisse, no meio das trevas primordiais, antes de existir o conhecimento das coisas, e em virtude da sua sabedoria criadora, o nosso Pai verdadeiro concebeu a origem do amor e fez com ele fosse parte de sua divindade.

O mito continua com a criação do pai e da mãe dos quais nasceram os filhos que terão consciência da divindade.

9. Situação da Amazônia

A Amazônia é uma entidade geo-biológica que chamamos bioma e que se estende por nove países: Brasil, Guiana Francesa, Suriname, Guyana, Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia. Outros biomas, que são também cobertos por florestas tropicais: o Serrado, a Mata Atlântica, o Pantanal, o Grande Chaco. A Amazônia é um gigante com seus 4,1 milhões de quilômetros quadrados, ocupando um espaço, mais ou menos, equivalente à metade do Brasil – que possui, por sua vez, uma superfície de 8,5 milhões de quilômetros quadrados –, sete vezes maior que o território da Colômbia, que tem 1,1 milhão de quilômetros quadrados.

A Amazônia contém um terço das espécies existentes no planeta, segundo estatísticas do *World Wildlife Fund* (WWF). É um ecossistema frágil. Uma imprudência no seu manejo poderia causar danos irreparáveis. Há mais ou menos

2,5 mil espécies de árvores utilizáveis como material para construção e para a produção de móveis. A Amazônia possui 30 mil espécies de plantas das 100 mil existentes na América-Latina. É a maior reserva mundial de madeira tropical. Existem aí inumeráveis espécies de insetos, anfíbios, aves, peixes e mamíferos.

A bacia do rio Amazonas é a maior do mundo, possui 1,1 mil afluentes e jorra no mar 175 milhões de litros de água por segundo. Na Amazônia, a densidade demográfica é baixa (2 habitantes por quilômetro quadrado), com uma crescente urbanização de populações indígenas e rurais.

10. Ameaças para a floresta amazônica

O desmatamento para a prática de atividades agrícolas (criação de animais e plantação de soja) impede a captação do carbono, do dióxido de carbono e a liberação do oxigênio. Como sabemos, o dióxido de carnbono e os outros gases produzidos pela combustão do carvão, do gás e dos combustíveis derivados do petróleo, são responsáveis pelo efeito estufa e, portanto, pelo aquecimento global com graves consequências sobre a mudança climática que, infelizmente, já estamos experimentando. Os cientistas advertem que se aumentarmos de 1,5 graus centigrados a temperatura do planeta, os danos poderiam ser irreversíveis, porque entraríamos em um ciclo vicioso. É urgente que os Governos do mundo, especialmente, dos países que produzem em grandes quantidades dióxido de carbono, mudem os combustíveis e utilizem energia "limpa". Do mesmo modo, todos deveríamos abandonar certos hábitos e adquirir um estilo de vida menos consumista e mais atento a não danificar o planeta.

Consequência imediata do desmatamento é a perda da biodiversidade (fauna e flora) e das diversidades culturais dos povos indígenas. Nota-se uma redução drástica no número de insetos (em torno de 40 %). Isto rompe ciclo da natureza, podendo desregular o equilíbrio natural do controle populacional das espécies.

Os grandes projetos podem danificar gravemente o planeta, se não forem feitos com critérios ecológicos e científicos. Por exemplo, a barragem da hidroelétrica de Balbina, a Norte de Manaus, inundou uma vasta superfície e não produz, nem de longe, a quantidade de energia elétrica para a qual foi construída. Aquele projeto era inviável e não reditício do ponto de vista econômico e ecológico. Outro exemplo, são as numerosas madeireiras existentes na região Amazônica: a maioria são empresas estrangeiras e 80% delas são ilegais. A fiscalização é muito pouca.

A legislação ambiental do Brasil é uma das melhores do mundo, todavia faltam duas coisas: a primeira é a conscientização e o envolvimento dos habitantes

locais na conservação do meio ambiente; a segunda é o exíguo número de fiscais e a larga corrupção.

O Governo brasileiro, nos anos sessenta e setenta, promovera a alocação de migrantes, vindos de outros estados, em solo amazônico, contudo com um sistema tecnológico nocivo e inapropriado: após três anos de cultivo, a terra tornara-se pobre e fora abandonada. Os migrantes se foram. Negativo também foi o sistema de queimadas para o cultivo.

Cientificamente está demonstrado que, em relação a outras formas de exploção dos recursos naturais, a melhor e a mais rentável forma de exploração é a sustentável, capaz de gerar postos de trabalho. Um exemplo de como as coisas não devem ser é aquele que citamos no parágrafo anterior.

As organizações ambientalistas especializadas nesse tema propõe que no ano 2030 o desmatamento chegue a zero. Tem-se demostrado, por meio de estudos científicos, que pode-se crescer economicamente com um adequado manejo da floresta, introduzindo na criação de gado o sistema silvopastoril, vale dizer, uma combinação intencional de árvores, pastagens e gado numa mesma área simultaneamente.

11. O que fazer de nossa casa comum?

Por todos os lugares, vemos contaminação, dejetos, vivemos a cultura do "jogar fora". Perdemos a biodiversidade. Cresce a deterioração da vida e a desigualdade social. As mudanças climáticas são sempre mais catastróficas. Aumenta a violência e o perigo de guerras mundiais e as imigrações forçadas. Os modelos econômicos vigentes são excludentes. Temos consciência de que a crise por que passamos há raízes humanas, são frutos de escolhas políticas e econômicas miradas. Portanto, é necessário: mudar o próprio estilo de vida; ser menos consumistas e mirar mais na essencialidade e na austeridade; criar vínculos entre os seres humanos e o ambiente que promovam uma autêntica conversão ecológica; aprender com os indígenas o amor e o respeito pela natureza (terra, plantas, animais, água e ar).

O Papa Francisco num discurso dirigido aos indígenas lamentou-se das tentativas de silenciar os povos indígenas e neutralizá-los. O pontífice condenou *"o roubo e a contaminação das terras indígenas cometidos por pessoas sem escrúpulos, desequilibrados pelo poder, pelo dinheiro e pelas leis do mercado"*.

Para concluir, leiamos a célebre mensagem do linguista e filósofo Noam Chomsky: *"os países mais desenvolvidos estão conduzindo o mundo ao desastre, enquanto os povos até hoje considerados primitivos estão procurando salvar o mundo inteiro. Se os países ricos não aprenderem dos índios, seremos todos condenados à extinção"*.



4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SÍNODO DA AMAZÔNIA

Dr. Guzmán M. Carriquiry Lecour[4]

1. Rumo ao Sínodo Amazônico

Quase a metade dos católicos do mundo vivem na América Latina, no entanto a evangelização e promoção social da Amazônia continua sendo um assunto pendente depois de 500 anos. Por isso, o Papa Francisco quis colocar a Amazônia sob os refletores eclesiais, abraçando esse enorme território de nove países em que vivem 34 milhões de pessoas, entre as quais indígenas de 390 etnias, inclusive com mais de uma centena de "povos indígenas em situação de isolamento voluntário" (os quais, em sua grande maioria, não passam de uma dezena de pessoas cada um).

O Papa Francisco recorda sua surpresa diante da insistência com a qual os bispos brasileiros se referiram à Amazônia durante os trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida. Precisamente nas conclusões de Aparecida – de cuja Comissão de Redação foi presidente o Cardeal Jorge Mario Bergoglio – propôs-se a "criar nas Américas consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade", "estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum" e "apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia, para que continue proclamando o evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação" de seus ministros (n. 475).

É também o Papa Francisco quem sublinha: "Ele aconteceu em 2007, e oito anos depois eu escrevi a *Laudato si*'", assinalando assim um caminho de amadurecimento na consideração dessa realidade. Nesse caminho foram muito importantes a criação e o desenvolvimento das atividades da Rede Eclesial

[4] Advogado, jornalista e acadêmico uruguaio, atualmente é secretário encarregado da Vice-presidência da Pontifícia Comissão para a América Latina (Vaticano).

Panamazônica (REPAM), a qual já realizou, desde sua fundação, mais de 50 assembleias territoriais.

Outro marco importante a destacar foi a reunião com mais de 4.000 indígenas e numerosos cardeais e bispos presentes em Puerto Maldonado, capital da biodiversidade da Amazônia peruana, que foi como que o início real do Sínodo Pan-Amazônico. Lá estava o cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário geral do Sínodo dos Bispos, que trabalhou vários dias com prelados e missionários.

2. Uma dinâmica sinodal

Seguindo as pegadas da dinâmica sinodal experimentada com muitos frutos na recente Assembleia Geral do Sínodo mundial dos Bispos sobre os jovens, é também fundamental para o Sínodo Pan-Amazônico saber consultar e escutar tudo o que procede da realidade da Amazônia. Para isso foi criado um Conselho de Secretariado deste Sínodo, que acompanha e orienta sua preparação. Aí estão chegando muitas contribuições que provêm das dioceses, prefeituras e vicariatos dos diversos países da Amazônia, da REPAM, das congregações religiosas presentes na Amazônia. Será muito importante saber escutar – como já se está fazendo – a população da Amazônia, especialmente os indígenas, que sofrem condições de particular marginalização e vulnerabilidade. De tudo isto, juntamente com o trabalho de expertos na matéria, procede o *Documento Preparatório*, publicado no dia 8 de julho de 2018 – "Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral".

Podem-se marcar as insuficiências deste *Documento Preparatório*, porém não há que se pretender muito dele, pois seu objetivo é oferecer uma base de lançamento para uma "escuta ao povo de Deus", especialmente a seus Pastores, pois "o Espírito fala através de todo o povo de Deus". Espera-se que abundem as respostas ao questionário com o qual se conclui tal documento, bem como numerosas contribuições e subsídios que tragam reflexões e experiências neste caminho sinodal. Tudo isso servirá para a elaboração do *Instrumentum Laboris* que precederá a Assembleia especial do Sínodo dos Bispos sobre a Amazônia.

Atrevo-me a indicar, sob minha pessoal responsabilidade, alguns pontos de reflexão, tendo em conta o *Documento Preparatório*, estimulado pela solicitude de um vasto trabalho sinodal na matéria e bem consciente de que a enorme bacia amazônica tem e terá cada vez mais no futuro uma repercussão fundamental nos povos e nações sul-americanos, assim como uma consideração global como "pulmão do planeta". É escassa minha experiência pessoal na Amazônia, porém tratei ao menos de enriquecê-la com muitas leituras e, entre elas, também de contribuições sinodais de quem a vive em primeira pessoa. Em todo caso, para

aproximar-se da Amazônia é bom repetir o que disse o Papa Francisco em Puerto Maldonado como eco das palavras do Senhor a Moisés: "Tire as sandálias dos pés, pois o solo em que estás pisando é uma terra santa".

3. O Objetivo principal

É muito importante que o Papa Francisco tenha bem definido e precisado com clareza qual é o "objetivo principal" desta inédita iniciativa sinodal. Para o Papa se trata de "identificar novos caminhos de evangelização dessa porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas, com frequência esquecidos e carentes de um porvir sereno, também a crise da floresta amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta". A perspectiva fundamental e o fio condutor não podem ser outros senão a evangelização, pela qual se define e está em jogo a missão da Igreja.

É importante que se destaque esse objetivo principal, pois o que mais importa – e há de importar – é que Jesus Cristo seja testemunhado, anunciado, celebrado e comunicado na Amazônia, para que a força de Seu Evangelho se converta cada vez mais em custódia e promoção da dignidade de seus habitantes, força de fraternidade e solidariedade na construção de novos modelos de



Papa Francisco comprometido na evangelização e no cuidado da Amazônia.

desenvolvimento e condições de vida, assim como de custódia das riquezas que a Criação de Deus colocou em seu ambiente.

Se a evangelização não fosse a alegria, certeza e esperança com as quais se enfrentam todos os problemas humanos e naturais da Amazônia, então a Igreja correria o risco de tornar-se uma ONG, benemérita por seus combates, porém sempre uma ONG de conteúdos religiosos, éticos e sociais. O mais importante é que os que afrontarem a realidade da Amazônia tenham essa viva consciência e experiência de que o Evangelho de Cristo é "mensagem de liberdade e força de libertação", "boa nova sobre a dignidade da pessoa humana", caridade que abraça e sustenta toda solidariedade, esperança contra toda esperança. Há que cuidar, pois, que esse objetivo principal que é dos "novos caminhos de evangelização dessa porção do povo de Deus" não se tome por certo e se passe imediatamente a uma declinação moralista, e inclusive ideológica, das tarefas a empreender.

4. Uma amnésia histórica

É evidente que não se pode pedir ao *Documento Preparatório* do Sínodo Pan-Amazônico uma história da evangelização da Amazônia, porém o breve capítulo dedicado à "memória histórica eclesial" é muito insuficiente. Não é verdade o que afirma quando se escreve que "até o século XX, as vozes em defesa dos povos indígenas eram frágeis, ainda que não ausentes", fortalecendo-se somente depois do Concílio Vaticano II.

A Igreja não tem nenhuma dificuldade em confessar seu "mea culpa" ante os comprometimentos que ofuscaram a evangelização da América Latina com a conquista e colonização do Novo Mundo e a opressão e exploração dos povos indígenas. No entanto, ninguém pode negar, por respeito à verdade histórica, que desde a primeiríssima colonização do Novo Mundo foi uma legião de missionários quem empreendeu a primeira grande batalha profética pela justiça em defesa e proteção dos indígenas. A cruz se tornou uma autocrítica radical da espada. Os próprios bispos exibiam como lema: "defensores dos índios". Houve mártires, violências sofridas, todo tipo de atentados e controvérsias provocadas pelos "encomenderos", colonos e bandeirantes. Não houve até hoje na história da Igreja na América Latina um combate evangélico e profético de tal magnitude como o dos primeiros tempos fundadores.

No século XVII a Igreja começou a penetrar na Amazônia. E no dia 22 de abril de 1639, aniversário de descobrimento do Brasil, o Papa Urbano VIII promulgou um Breve, *Commissum Nobis,* proibindo, sob pena de excomunhão, "aprisionar (...) os índios, vendê-los, comprá-los, separá-los de suas mulheres e

filhos, privá-los de qualquer modo da liberdade, retê-los na servidão (...)". Este Breve papal – que está em perfeita continuidade com a bula *Sublimis Deus* do Papa Paulo III em 1537, que foi a primeira e muito dura condenação papal da escravidão dos índios e afirmação do respeito devido à sua dignidade e a seus bens – provocou revoltas, lideradas pelas Câmaras Municipais em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro.

A partir de 1600 a presença da Igreja na Amazônia, evangelizando e defendendo os índios, foi fundamental. Numerosas aldeias e missões religiosas, principalmente por obra dos jesuítas, surgiram na Amazônia. Destacam-se a respeito as fundações de Cametá na foz do Tocantins; Airão, Carvoeiro, Moura e Barcelos no Rio Negro; Santarém na foz do Tapajós; Faro no rio Nhamundá; Borba no rio Madeira; Tefé, São Paulo de Olivença e Coari no Solimões; e no Amazonas, Itacoatiara e Silves.

Como pode-se dizer que eram vozes "frágeis" as da Companhia de Jesus e sua cadeia de "reduções" indígenas, desde o Alto Uruguai e Paraná, em combate permanente contra os bandeirantes, escravistas de índios, às de Moxos e Chiquitos na floresta boliviana e às do oriente peruano e equatoriano, até os "llanos orientales" da Colômbia (prefigurando o que seria a rodovia da floresta)?

Depois caberia agregar todo o trabalho de penetração da Amazônia dos Salesianos a partir do oriente peruano e equatoriano, criando escolas de arte e ofícios para os indígenas, assim como de outras congregações religiosas.

Os informes e escritos de Mons. Giovanni Genocchi, enviado como visitador apostólico à América Latina (1911-1913) e que visitou as terras amazônicas, são de uma dureza impressionante quando denunciam em repetidas ocasiões a escravidão que de fato sofrem os indígenas sob a caça dos seringueiros durante o "boom" da produção de borracha, assim como as dificuldades e adversidades que sofrem os responsáveis pelas primeiras prefeituras apostólicas e missões nas regiões amazônicas dependentes de "Propaganda Fidei", cuja proteção dos indígenas é vista pelos colonos como "fumo negli occhi". Este grave estado de coisas seria retomado e condenado com muita força por Pio X na encíclica missionária dirigida à América Latina: *Lacrimabili statu Indorum,* ponto de referência para os sucessivos pontificados se se tem em conta as frequentes citações desse documento nas instruções comunicadas aos Representantes Pontifícios na América Latina. Este documento denunciava os abusos e violências que se cometiam contra os indígenas e apontava o dever de defender sua vida, liberdade e propriedade, através do desenvolvimento das missões católicas e da evangelização, junto a todas as iniciativas idôneas para a promoção humana dos indígenas.

É certo que depois no Concílio vaticano II e sobretudo no caminho sinodal de Medellín a Aparecida despertou-se com novas luzes e vigor profético essa

tradição de defesa e custódia dos indígenas, que nas décadas imediatamente anteriores parecia apagada (mas, por favor, que não se defina o documento de Puebla como o documento da "participação e comunidades de base", pois ele teve uma abrangência muito maior e rica!).

Fazer memória verdadeira da presença e missão da Igreja na Amazônia durante os últimos séculos é muito importante para aprender da história os acertos e os erros da missão e para deixar-se contagiar pela doação total – inclusive até ao martírio – de muitos irmãos e irmãs nossos que deram suas vidas por Cristo e por amor aos amazônicos.

5. Para além da "leyenda negra"

Recuperar uma correta memória eclesial sobre a Amazônia não é necessário somente por respeito à verdade histórica e como homenagem de gratidão aos que, em meio a grandes dificuldades e sacrifícios, nos precederam na tarefa evangelizadora, mas também para saber contrariar os lugares comuns da "leyenda negra" que, às vezes, correm o risco de ser repetidos inocentemente por agentes pastorais desprevenidos. Há acaso quem pense que todo o realizado pela missão da Igreja na Amazônia desde o século XVII é irrelevante e inclusive prejudicial e descartável?

Como é notório, as potências emergentes nos séculos XVII e XVIII – França, Holanda, Inglaterra – não só tenderam a substituir-se no domínio mundial a uma Espanha decadente, com a força econômica e militar, mas também se propuseram derrotá-la carregando-a ideologicamente com todas as ignomínias. Uma propaganda difusa por toda parte apresentou a colonização espanhola como o concentrado de violências, crueldades e barbáries alheias aos "países civilizados". Foi uma agressão ideológica muito grosseira sem um verdadeiro discernimento sobre as luzes e sombras da expansão hispânica no Novo Mundo.

Essa "leyenda negra" anti-espanhola foi-se convertendo em "leyenda negra" anticatólica. Os povos e nações latino-americanos ficavam condenados ao atraso por causa de seu substrato cultural católico. Um sinal claro da persistência dessa lenda se observa nas conclusões da Conferência de Barbados, organizada em 1971, pela Comissão de Assuntos Internacionais do Conselho Mundial de Igrejas e pelo Departamento de etnologia da Universidade de Berna, nas quais os antropólogos convocados afirmavam: "A obra evangelizadora das missões religiosas na América Latina corresponde à situação colonial dominante, de cujos valores está impregnada. A presença missionária significou uma imposição de critérios e padrões alheios às sociedades indígenas dominadas e que encobrem, sob um manto religioso, a exploração econômica e humana das populações indígenas

(...). Em virtude dessa análise, chegamos à conclusão de que o melhor para as populações indígenas e, também para preservar a integridade moral das próprias Igrejas, é acabar com toda atividade missionária (...)". Há acaso alguém que pense assim no interior da Igreja Católica, sobretudo entre os missionários estrangeiros?

Para o Papa Francisco é muito claro – e assim o tem repetido muitas vezes – que a missão evangelizadora não é "proselitismo" e menos ainda imposição cultural ou atentado contra a liberdade. A Igreja sabe reconhecer criticamente – inclusive pedindo perdão – tudo o que pôde haver de imposições apressadas, de cumplicidade com poderes, de falta de escuta e respeito das culturas indígenas, porém sabe bem que foi somente a Igreja, através de suas várias missões, a única instituição que se aproximou com amor aos índios, que pagou o preço de sacrifícios e sofrimentos para manter-se em sua companhia e que os defendeu das diversas formas de escravidão. No entanto, o que se afirmou em 1971 em Barbados foi muito mais além: a memória eclesial reduzida e degenerada em ideologia de dominação e a suspeita, e inclusive denúncia, de toda atividade missionária, evangelizadora, como perniciosa para a cultura dos povos indígenas. Isto é, de fato, uma ofensa e insulto contra os próprios povos indígenas que foram evangelizados e que têm conservado seu enraizamento na fé católica durante séculos, não obstante carecessem tantas vezes de companhia e sustento pastorais.

6. Vulnerabilidade, ameaças e violências

Faz muito bem o *Documento Preparatório* do Sínodo em denunciar com vigor as múltiplas ameaças que pesam sobre as comunidades indígenas da Amazônia, especialmente vulneráveis ante a expansão agressiva de manifestações das idolatrias do poder e do dinheiro, que atacam sua identidade e mesmo sua sobrevivência. "Hoje, os povos indígenas – já o dizia o episcopado latino-americano em Aparecida - estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual" (n.90). Esta é a consequência de uma história secular: a exploração dos colonizadores nas encomendas e nas minas, a difusão de suas doenças ante populações desprotegidas, a piora da situação dos indígenas depois da independência, o assalto às terras indígenas, o deslocamento forçado às florestas, às montanhas áridas e ao sul gelado. "Hoje os povos indígenas representam 8% da população da América Latina, mas também constituem 14% dos pobres e 17% dos extremamente pobres (...). Os índices de pobreza, mortalidade infantil, educação e lacuna digital mostram o grave atraso em que vivem as comunidades indígenas (...). Suas crianças estão morrendo mais; suas

crianças estão aprendendo menos; seus adultos estão ficando fora da integração comunicacional" (Hernán Reyes, "Entre os bicentenários e o sínodo dos bispos: as populações indígenas e os riscos de gerar um indigenismo de fachada", trabalho inédito).

Também o documento sinodal denuncia esta ameaça que paira sobre os povos indígenas: a riqueza da floresta e dos rios – que são o ambiente natural de sua vida e convivência – "está ameaçado hoje pelos grandes interesses econômicos (...) que provocam, entre outras coisas, o desmatamento indiscriminado da floresta, a poluição de rios, lagos e afluentes (pelo uso indiscriminado de agrotóxicos, derramamentos de petróleo, mineração legal ou ilegal e os derivados da produção de drogas)". A expansão acelerada e descontrolada do agronegócio, sobretudo através dos cultivos transgênicos do milho e da soja no Mato Grosso, provoca graves consequências.

Lamentavelmente, para piorar ainda mais, tende-se a menosprezar os indígenas, desconhecendo os valores de suas próprias culturas, vítimas de uma cultura racista do descarte e da exclusão.

Como bem afirma o *Documento Preparatório*, proteger as comunidades indígenas em sua liberdade, na regularização respeitada de suas terras, em suas identidades culturais, "é uma exigência ética fundamental", um compromisso fundamental de defesa da dignidade da pessoa e dos direitos de seus povos, que deriva do Evangelho e da doutrina social da Igreja, expressa na ecologia integral da Laudato sí.



Hoje, os povos indígenas estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual (Doc. Aparecida).

Não é, pois, estranho que se tenham multiplicado nas últimas décadas os conflitos nos quais os indígenas reivindicam suas terras e ambiente natural de vida e que sofram a violência dos novos colonizadores, ávidos de poder e dinheiro. O Atlas de conflitos no Amazonas publicado ano passado indicava que, então, estavam ocorrendo 977 conflitos violentos e a Comissão Pastoral da Terra do Brasil observava em um estudo inédito que há 93.800 famílias envolvidas nos conflitos agrários nessa vasta região. O atlas destacava duas causas preponderantes em ditos conflitos: a revogação da reforma agrária e a impunidade dos culpados da violência no campo. No informe dessa Comissão Pastoral se indicava que entre os anos 2001

e 2010 a luta pela terra provocou 377 vítimas no Brasil. No final da década de 90, os choques entre os indígenas, madeireiros, mineiros e petroleiros recebeu bastante atenção da Imprensa ocidental. A luta entre os Yanomani nas florestas amazônicas do Brasil e Venezuela e milhares de mineiros de baixo nível social, conhecidos como os garimpeiros, recebeu uma especial atenção. A situação geral depois seguiu piorando.

Um importante estudo da CEPAL - "Os povos indígenas na América Latina. Avanços no último decênio e desafios pendentes para a garantia de seus direitos (1994) - distinguia as seguintes causas de conflitos:

- "Conflitos por um inadequado ou inexistente resguardo jurídico dos direitos dos povos indígenas sobre suas terras, águas, recursos naturais, biodiversidade e territorialidade.
- Conflitos por afetação de lugares sagrados dos povos indígenas.
- Deficiente ou inexistente avaliação independente do impacto ambiental, social, econômico e territorial dos projetos extrativos.
- Não cumprimento do dever estatal de consulta aos povos indígenas e de adoção dos resguardos e medidas para proteger seus direitos antes de outorgar concessões ou autorizar a execução de projetos extrativos.
- Exclusão dos povos indígenas da participação nos benefícios pela exploração de recursos de seus territórios.
- Criminalização do protesto social indígena por projetos de investimento que afetam seus direitos e territórios".

7. São as "reservas" indígenas uma solução?

O Sínodo Pan-Amazônico é uma ocasião providencial para se repensar a fundo as condições, critérios e caminhos adequados para enfrentar de modo sério, positivo e comprometido a "questão indígena" na América Latina, especialmente nas situações próprias da Amazônia. Há um déficit muito grave na América Latina a esse respeito. Não há que contentar-se em multiplicar diagnósticos e denúncias nem em enumerar os direitos dos indígenas, ainda que tenham sido muito importantes o Convênio nº 169 dos Povos Indígenas e tribais da OIT (1989) e a Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas (1994). Não basta defender os indígenas ou participar solidários em suas lutas pela sobrevivência, por suas terras e culturas. É necessário propor projetos realistas, não isentos de utopias mobilizadoras, que ajudem os indígenas a crescer em sua dignidade de pessoas, a reafirmar concretamente seus direitos humanos,

a progredir em uma escolaridade adequada, a enfrentar o saber e a disciplina do trabalho, a lutar pela equitativa distribuição dos bens comuns, a elevar seus níveis de vida, a incorporar-se nos movimentos populares e a uma cidadania ativa adequada ao século XXI, e assim integrar-se nos processos de miscigenação étnicos e culturais das nações.

Não é apta nem suficiente para encaminhar-se tal perspectiva a mera defesa de "reservas indígenas" ilusoriamente incontaminadas. É justo e necessário que as diversas comunidades indígenas contem com uma adequada e protegida demarcação e regularização de terras como seu habitat humano e natural, pois são hoje as populações mais vulneráveis e também as mais ameaçadas. No entanto, isso não quer dizer que se tenha que segregá-los para uma preservação em seu "estado natural", com o mínimo de contatos com o resto das sociedades nacionais, sonhando com uma presunta harmonia idílica entre indígenas e natureza, chegando a idealizar o "neolítico", como se a convivência entre os indígenas não tivesse dado lugar a guerras e violências intestinas, a situações de miséria, a desnutrição crônica e alta mortalidade infantil, a matrimônios precoces entre os 12 e 14 anos e a altos percentuais de gravidez de adolescentes, a altas taxas de analfabetismo, a infecções e epidemias relacionados à falta de água potável, de saneamento básico e de atenção médica "moderna". A maior parte dos lares e comunidades na região, sobretudo entre os indígenas, apresentam necessidades básicas insatisfeitas, oscilando entre situações de pobreza e indigência muito superiores às médias nacionais dos países com territórios amazônicos.

As meras "reservas" indígenas mantêm a marginalidade e exclusão, estão destinadas a sucumbir, são caminhos de morte. Se as comunidades indígenas não dispõem de elementos para dialogar com o tremendo poder da cultura e do trabalho modernos, se não falam mais que as línguas aborígenes, ficam condenados a ir morrendo no desamparo e exclusão ou a serem escravos dos novos senhores. "Enfrentar-se-iam assim - como escrevi há anos em meu livro "Uma aposta para a América Latina", Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 2005, com Prólogo do Cardeal Jorge Bergoglio -, sem recursos, ao assalto da modernidade, de seus modos tecnológicos e produtivos, de seus meios de comunicação de massas, de suas infraestruturas físicas e eletrônicas". Além disso, a quase totalidade dos jovens indígenas - de quem nada se diz no *Documento Preparatório*, não obstante que o sínodo anterior tenha sido sobre os jovens - sentem-se atraídos pelas cidades, desejam imigrar para elas e inclusive o fazem cada vez com mais frequência. "Sempre disse - afirmou em tom agressivo e provocativo o ex-presidente equatoriano Rafael Correa - que o mais perigoso é o esquerdismo do tudo ou nada e o indigenismo infantil que vê a pobreza como parte do folclore, que aceita as pessoas vivendo na miséria como parte de uma linda paisagem".

Necessitam-se, pois, políticas realistas e audazes de valorização do melhor do seu patrimônio cultural com todas as transformações que requerem o bilinguismo, a alfabetização e escolarização, o manejo da gestão laboral e econômica, a incorporação digna na vida nacional. As escolas dos níveis primário e secundário, assim como as escolas profissionalizantes, promovidas sobretudo por algumas comunidades religiosas, são fundamentais, inclusive para formar líderes indígenas que acedam aos estudos universitários (como acontece com a nova geração dos mapuches no Chile e na Universidade Católica de Campo Grande, onde há mais de 100 indígenas estudando em diversos cursos). A chave da educação é a interculturalidade, o bilinguismo e que se valorize a identidade cultural própria, abrindo-a à alteridade com os outros. Se esta abertura não se faz de forma positiva, de toda maneira acontecerá de forma negativa. João Paulo II soube sintetizar tudo isto em uma frase: "O México tem necessidade dos indígenas e os indígenas têm necessidade do México". Também o Papa Francisco foi muito expressivo em seu encontro com os indígenas em Puerto Maldonado durante sua visita apostólica ao Peru: "É urgente acolher o contributo essencial que oferecem à sociedade inteira, não fazer das suas culturas uma idealização de um estado natural nem uma espécie de museu de um estilo de vida de outrora". "Inclusão não é só consideração! ", prosseguiu o Papa. É "reconhecer que as comunidades autóctones são um componente da população, que tem que ser valorizada e consultada, da qual há que facilitar a plena participação, a nível local e nacional (...). Não se pode permitir uma marginalização em classes: primeira classe, segunda classe... Integração com plena participação", afirmou o Papa.

8. O exemplo das "reduções jesuíticas" para os tempos atuais amazônicos

Existe na história da América Latina um modelo preclaro para afrontar a "questão indígena", do qual muito se pode aprender, inclusive em nossos tempos. Refiro-me às "reduções jesuíticas" que alcançaram seu ápice com os Guaranis nas florestas do Alto Paraná, porém que tiveram portentoso desenvolvimento também nas florestas amazônicas de Moxo e Chiquitos na Bolívia, nas zonas tropicais do oriente peruano, equatoriano e nos *llanos orientales* da Colômbia. Ocuparam uma vastíssima área entre as zonas fronteiriças flutuantes dos impérios de Espanha e Portugal, onde as florestas e o caráter muito primitivo e belicoso dos indígenas não haviam atraído ainda o interesse dos colonos. Conseguiram atrair os indígenas na criação de novos povoados (reduções), separando a cruz da espada e conseguindo que a população indígena tivesse um contato exclusivo

com a ação pacífica, amorosa e persuasiva dos missionários, sem a mediação das armas nem a intromissão da avidez dos colonos. Em sua fase de apogeu, por volta de 1700, as aldeias missionárias no Alto Paraná e Alto Uruguai chegaram a ser 30 com cerca de 5.000 indígenas cada uma.

A evangelização dos índios nestes povoados - cujo maior castigo era expulsá-los de lá - foi capaz de acolher e valorizar o melhor de suas culturas. De seu "comunismo primitivo" desenvolveram amplos espaços de agricultura comunitária, com terras e instrumentos de produção de propriedade coletiva, ao serviço do bem comum desses povoados e do sustento de viúvas, órfãos, anciãos e enfermos, em um autêntico "comunismo cristão". Foi extraordinário que se conseguisse fazer coincidir a propagação da fé com um surpreendente processo de crescimento comunitário que permitiu aos povos aborígenes superar os estados de pobreza. Não houve em todo o período colonial outra experiência igual de aprendizagem e desenvolvimento de ofícios e artesanatos, de tecnologias metalúrgicas e têxteis, de progresso econômico. Os indígenas foram capazes de fabricar órgãos e outros instrumentos musicais, compor música e contar com excelentes coros, construir prensas e relógios, operar máquinas de própria elaboração, especializar-se em produções agrícolas, edificar cidades e nelas belas Igrejas, e inclusive construíram suas próprias fábricas de armamentos. Também os indígenas se autogovernavam segundo sua cultura tradicional, sob a paternidade dos Jesuítas. E a língua dos Guaranis, graças a isso, continua sendo hoje patrimônio de um Paraguai bilíngue, correntemente usada (acrescentemos que o que resta das línguas indígenas, sua salvaguarda e desenvolvimento, teve uma contribuição fundamental e decisiva nos dicionários, gramáticas, estudos etnológicos e publicações dos missionários por toda parte). Não houve nem fome, nem desemprego, nem vagueação, nem analfabetismo, nem violências nestas missões. Como não seriam essas missões que aquele Voltaire que chamava a Igreja a "Infame", reconheceu que "pareciam um triunfo de humanidade". Foram também admiradas pelo marxista peruano José Carlos Mariátegui em seu notável "Sete ensaios de Interpretação da realidade peruana". "O que os socialistas seguem sonhando sempre em seus modernos falanstérios - escrevia no século XVIII o jesuíta Jerez - realizou-se ali como um milagre de amor e sem necessidade de palavras utópicas".

A avidez dos colonos e o "despotismo iluminado" conseguiram destruir as "Reduções", não obstante a resistência dos indígenas. Os indígenas dispersos, através de processos de miscigenação étnica e cultural, foram componente importante da população Paraguaia, de Santa Cruz de la Sierra, do vasto "hinterland" de São Paulo, do gaúcho dos pampas argentinos e uruguaios.

Se esta experiência em meio à floresta, inclusive também na floresta amazônica, com tribos muito primitivas e belicosas, foi a mais bem-sucedida experiência

de compromisso com a "questão indígena" na América Latina, a maior experiência de um crescimento em humanidade dos indígenas, o melhor modelo de um desenvolvimento sustentável para o seu bem comum, não temos nada que aprender de tudo isso quando enfrentamos a questão indígena da Amazônia? Se isto aconteceu há mais de três séculos, nada semelhante temos que nos propor agora para a Amazônia no século XXI?

9. Inculturação do evangelho e evangelização das culturas

A inculturação do Evangelho e a evangelização das culturas é uma questão central que não pode não ser abordada pela missão da Igreja entre os indígenas da Amazônia.

O ponto de partida indispensável é o da escuta dos indígenas, compartilhando suas vidas, aprendendo de sua cultura. A Amazônia - como disse o Papa em Puerto Maldonado - não é terra de ninguém, "sem laços, sem rostos". Resulta, em efeito, fundamental, respeitar a cultura dos indígenas, compenetrar-se com ela, o que se consegue somente convivendo com os índios. Toda forma apressada e confusa de evangelização com "ocidentalização" é prejudicial para os indígenas e também para a evangelização. Há que saber valorizar o melhor das culturas indígenas: o amor à Terra como habitat do bom viver e sinal de fecundidade, a abertura à ação Divina pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana, o sentido de solidariedade no seio das tribos e comunidades, a importância do cultual e a crença em uma vida ultraterrena. São riquezas culturais que também estão na base da identidade de nossos povos atuais. A Igreja tem que defender esses valores culturais - que são, além de tudo, "sementes do Verbo" - ante as forças atropeladoras de uma modernidade unidimensional, uniformizadora, idólatra do poder e do dinheiro, de relativismo hedonista e até nihilistas.

Entretanto, não se pode esquecer - e nada diz a respeito o *Documento Preparatório* - as deficiências e misérias que também arrastaram durante séculos algumas culturas indígenas, assim como o fazem as mais diversas culturas: poligamia e incesto, sacrifícios de animais e pessoas, guerras e matanças, antropofagia, violência contra as mulheres... Ignorá-las pode ser a tentação de quem pretende fazer ressurgir no século XXI a "teoria do bom selvagem", que só serve para entusiasmar turistas europeus e norte-americanos emocionados pelo folclore primitivo, para alimentar um populismo demagógico e para provocar a excessiva "idealização" de generosos missionários, sobretudo estrangeiros, mas não para o realismo da caridade e da missão.

É muito dramática a situação que se cria entre os jovens indígenas que migram para as cidades e ficam, por um lado, em meio a uma cultura urbana

São necessárias políticas realistas e ousadas para valorizar o melhor do seu património cultural com todas as transformações que o bilinguismo, a alfabetização e a escolaridade exigem.



que os exclui e, por outro, arrastam uma cultura ancestral que foram aos poucos abandonando. Sobrevivem em favelas sem terra, já sem uma identidade, como proletariado excluído e desculturalizado: os chefes da tribo os gritam porque se comportam como "ocidentais", porém, ao mesmo tempo, não lhes é permitido entrar nos "shopping centers", onde abundam os filhos dos produtores de soja, de funcionários estatais ou de técnicos de obras de infraestrutura. Nesse choque muito duro e profundo não é de se estranhar que sejam muito frequentes os suicídios de jovens indígenas.

O trabalho evangelizador implica, pois, uma compenetração com as culturas indígenas e uma paciente, sábia e perseverante inculturação do Evangelho em ditas culturas. Não há que considerar que o respeito e valorização das culturas indígenas imponham que as tratemos como objeto arqueológico e etnológico de museu, de "reserva", e que a evangelização seja um atentado contra tais culturas. As culturas indígenas foram evoluindo e transformando-se no curso de milênios e séculos para ir enfrentando sempre novos desafios e conseguindo formas mais adequadas de adaptação ao meio ambiente.

A Amazônia como terra virgem habitada por quem nunca viu o "homem branco" é uma projeção irreal. As poucas tribos isoladas "invisíveis", que lançam

flechas ao avião que passa, não são formadas por mais que algumas dezenas de pessoas. Os nativos continuam vivendo nos bosques chuvosos, porém sua cultura tem-se relacionado de mil maneiras com o mundo exterior a eles. Os impactos criados pela abertura de autoestradas, rodovias e melhoras nas hidrovias, assim como a chegada de imigrantes vindos de outras regiões e as redes de telecomunicações estão provocando grandes transformações na Amazônia. Em lugar de usar suas tangas e penas, a maioria dos ameríndios utiliza roupas ocidentais e muitos usam panelas e utensílios de metal em sua vida cotidiana. Alguns grupos fazem artesanato para atrair os turistas que chegam em embarcações, enquanto outros realizam periódicas viagens rotineiras à cidade para levar e trazer comida e mercadoria para vender.

Quase nenhum grupo nativo depende por completo da caçada nômade tradicional, nem da coleta de vegetais silvestres. Os cultivos lhes servem como fonte complementar de alimentos. Foram criando seus pomares com plantações de bananas, mandioca ou arroz. O jornal Folha de São Paulo de 5 de janeiro de 2014 escrevia sobre uma tribo que é evangélica, se apaixona pelas partidas de futebol do Corinthians e do Flamengo, vive em casas de madeira com eletricidade, são todos bilíngues, têm aparelhos de televisão e motocicletas e duas de suas oito aldeias estão conectadas à internet. Além disso, os movimentos sociais dos indígenas alcançaram o maior nível de organização que existe em qualquer bosque chuvoso. Tudo isso, e muito mais, mostra uma transformação das culturas indígenas que está em pleno curso. O "fixismo" de uma cultura indígena secular incapaz de transformações e integrações, é imagem lendária, romântica e ilusória.

Não entendo, pois, porque este *Documento Preparatório* do Sínodo Pan-Amazônico não soube retomar criativamente o que o Santo Padre Francisco desenvolve na exortação apostólica Evangelii Gaudium, no que se refere à inculturação do evangelho e à evangelização das culturas. A igreja se enriquece encarnando-se na cultura dos povos, seu Evangelho não se identifica com nenhuma cultura, ainda que se transmita com uma roupagem cultural (porque encarnado), sua mensagem é fonte de discernimento, purificação e enriquecimento de toda cultura. Daqui a beleza do Povo de Deus com diversos rostos e o desafio da edificação do Povo de Deus com rosto amazônico.

Também muito podemos aprender da história da evangelização na América Latina, em que para abraçar a realidade dos indígenas e conhecer adequadamente suas culturas, os Missionários conviveram com suas comunidades e abundaram os missionários geógrafos, etnólogos, arqueólogos, linguísticos e especializados em outras disciplinas, em tal medida que grande parte do que se conhece das seculares culturas indígenas é fruto dessa ação missionária (ainda que saibamos e lamentemos que houve também quem cometeu o crime de

queimar livros indígenas e destruir seus monumentos e templos em uma luta violenta contra a idolatria). Também entre os Jesuítas houve espertos na língua tupi – como Diogo Nunes, Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Lorenzano... – autores de obras enciclopédicas sobre a geografia, história, economia, flora e fauna aquática e terrestre, costumes dos povos, como o Padre João Daniel e Montoya. A conexão entre as bacias dos rios Negro e Orinoco foi confirmada pela primeira vez pelo padre jesuíta Manuel Roviare em 1744. E assim poderíamos seguir enumerando... Além do mais, há que ter em conta e valorizar importantes centros culturais que estudam com muita seriedade as atuais culturas indígenas, como a Universidade Católica Dom Bosco no Mato Grosso do Sul e as edições Abaya-yala no Equador. O pai da antropologia cultural, Claude Lévy-Strauss, enérgico crítico dos missionários, pediu desculpas por muitas de suas críticas logo que conheceu a monumental enciclopédia Bororo, realizada pelos Salesianos de Mato Grosso.

10. E o que há da religiosidade popular?

A dimensão religiosa é constitutiva de toda cultura e se transforma em piedade popular católica quando é evangelizada. Por isso há que considerar com maior atenção a religiosidade e a piedade nos povos da Amazônia. A maior parte dos povos indígenas conserva formas de um politeísmo panteísta ligado à sua terra. Há que saber - como já se disse - respeitar a cultura indígena e suas expressões religiosas. Podem-se identificar nelas as "sementes do Verbo". Porém, seria muito equivocado que os missionários se contentassem com esse respeito ou com formas sincretistas confusas. É lamentável que alguns missionários sejam os que propõem e encorajam a restauração anacrônica de velhas práticas e crenças religiosas. É muito bom o respeito às sensibilidades religiosas de cada um e a gradualidade da evangelização, porém ressuscitar artificialmente elementos religiosos arcaicos, com bastante ignorância e superficialidade, termina no folclore religioso mais que em uma séria evangelização inculturada. O testemunho missionário há que ter - como frequentemente destaca o Papa Francisco e como o destacava também o Papa Bento XVI em Aparecida - esse atrativo singular, essa beleza de vida, essa caridade surpreendente, capaz de provocar o estupor entre os que encontram e vivem com eles e assim suscitar um diálogo no qual se possa dar as razões da própria felicidade e esperança, anunciando a presença de Jesus Cristo, Filho do Deus Vivo, Salvador e Senhor. Os cristãos queremos, por graça de Deus, como nos indicou Jesus, "que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade" (*I Tm* 2,1). Esse é o melhor serviço que podemos dar aos povos indígenas.

O *Documento Preparatório* pouco ou nada diz acerca da crescente presença de evangélicos e pentecostais nas aldeias indígenas e da incorporação de muitos indígenas às suas comunidades. Esta é uma realidade que não pode passar despercebida e exige uma profunda revisão de vida da parte das missões católicas. O que é que está acontecendo? O que é que está faltando em nossa evangelização, em nossa ação pastoral? Falta totalmente no documento a autocrítica de situações de vazio pastoral e religioso de dioceses e congregações só concentradas na luta social e ambiental. Se se descuida a dimensão religiosa para privilegiar as tarefas de luta social, essa dimensão religiosa fundamental será satisfeita por outros.

Mais estranho é que não se considere mais a fundo a piedade popular católica das populações da Amazônia, inclusive em setores indígenas. O Papa Francisco considera esta piedade popular como uma referência fundamental na inculturação do evangelho na vida e missão da Igreja. Dom Irineu Roman, bispo auxiliar da diocese de Belém, destacou a respeito a importância que tem a festa de Nossa Senhora de Nazaré, que se celebra no segundo domingo de outubro e que marca a vivência religiosa popular na Amazônia brasileira, especialmente no Estado do Pará (mas não só…): é a festa religiosa que congrega mais devotos em todo o Brasil, chegando a mais de dois milhões de fiéis. Como reconhece Dom Vital Corbellini, bispo da diocese de Marabá, "trata-se de uma manifestação popular e uma devoção muito importantes para o povo cristão, não só católico, mas também evangélico, que em alguns casos ajudam e acompanham o desenvolvimento da festa".

Existem diversas versões das aparições milagrosas desta Rainha da Amazônia. A história nos diz que o primeiro Círio de Nazaré aconteceu no dia 8 de setembro de 1793, do qual já participou uma multidão de todas as classes e raças. "Os círios - acrescenta Dom Vital - são momentos fortes de evangelização", que inclusive retomam temas relacionados com a Campanha da Fraternidade anualmente promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Segundo Dom Vital, nas celebrações da festa "levamos em conta a realidade atual de vida de nossas cidades e pessoas do campo, com problemas sociais, de violência, morte de jovens, desemprego, a superação do alcoolismo, os assaltos, as drogas, o tráfico de pessoas, a falta da reforma agrária, a reflexão sobre o desflorestamento, o nível de água dos rios que está baixando devido às secas e aos incêndios florestais, as pessoas afetadas pelas represas, pessoas mortas no campo e na cidade". Não se leva a cabo só em Belém, mas é uma festa celebrada em muitas dioceses da região.

Nada se diz disso no *Documento Preparatório*, nem das muito numerosas e diversas expressões dessa piedade popular católica nos povos indígenas evangelizados do oriente peruano e equatoriano.

11. E a pastoral das cidades Amazônicas?

Não toda a população amazônica, nem muito menos, é composta pelas comunidades indígenas dos bosques chuvosos. Nada se diz nem se propõe no *Documento Preparatório* a respeito dos caboclos, dos ribeirinhos, dos quilombolas, etc. Na Amazônia brasileira os indígenas são só cerca de 450.000 pessoas, apenas 0,25% da população total do Brasil.

Se somam 3 milhões de indígenas os que vivem na bacia amazônica de nove países, a população urbana da bacia é de cerca de 30 milhões. Não se pode ignorar em um Sínodo amazônico a existência de grandes cidades como Manaus e Belém, com mais de dois milhões cada uma, nem tampouco cidades como Iquitos, Macapá, Porto Velho e Boa Vista, com mais de 300 mil habitantes e muitas outras (Florencia e Leticia na Colômbia, Trinidad na Bolívia, Lago Agrio no Equador, Linden na Guyana, Blauwgrond no Suriname, Autre na Venezuela…). Na parte andina da bacia amazônica um alto percentual da população se compõe de comunidades indígenas que vivem em cidades.

Nada se diz no *Documento Preparatório* sobre a pastoral urbana nas cidades da Amazônia, onde está a grande maioria de sua população. Sabe-se sim que muitas destas cidades cresceram desordenadamente e de forma muito desigual, acolhendo em suas periferias uma multidão de deserdados em condições miseráveis, entre os quais muitos indígenas. Nelas se dá - exceto no caso das cidades camponeso-indígenas da Amazônia peruano-equatoriana - um grande choque de culturas com enormes dificuldades de integração. O alcoolismo, o tráfico de pessoas e o tráfico e consumo de drogas é o pão nosso de cada dia. Diferentemente das zonas selvagens, nas cidades permanece a estrutura paroquial e as capelas e, em alguns casos, de comunidades eclesiais de base. Necessitar-se-ia um trabalho sinodal de maior e mais atento intercâmbio de experiências sobre a presença e missão eclesial em ditas cidades.

12. Questão social, questão ambiental

Um dos pontos-chave da encíclica papal *Laudato si'* foi a inseparável relação existente entre questão social e questão ambiental, pelo que se fala de uma "ecologia integral". Também na Amazônia esse binômio se verifica: os problemas ambientais pesam sobretudo sobre os mais pobres e vulneráveis, que são os povos indígenas. O *Documento Preparatório* do sínodo amazônico o destaca muito bem.

Em efeito, os processos de desflorestamento e de criação de pastos em uma contínua expansão territorial da fronteira agrícola e a criação de gado extensiva,

os incêndios florestais e o corte da madeira para venda, a intensificação de atividades extrativas por meio da mineração legal e ilegal, o estabelecimento de cultivos de uso ilícito e a contaminação das abundantes águas, entre outras coisas, têm efeitos adversos relativos ao ambiente humano e natural, que sofrem sobretudo os indígenas que vivem nos bosques chuvosos. O ex-presidente colombiano Santos já havia admitido em 2015 que "hoje a mineração ilegal move mais recursos para os bandos ilegais, para a Guerrilha, para as máfias... que o próprio narcotráfico". "O ouro torna-se - escrevia-se em "El Nuevo Herald" de 16 de janeiro de 2018 - fonte de vida de quadrilhas e de guerrilheiros, e se estão transformando as florestas virgens em paisagens tóxicas cheias de mercúrio e de cianeto".

Os povos indígenas da Amazônia são sócios essenciais no desenvolvimento sustentável da região por seu domínio territorial, sua concepção adaptativa da relação sociedade-natureza, suas práticas ecológicas produtivas e a natureza coletiva de seu habitat.

Os habitantes milenários aproveitaram de forma sustentável os recursos da região graças a um profundo conhecimento de sua biodiversidade e seu funcionamento ecossistêmico. Eles são também os defensores da Amazônia contra formas destrutivas movidas por avidez e interesses dos poderosos. Em um momento em que a humanidade "está pecando gravemente em não cuidar da terra - disse o Papa Francisco dirigindo-se aos participantes ao terceiro fórum internacional dos povos autóctones em 17 de fevereiro de 2015 - as populações indígenas não permitam que as novas tecnologias que destroem a terra, a ecologia, o equilíbrio ecológico, terminem também destruindo a sabedoria dos povos". E concluiu afirmando: "um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixem um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode considerar-se progresso".

13. Um desenvolvimento sustentável

Não é coisa boa contrapor ideologicamente o cuidado ambiental ao desenvolvimento agropecuário, industrial e tecnológico nos enormes espaços da Amazônia. Quem assim o faz quer manter ilusoriamente a Amazônia como reserva mundial incontaminada. Opor-se em linha de princípio a toda atividade econômica moderna, a toda obra de infraestrutura física, elétrica, hidroelétrica, de telecomunicações ou telemática, é cair em visões ideológicas redutivas e empobrecedoras. De que "desenvolvimento sustentável" se fala se se rejeita todo desenvolvimento? O desenvolvimento sustentável implica a criação de valor ambiental, mas também social e econômico.

O espaço geográfico da bacia amazônica, de cerca de 7 milhões e meio de quilômetros quadrados, é superior ao de toda a Europa ocidental (até as fronteiras da Rússia, incluindo os países mediterrâneos, os países balcânicos, os países centro-europeus, os países nórdicos e os países insulares). E esta Europa ocidental é habitada por centenas de milhões de pessoas. Nos espaços imensos da bacia amazônica, ao contrário, a população total da região não supera os 30 milhões de pessoas, a grande maioria moradores de 24 cidades, enquanto que a população indígena não supera os três milhões de habitantes. Segundo o último censo do Brasil em 2010, vivem no gigante de língua portuguesa 896.900 indígenas, menos de 5% de sua população de 190 milhões de habitantes. Destes, 36% reside em área urbana e 63% em zonas rurais. Isso quer dizer que na imensa floresta amazônica brasileira vivem apenas cerca de meio milhão de indígenas. A conclusão é que na bacia amazônica a densidade demográfica é baixíssima e existem enormes espaços vazios de presença humana. Inclusive as necessárias demarcações e regularizações de terras para proteção do habitat dos indígenas e as legítimas reivindicações a respeito têm que evitar propostas territoriais sumamente exageradas. Um território como o da Itália para alguns mil indígenas certamente o seria.

Não há que imaginar que a extensão das atividades agropecuárias se deve só a potentes especuladores de terras e empresas multinacionais, mas que existe centenas de milhares de pequenos agricultores que representam a grande maioria dos estabelecimentos agropecuários. A exploração agrícola pode bem desenvolver-se em terras que foram já altamente transformadas. Sem dúvida, tem que ser estritamente controlada e inclusive reprimida a avidez de novas terras - e terras desmatadas para isso - por parte de grandes interesses multinacionais de agronegócio, que compõem um "lobby" potente no parlamento brasileiro. Segundo a ONG Global Forest Watch, o Brasil arrasou cinco milhões de hectares em 2016, duas vezes mais que no ano anterior, em grande parte através do modelo extensivo da soja, cuja superfície de cultivo aumentou 60% nos últimos 10 anos, sobretudo na floresta tropical de Mato Grosso. Nada de bom se avista no futuro próximo a este respeito…

Por sua parte, a mineração extrativa, legal e ilegal, fez na história da América Latina - e continua fazendo - estragos, destruições e contaminações destinados só a beneficiar aos potentes do momento e não ao bem comum dos povos. Basta pensar desde nossas origens em Potosí - maciço de prata com o qual se poderia construir uma ponte - dizia-se - desde o Alto Peru até Madrid. "A prata circulou pelas veias das monarquias, sustentou guerras e crescimentos econômicos europeus, mas arrasou a natureza daquelas montanhas e terras circundantes e deixou na miséria a seus moradores (dos quais cobrou muito altos tributos de sangue). Houve um profeta (no século XVII) que chamou a Potosí uma "boca do inferno", suas chamas alimentadas pelos corpos dos indígenas para satisfação

dos interesses dos exploradores. Quantas de nossas riquezas humanas e naturais sofreram o mesmo destino! " (Assim eu escrevi em meu livro "*Memoria, coraje y esperanza a luz del Bicentenario de independencia de América Latina*", edit. Nuevo Inicio, Granada 2017, com apresentação do Papa Francisco e prólogo do Cardeal Bergoglio). A idolatria do dinheiro, a exploração descontrolada de companhias multinacionais e a avidez da maximização dos lucros provocaram estes desastres.

De toda maneira, não se trata de condenar a priori qualquer tipo de exploração de minerais na Amazônia. Seria absurdo acabar com a extração do cobre no Chile, primeiro produtor mundial, ou do estanho, chumbo e zinco na Bolívia, ou do ferro, bauxita e alumínio no Brasil, ou de ouro, prata e outros metais preciosos na Argentina, Bolívia, Chile, Peru, Equador, Colômbia e México, etc. Estas explorações mineiras requerem profundas e vastas escavações, com vasto uso das águas e necessidade de investimentos energéticos. Por isso, há que estudar a fundo a sua sustentabilidade, seu impacto social e ambiental, seus reais benefícios ao bem comum (e não a oligarquias de poderosos e cúmplices na administração dos governos). Inclusive o petróleo, que também arruinou muitas terras latino-americanas - bem o sabem ultimamente os equatorianos - é ainda muito necessário para a América Latina, ainda que o tenha que ser cada vez menos, em um auspicável processo de transição energética, para o uso de energias limpas e renováveis que progressivamente deixem para trás o uso de combustíveis fósseis. Se isso implica, no entanto, também questionar toda represa hidroelétrica, fonte de energia limpa e renovável, então arrisca-se querer deixar sem eletricidade vastas regiões, milhões e milhões de pessoas - e entre eles as populações amazônicas -, setores produtivos necessários para o trabalho e o desenvolvimento. A represa de Itaipu é uma obra fundamental para o Paraguai e para vastas regiões do centro-sul do Brasil.

Tampouco é razoável a rejeição preliminar de toda obra de infraestrutura física, como autoestradas, rodovias e hidrovias, que evitam que as populações amazônicas permaneçam no isolamento, melhorem os meios de comunicação e transporte e permitam que muitas comunidades possam ser atendidas em sua saúde. De toda maneira, há que estudar muito bem sua projeção e consequências para que estas vias de comunicação não sejam excessivamente invasivas e acabem gerando movimentos de povoamento incontroláveis.

O Papa Francisco o expressou claramente: "Creio que o problema principal - disse dirigindo-se aos participantes ao III fórum dos povos indígenas convocado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola em 15 de fevereiro de 2017 - está em como conciliar o direito ao desenvolvimento incluindo também o direito de tipo social e cultural, com a proteção das características próprias dos indígenas e de seus territórios. Isto se faz mais evidente sobretudo quando se trata de estruturar algumas atividades econômicas que podem interferir com as culturas

indígenas e sua relação ancestral com a terra". Não é verdadeiro desenvolvimento se carregado de desigualdades, homogeneidade cultural e desagregação ambiental, sem que sirvam ao "bom viver" ou o "viver bem" dos indígenas.

Neste sentido, há que levar em conta três condições fundamentais. A primeira é a que estas atividades sejam "sustentáveis". A CEPAL aponta quatro critérios a respeito. O primeiro critério é econômico-financeiro, requerendo que a infraestrutura ou a exploração sejam economicamente sustentáveis, gerem um retorno positivo, tendo em conta todos os benefícios e custos do projeto ao longo de sua vida. Do ponto de vista ambiental, é sustentável se conserva, restaura e integra o meio ambiente natural, apoiando o uso sustentável e eficiente de recursos naturais como a energia, a água e os materiais, evitando contaminações e promovendo uma economia pobre em carbonos. É sustentável socialmente se é includente, ou seja, que sirva a todas as partes interessadas, contribuindo a elevar os níveis de vida de todos, seguindo as normas adequadas em matéria trabalhista, de saúde e segurança. E é sustentável do ponto de vista institucional se está alinhada aos compromissos nacionais e internacionais e baseada em sistemas de governança transparentes ao longo de toda a execução do projeto, evitando toda situação de corrupção.

"É sempre necessário um muito atento discernimento do impacto ambiental das decisões de natureza econômica, para considerar bem os custos humanos e ambientais a longo prazo" - indicou o Papa Francisco, dirigindo-se aos participantes ao simpósio para os dirigentes das principais empresas do setor petrolífero, de gás natural e de outras atividades empresariais vinculadas, realizado no Vaticano em 9 de junho de 2018.



Um grande desafio é como conciliar o direito ao desenvolvimento, incluindo os direitos sociais e culturais, com a proteção das características próprias dos povos indígenas e dos seus territórios.

Em segundo lugar, o Papa acrescentou algo muito importante: que se envolvam "o máximo possível nos processos decisórios as instituições e comunidades locais". "Sempre deve prevalecer - disse o Papa ao III Fórum de povos indígenas - o direito ao consentimento prévio e informal, segundo o exige o artigo 32 da Declaração sobre os direitos dos povos indígenas". Isso não pode querer dizer - como o indicava Rafael Correa quando presidente do Equador - que um grupo muito pequeno de indígenas possa opor-se de maneira decisiva ao uso de recursos estratégicos dos países, que

trariam consigo benefícios comuns de relevância social e nacional, mas sim que é fundamental um diálogo entre as autoridades e populações interessadas para tratar de chegar a positivos entendimentos. Quando for estritamente necessário o deslocamento de populações ou comunidades, sua recolocação territorial e reassentamento de comunidades há que assegurar efetivamente que contem com todos os serviços, que não sejam afetadas suas condições de trabalho e que seja para melhorar seu nível de vida. "Só assim se pode garantir uma cooperação pacífica entre as autoridades governamentais e os povos indígenas - concluiu o Santo Padre - que supere as contradições e conflitos".

Em terceiro lugar, é bom e necessário que haja vastas zonas que se protejam como santuários do ecossistema, sem nenhum tipo de grandes explorações econômicas e obras de infraestrutura.

14. Internacionalização da Amazônia?

Não resta dúvidas que a Amazônia é um "pulmão do planeta". Merece, pois, toda a atenção e interesse a nível da comunidade internacional. Esta atenção tem aumentado devido aos graves problemas que estão causando as mudanças climáticas. O acordo de Paris, assinado em 2015 por 195 países, fixou uma meta obrigatória: impedir que a temperatura média da terra supere dois graus acima dos níveis pré-industriais. Uma aliada indispensável para conseguir este propósito é a vegetação tropical, porque absorve CO2, o principal gás de efeito estufa, que emite a combustão de fontes de energia fósseis: fábricas, veículos... Esta é a tecnologia mais barata e segura para capturar e armazenar o carbono. Se estas áreas verdes são destruídas, não só se reduz a superfície que tem o poder de mitigar esses efeitos, mas também se aumenta a quantidade de CO2 na atmosfera. Além disso, a Amazônia é uma das grandes reservas de água doce do mundo, junto com o aquífero Guarani, e de ecossistemas onde se desenvolve uma riquíssima biodiversidade. O episcopado latino-americano em Aparecida e o Papa Francisco em várias oportunidades destacaram as implicações não só latino-americanas, mas também internacionais que estão em jogo na Amazônia.

No entanto, há que advertir que se estão levantando aqui e ali vozes influentes e poderosas que propõem a possibilidade da "internacionalização" da Amazônia em troca da dívida dos países Amazônicos. O documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida assinala acertadamente que "a crescente agressão ao meio ambiente pode servir de pretexto para propostas de internacionalização da Amazônia que só servem a interesses econômicos das corporações transnacionais" (n. 86). E o *Documento Preparatório* do sínodo denuncia "a perversão de certas políticas que promovem a "conservação"

da natureza sem ter em conta o ser humano e, em concreto, os irmãos e irmãs amazônicos que habitam nelas". São muito numerosas as Organizações Não Governamentais que se propõem a fins benéficos para Amazônia, porém algumas delas são expressão, ou contam com o apoio, de fundações e corporações que nunca se destacaram por seu compromisso com os povos e com os pobres da América Latina. É o que denuncia o vice-presidente boliviano Álvaro García Linares em seu livro *"Geopolítica de la Amazonia. Poder hacendal-patrimonial y acumulación capitalista"*, assinalando que "as ONGs são responsáveis pela perda da soberania estatal em extensas áreas da Amazônia".

É, pois, importante sublinhar que a bacia amazônica é de soberania brasileira, boliviana, peruana, equatoriana, colombiana, venezuelana, etc. nos territórios correspondentes, soberania sujeita à dialética democrática em tais países e que está coberta de graves responsabilidades internacionais. É um bem de e para a América Latina, a quem cabe cuidar desse bem que serve ao mundo inteiro!

Em tom provocador, Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal no Brasil, disse o seguinte: se há que internacionalizar a Amazônia porque é um patrimônio comum da humanidade, internacionalizemos as reservas de petróleo do mundo inteiro, os grandes capitais financeiros dos países ricos, os grandes museus do mundo, entre outros bens que se hão de considerar comuns...

15. Importância da Amazônia para a integração sul-americana

A bacia amazônica está presente em 9 países sul-americanos, porém cada vez mais desempenhará um papel fundamental na integração de toda a América do Sul. Certo imaginário a apresenta como região remota e isolada quando, ao contrário, sua realidade está estreitamente vinculada a todo o Brasil e se dá uma forte interação com os Andes e as suas florestas tropicais. A cooperação transfronteiriça é intensa e só a Colômbia amazônica não está interligada com o Brasil amazônico por uma autoestrada. Considerá-la um enorme bolsão quase vazio de reservas indígenas desconjunta a geografia sul-americana e impede enfrentar com seriedade e perspectivas históricas a necessária e fundamental integração de uma América Latina que foi "balcanizada" e que sem empreender um intenso processo de integração e cooperação não conseguirá enfrentar seu desenvolvimento autossustentado, seus gravíssimos problemas sociais, a libertação de sua dependência subalterna e seu autônomo papel no conjunto internacional. A Amazônia se irá transformado em centro nevrálgico de toda a América do Sul e não numa região marginal.

Se não se têm muito presentes os eixos condutores reais e viáveis de processos de integração, a referência à "Pátria Grande" arrisca reduzir-se a retórica

romântica ou utópica. É neste sentido que a aliança entre o Brasil e os países hispano-americanos, que rompe uma secular contraposição, uma comunicação e ignorância recíprocas, é absolutamente fundamental. O Mercosul foi um salto qualitativo nessa direção, porém foi se tornando paralisado, limitado a alguns intercâmbios comerciais sempre ameaçados pelos "protecionismos" reclamados por interesses locais e nacionais, carente de lideranças políticas, empresariais e populares que saibam desenvolvê-la em todos os níveis como expressão de fraternidade entre os povos e base comum de desenvolvimento autossustentável e sustentado. Hoje corre o risco de ser sepultado por visões políticas muito estreitas e isto será um grave mal para a América Latina, porém seu destino será ressurgir quando ressurjam os povos e lideranças esclarecidas.

A Amazônia é hoje comunicação estratégica do Brasil com os países sul-americanos da Aliança do Pacífico. As obras de infraestrutura física, elétrica, de energia e telecomunicações que promovem essa integração, com todos os cuidados humanos e ambientais necessários, serão para o bem dos povos envolvidos. Acaso não é positivo o projeto em curso do "Corredor Ferroviário Bioceânico de Integração", que unirá, atravessando a Bolívia, o porto peruano de Ilo – ao sul, próximo a Tacna – com Santos, próximo a São Paulo, no Brasil, megaprojeto com apoio chinês que impulsiona o governo do presidente Evo Morales e inclui



Cristovam Buarque disse que se temos que internacionalizar a Amazônia porque é um patrimônio comum da humanidade, vamos internacionalizar as reservas de petróleo, os grandes capitais financeiros, os grandes museus do mundo, entre outros bens que devem ser considerados comuns.

Uruguai, Paraguai e Argentina pela hidrovia dos rios Paraguai-Paraná? Acaso não é necessária a autoestrada transamazônica ou a que percorre 5.000 km junto ao Rio Amazonas? Os fundamentalistas que rejeitam completamente todas as obras de infraestrutura não fazem bem à Amazônia – deixam populações indígenas isoladas, incomunicáveis e impotentes –, nem à integração da América Latina, nem ao desenvolvimento de suas nações.

Cabe sonhar, inclusive, com a vinculação do Caribe latino-americano com o Rio da Prata, e das duas bacias fundamentais, a da Amazônia e a bacia platina, por meio de um sistema de hidrovias que seriam de grande importância para a unidade latino-americana e o desenvolvimento dos nossos povos e nações.

Além disso, seria importante resgatar e estudar o que significa o Tratado de Cooperação Amazônica e as tarefas a empreender a partir dele.

A Igreja Católica conta com uma profunda autoconsciência latino-americana. O CELAM é expressão de sua latino-americanização, sinal de unidade dos povos. Sua missão, pois, tem que saber vislumbrar estes horizontes e apoiar tudo o que signifique a mais concreta comunicação, fraternidade e solidariedade entre os povos irmãos.

16. As ameaças da fragmentação

A região pan-amazônica é uma definição geográfica marcada pela floresta tropical úmida, a bacia hidrográfica e a presença de diversas etnias indígenas, porém não constitui um sujeito político.

Na história moderna de uma América Latina já "balcanizada" depois dos processos de independência dos impérios hispânicos, houve quem propusesse fragmentá-la ainda mais, repetindo mecânica e grosseiramente os escritos de Stálin sobre a "questão nacional". Houve stalinistas - como recorda Jorge Abelardo Ramos em seu "Historia de la Nación Latinoamericana" - que propuseram, por exemplo, dividir o Peru em dois Estados soberanos, um Kitchwa e outro aymará, ou que falaram da existência de mais de 34 nacionalidades na Bolívia com direitos de soberania. São disparates já distantes.

Não obstante, há atualmente quem lute por uma nação Guarani separando territórios do Paraguai, Bolívia e Brasil. No Chile há quem lute pela independência territorial e soberana da nação mapuche. Uma coisa é o legítimo, justificado e positivo autogoverno dos povos indígenas para a defesa de seus direitos, terras e culturas, mas outra coisa é a fragmentação em pequenas entidades soberanas impotentes. "Não se pode arriscar - disse o ex-presidente equatoriano Rafael Correa - a fragmentação do Estado ou pôr fim à unidade nacional. A ideia de sempre foi a de reconhecer a diversidade e a diferença para conseguir que os

índios estejam mais integrados e coesos enquanto nação, porém não para gerar qualquer autonomia territorial que enfraqueça o Estado nacional".

"Integração com plena participação" dos indígenas nas sociedades nacionais, frisou o Papa Francisco, o qual destacou em muitas oportunidades o caráter mestiço da América Latina. Esta miscigenação envolveu, desde o século XVI, as três maiores famílias raciais do planeta: por ordem de sua aparição na América, mongolóides, caucasóides e congóides. As mais variadas etnias e culturas indígenas, os hispânicos de seculares e diversos estratos culturais e os escravos das diversas culturas africanas encontraram-se no Novo Mundo. Um católico, Ministro da Educação da Revolução Mexicana, José Vasconcelos, falou poeticamente de uma "raça cósmica", da América Latina chamada a ser lugar de encontro e síntese das raças do mundo. É evidente, como afirma o documento de Aparecida, que essa miscigenação foi incompleta e desigual, carregada de denominações e que requer a incorporação e valorização de "todos os sangues" (como disse o escritor José María Arguedas). É uma miscigenação étnica e cultural que continua se processando em nossa atualidade e é bom que siga processando-se. Também as populações indígenas estão destinadas a "miscigenar-se em novas sínteses, como no passado" (Cfr. Alocução do Papa Francisco ao Colégio Pio Latino-americano 15.XI.2018).

17. Mais experiências pastorais

O *Documento Preparatório* do Sínodo Pan-Amazônico deixa o gosto de uma insuficiente consideração da ação pastoral da Igreja na Amazônia. Passa-se do diagnóstico à denúncia, agregando algumas considerações teológicas marcadas por certo clericalismo abstrato. Não se percebe concretamente como se realiza a missão evangelizadora em aldeias, comunidades e cidades. Nada se diz sobre os processos de catecumenato, que é processo paciente que busca inculturar a fé, bebendo dos dois rios, que são a cultura indígena e o evangelho, o que permite pouco a pouco chegar a uma síntese que não é sincretismo. Há bonitas e fecundas experiências de catecumenato inculturado entre os Xavantes (Mato Grosso), Yanomani (Venezuela), Achuar (Peru), Shuar (Equador). Falta no documento toda referência à educação na fé, quais os métodos e caminhos de formação cristã das muito diversas comunidades e povos amazônicos, quais são os ministérios não ordenados que se experimentam e como funcionam alguns centros de formação para os ministérios que existem em algumas circunscrições eclesiásticas, como se adaptam as comunidades cristãs, quais são as contribuições concretas de congregações missionárias de religiosos e religiosas com vasta experiência na Amazônia, de onde vêm e qual é a inserção

de missionários estrangeiros que chegam à Amazônia, como se usam os meios de comunicação social para a evangelização, como se trabalha na pastoral da família (em geral, muito desagregada) e dos jovens (100% emigrantes, em forma definitiva ou parcial, em direção às cidades, muito abandonados pela pastoral, que, no melhor dos casos, as comunidades evangélicas, muito bem organizadas, os incorporam em suas comunidades e no mercado de trabalho). Quiséramos também saber como se realizam as "missões itinerantes" na Amazônia, que significa a "conversão pastoral" na região... O *Documento Preparatório* deixa o gosto da necessidade de muito maior intercâmbio, discernimento e propostas de experiências pastorais que se levam a cabo. Isto seguramente se realizará no caminho sinodal que leva ao "Instrumentum Laboris" e na própria Assembleia do Sínodo.

18. A questão dos ministérios

Um dos temas que se sublinha no *Documento Preparatório* é o das comunidades que carecem da presença do sacerdote e que, portanto, não recebem a Eucaristia - fonte e cume de comunhão - mais que esporadicamente. Isto é certamente motivo de preocupação e sofrimento, porém se propõe sugerir e quem sabe "pressionar" no sentido da ordenação dos "viri probati" entre os indígenas.

Todos sabemos bem que o celibato não é uma exigência de direito divino para o sacerdócio presbiteral, mas que sim é essencial para a vida religiosa. Contamos na Igreja católica com sacerdotes casados de Igrejas orientais e também com sacerdotes casados que passaram das Igrejas anglicanas à católica. Há que ver o embaraço dos sacerdotes na pregação quando nos Evangelhos se fala da sogra do Apóstolo Pedro. Porém também sabemos que a disciplina da castidade sacerdotal é um dom precioso do Espírito Santo para o bem dos próprios sacerdotes, de suas comunidades e de toda a Igreja. É muito impressionante pensar que desde os primeiros séculos de vida da Igreja houve milhões de homens que deixaram tudo para pertencer só a Cristo, para servir com dedicação total de sua vida a Deus e aos irmãos. São como os "revolucionários profissionais" do Evangelho. Sabemos, enfim, que os sacerdotes são pecadores como todos os fiéis, que manter-se em castidade é difícil nesta sociedade atual pan-sexualizada, erotizada e libertina sem a ajuda da graça de Deus, que somos testemunhas presenciais inclusive de crimes abomináveis cometidos por sacerdotes. Tudo isto o sabemos.

Certamente não se pode considerar um mal que o tema se discuta, reflita-se, discirna-se à luz do Espírito Santo. Isto pode provocar "escândalo" só entre os

"bem-pensantes". No entanto, não acredito que se possa resolver o problema dos "viri probati" olhando somente a Amazônia, como criando uma exceção para a Amazônia. Seria proceder por "remendo" em matéria que é católica e abrir as comportas de modo tal que seria muito difícil evitar os muito fortes fluxos em todo o mundo. Se é tema que se quer enfrentar, pois que se convoque um sínodo não "especial", mas universal. Acaso a carência de sacerdotes não se dá nas situações sociais e culturais das periferias das grandes cidades, nas ilhas da Oceania ou nas savanas africanas?

Não é momento muito oportuno para enfrentar essa temática. Arriscar-se-ia considerá-lo uma concessão aos grandes poderes que estão divulgando por toda parte - precisamente nesta hora em que se assiste aos crimes de abuso de poder e abuso sexual por parte do clero -, a falsa opinião de que o celibato é impossível ou gera enfermos. Não faria mais que provocar muito fortes divisões na Igreja, alimentadas pelos que buscam motivos para jogar lenha na fogueira. Acredito, sobretudo, que nada se consegue rebaixando os níveis de exigência espiritual para a vida dos cristãos e dos ministros sacerdotes. Além disso, nada diz o *Documento Preparatório* nem sequer dos ministérios não ordenados da Palavra e da Eucaristia e nem se pergunta porque não se desenvolveu mais a experiência diaconal na Amazônia (como o Papa Francisco tem sugerido).

Para enfrentar a grave questão da escassez de sacerdotes na Amazônia, penso que se podem sugerir ao menos quatro vias mestras.

A primeira é a de empenhar mais dedicação e oração pelas vocações sacerdotais amazônicas, inclusive vocações sacerdotais indígenas. Há congregações religiosas, como a dos Salesianos, que contam já com vários sacerdotes de diversas etnias indígenas amazônicas. E existem numerosos sacerdotes indígenas que são mapuches, tucanos, aymara, kitchwas, xavantes... Dom Edson Damian, Bispo de São Gabriel da Cachoeira, realizou no dia 17 de março passado a cerimônia de ordenação sacerdotal do primeiro presbítero do povo baniwa, Pe. Geraldo Trindade Montenegro, conhecido como Geraldo Baniwa. Acaso se coloca subliminarmente o preconceito racista de que os indígenas amazônicos não são capazes, por sua cultura, do celibato? Também se dizia nos séculos XVIII e XIX que os africanos não poderiam ser sacerdotes por falta de predisposição ao celibato, porém no contexto da Encíclica "Maximum Illud", congregações como os Espiritanos e os Padres Brancos fizeram florescer na África os seminários diocesanos, que deram origem a todo o episcopado e clero africanos, que continuam a crescer. A Guatemala é o país de maior população indígena da América Latina, e em sua diocese mais indígena, a de Sololá-Chimaltenango, o Bispo afirma que a maior parte do clero é indígena e que praticamente o são todos os numerosos seminaristas. Quando o testemunho dos pastores, próximos às comunidades indígenas, sabe ser, por graça de Deus, transparente da presença

"Onde há vida, fervor, desejo de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas" (EG 107).



de Cristo, apaixonado na caridade, pedagogo no crescimento de discípulos-missionários, perseverante na oração, não falta a graça de Deus para suscitar novas vocações sacerdotais. Se durante 15 anos não houve nenhuma vocação sacerdotal ou religiosa na diocese, há que perguntar-se o que foi que aconteceu de errado... Se não há uma vida eclesial onde se respira a fé, a esperança e a caridade, se não se cultiva a vida de oração e não se propõe a beleza da liturgia e dos sacramentos, se não se centra tudo no encontro pessoal e comunitário com Cristo, se não se é dócil ao Espírito Santo e seus dons..., é lógico que faltem as vocações sacerdotais e que o tema do celibato resulte incompreensível.

A segunda é a de enviar sacerdotes das regiões eclesiásticas dos países com zonas amazônicas, que têm muitas vocações e clero, a cooperar como pastores-missionários na Amazônia. Como é possível que abundem os sacerdotes latino-americanos, e especialmente colombianos, nos Estados Unidos, Canadá, Espanha e outros países europeus, mas que seja difícil enviar pequenos grupos de sacerdotes que periodicamente se revezem trabalhando pastoralmente nas circunscrições amazônicas do país? A terceira via possível é fazer um novo chamado a toda a catolicidade para a disponibilidade de sacerdotes "fidei-donum" para a Amazônia, promovendo e incentivando a solicitude apostólica "ad gentes" das Igrejas locais. A quarta via possível a recorrer é confiar ou recomendar prefeituras apostólicas nas regiões amazônicas a realidades eclesiais, como o Caminho Neo-Catecumenal ou outras novas comunidades ou movimentos eclesiais, para que enviem grupos de sacerdotes acompanhados por famílias a tais regiões. Há já experiências destas comunidades e movimentos em algumas dioceses e prefeituras apostólicas, que haveria que valorizá-las.

E não esqueçamos que a Igreja na Coreia teve sua implantação e forte desenvolvimento por mais de um século sem sacerdotes, mas com excelentes catequistas, e que sobreviveu no Japão durante 200 anos sem a presença de sacerdotes.

19. Vários

Não há que esquecer a fundação "Populorum Progressio", criada por São Paulo VI depois da sua viagem apostólica à Colômbia, que há 50 anos ajuda economicamente projetos pastorais e de promoção humana para camponeses e indígenas da América Latina, assim como importantes agências eclesiais de ajuda da América do Norte e de países europeus que com generosidade e solidariedade sustentam muitas atividades na Amazônia.

Tampouco há que esquecer que a Santíssima Virgem Maria escolheu a um índio para ser o seu mensageiro nos primórdios da evangelização. São Juan Diego é o testemunho da santidade à qual todos os indígenas são chamados, abraçados pela ternura de Deus que se reflete no rosto de sua Mãe e nossa mãe, imagem da igreja.



A metrópole amazônica de Manaus.



5. JOVENS INDÍGENAS E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA. SONHOS E DESAFIOS

Prof.ª Gabriela Bernal[5]

Ao confrontar a complexidade do problema amazônico, surgem alguns aspectos, que se devem ter em mente no próximo Sínodo, a fim de oferecer uma resposta pastoral adequada.

O grande fenômeno que **enfrentamos é o da mobilidade humana latino-americana, particularmente indígena e juvenil**. O jovem migra inexoravelmente das áreas rurais para o meio urbano, encontrando geralmente condições de pobreza e vulnerabilidade, às quais se soma a busca de uma nova identidade cultural diante do impacto da cultura urbana.

1. Mobilidade Humana ou Migração?

Até alguns anos atrás os antropólogos buscavam os "exóticos" fora de seus países, a mobilidade humana, em todas as suas variantes, trouxe para a porta de casa aquelas pessoas que se consideravam "diferentes", "tradicionais", "não modernas".

O processo de urbanização trouxe outras maneiras de pensar sobre o espaço e o território e, sobretudo, alcançou os corações e mentalidades das pessoas.

O conceito – mobilidade humana – é relativamente novo e existe para referir-se aos processos concretos, realizados ou experimentados por qualquer pessoa (família ou grupo humano), que vise estabelecer-se, temporária ou



Urbanização indígena.

[5] Socióloga. Universidade Central do Equador. Universidade Católica de Lovaina.



Os jovens constroem seus ideais e aspirações a partir do modelo urbano, mesmo quando vivem no setor mais remoto.

permanentemente, em um lugar diferente daquele onde nasceu ou reside (BENAVIDES & RODAS, 2009). Tal processo envolve cruzar as fronteiras de uma divisão geográfica ou política dentro de um país ou no exterior (OIM, 2012).

A migração é uma das categorias da mobilidade humana, este termo é aplicado às pessoas, e aos membro de sua família, que se deslocam para outro país ou para outra região, a fim de melhorar suas condições materiais e/ou sociais (IOM , 2004).

A migração é um fato social que se refere a diferentes movimentos de pessoas de um lugar para outro e acarreta uma mudança em uma delimitação administrativa e/ou política (MACADAR, 2010). Portanto, a ela pode ocorrer dentro de um país ou fora dele e, além do mais, tem certas especificidades que a diferenciam de outras formas de mobilidade humana, como o refúgio e o deslocamento forçado.

2. Migração urbano-rural

A migração do campo para a cidade não é um fenômeno novo. No entanto, hoje ela tem certas características que a tornam muito especial:

1. O urbano e o rural não funcionam como espaços desarticulados, mas como um **contínuo**. Ou seja, não há limites rígidos entre um e outro; não só por causa das trocas constantes de produtos, mas sobretudo porque as pessoas habitam esses espaços transitando-os. Não há momento definitivo de um ou outro, mas eles estão sempre presentes.

2. Os canais de comunicação, as **Tecnologias de Informação** e a Comunicação (TIC) contribuem para essa experiência.

3. As **mentalidades foram urbanizadas**. Quer dizer, o fato urbano como um fator cultural atingiu o setor rural mais remoto. As pessoas do espaço rural

constroem seus ideais e aspirações a partir do modelo urbano, mesmo quando vivem em áreas mais isoladas. Este fenômeno é particularmente sensível no mundo da juventude, onde, na aldeia Yanomani mais remota, os jovens têm acesso às TI.

Desde 2017, o mundo é principalmente urbano. A partir da metade do século XX, o mundo foi configurado como um espaço predominantemente urbano. A América Latina, como região, experimentou esse processo com diferentes nuances. Assim, em 1960, a Argentina, o Chile e o Uruguai já eram, em sua maior parte, urbanos. No entanto, a maioria dos países viu esse percentual crescer de forma constante nos últimos 60 anos.

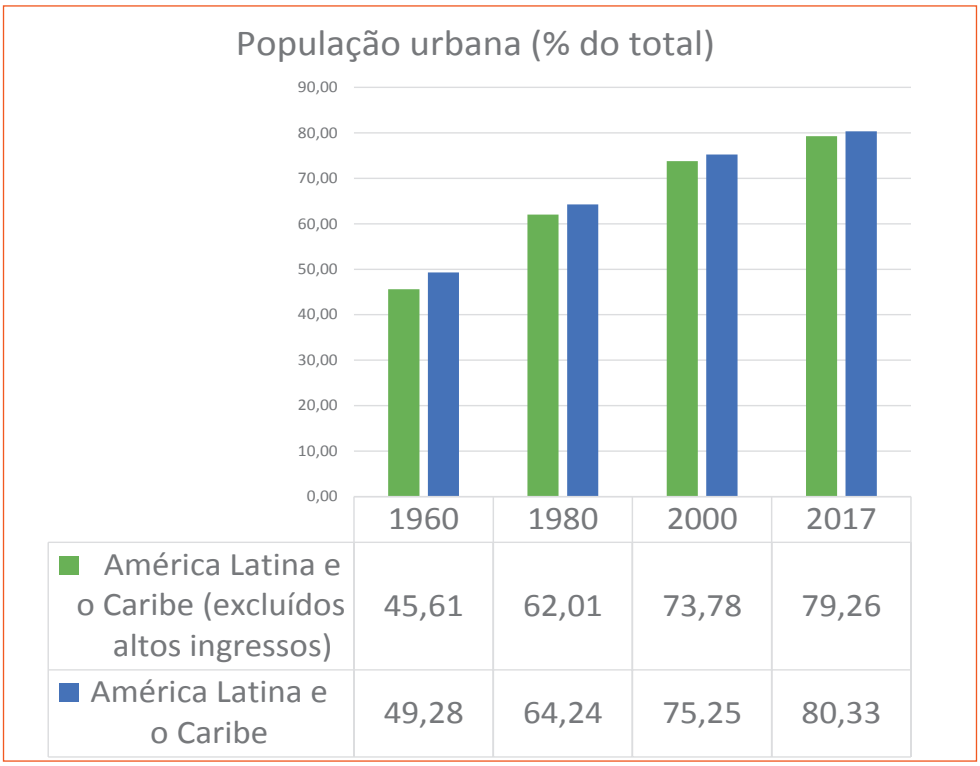
População urbana (% del total)[6]							
País	**1960**	**1970**	**1980**	**1990**	**2000**	**2010**	**2017**
Argentina	73.61	78.88	82.89	86.98	89.14	90.97	92.03
Bolívia	36.76	39.78	45.45	55.58	61.83	66.43	69.3
Brasil	46.14	55.91	65.47	73.92	81.19	84.34	86.17
Chile	67.84	75.23	81.24	83.27	86.07	88.59	89.86
Colômbia	45.03	54.82	62.12	68.28	72.08	75.04	76.98
Costa Rica	34.25	38.83	43.1	50	59.05	71.73	78.48
Cuba	58.4	60.27	68.11	73.36	75.32	76.6	77.3
R.Dominicana	30.23	40.21	51.28	55.23	61.75	73.75	80.65
Equador	33.88	39.28	46.96	55.09	60.3	62.69	64.22
Guatemala	31.12	35.55	37.4	41.12	45.13	49.32	52.49
Honduras	22.75	28.9	34.87	40.46	45.46	51.7	55.89
Haití	15.59	19.76	20.54	28.51	35.6	52.02	60.88
México	50.75	59.02	66.34	71.42	74.72	77.83	79.78
Nicarágua	39.58	47.03	49.94	52.34	54.74	57.26	59.44
Panamá	41.25	47.64	50.45	53.9	62.2	65.12	67.2
Perú	46.81	57.41	64.57	68.9	73.04	76.92	79.23
Paraguai	35.57	37.07	41.69	48.69	55.33	58.49	60.19
El Salvador	38.35	39.4	44.06	49.23	58.91	64.29	67.64
Uruguai	80.24	82.37	85.39	88.97	92.03	94.41	95.6
Venezuela	61.61	71.85	79.19	84.28	87.98	88.77	89.1

[6] Banco Mundial, https://datos.bancomundial.org/indicador/SP.URB.TOTL.IN.ZS (acesso 01/02/2019).

3. Quem é urbanizado na América Latina?

A migração do campo para a cidade, isto é, o processo de mobilidade humana em busca de um melhor rendimento econômico, tem sido realizada na América Latina, pelos mais pobres. Nesse sentido, as cidades latino-americanas cresceram de maneira desordenada e gerando bolsões de pobreza e/ou miséria.

Como resultado desse processo, os bairros das cidades latino-americanas foram configurados a partir de diferentes matrizes culturais rurais. O bairro tenta manter certos padrões que lembram a comunidade de origem[7].



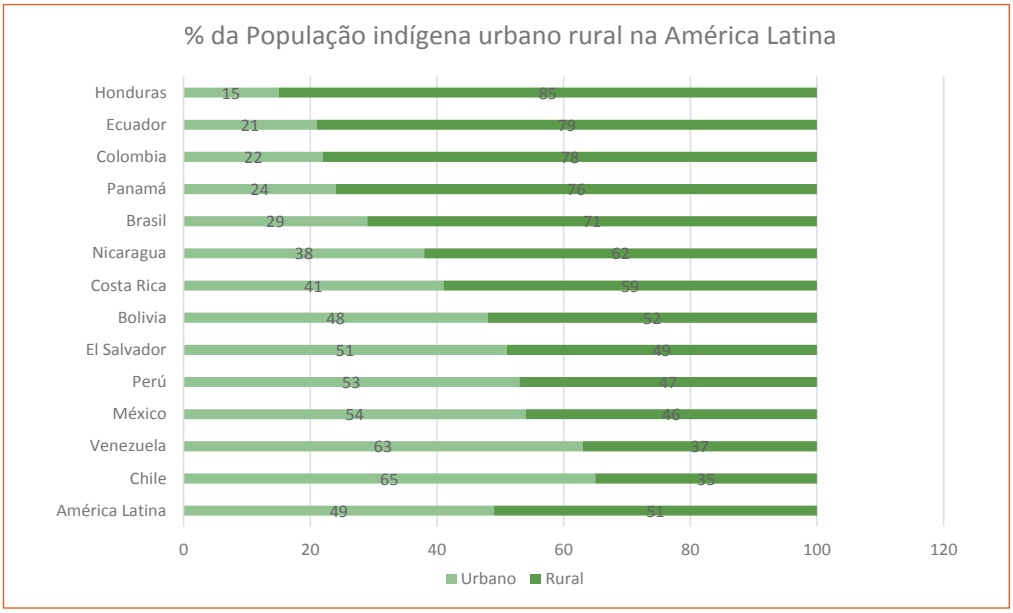
	1960	1980	2000	2017
América Latina e o Caribe (excluídos altos ingressos)	45,61	62,01	73,78	79,26
América Latina e o Caribe	49,28	64,24	75,25	80,33

4. A população indígena se torna urbana

Em termos gerais, o sub-registro numérico da população indígena é um dos problemas mais sérios. No entanto, a pobreza continua a afetar ou acentuar-se entre a população indígena latino-americana.

[7] Banco Mundial, https://datos.bancomundial.org/indicador/SP.URB.TOTL.IN.ZS (acesso 06/02/2019).

43% das famílias indígenas da América Latina vivem na pobreza, o que significa e mais do que o dobro da proporção de não-indígenas. 24% de todas as famílias indígenas vivem em condições de extrema pobreza[8].



Uma população latino-americana predominantemente urbana tem consequências tanto em áreas urbanas quanto rurais.

Na **área urbana**, a pobreza é mais evidente, dura e difícil do que nas áreas rurais. As redes comunitárias que permitiram sobreviver no meio rural, no urbano são anacrônicas e/ou demoram muito tempo para serem configuradas. O maior número de pessoas pobres está nas cidades, e esta tendência continua a aumentar.

No **setor rural**, embora seja menos visível, a pobreza extrema está concentrada. O problema não é o número de pessoas pobres, mas a profundidade da pobreza que existe no setor. A lacuna em termos de condições de vida (saúde, emprego, moradia, educação) está ainda mais polarizada na relação campo-cidade.

5. De que setor rural estamos falando?

O setor rural da América Latina possui características próprias e merece uma análise particular.

[8] http://documents.worldbank.org/curated/en/541651467999959129/pdf/98544-WP-P148348-Box394854B-PUBLIC-Latinoamerica-indigena-SPANISH.pdf (acesso 03/02/2019).

É importante, no entanto, que o pensamento, a análise e os projetos para o setor rural possam ser concebidos como um contínuo do urbano.

Na América Latina, a desigualdade é expressada nas diferenças de desenvolvimento entre as áreas urbanas e rurais, e dentro das mesmas áreas rurais (classe, etnia e gênero).

Na área rural, a população é cada vez menor e mais velha. Em 2015, os maiores de 65 anos constituíam 7,4% da população rural. A população jovem: 25,4 %[9].

6. O setor rural latino-americano

A pobreza rural caiu na última década em toda a América Latina[10]:

- De 55% em 2008 para 46% em 2014.
- No entanto, ainda é quase o dobro do que na área urbana: 24%.
- Houve também um aumento da participação feminina no mercado de trabalho: de 20% em 1980 para 25% em 2015.
- 35% da população economicamente ativa (EAP) do setor rural é jovem.
- 2,8 milhões de jovens trabalham no setor agrícola.
- Taxa de desemprego aberto rural: 5%. O problema do emprego rural é a qualidade.
- Diminuição do emprego agrícola e aumento do setor de serviços.

7. A estrutura produtiva rural

O tipo de produção rural favorece as empresas de médio e grande porte que possuem capital sólido e avanços tecnológicos. Essas empresas são apoiadas por políticas públicas de estímulo e fomento. Esse tipo de negócio é inserido com sucesso em cadeias globais de agronegócios e agroindustrial globalizadas que nem sempre são sensíveis a problemas ecológicos de longo prazo.

[9] OIT, http://nuso.org/media/documents/PERS._Reinecke_Faiguenbaum_FF.pdf (acesso 15/01/2019).

[10] OIT, http://nuso.org/media/documents/PERS._Reinecke_Faiguenbaum_FF.pdf (acesso 15/01/2019).

8. Setores sócio-produtivos da pequena agricultura

Os setores produtivos de pequeno porte são a base familiar. Em geral, a população rural não é dona da terra.

Na Amazônia, em particular, a população indígena é violentamente deslocada para as grandes capitais devido à incidência de mineiros, madeireiros, fazendeiros e trabalhadores do petróleo. Esses tipos de produções são heterogêneas com diferentes lógicas agro-ecológicas e socioculturais.



Desmatamento no Equador.

9. Estratégias de sobrevivência para as famílias rurais

A produção agrícola familiar por conta própria envolve o trabalho não remunerado do chefe ou chefa de família e/ou mais parentes. As atividades de microempresas não agrícolas são frequentemente direcionadas para o mercado local. Os empregos assalariados na agricultura ou em outros setores, na localidade ou em áreas próximas, são geralmente de natureza temporária.

A emigração de um ou mais membros da família serve como apoio, quando se consegue fazer o envio de remessas.

Há também rendimentos não relacionados ao trabalho, provenientes de vários tipos de transferências públicas (aposentadorias, pensões).

10. A pobreza torna-se urbana:

Em três décadas (1970-1999), a pobreza na região tornou-se um problema urbano.

Em 1970, 37% dos pobres eram urbanos.

Em 1980, 57%.

E em 1999, 62% dos pobres estavam localizados em áreas urbanas[11].



Palafita na periferia urbana.

11. Juventude e emprego

Na América Latina e no Caribe, existem 108 milhões de jovens entre 15 e 24 anos de idade. Destes, 56 milhões fazem parte da força de trabalho, ou seja, já possuem um emprego ou estão procurando um. E a realidade é que seu ambiente de trabalho não é tão positivo, porque eles enfrentam muito mais dificuldades (mais desemprego, salários mais baixos ...) do que os trabalhadores com mais experiência.

A América Central é a região com o menor índice de população urbana em comparação com a tendência da região.

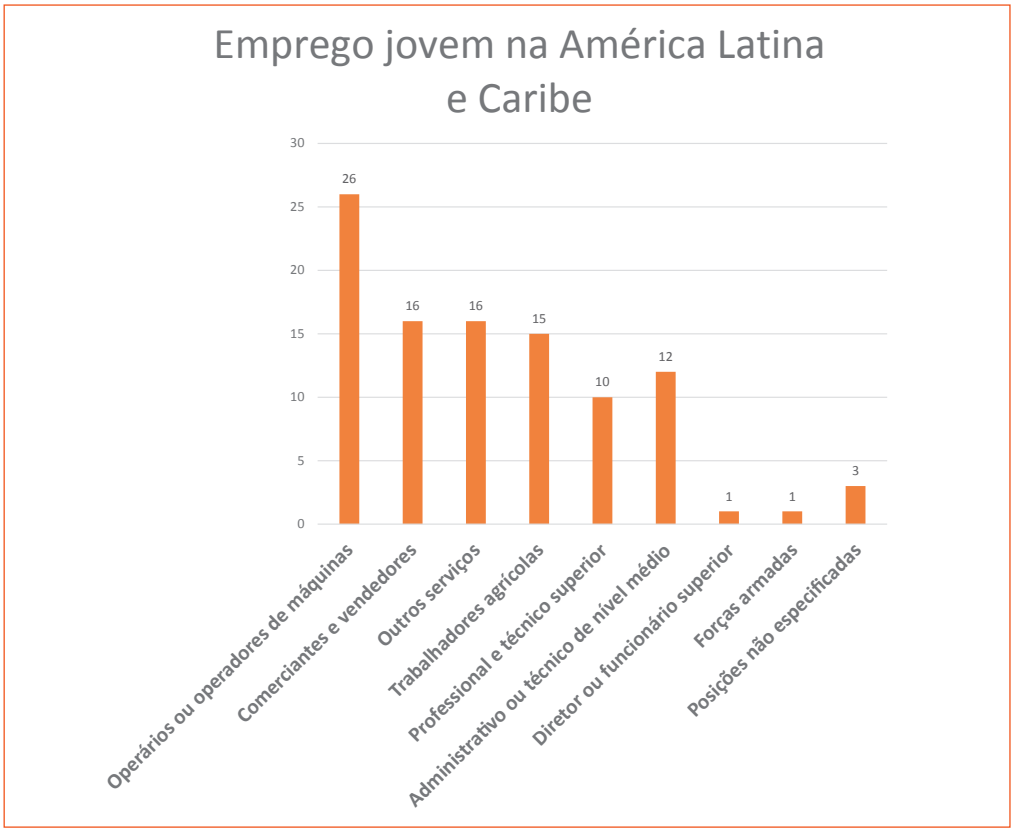
Aqueles jovens que não estudam nem trabalham são conhecidos como *ninis*. Na região, um em cada cinco jovens entre 15 e 24 anos pertence a esse

[11] https://www.semana.com/cultura/galeria/amazonas-desbordado-galeria/271468-3 (acesso 01/10/2018).

grupo. Esse percentual é ainda maior e atinge um em cada quatro jovens, em países como Honduras, Guatemala, El Salvador ou Nicarágua. Este problema é particularmente agudo para jovens de baixa renda. À medida que a situação econômica do domicílio se deteriora, a porcentagem de *ninis* aumenta[12].

O desemprego afeta mais os jovens do que os adultos (25 a 64 anos). De fato, o percentual é três vezes maior: 16% comparado a 5% para adultos.

Outro problema é que os jovens tendem a ingressar no mercado de trabalho por meio de empregos informais,isto é sem acesso a benefícios como seguro-saúde, pensões ou férias. Segundo dados de 2015, do total de jovens empregados na região (42,5 milhões), apenas 35% (14,7 milhões) trabalhavam em empregos formais. Ao contrário, entre os adultos que estão empregados (203 milhões), 49% estão em empregos formais[13].



[12] BID, https://blogs.iadb.org/trabajo/2017/05/11/reto-de-visualizacion-de-datos-el-empleo-joven-en-america-latina- (acesso 02/10/2019).

[13] BID, https://blogs.iadb.org/trabajo/2017/05/11/reto-de-visualizacion-de-datos-el-empleo-joven-en-america-latina-y-el-caribe (acesso 30/09/2018).

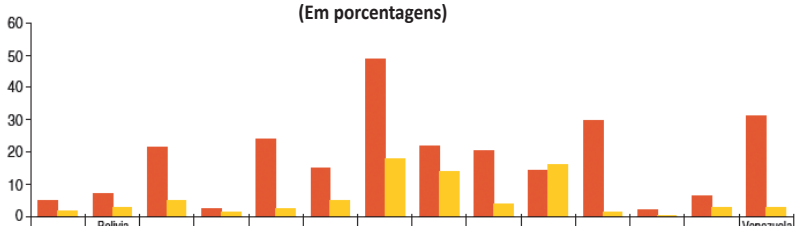
12. Juventude e saúde

Estima-se que na América Latina 50% dos jovens com menos de 17 anos são sexualmente ativos. Do ponto de vista da saúde pública, o início precoce das relações sexuais gera riscos de gravidez precoce e de contração de doenças sexualmente transmissíveis e HIV / AIDS.

A juventude amazônica, exposta a processos de expansão da mineração, do petróleo, está muito mais vulnerável a esse tipo de processo.

O choque cultural desmonta os padrões culturais para o estabelecimento do casamento e da família, gerando o abandono das mulheres e incontáveis órfãos[14].

América Latina (14 países): proporção de mães jovens sem instrução (de 15 a 24 anos), segundo a condição étnica. Ronda de censos de 2000.
(Em porcentagens)



	Argentina	Bolivia (Est.Plur.de)	Brasil	Chile	Costa Rica	Ecuador	Guatemala	Honduras	México	Nicaragua	Panamá	Paraguay	Perú	Venezuela (Rep.Bol.de)
Indígena	4,8	6,9	21,5	2,5	23,9	14,8	48,8	22	20,4	14,2	29,6	1,9	6,4	31,3
No indígena	1,7	2,8	4,7	1,4	2,5	4,9	17,8	13,9	3,9	15,9	1,4	0,1	2,8	2,6

Problemas de saúde mental

A noção de violência estrutural permite-nos compreender os determinantes sociais que geram sofrimento, doença e morte.

A perda e a devastação dos territórios, a ruptura da vida social e espiritual a eles ligada, as mudanças forçadas na organização tradicional e a entrada acelerada na modernização fazem com que os jovens e as mulheres sejam mais propensos ao suicídio.

Na América Latina, duas tendências podem ser distinguidas:

1. Maior mortalidade por **suicídio entre os indígenas** do que entre os não-indígenas, especialmente quando são jovens.

2. O suicídio **entre os jovens indígenas** irradia-se para grupos etários cada vez menores: há um aumento de suicídios de crianças e adolescentes indígenas.

A desestruturação dos modos tradicionais de vida e a inserção violenta nos espaços urbanos afetam diretamente os processos depressivos entre os jovens indígenas.

[14] https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/35357/1/S2011118_es.pdf (acesso 12/12/2018).

13. Que reflexões podemos considerar desse fato?

As políticas públicas são projetadas para um mundo que não existe mais. Emprego, saúde e educação aprofundam a distância entre o urbano e o rural. O fenômeno que estamos presenciando é que os pobres e indígenas amazônicos são urbanizados. A **pobreza é vivida particularmente nas cidades**.

O urbano e o rural são estruturados como um **contínuo** e não como espaços relacionados.

As **mentalidades são urbanizadas**. E quando isso acontece, há consequências concretas na estruturação de sociedades "rurais". A cultura urbana traz mudanças nas comunidades rurais em relação à família, autoridade, valores.

Estamos conscientes da magnitude do processo de urbanização?

Que instituições podem permanecer firmes em meio à lógica violenta dos processos de modernização?

A falta de acesso a novas **tecnologias de informação** e comunicação gera novas formas de desigualdade, especialmente entre os jovens.

Como entender os povos indígenas da interação urbano/rural?

As formas de urbanização dos povos indígenas, **desestruturam** as formas tradicionais de autoridade, despedaçando a imagem do pai, gerando multidões de órfãos, que geram novas formas de violência.

A subnotificação estatística oficial impede o enfrentamento de questões como o crescimento do **HIV-AIDS** ou das DST, que, segundo várias fontes, é marcado por uma pandemia na Amazônia.

A **saúde mental** dos jovens é um dos elementos mais vulneráveis.

Esta apresentação sociológica da urbanização da pobreza, dos povos indígenas e dos jovens levanta **questões profundas para a atividade pastoral da Igreja**.

Qual é a nossa presença como Igreja, **nas periferias das cidades da Amazônia e das cidades** não amazônicas, lugares de destino para milhares de pessoas pobres, de indígenas, de jovens?

Quais são as pontes entre as comunidades rurais e urbanas que a Igreja poderia construir?

Como preparamos os jovens para a interculturalidade: valorizar suas próprias raízes e enfrentar uma cultura urbanizada e urbanizante, onde as lógicas de sobrevivência e integração são diferentes das tradicionais e rurais?

De que maneira **acompanhamos este fluxo migratório** pastoralmente em contextos urbanos?



6. PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS, ECLESIAIS E MISSIONÁRIAS PARA A REGIÃO AMAZÔNICA

Dom Raul Biord Castillo[15], *sdb*

O PÓRTICO

O Sínodo para a Amazônia desafia-nos a fazer um profundo renovamento missionário no âmbito teológico e eclesiológico. Permitam-me uma particular lembrança. Há quase 30 anos, por iniciativa do atual decano da Faculdade de Teologia desta Universidade, aceitei o convite para ensinar Filosofia da Linguagem e Filosofia da Ciência em Manaus, propriamente localizada no coração da floresta Amazônica. Confesso publicamente o meu falimento universitário! Providenciei para aquelas aulas a tradução para o português das apostilas dos renomados professores da Universidade Gregoriana, Carlo Huber e Sante Babolin. Eram apostilas únicas: uma em alemão, outra em italiano respectivamente... Chegando a Manaus e confrontado-me com a realidade tive que jogar fora aquelas apostilas. Não serviram para nada... não exprimiam a linguagem deles.

Com aqueles alunos amazônicos, entendi que para ir em missão deve-se, em primeiro lugar, esquecer daquilo que se sabe, aprender a deslembrar, para poder 'aprender a aprender'... A experiência ensinou-me uma das coisas mais preciosas da minha vida: é preciso ter uma atitude de abertura. Toda cultura, por mais diferente que seja, é rica de valores e traz consigo um '*Sitz im Leben*', um '*humus* cultural' que reside na base de qualquer encontro. Em Manaus – voltei alí duas outras vezes – e no Vicariato Apostólico



Santa Isabel no Rio Negro.

[15] Dom Raul Biord Castillo, salesiano, é bispo de La Guaira, na Venezuela, e segundo vice-presidente da Conferência episcopal venezuelana além de ser consultor da equipe da Missão continental e do Departamento de espiritualidade e missão do Conselho episcopal Latino-Americano (CELAM).

de Puerto Ayacucho, como vice-inspetor por 10 anos, encontrei-me com a Amazônia. Estou sempre mais convencido de que seja urgente e imprescindível a mudança de paradigmas. É mister contruir uma nova teologia (que não pode ser apenas uma adaptação) a partir da aceitação da profunda sabedoria dos povos originários (aborígenes), que é uma verdadeira filosofia. Somente a partir dessas duas fontes será possível fazer brotar uma real Igreja Amazônica.

1. Das *Missiones Ecclesiae* à *Missio Dei*, qual o sentido da Evangelizção?

Dez anos após o fim do Concílio Vaticano II, Paulo VI publicou a exortação apostólica *Evangelium nuntiandi* (1975), considerada a *magna charta* da evangelização post-conciliar e o último documento do Concílio. João Paulo II, referindo-se àquela exortação, disse que ela "constitui a interpretação do magistério conciliar sobre a tarefa essencial da Igreja: 'Ai de mi se não evangelizar'".

João Paulo II resumiu na expressão 'nova evangelização' o programa pastoral para a Igreja no final do segundo milênio. A fórmula era uma intuição da nossa Igreja Latino-Americana (Puebla1979). Desde então ela ressoa nos fóruns eclesiais, arriscando inclusive o enfraquecimento do seu sentido. A encíclica *Redemptoris missio* (1990) entende a missão em sentido centrífugo, como saída da Igreja para buscar novos adeptos em três modos: 1) pastoral ordinária; 2) a missão *ad gentes* feita para aqueles que ainda não conhecem Cristo; 3) a nova evangelização para as zonas intermediárias, antes cristãs, que devem ser reconquistadas.

Para o Papa Francisco a evangelização requer uma nova atitude: A Igreja em saída (para aproximar-se em direção ao outro com misericórdia, sem condenar), enveredando por novos caminhos. Na exortação *Evangelii Gaudium* (2013), há uma mudança de perspectiva: nova evangelização não significa uma das formas da missão evangelizadora da Igreja, mas uma modalidade nova de evangelizar: "na realidade, toda autêntica ação evangelizadora é sempre 'nova'" (n. 11).

a. A intuição de Aparecida: A Missião Paradigmática

A intuição da Conferência de Aparecida (2007), assumida por Francisco como inspiração do seu pontificado e da sua proposta para toda a Igreja, é a de que a evangelização não pode ser reduzida ao retorno daqueles que tinham se afastado da Igreja, mas deve consistir na geração de uma Igreja em saída missionária, um novo povo e uma nova cultura. No discurso ao CELAM no Rio de Janeiro, em 2013, Francisco usa pela primeira vez a expressão "missão Paradigmática", distinguindo-a da "missão continental" ou "programática" de Aparecida, sublinhando que esta última consiste na realização de ações de índole missionária, enquanto

aquela põe em chave missionária a ação das Igreja particulares. Obviamente, isto gera uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A "mudança de estruturas" não é o resultado de um estudo orgânico (programático), mas uma consequência da dinâmica (paradigmática) da missão.

b. Para uma nova fundação teológica da Missão[16]

A missão constitui um grande desafio. O card. Walter Kasper afirma que esta é, sobretudo, um desafio teológico e espiritual. Portanto, a primeira tarefa missionária é ter uma compreensão adequada e compartilhada da missão, refeltindo sobre suas condições e consequências e rezando para que o Senhor faça crescer a semente.

Trata-se de redescobrir a *missio Dei* (missão de Deus) como paradigmática. Esta última é, de fato, o primeiro modelo, a causa exemplar da missão. A economia da salvação revelada em Jesus e por Jesus mostra-nos Deus como íntima comunhão de três pessoas que vivem entre si uma comunicação recíproca. O que caracteriza as pessoas divinas é a saída de si mesmas. Por isso, a missão pode ser assumida como fio condutor de toda a história da salavação, das relações internas de Deus até o ponto de sua saída em direção ao mundo e à Igreja (por exemplo, a proposta de Von Balthasar de uma Teo-dramática).

O bispo emérito de Limburg, dom Franz Kamphaus, afirma: "sem a missão, o cristianismo não teria ido além do ebraismo". Assim, a missão nos permite superar o monismo que nos leva a fecharmo-nos na nossa identidade, na unicidade, e, dessa feita, impede-nos de reconhecer a alteridade do dom, e o dom como alteridade.

A consciência missionária pede-nos para estar entre o povo (*inter gentes*) e para ir a todos os povos (*ad gentes*). Pelo que a missão será sempre a fonte da pastoral e não uma parte dela. Trata-se de compreender a pastoral e a teologia a partir da missão. A missiologia não é um ramo da teologia; a teologia, ao contrário, é um ramo da missão. Reduzir a missão a uma pastoral missionária, como se propõe em muitos organogramas diocesanos, é inaceitável e empobrecedor.

A missão deveria fixar a pauta da teologia e da pastoral. Hoje serve à teologia um projeto missionário mais do que um projeto teológico à missão, porque a teologia e a pastoral não tem outra missão, senão aquela de acompanhar a *missio Dei.*

A renovação da teologia precisa recuperar a dimensão trinitária de comunhão e missão. Tanto Jürgen Moltmann quanto Karl Rahner, há tempos atrás,

[16] Nesta primeira parte, retomarei aquilo que já escrevi em: Biord Castillo R., "*La missio Dei*: ¿Paradigma de la teología o un caballo de Troya", en Gil García A. - Meroni F. (ed.) *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Madrid 2018, 277-316; e também: Biord Castillo R., "Fundamentos teológicos y nuevas perspectivas de la Misión" em CELAM, *Iglesia, tu nombre es Misión. Un compromiso más allá de las fronteras. Manual de Misionología para seminarios y casas de formación* (Bogotá 2019) 95-116.

sublinhavam o enfraquecimento da dimensão trinitária na vida de fé e na teologia: "A que se deve atribuir o fato que a maioria dos cristãos, seja católica seja protestante, vive na prática como se fosse apenas moneteístas?", perguntava-se Rahner. É necessário recuperar a Trindade como mistério da salvação, como nos foi revelado em Jesus. Friedrich Schleiermacher, por sua vez, dizia que não temos nenhuma fórmula para caracterizar o ser de Deus em si além do ser de Deus no mundo. Apenas a partir desse Deus revelado, podemos entender a comunhão missionária.

c. "A Igreja não tem uma missão", mas "a Missão tem uma Igreja"

Alguns teólogos (por exemplo, Moltmann) disseram que "A Igreja não tem uma missão", mas "a missão tem uma Igreja". A missão não é uma invenção da Igreja para a sua autoconservação, mas deriva da decisão salvífica de Deus a favor de todos os homens. A missão é a essência e a realização existencial da Igreja. A Igreja é missionária porque Deus é missionário. David Bosch afimar que a "Missão não é uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus porque Deus é um Deus missionário".

A Igreja existe na missão, como reza o documento *Ad gentes* (n. 2) ela "é por natureza missionária". Não é, porém, nem a origem nem a finalidade da missão. A finalidade da missão é a acolhida e a construção do Reino de Deus... O conceito de *missio Dei* é declinado no amor gratuito e na presença não manipulável de Deus no mundo (Cf. Suess).

Esse modo de compreender a missão permite-nos superar visões ultrapassadas: em algumas situações, a missão foi entendida primariamente em chave *soteriológica*, quer dizer, como salvação de alguns indivíduos da condenação eterna; em outras, em termos culturais como, por exemplo, a iniciação de pessoas do Leste e do Sul, com diferentes tradições, no cristianismo de caráter ocidental; em outras ainda, a missão foi interpretada com categorias exclusivamente eclesiais: a expansão de uma determinada Igreja; em outras ocasiões, com categorias sociológicas: um processo intra-histórico por meio do qual o mundo pudesse ser transformado no Reino de Deus. Em todas essas visões são acentuadas diversas características de cunho antropológico, sociológico e soteriológico, esquecendo-se, no entanto, do valor trinitário da missão. Na realidade, a missão pode ser compreendida autenticamente somente se se parte de Deus, Uno e Trino. É Deus Pai quem envia o Filho e o Espírito Santo. A missão da Igreja não possui uma vida própria, mas a recebe de Deus que, enviando o Filho pelo poder do Espírito, é fonte e origem da mesma.

A missão é, desse modo, movimento de Deus em direção ao homem. A Igreja é, por sua vez, um instrumento ou sacramento dessa missão. Existe uma Igreja porque existe uma missão e não o contrário. Participar da missão

é participar das dinâmicas de amor de Deus ao povo, porque Ele é a fonte do amor. Esta visão permite-nos corrigir a tentação recorrente do eclesiocentrismo, que substitui o cristocentrismo e o teocentrismo próprios do cristianismo. A evangelização não tem como objetivo primário construir uma Igreja, mas proclamar o Deus que se revelou em Jesus Cristo e o seu Reino. A Igreja não é nem origem, nem fim da missão, mas sim sacramento de Deus, Criador e Salvador, Alfa e Ômega.

d. Ampliamento da teologia da "*Missio Dei*"

O Sínodo para a Amazônia faz-nos ver a urgência de uma nova perspectiva teológica da missão. Isto implica passar das *missiones* (*Ecclesiae*) no plural à *missio* (*Dei*) no singular. Trata-se de um revolução copernicana no âmbito da Teologia da Missão que permitirá mudar o modelo eclesiocêntrico pelo cristocêntrico e pelo teocêntrico.

Como dissemos, o renovamento da teologia nas nossas Igrejas Latino-Americanas a partir do mistério trinitário levará a um ampliamento da teologia da *missio Dei*. Uma nova concepção da missão será autêntica, somente se for capaz de incluir o paradigma trinitário: *missio creationis, missio redemptionis, missio sanctificationis.*

A nova teologia da missão, numa época em que nos comprometemos sempre mais ao diálogo ecumênico e inter-religioso, segundo a impostação de Paulo VI na *Ecclesiam suam*, tem que levar em consideração esse ampliamento da missão. No evento Cristo, da-se uma forte concentração: la *missio Iesu* leva-nos a conhecê-lo como único e universal salvador (como foi escrito na *Dominus Iesus*). Hoje se impõe, cada vez mais, também uma consideração da *missio creationis* e da *missio Spiritus.*

O Pai: fonte e origem de toda a missão (missio creationis)

Encontramos no evento da criação a primeira saída de Deus de si mesmo. Alguns, por isso, compreendem a teologia como *missio Dei* a missão de Deus, que cria o mundo e tudo o que existe do nada. Deus Pai é a fonte e a origem de toda missão: envia o Filho e o Espírito no mundo que criou.

É importante parar por um instante para refletir sobre a criação, considerada como a primeira missão divina pelo seu valor universal, enquanto endereçada a todos os homens e não apenas ao povo da aliança. A criação é a condição que possibilita a eleição de um povo para a efetuação de uma aliança e para a encarnação em si. O diálogo inter-religioso com os que não creem e com a ciência deve supor esta teologia da criação, que foi um pouco abandonada pelas nossas Igrejas talvez como consequência do excessivo antropocentrismo que nos acompanhou na modernidade.

A missão da criação permite a inclusão de toda a realidade criatural. Podemos definir a realidade criatural como as pegadas do Criador, capazes de levar-nos em direção a uma ecologia integral e a uma espiritualidade da criação, que nos faça irmãos e irmãs não apenas de homens e mulheres de qualquer raça ou condição, mas também dos animais, dos astros e da natureza. Por isso, a *Evangelii gaudium* deve ser lida e integrada com a *Laudato si'*. Neste ponto, precisamos olhar com atenção o Sínodo para a Amazônia: há uma missão evangélica que urge e impulsiona; mas não podemos esquecer a missão da criação. Ela consiste em saber integrar o livro das Escrituras com o livro da natureza: ambos nos falam de Deus e nos levam a Ele.

A missão do Filho (missio redemptionis et reconciliationis)

A missão que recebemos da criação está sob o ataque da força destrutiva do pecado. O pecado trouxe como consequência a perda da harmonia com Deus, com a criação e com os outros. A morte entrou una história da humanidade (cf. *Rom* 5,12). Somos todos implicados no pecado de Adão. Deus Pai enviou seu Filho com uma missão salvífica e redentora.

No célebre debate sobre os motivos da encarnação (*Cur Deus homo?*), uma das respostas preferidas foi sempre aquela de motivação soteriológica: para salvar os homens do pecado. O Filho de Deus fez-se homem para redimir os homens do pecado. A *missio Iesu* como *missio redemptionis* tem três grandes características teológicas comuns a toda missão: a encarnação na realidade humana com os limites que isso implica, a cruz como fruto da oposição ao mundo no qual opera o pecado e a ressurreição como evento que antecipa o novo mundo e alimenta a esperança.

A missão de Jesus é também uma *missio reconciliationis*: reconciliação com o Criador e com a criação. A reconciliação supõe uma renovação completa e traz consigo a justificação. Jesus faz-nos seus embaixadores. É um processo que se abre para uma reconciliação e recapitulação universal na perspectiva do Reino de Deus, segundo a teologia cósmica de Efésios e Colossenses.

A missão do Espírito Santo (missio Spiritus)

A missão do Espírito fala-nos do Pentecoste como uma expansão e inclusão universal, que é a chave para a compreensão da missão da Igreja. No evento pascal de Jesus, temos uma concentração porque somos salvos no nome dele; com o Pentecoste, temos uma expansão a todos os homens e à criação.

O Espírito age sempre de modo invisível e surpreendente, expande os seus carismas, mostra-se também fora dos confins visíveis da Igreja e das Igrejas. Ele é o protagonista da missão. Missionárias e missionários de Deus são aqueles que se deixam guiar pelo Espírito e colaboram com a sua missão. Reconhecer a missão do Espírito conduzir-nos-á aos seus caminhos de mística.

Não é questão de separação nem da missão da criação nem do Espírito da missão do *Lógos* encarnado, morto e ressuscitado. Distinguir não significa separar. A teologia Latino-Americana concentrou muitos esforços no Cristo histórico, no entanto o alargamento do paradigma da missão faz-nos alargar a missão ao cuidado com a criação por meio de uma ecologia integral, insistindo, porém, quer no Reino de Deus – como horizonte comum para uma sociedade mais justa em meio a tantas estruturas de opressão – quer no primado da *práxis* liberadora de Jesus. As duas perspectivas ajudar-nos-ão a ser uma Igreja capaz de diálogo e de projetos comuns juntamente a outras confissões cristãs, religiões e não crentes.

A missão des discípulos (missio Ecclesiae)

O teo-drama da *missio Dei* inclui progressivamente muitas pessoas na processo de envios em missão: O Pai envia o Filho, o Filho envia o Espírito Santo, no Espírito somos enviados como discípulos-missionários. A Igreja nasce de uma missão e é destinada a uma missão. Existe uma continuidade na economia salvífica entre as diferentes missões (*missio creationis, missio Iesu, missio Spiritus, missio Ecclesiae*), que fazem parte da única *missio Dei*, criadora do cosmo e do homem, que o salva e santifica.

A missão de Deus, como Criador por meio de Cristo no Espírito, consiste em fazer existir, sustentar e aperfeiçoar a criação. A missão de Deus, como Redentor por meio de Cristo no Espírito, consiste em restaurar e reconciliar a criação decaduta (*Col* 1,20). Os objetivos missionários de Deus dizem respeito à restauração de todas as coisas segundo o projeto originário da criação, a instauração da paz (*Shalom*), a renovação da criação, o advento do Reino, a redenção da humanidade decaída.

O teólogo Victor Codina, insistindo na pneumatologia, afimar que "a Igreja não nasceu em Belém ou em Nazaré, mas com a Páscua e a efusão do Espírito Santo… Com o Espírito a Igreja é a comunhão trinitária. A sua missão é um contínuo Pentecostes… Não existe uma Igreja sem o Espírito (tentação do cristo-monismo ou do 'só Cristo') ou um Espírito sem Jesus (espiritualismo, iluminismo, gnosticismo, *new age*). A Igreja é ícone da Trindade".

A Igreja, fruto da missão de Deus, recebe a incumbência de continuar esta divina missão no mundo. Nesse sentido, "a missão da Igreja é o dom de participar através do Espírito Santo da missão que o Pai entregou ao Filho no mundo". A missão da Igreja é a continuação da missão de Deus numa única história da salvação. O que significa que a essência da Igreja, o seu DNA, é ser uma comunidade missionária.

Seria errado hipotetizar que a ação de Deus no mundo (*missio Dei*) fosse algo diferente do que Deus está fazendo na e pela Igreja. O anúncio da Boa Nova,

A missão da Igreja é uma continuação da missão de Deus na história única da salvação. Isto significa que a essência da Igreja, seu DNA, é ser uma comunidade missionária.



por meio da Palavra e dos Sacramentos, é basicamente o espaço e o instrumento pelos quais acontece o Reino de Deus. A Igreja tem um papel central na missão do advento e do crescimento do Reino de Deus, sem se confundir com ele e nem esvaziá-lo. Nisto consiste a sua função sacramental: a *missio Dei* realiza-se na Igreja e por meio dela, sendo sua serva, araldo, testemunha e sinal.

Na *missio Dei*, Deus não é apenas aquele que envia. Ele é também, no Filho e no Espírito, o enviado… certamente, a compreensão da *missio Dei* é sempre um conceito analógico ou metafórico, quer dizer que Deus não envia somente parte de si ou mesmo embaixadores divinos, mas envia si mesmo. A *Missio Dei* é indicador da presença integral de Deus em meio a humanidade (Suess).

Descobrir a *missio Dei* como paradigma não só da pastoral, mas também da teologia determinará um grande passo para as igrejas cristãs. Além de nos conceder a possibilidade de afirmar o fundamento trinitário da missão, de mudar a nossa compreensão da natureza da Igreja, de passar da forma pluralizada *missiones* (*Ecclesiae*) para aquela singular *missio Dei*, de deixar de lado a arrogância de uma teologia "cristã" – que pensamos ser uma instituição arraigada, centrada em si mesma – para abraçar a chamada teologia missionária dinâmica: uma Igreja em saída em direção às periferias, estabelecida nas periferias, capaz de compartilhar com os pobres e os "rejeitados" (como os chama Papa Francisco).

A missão do ressuscitado é o ponto de passagem da cristologia para a eclesiologia: a Igreja é, pela sua fundação, essencialmente pascal e radicalmente missionária.

A Igreja não está em missão apenas pelo mandato do ressuscitado, ela é constituída em missão pela presença de Deus que envia. Por essa razão ela é missão e está em missão. Nesse entendimento de missão, o CELAM quis intitular o seu novo manual de missiologia: '*Iglesia, tu nombre es misión: un compromiso más allá de las fronteras*' (Igreja, o teu nome é missão: um compromisso para além das fronteiras).

2. Perspectivas teológicas, eclesiais e missionárias para a região Amazônica

a. Para uma nova teologia

O CELAM vem acompanhando a reflexão da teologia índia desde 1997. Celebraram-se cinco simpósios (convênios ou seminários de estudos) para desenvolver um adequado diálogo teológico-pastoral:

- 1997, em Bogotá: "Para uma Teologia Índia inculturada".
- 2002, em Riobamba: nesse seminário o intuito era a "promoção da reflexão daTeologia Índia Cristã para o acompanhamento da inculturação do Evangelho nos povos indígenas".
- 2006, na Guatemala: "Cristo nos povos indígenas", nesse encontro o objetivo era"compartilhar e discernir o modo como o mistério de Cristo incorporou-se na vida e na reflexão dos povos indígenas".
- 2011, em Lima: "A teologia da criação na fé católica e nos mitos, ritos e símbolos dos povos originários na América Latina".
- 2014, em San Cristobal de Las Casas: "Revelação de Deus e povos originários".

Em comunhão com a Congregação para a Doutrina da Fé, procurou-se discernir sobre a contribuição específica dessa teologia que nasce nos povos "índios". Há alguns anos evitava-se o termo "índios" por ser considerado ofensivo, preferia-se "aborígenes" ou "indígenas".

Hoje existe um processo de resgate da identidade e voltou-se a falar, com razão, de Teologia Índia.

Nos diversos seminários participaram bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos indicados por diversas Conferências Episcopais juntamente com teólogos especializados nessa teologia, com "a finalidade de continuar o caminho de aprofundamento dos distintos conteúdos doutrinais da Teologia Índia para

chegar a uma completa e definitiva clarificação dos aspectos problemáticos individuados" (carta do card. Ratzinger ao Presidente do CELAM, 2004)[17].

Até agora não se tem percorrido uma estrada fácil. Na opinião do bispo Felipe Arizmendi, bispo emérito de San Cristobal de las Casas, atualmente presidente do Departamento do CELAM para os povos originários, fizeram-se esforços para o reconhecimento epistemológico da categoria teológica da assim chamada Teologia Índia. Foi um passo significativo, pois, não mais das vez, reduz-se o seu alcance a mera "sabedoria indígena" com seus mitos e ritos, sem a profundidade de uma verdadeira teologia.

É útil lembrar que na redação final do texto final de Aparecida eliminou-se o número 116 da segunda redação que dizia: "impulsionar com maior dinamismo a inculturação da Igreja, dos ministérios, da liturgia e da reflexão teológica indígena. É preciso continuar com os esforços do CELAM, com o aval da Congregacão para a Doutrina da Fé, para o discernimiento da Teologia Índia". Igualmente, eliminou-se o número 536 que falava da promoção dos esforços de inculturação da fé com uma liturgia numa linguagem própria, com os ministérios eclesiais e com a Teologia Índia, para formar comunidades com o rosto indígena. O bispo Felipe Arizmendi conta que 18 presidentes de Conferências Episcopais (todos os presentes, exceto um votante ausente e aqueles que faziam parte da comissão de redação e não podiam assinar) pediram para que esse número fosse incluído *iuxta modo*. Todavia, o Cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé manifestou as reservas do Dicastério em relação a expressão "Teologia Índia". Em uma votação sobre este ponto, obteve-se 59 votos positivos e 63 negativos. O *iuxta modo* não passou, mas contou com uma grande adesão, sinal de que, lentamente, estava-se formando um consenso positivo sobre a questão. O diálogo continua e vai para frente. A celebração do próximo Sínodo ajudará nesse sentido. As palavras do Papa Francisco são iluminadoras a respeito disso:

"Quando uma comunidade acolhe o anúncio da Salvação, o Espírito Santo fecunda a cultura de tal comunidade com a força transformadora do Evangelho. O cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, pelo contrário, 'permanecendo plenamente si próprio, em total fidelidade ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, ele poderá ter também o rosto de tantas culturas e de tantos povos onde é acolhido e radicado". Nos diversos povos que experienciam o dom de Deus de acordo com a própria cultura, a Igreja exprime a sua autêntica catolicidade e mostra "a beleza de um rosto pluriforme" (*EG* 116).

Mais adiante: "É verdade que algumas culturas estiveram intimamente ligadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão,

[17] Aa.Vv., *V Simposio de Teología India, Revelación de Dios y Pueblos Originarios*, Volumen V, (Bogotá 2015) 5.

mas a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e possui um conteúdo transcultural. Por isso, na evangelização de novas culturas ou de culturas que não acolheram a pregação cristã, não é indispensável impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja, juntamente com a proposta do Evangelho. A mensagem, que anunciamos, sempre apresenta alguma roupagem cultural, mas às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador".

E depois de citar a Conferência Episcopal da Oceania, o pontífice conclui: "a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura". Pelo contrário, convida-se os missionários "'a trabalhar de harmonia com os cristãos indígenas para garantir que a doutrina e a vida da Igreja sejam expressas em formas legítimas e apropriadas a cada cultura'", porque é indiscutível que uma só cultura possa esgotar todo o mistério da redenção de Cristo (cf. *EG* 118).

No caso da teologia índia amazônica, é necessário reconhecer que estamos apenas no início. Deve-se superar a opinião de que esta teologia, sendo feita de "vida e experiência", não possa ser sistemática nos seus métodos e conteúdos. É importante criar pontes teológicas para não permanecer isolados, e para contribuir com a Igreja Universal através da experiência vital e da reflexão de grandes valores.

A Teologia Índia lida com mitos, ritos, símbolos, tradições, sonhos. Precisa-se superar o falso e nefasto princípio positivista que considera os mitos como fábulas! O mito é uma forma fundamental de narrar o presente a partir de uma passado primordial[18], que expressa a alma basilar de uma cultura. Os diferentes povos amazônicos possuem uma rica cosmovisão e uma sabedoria ancestral que, parece estranha às categorias ontológicas da Filosofia Ocidental, são muito próximas à mentalidade oriental e às tradições bíblicas. Será de grande enriquecimento o desenvolvimento não apenas de uma Teologia Índia, mas de diferentes Teologias Índias Cristãs e Católicas. Estamos apenas no início de um processo que promete muito.

O bispo Enrique Díaz Díaz, no Sínodo sobre a Palavra de Deus (2008), dizia: "Em muitos lugares iniciou-se uma relação entre a Palavra e as culturas indígenas que poderia trazer muitos frutos. Em muitos sentidos, a Bíblia é próxima às concepções e cosmogonias indígenas: a criação, o conceito de Deus, o sentido de redenção e da cruz, abrem muitas possibilidades. Mas são culturas diferentes. Trata-se de um caminho apenas iniciado e que deve ser percorrido com muito cuidado para não condenar aquilo que não se entende, para clarificar e dar valor

[18] Cf. Arzimendi Esquivi F., "Memoria del proceso recorrido" en Aa.Vv., *V Simposio de Teología India, Revelación de Dios y Pueblos Originarios*, Volumen V (Bogotá 2015) 13-27.

à Palavra revelada, para não destruir as culturas e para encarnar realmente o Evangelho nos nossos povos"[19].

Devemos reconhecer que, sobretudo, no caso das culturas Amazônicas, iniciou-se recentemente a tradução católica da Sagrada Escritura. O conhecimento das línguas ainda é incompleto, mais incompleto ainda é o conhecimento cultural. "Enquanto a palavra revelada não se fizer 'palavra viva, escrita em suas culturas' é muito difícil que ela penetre no coração e encarne-se na vida desses povos"[20].

Precisa-se aprofundar alguns elementos da Teologia Índia, dentre os quais elencamos alguns:

- o sentido pleno e integral da vida – religão – teologia;
- o sentido da presença de Deus;
- o amor à natureza;
- o Deus, Pai e Mãe;
- o Valor e a dignidade da pessoa na comunidade;
- a Palavra;
- o além-vida e a vida eterna;
- o serviço voluntário;
- a sabedoria;
- o sonho de uma terra para todos;
- o sentido de festa[21].

A Teologia Índia Amazônica é uma tarefa a ser feita: alguns povos mesoamericanos e andinos começaram o percurso. Essas culturas sistematizaram muita sabedoria e filosofia originária. Contamos com teólogos muito sapientes e de grande valor[22]. Para a Amazônia é um caminho a ser feito, que se revela muito

[19] Díaz Díaz E., "Escritura: Palabra de Dios y palabras indígenas" en Aa.Vv., *V Simposio de Teología India, Revelación de Dios y Pueblos Originarios*, Volumen V (Bogotá 2015) 29-30.

[20] Díaz Díaz E., "Escritura: Palabra de Dios y palabras indígenas" en Aa.Vv., *V Simposio de Teología India, Revelación de Dios y Pueblos Originarios*, Volumen V (Bogotá 2015) 30.

[21] As culturas pré-colombianas deram ao cristianismo ibérico, que acompanhava os conquistadores, multíplices pontes e possíveis elementos de contato "como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e de corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do culto, o crer em uma vida ultraterrena e em tantos outros valores" (*DSD* 17).

[22] "As chamadas Teologias Índias carecem de muitas características que marcam as teologias clássicas da Igreja. Não se baseiam em teses filosóficas, não contam com sistemas brilhantes, nem com libros de sucesso, nem com oradores habilidosos. Não tem nem mesmo a pretensão de universalidade, nem de provar nada utilizando-se das intâncias da razão. São simplesmente a palavra indígena sobre Deus, sobre o mundo, sobre nós mesmos, a partir do ponto de vista da nossa fé em Deus, de como o entendem e o vivem os nossos povos… Para nós, as teologias índias são como a gramática com a qual os índios organizamos nosso saber sobre Deus". López Hernández E., "Una misión descolonizadora de nuestras mentes en relación con los indígenas"; en Aa.Vv., *La misión en cuestión. Aportes a la luz de Aparecida* (Bogotá 2009) 134.

esperançoso e o Sínodo dará o impulso necessário nessa direção. Seguramente, não será um percurso fácil, mas é necessário reconhecer que a inculturação da fé nunca o foi: basta lembrar a história difícil dos primeiros séculos da Igreja e as batalhas conceituais para se chegar às fórmulas dogmáticas aceitas por todos nos Concílios Ecumênicos.

Além do mais, deve-se dizer que a inculturação da fé é uma incumbência permanente da Igreja porque todas as culturas estão submetidas a profundas mutações. Portanto, se não nos enveredamos por esse caminho, correremos o risco de repetir fórmulas vazias de significado.

b. Perspectivas eclesiais

O Sínodo para a Amazônia ajudará muito num profundo renovamento das Igrejas locais. A conversão eclesiológica é uma circunstância preliminar para a conversão eclesial. Em outras palavras, antes de um mudança da Igreja (eclesial) é imprescindível uma renovação da eclesiologia que a embasa.

Por muito tempo, os missionários levaram adiante nos territórios Latino-Americanos um modelo pastoral de clonação de Igrejas ocidentais e de Igrejas já afirmadas. Faziam, talvez sem saber, o uso de uma pastoral de auto-reprodução. Nos dias atuais estamos diante da necessidade de uma profunda conversão eclesiológica. A Igreja é fruto de uma instituição divina, uma sociedade espiritual, um corpo místico… mas é também uma realidade humana: com estruturas que a mantém, com certos tipos de organizações, com símbolos e valores que se exprimem culturalmente.

Somente quem conhece e vive na floresta Amazônica é capaz de entender que a organização hodierna é insuficiente para este vasto território com sua complexidade natural e suas imensas distâncias… A Igreja na Amazônia tem necessidade de novas estruturas pastorais.

A evangelização dessa região é ainda incompleta e deve incorporar novos paradigmas. Para isso, é necessário escutar os povos indígenas e entender suas tramas simbólicas, com o intuito de exprimir um discurso sobre Deus que seja significativo. Fazer teologia e anunciar o *Kerigma* entre essas populações não pode reduzir-se à repetição de fórmulas dogmáticas e ortodoxas ou à categorias abstratas que, na maioria das vezes, são incompreensíveis e esvaziadas de significados reais.

Os modelos da *plantatio Ecclesiae* e da *implantatio Ecclesiae* não servem para a Amazônia, pois não se trata de um implante ou de um transplante de um corpo estranho. Nem mesmo de plantar ou seminar a Igreja. Aquilo que deve ser plantado é a Palavra de Deus. Melhor ainda, deve-se irrigar o terreno para que possam germinar "as sementes do Verbo" presentes em cada cultura e em cada pessoa. Deve-se, deixem-me dizer, plantar a Palavra de Deus para

que esta dê como fruto novas Igrejas com o rosto amazônico (*Documento Preparatório*, n. 12).

O diálogo e o discernimento nos farão descobrir quais ministérios e quais formas organizativas são mais convenientes para estas jovens Igrejas, até agora isoladas e submissas a processos de destruição da natureza. O tema do Sínodo, **Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral**, aponta em direção a uma renovação eclesial.

O *Documento Preparatório* diz que estes caminhos de evangelização devem "ser pensados para e com o Povo de Deus que habita naquela região: todos os habitantes de comunidades e zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, ribeirinhos, migrantes e refugiados e, especialmente, para e com os povos indígenas" (Introdução). A Amazônia é uma região que possui uma rica biodiversidade; é multiétnica, pluricultural e plurirreligiosa, um espelho de toda a humanidade que, para continuar existindo, exige mudanças estruturais e pessoais de todos os seres humanos, dos Estados e da Igreja.

O *Documento Preparatório* afirma que há muitas Amazônias: "Dada a sua proporção geográfica, a Amazônia é uma região onde vivem e convivem povos e culturas diversas, com diferentes estilos de vida". Assim, a inculturação da Igrejas Locais não é e nem pode ser um processo homogêneo. Seria repetir os mesmo erros! Além do mais, "o processo de evangelização da Igreja na Amazônia não pode prescindir da promoção e do cuidado com o território (natureza) e dos seus povos (culturas). Por isso, é necessário estabelecer os pontos que podem articular os saberes ancestrais com os conhecimentos contemporâneos" (*Documento Preparatório,* n. 9)

c. Perspectivas Missionárias

As perspectivas teológicas e eclesiológicas levam-nos, finalmente, àquelas missionárias, o que deveria marcar uma nova etapa no anúncio do Evangelho de Jesus na Amazônia. Esta etapa será marcada pela responsabilidade de todos os batizados de ser discípulos-missionários, participando da vida eclesial em modalidades diversas e em âmbitos diferentes. Além disso, essa missão tem necessidade de considerar as condições históricas concretas, sejam elas sociais, ambientais e eclesiais.

A Igreja é chamada a aprofundar a sua identidade, colocando-se em atitude de escuta da sabedoria dos povos da região Pan-Amazônica. É preciso "individuar novos caminhos para fazer crescer o rosto amazônico da Igreja e também para responder às situações de injustiças da região, como o neocolonialismo das indústrias extrativistas, os projetos infra-estruturais que danificam a biodiversidade e a imposição de modelos culturais e econômicos estranhos à vida dos povos" (*Documento Preparatório*, n. 12)

É necessário um novo projeto missionário e não de missionários que façam a mesma coisa, obtendo os mesmos resultados[23]. "A Igreja da Amazônia soube reconhecer que, por causa das imensas extensões territoriais, da grande diversidade de seus povos e das rápidas transformações dos cenários socioeconômicos, sua pastoral tinha e tem uma presença precária. No passado e hoje, continua sendo necessária uma maior presença. Isso significa que é preciso, a partir dos valores do Evangelho, tentar responder a tudo aquilo que é específico desta região, reconhecendo, entre outros elementos, a imensa extensão geográfica, muitas vezes de difícil acesso, a grande diversidade cultural… Uma missão encarnada exige repensar a presença escassa da Igreja em relação à imensidão do território e de sua diversidade cultural" (*Documento Preparatório*, n. 14). Como diz o *Documento Preparatório* a Igreja precisa: "relançar com audácia e fidelidade a missão" (*DAp* 11), aprofundar o "processo de inculturação" (*EG* 26); avançar propostas "corajosas", feitas com "audácia" e "sem medo", como diz o Papa Francisco.

Por isso, "urge avaliar e repensar os ministérios que hoje são necessários para responder aos objetivos de 'uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena'" (Papa Francisco em Porto Maldonado; *Documento Preparatório*, n. 14).

São muitas as prioridades:

- Precisar os conteúdos, os métodos e as atitudes de uma pastoral inculturada, capaz de responder aos grandes desafios do território.
- Propor novos ministérios e serviços aos agentes pastorais, dentre esses ocorre individuar que tipo de ministério oficial pode ser conferido às mulheres.
- Apoiar o clero indígena e nativo do território, valorizado sua identidade cultural e seus valores próprios.
- Projetar novos caminhos para que o Povo de Deus possa ter acesso mais fácil e frequente à Eucaristia.

Os desafios missionários da Amazônia serão sempre marcados pela lógica da encarnação. Não se pode ir lá com propostas pré-fabricadas. É preciso estar e compartilhar com os povos indígenas antes de pregar a Palavra. O exemplo de Jesus lembra-nos que a encarnação requer tempo. Ele passou 30 anos em Nazaré

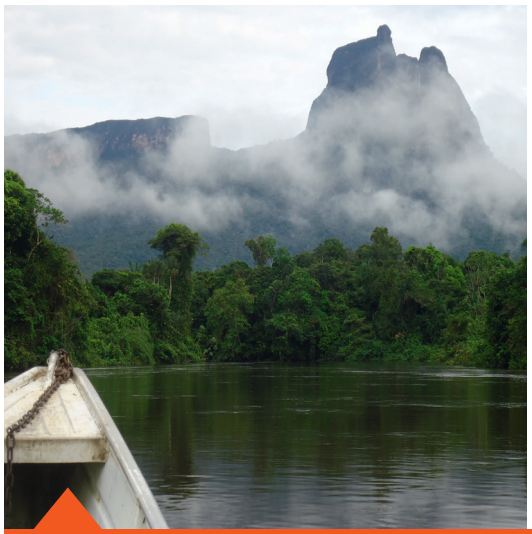
[23] Entre as urgências, é necessário superar mentalidade de colonização: "uma Igreja ao serviço da vida, em estado de missão permanente, deve necesariamente reconhecer sua herança colonial para abrir-se a um novo estilo de presença e de relações mais participativas, harmônicas e integradoras. Isto será viável somente se for capaz de asumir um sério camino de conversão das atitudes, valores e práticas interculturais, deixando espaço e acolhendo em seu seio a riqueza das diferenças. É o desafio de um cristianismo plural, expressão de uma autêntica catolicidade eclesial". Tomichá R., "Condiciones y elementos para la misión permanente", en Aa.Vv., *La misión en cuestión. Aportes a la luz de Aparecida* (Bogotá 2009) 221.

e só depois de ter adquirido a cultura e linguagem de seu povo é que saiu para anunciar o Reino.

Queria esprimir o meu reconhecimento a grandes missionários que deram suas vidas compartilhando-a com os povos amazônicos da Venezuela, por 30 ou 50 anos. Conheci muitos desses: padres Luigi Cocco, Giuseppe Berno, Hernán Feddema, Antonio Van Maanen, Johannes Finker, Giuseppe Bortoli, Nelson Briceño e tantos outros. Eles ensinaram-me que evangelizar não é repetir às pessoas fórmulas querigmáticas incompreensíveis, mas aprender dos povos a sua sabedoria, a sua cosmovisão, a sua filosofia e a sua teologia… A missão requer tempo para aprender. Só depois disso, é possível exprimir de modo significativo o evento Jesus Cristo e o alcance da salvação de Deus.

Conclusão

Estou ciente que Deus não chegou na mala ou na mochila desses missionários porque Ele sempre esteve presente em meio aos índios, embora eles não o soubessem, eram "cristão anônimos", para citar Rahner. Nesse *Kairós*, tempo oportuno, em que a Igreja lança o seu olhar à Amazônia com a convocação de um Sínodo, todos poderão descobrir os vestígios do Criador na sua bela natureza e nas tantas sementes do Verbo espalhadas pelo Espírito na floresta e no coração dos povos amazônicos. O Sínodo vai abrir certamente novos caminhos. Sonhamos uma Igreja com o rosto amazônico, com novos ministérios, como uma liturgia realmente inculturada e com uma autêntica Teologia Índia Cristã e Católica. O Espírito do Senhor que nos impulsiona nesse momento de verdadeira Pentecoste Amazônica possa trazer-nos novas flores e frutos para desenhar uma Igreja com muitas cores, com diversas tonalidades do verde da floresta e do azul dos rios e cascatas. Maria Auxiliadora, patrona do Orinoco, acompanhe-nos nesta estrada: "a minha estrada è o rio"[24].



O meu caminho é o rio.

[24] Assim dizia um missionário salesiano.



7. O ESPAÇO DOS JOVENS NA IGREJA AMAZÔNICA

Pe. Reginaldo Cordeiro[25]*, sdb*



Preceito básico de sociologia:
"Se queremos compreender, é necessário conhecer".

1. Iniciando a conversa...

Ao ser convidado para falar sobre o espaço da Juventude na Igreja Amazônica senti-me bastante incomodado. Daqueles incômodos que a gente sente por conhecer uma realidade, mas não se sentir apto a explicá-la. Busquei dados oficiais em curto espaço de tempo e percebi que os materiais são bastante escassos, mas ao mesmo tempo pensei que não seria eu a realizar uma pesquisa cientificamente qualificada com pouco tempo à disposição. Outras pessoas e entidades poderiam assumir a tarefa, se é que já não assumiram e eu não sei.

Decidi escrever minhas percepções pessoais. Elas não terão o peso da pesquisa científica, mas ao menos a sinceridade de um sacerdote de origem indígena que nasceu no coração da Amazônia Brasileira fazendo parte de um dos povos chamado Arapaso[26], e que conviveu e convive ainda com muitas realidades juvenis. Certamente a minha partilha terá algumas limitações por não oferecer elementos de pesquisa de outros países em relação a esta temática, que pode variar de um país para outro quando levamos em conta o imenso espaço territorial da Pan-Amazônia que envolve todos os países que tem a floresta amazônica em seu território como a Colômbia, Perú, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas, o Suriname e o Brasil.

[25] Delegado Inspetorial da Pastoral Juvenil da Inspetoria salesiana da Amazônia, especializado em Missiologia, da etnia Arapaso, Alto Rio Negro, Amazonas.

[26] *Arapaso:* Refere-se ao nome de um dos povos indígenas que vivem na Região do Alto Rio Negro, situado no extremo norte do Brasil. Arapaso ou Diarimahsã na língua indígena significa "seres viventes da água ou filhos da água".

No *Documento Preparatório* do Sínodo para Amazônia notamos a ausência do tema dos jovens, mas acreditamos que o documento tenha contemplado também os jovens quando o mesmo define os Povos da Amazônia como "todos os habitantes de comunidades de zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, migrantes e deslocados, e em sua maioria os povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes que vivem nesta região".

Ao longo do processo de preparação ao Sínodo Pan-Amazônico foram realizadas várias escutas às comunidades e aos diversos grupos, porém, não temos acesso aos conteúdos. Certamente, teremos temas específicos que tratam das juventudes Pan-Amazônicas. No momento oportuno, no *Instrumentum Laboris*, poderemos ter acesso aos conteúdo..

2. Sobre os jovens...

Sobre o Jovem muito se escreveu desde os séculos passados e até hoje vem sendo fomentado ao longo das ultimas décadas o debate sobre juventudes. Compreender o fenômeno das juventudes: eis um desafio importante para tempos atuais!

Mauricio Perondi[27] diz que "a visão que temos sobre os jovens depende do olhar que lançamos sobre eles, das conversas que temos com eles, e daquilo que construímos na relação com eles". Acredito que a nossa reflexão sobre os jovens na Igreja Amazônica vai depender do olhar que lançaremos sobre eles, das conversas que teremos com eles, e do que construiremos na relação com eles.

3. Jovens da Amazônia…

Atualmente o Estatuto da Juventude no Brasil mostra que a juventude da Amazônia compõe uma expressiva parcela da população na região. "Jovem", diz o Estatuto, é quem se encontra na faixa etária de 15 a 29 anos, o que significa 26,5% da população amazônica, dispersa nos diferentes estados e realidades rurais e urbanas. Não tive acesso a outros dados, mas pode-se imaginar que não deve ser diferentes nos outros países que compõem a Amazônia internacional.

Afinal, a faixa etária supracitada corresponde à realidade juvenil amazônica? É necessário compreender que, apesar da importância da delimitação

[27] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Observatorio Juventudes da Pontificia Universidade Catolica do Rio Grande do Sul..

etária, as juventudes não podem ser reduzidas a uma simples visão numérica. Segundo Cordeiro (2009), ser jovem, muito além de uma experiência geracional, diz respeito a viver múltiplos pertencimentos; é estar permanentemente em transito nessas experiências, sendo atravessado e construído pelas condições concretas de vida.

Falar sobre os jovens na Igreja Amazônica é tentar buscar uma visão mais plural das Juventudes da Amazônia, porque as juventudes não são uma realidade externa à Amazônia, um anexo humano posto depois, ao contrário elas também compõem esse imenso mosaico de diversidades que a região amazônica tão ricamente comporta.

Pensar a realidade juvenil na Amazônia é pensar na diversidade dentro da diversidade. Pois, assim como existem diferentes populações e ambientes sociais e físicos nesse espaço, existem também diferentes realidade juvenis, impossíveis de serem homogeneizadas em um único retrato porque na Amazônia os jovens de comunidades de zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, migrantes e deslocados, indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes carregam consigo infinitos "perfis": grupos étnicos distintos, diferentes cores da pele, diferentes classes sociais, diferentes cotidianos, diferentes projetos de vida e de futuro, diferentes culturas, diferentes costumes, que os definem como diversos. Vejamos alguns retratos juvenis da Amazônia que em sua maioria são os indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes.

4. Jovens Indígenas

O primeiro retrato juvenil que gostaria de esboçar é o das juventudes indígenas, filhos de diferentes etnias e herdeiros das diversidade de línguas, costumes e tradições. Sua identidade e diferença é marcada por uma educação forte, que penetra mais na alma e no caráter do que muitos dos mais avançados cursos universitários que se possa encontrar no mundo. Isso acontece porque a cultura é transmitida junto com o leite materno, com o espaço familiar, com o mundo de significados e sacralidades que os gestos do cotidiano encerram. Nesse espaço, banhar-se no rio pode significar muito mais do que um simples processo de higiene pessoal.

Os jovens indígenas com quem convivi eram desde pequenos habituados a criar relações respeitosas um com o outro e com o mundo que nos rodeava (a natureza). Na Amazônia não há como não lembrar que somos águas, rios e florestas. Para o jovem indígena a floresta é a melhor expressão da criatividade da Terra e da vida que nela está latente. A floresta só existe porque é diversa, a monocultura é inviável para nosso solo. A floresta é o lugar da cura e da oxigenação

da vida. Nela está presente a cura de todos os males. Nela está a subsistência da vida, a igualdade e a interdependência de todos os seres. Ela morre para dar vida, mas se vinga se for maltratada. Ela abriga os espíritos protetores, as forças caóticas e harmoniosas da vida. Entramos nela para experimentar a revelação de Deus – nela se encontra o temor e acolhimento.

Este tipos de relações com a natureza são uma teia intrincada de reciprocidades. Eles sentem e vêem a natureza como parte de sua sociedade e cultura, como prolongamento de seu corpo como indivíduo e sociedade. Para os indígenas a natureza é um sujeito vivo e carregado de intencionalidades. Diferente da visão do homem moderno que a vê como algo um objeto, mudo e sem espírito. A natureza fala e o indígena entende sua voz e mensagem. Há uma permanente interligação – "tudo está interligado!"

A presença da Igreja, através de seus missionários e missionárias, no meio desses grupos juvenis com estes e outros tipos de representação de uma identidade cultural particular, com sua riqueza histórica especifica e seu modo próprio de ver o mundo e de relacionar-se com ele, a partir de sua cosmovisão e territorialidade especifica, exige uma relação de muito respeito e uma postura que imite o gesto de Moisés de tirar as próprias sandálias, os preconceitos, as visões pré-formatadas, os moralismos, o etnocentrismo… e de curvar-se na terra sagrada da vida desses jovens. Hà uma necessidade de convivência para juntos propor novos caminhos pastorais que tenham rostos amazônicos – indígenas.

5. Jovens riberinhos e afrodescendentes

Passo agora a refletir sobre os jovens ribeirinhos e afrodescentes, grupos humanos muitas vezes esquecidos, excluídos e desvalorizados. O rosto caboclo da Amazônia, mistura de povos e de tradições culturais que mesclam em seu modo de ser e viver tradições negras, indígenas e não indígenas. O povo dos povoados às margens dos rios, os primeiros a serem expulsos dos seus espaços quando chegam os projetos de "desenvolvimento" econômico, que geralmente não os escuta e destrói os seus ritmos e expressões culturais. Estes, são considerados, além das circunstancias históricas, os povos das águas, neste caso, da Amazônia, porque sempre tiveram em comum a relação de interdependência com os recursos hídricos.

O jovem ribeirinho e afrodescendente, desde pequeno acostumado às enchentes, mora em palafitas, na beira dos rios. Aos olhos de alguém da cidade, parece ocioso, porque não se enquadra nos padrões produtivos que a globalização nos impõe. É que o ritmo do rio é outro, o ritmo dos peixes e da roça não pode ser acelerado pela vontade do lucro. A sintonia com o movimento cíclico de seus

rios (inundação, refluxo e período de seca), faz com que vivam numa relação de respeito por entenderem que "a vida dirige o rio" e "o rio dirige a vida"[28].

Os jovens ribeirinhos e afrodescendentes compõe o mosaico dos grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, autodefinem-se a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.

Na religião vivem o sincretismo dos povos originários e a religiosidade popular. Agora, pululam as pequenas igrejas de cunho pentecostal. A fé muitas vezes é consolo e esperança, mas não promove a organização do povo. Nem mesmo quer promover. Na maioria das vezes esses jovens também têm de migrar para a cidade grande para continuar seus estudos. E são vítimas dos mesmos males sociais do jovem indígena. Tais situações gera resistência e os obriga a fortalecerem suas identidades.

6. Jovens das periferias

Ao falar das cidades creio que podemos refletir sobre os jovens a partir das periferias dos grandes centros urbanos amazônicos. Nesses espaços se encontram os jovens da classe popular e trabalhadora. Muitos vindos dos interiores, da zona rural, das áreas ribeirinhas e indígenas. Não são poucos os que moram com parentes, já que os pais ficaram na cidade natal.

Nesses ambientes os jovens são constantemente desafiados pelas condições sociais, a falta de saneamento básico, o tráfico de drogas, a violência, etc. Carecem de espaços públicos de lazer e por isso ocupam espaços como praças, ruas menos movimentadas e esquinas, para poder se encontrar com os amigos, jogar futebol, ou "empinar papagaio".

Muitos jovens tornam-se reféns do mundo das drogas e violências, muitos deles são vitimas de mortes, prisão, etc. São as porções que mais necessitam de atenção, mas não encontram quem lhes dê atenção.

Na educação, muitos vão fazendo o Ensino Médio entre o sonho e o desânimo. É urgente conseguir um emprego logo após o término da educação básica. Alguns conseguirão ingressar na faculdade, os demais têm de se enquadrar logo no mercado de trabalho para ajudar em casa ou, ao menos, "para ter suas coisinhas". Muitos estudam a noite, assim podem trabalhar durante o dia. O aproveitamento é pouco, o cansaço do dia é mais forte e a didática do professor muitas vezes não é tão atrativa.

[28] Documento Preparatório 2018; *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*, 10.

A sexualidade desperta cedo entre as "minas" e "manos" da periferia. Não raro as famílias começam aos solavancos, quando a garota engravida e os dois começam a viver juntos. Nesses casos é ainda mais urgente conseguir um emprego. A mãe, normalmente, abandona os estudos. Não há creches públicas com quem deixar a criança durante o dia… quem acode normalmente é a avó.

Evangelizar esses espaços é cada vez mais um desafio. As comunidades católicas parecem não conseguir atingir massivamente esses jovens. Isso quando há uma comunidade católica. Em Manaus, os 16 núcleos do bairro Cidade Nova contavam com apenas uma comunidade católica há alguns anos. Tais como em outros ambientes, proliferam as igrejas evangélicas de cunho pentecostal.

Nos bairros mais centrais a juventude parece gozar de um pouco mais de benefícios da cidade. Existem mais espaços públicos de lazer, escolas com espaços físicos mais bem cuidados, facilidade de transporte, maior possibilidade de acesso a uma comunidade de fé melhor estruturada. Mas também nesses espaços a violência é um desafio e um perigo constante de cooptação dos jovens, as drogas também são um atrativo… seja pela questão econômica como para anestesiar a ansiedade e a depressão (que, estudos indicam, têm crescido vertiginosamente nas novas gerações).

Muitos jovens abandonam a Igreja, já não sentem que ela fala ao coração e mesmo ao mundo. Os que ainda frequentam não acreditam, não vivenciam ou nem sequer sabem dos padrões morais promovidos pela Igreja. Os que vivenciam, muitas vezes, são adeptos de uma mentalidade religiosa resistente ao mundo, conservadora e fechada. Nas paróquias do centro se encontram mais grupos juvenis e ações realizadas em prol da juventude. Ainda assim não é raro ouvir o discurso da necessidade de "buscar os afastados".

Esses jovens não somente vivem nas periferias geográficas, mas também sociológicas e eclesiais.

7. Espaços dos Jovens na Igreja Amazônica

Eis uma das grandes riquezas da Amazônia: os Jovens! Os jovens que compõem a Igreja Amazônica têm características heterogêneas. A pluralidade é visível na dimensão étnica. Para falar sobre o espaço dos jovens na Igreja Amazônica, penso que necessitamos nos perguntar, escutar e responder. Precisamos "duvidar" do nosso modo ser Igreja... Como seria a Igreja nesses espaços?

Que espaço tem as juventudes na Igreja Amazônica? A Igreja está oferecendo espaços aos jovens e onde está investindo suas forças pastoralmente? Estas perguntas nos levam a refletir sobre alguns modelos da Igreja e de missão presente em meio aos povos indígenas e amazônicos. Mais do que questionarmos

temos que escutar, do contrario, continuaremos com nossos projetos pastorais particulares e pulverizados e com os mesmos modelos eclesiais que talvez não funcionem mais em se tratando de jovens amazônicos. O Papa Francisco desafia: buscar novos caminhos para a Igreja. Os caminhos não estão conseguindo dar respostas adequadas.

Somos sabedores de que a Igreja Amazônica com suas ações eclesiais sempre se fez presente através de serviços específicos com o ritmo das "desobrigas" com acentuada insistência sacramental e com a constante necessidade de "ajudas de fora", particularmente em termos de pessoal, criando a mentalidade da necessidade de ajustar-se aos moldes da pastoral vinda de fora. Daí a importância e a necessidade de repensar e avaliar certos esquemas pastorais que não se ajustam ao modo de ser e viver dos jovens indígenas e amazônicos. Muitos jovens universitários nos questionam e com eles precisamos interagir de forma diferente.

Dentro das estruturas da "diocesanidade"[29], modelo ainda estabelecido na Igreja amazônica, os jovens transitam em diversos espaços, paróquias e missões



Os jovens indígenas estão acostumados a criar relações respeitosas entre si e com o mundo ao seu redor.

[29] "Diocesanidade"- termo usado para refletir sobre os conflitos de estruturas a ser harmonizados. As igrejas amazônicas são jovens e suas estruturas são "pós-padroado".

religiosas das congregações como, participando das atividades e iniciativas que as Igrejas locais propõem como: celebrações, retiros, catequese, pastoral da juventude, oratórios, etc.

Certamente não podemos deixar de considerar que este momento de preparação ao Sínodo Pan-Amazônico é um tempo privilegiado para escutarmos os jovens amazônicos. A grande atenção dada à Amazônia exige da Igreja não deixar passar este momento com uma tarefa: descobrir ou redescobrir o espaço dos jovens. Sofrida, é verdade, mas de um potencial incrível. A peculiaridade da fisionomia desta Igreja proporciona-lhe uma possibilidade de respostas criativas. Por isso, é necessário olhar para Igreja e o espaço dos jovens da Amazônia a partir de dentro.

Precisamos deixar que os jovens falem e digam o que pensam sobre a nossa missão: Papa Francisco, em Puerto Maldonado (19/01/2018) diz: "...os indígenas precisam ser interlocutores principais, em todos os níveis". Isso poderia se dizer "descolonizar-se" a relação nossa. Deixar de levar "pacotes", planos pastorais já prontos, mas construir juntos com eles. O protagonismo é um dos elementos da Igreja com rosto amazônico. Não se está aqui oferecendo nenhuma resposta, mas apenas levantam-se algumas questões com muita simplicidade ou, se quisermos, de um jeito bem amazônico.

Para favorecer melhor o espaço dos jovens necessitaremos continuar escutando. Não esqueçamos de perguntar a eles algumas coisas: O que é a Igreja para juventudes indígenas e Amazônicas? Como estão vendo nossas ações pastorais com eles? Quem somos nós Salesianos para os jovens indígenas e amazônicos? É imprescindível uma atitude pacientemente "fluvial" de escuta.

Além do mais, a Amazônia é uma região de muitos jovens que se movem. Um movimento intenso, em busca de alguma coisa, sempre. Essa transumância Amazônica ainda não foi e nem é muito bem trabalhada pela Igreja. Os jovens caminham, "peregrinos nas estradas de um mundo desigual"[30].

É preciso estar atentos ainda ao ritmo próprio do mundo dos jovens amazônicos. Há uma forma própria de se relacionar com o tempo, incompreensível para a maioria dos agentes de pastoral; eles têm o seu modo próprio de assimilar os dados da fé independente da autoridade clerical.

A Igreja da Amazônia e na Amazônia precisa converter-se na relação com os jovens a partir de dentro. É preciso uma mudança interior e exterior: conversão de seu coração e espírito, de sua mentalidade e atitudes, de seu corpo e estruturas. Conversão a uma proposta de Igreja com os jovens clara e comum, nucleadora e catalizadora, que sirva de inspiração, mística, força e que seja sacramento de sua

[30] Tada C., Possidônio R., *Amazônia, desafios e perspectivas para missão* (São Paulo 2005) 55.

missão com os jovens e para os jovens na Amazônia. Conversão a um projeto da Igreja que queremos ser com o rosto amazônico.

Não serão suficientes nossas boas vontades individuais, nossos planos grupais, paroquiais ou diocesanos se estes não estiverem articulados e inspirados a partir da realidade da diversidade que não é uniformidade, mas unidade plural.

É preciso repensar a vivencia da fé com uma nova visão do mundo católico juvenil nos diversos modos de "ser católico", acentuando na fé um determinado aspecto: há jovens católicos que alimentam sua fé e expressam-se na participação da liturgia; outros tem uma mística e oração pessoais, com pouca ou nenhuma participação comunitária; outros, ainda, identificam sua fé com a pratica do amor fraterno, o serviço aos mais necessitados, o engajamento sindical ou político, na ecologia ou em outros movimentos sociais.

Certamente haveriam tantos outros elementos para se falar acerca da juventude. Expressei aqui, alguns temas que mais percebo na conversa com os jovens. Em todos esses ambientes existem elementos em comum: a força da amizade e da vivência grupal, a descoberta do amor nos seus erros e acertos, a intensa influência (tanto positiva quanto negativa) que a família exerce sobre a felicidade desses jovens e o modo como encaram a vida.

Os jovens amazônicos em sua diversidade mostram a Igreja um rosto de esperança e de sonhos que sem dúvida ajudará a trilhar novos caminhos de esperança. A Igreja por meio dos jovens tem descoberto a experiência profunda de acompanhamento e promoção de suas identidades culturais em absoluta coesão com sua espiritualidade cristã. Essa integração são sinais claros de uma ótima integração da fé em Jesus Cristo com a fé vivida em suas culturas e espiritualidades.



8. Para continuar a pensar…

Espaço não é um privilegio. Espaço é uma conquista. O espaço dos jovens na Igreja da Amazônia não vai ser muito diferente do espaço dos jovens na Igreja como tal. Depois da conquista do espaço precisa-se ter responsabilidade, sabedoria e despojamento para administrar o espaço. Depois do Êxodo, Israel conquistou sua terra. Em seguida, não soube administrá-la e a perdeu. Foi para o cativeiro, assírico e babilônico. Mais tarde, voltaram e administraram seu espaço com legalismo e muros. Jesus disse que estava errado. Mostrou que o

amor, a partilha e a fraternidade são as qualidades para administrar o espaço. E o espaço de Israel no cristianismo tornou-se um espaço universal, além dos muros e do legalismo.

O espaço dos jovens não pode ser assegurado com muros e nem com legalismo. Na partilha fraterna, esse espaço vai ser específico, grande e universal. Não se trata de um privilégio, mas de um ser para os outros. E o espaço dos jovens da Amazônia vai ser o espaço dos jovens do mundo inteiro capaz de mostrar aos adultos que o espaço livre é sempre pluricultural, partilhado e fraterno.

Diante de muitos rostos juvenis e de sua diversidade cultural, construída desde a beira dos rios e o meio da floresta até os centros e conglomerados de espigões das metrópoles, precisa-se constatar que espaço tem os jovens e que espaço queremos que eles tenham. Temos que ajudar os jovens a dar um testemunho cristão a partir da sua fé autentica, mesmo que ela não se ajuste a nenhum de nossos esquemas pastorais.

Os jovens indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e urbanos são interculturais, interagem com diversas pessoas e sobre diversas realidades. Por isso, também se pode fortalecer a filosofia intracultural, isto é, valorizar e fortalecer a sua identidade original para interagir de forma equilibrada com os demais.

Se esse meu modo de ver a juventude servir para alguma coisa, que bom! Espero que sirva ao menos para convidar quem lê essas páginas a ouvir mais os jovens amazônicos. Sentar-se a seu lado, despretensiosamente, e deixar-los falar. Será um encontro fascinante e certamente quem for a esse encontro com a pretensão de levar o evangelho, sairá de lá evangelizado.

Nosso desafio para o Sínodo Pan-Amazônico é apresentar novos caminhos juvenis na Igreja Amazônica ou ouvir o que os jovens amazônicos têm a nos dizer para o nosso carisma salesiano? Como Dom Bosco trabalharia com os jovens indígenas, hoje?



8. INCULTURAÇÃO E CATECUMENATO EM CONTEXTO INDÍGENAS

Pe. Damásio Medeiros, sdb
Pe. Georg Lachinitt, sdb

Introducão

A transmissão do verdadeiro sentido da liturgia é um dos problemas mais difíceis que a Igreja é chamada a enfrentar hoje. Parece, às vezes, que o evento sacramental não é compreendido. Daí a urgência de tornar explícita a importância da liturgia como lugar educativo e revelador, evidenciando a sua dignidade e orientação para a construção do Reino.

Esta transmissão diz respeito, em particular, às novas gerações para as quais o sentido da liturgia e o seu verdadeiro significado não foram suficientemente transmitidos. A busca ingênua do espetacular que, por sua vez, tem como objetivo dar vida a emoções fortes, sensações intensas, exaltar afetos à custa da interioridade, racionalidade, pensamento, silêncio e, sobretudo, da pobreza e simplicidade de meios e sinais dos quais sempre se fez a liturgia cristã.

Além disso, tendo em conta que "os Sacramentos são um modo privilegiado pelo qual a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural", a sua celebração é um convite permanente a "abraçar o mundo em outro plano" (*Laudato Sì*, 235).

"A inculturação significa uma íntima transformação dos autênticos valores culturais através da sua integração no cristianismo e do enraizamento do cristianismo em diferentes culturas" (*Varietatis Legitimae*, 4). No entanto, algumas categorias antropológicas devem ser levadas em conta para focalizar bem a questão, por exemplo: experiência religiosa; linguagem religiosa e ação ritual.

Segundo a orientação do documento eclesial sobre a "liturgia romana e a inculturação" há um processo para se efetivar a inculturação num comunidade cristã ou região. A saber:

Promover uma *forte experiência de Igreja*/comunidades cristãs (ex.: catequese litúrgico-mistagógica, ministérios, sacramentais, religiosidade popular, promoção humana);

A *diversidade das situações eclesiais* não é desprovida de importância para julgar o grau de inculturação litúrgica necessário. Outra é a situação dos *países evangelizados há séculos* e nos quais a fé cristã continua presente na cultura, outra

é a dos *países em que a evangelização é mais recente* ou não penetrou profundamente nas realidades culturais. A situação de uma igreja em que os cr*istãos são uma minoria em comparação com o resto da população* é ainda diferente. Uma situação mais complexa pode finalmente surgir quando a população conhece um *pluralismo cultural e linguístico*. Só uma avaliação precisa da situação pode clarificar o caminho para soluções satisfatórias.

É necessário assegurar uma presença estável e *conhecer a língua indígena, a cultura e a experiência espiritual destes povos*;

Incrementar a tradução da *Bíblia na língua local*, ou pelo menos dos textos bíblicos usados na liturgia, é necessariamente o primeiro momento de um processo de inculturação litúrgica (a tradução da Bíblia para catequese/liturgia);

A inculturação da fé numa determinada cultura através das "preces e dos ritos" é um trabalho que exige uma equipe, e não somente de uma pessoa: precisamos de pessoas competentes, tanto na tradição litúrgica do Rito Romano quanto no conhecimento dos valores culturais locais. São necessários estudos preliminares de ordem histórica, filosófica, antropológica, estética, exegética, bíblica, teológica, catequética e litúrgica. No entanto, tais estudos precisam ser confrontados com a experiência pastoral do clero local, da vida consagrada, das famílias envolvidas na evangelização. Alem disso, a opinião dos sábios da região, cuja sabedoria foi aberta à luz do Evangelho, também será preciosa.

Na região amazônica e nas áreas indígenas do Brasil há muito tempo se inciou um processo de reflexão, estudo, partilhas, experiências no âmbito da inculturação litúrgica. A seguir, ouviremos o relato da experiência do Padre Georg Lachnitt, Salesiano, inserido no contexto das missões indígenas com o povo Xavante, Brasil.

2. Os caminhos

O povo Xavante, que durante décadas fugiu do contato com o mundo externo, durante os anos 50 viu-se constrangido a procurar apoio para garantir sua própria sobrevivência, devido à perseguição e a possibilidadere real de ser exterminado. Antes disso, procurava o isolamento, afastando-se e defendendo-se do contato com o mundo externo. Os Salesianos, num primeiro momento, procuraram inultilmente contatá-los: infelizmente, dois filhos de dom Bosco foram mortos pelos Xavantes em 1934.

No dia 4 de agosto de 1956, um grupo de Xavantes aproximou-se da Missão, que os Salesianos haviam iniciado junto ao povo Bororo, procurando ajuda sanitária e segurança. Um outro grupo, no dia 24 de fevereiro de 1957, aproximou-se da Missão de Sangradouro pedindo para permanecer.

Os missionários logo começaram o processo prolongado de catequese, em língua portuguesa, recorrendo a um intérprete Xavante que parecia entender melhor a língua do missionário. Revivendo os ritos culturais na Missão e, sobretudo, os incisivos e demorados ritos de iniciação à vida adulta e, mais tarde, os ritos de iniciação religiosa tradicional, os missionários viram-se provocados a rever o estilo de catequese batismal. Muitos dos ritos tradicionais dos Xavantes lembram o Rito de Iniciação Cristã de Adultos, resgatado após o Concílio Vaticano II.

3. A Iniciação Tradicional Xavante

Na tradição cultural dos Xavante, há dois tipos de formação: uma à vida adulta, outra à vida religiosa tradicional. A primeira é composta por três etapas com duração de cinco anos cada uma. A segunda também se caracteriza por haver três etapas, non entanto, com uma duração mais prolongada, quinze anos cada uma. Cada uma dessas etapas tem seus exercícios, seus comportamentos, que preveem a participação de representantes da comunidade indígena. Um homem será plenamente iniciado à vida adulta por volta dos 27 anos de idade e à vida religiosa tradicional por volta dos 50 anos. A vida Xavante, como podemos notar, está em permanente ritmo de iniciação progressiva. Deve-se salientar que os ritos de passagem em suas várias etapas são celebrados num espaço de tempo que dura mais ou menos três meses.

4. A influência da vida cultural na vida cristã

Existem diversas práticas de Iniciação Cristã que influenciaram a postura dos missionários e das missionárias atuantes e inspiraram a formação à vida cristã por etapas de dois anos cada uma, de acordo com o RICA. Esta formação pareceu tão sugestiva aos indígenas e aos missionários a ponto de fazer com que os missionários buscassem novas formas de preparação ao batismo cristão. A tradução do RICA em língua Xavante cedo acostumou os indígenas às ritualidades da iniciação cristã, inclusive para aqueles que já tinha sido batizados na infância, pois estava em consonância com a cultura indígena, ainda que a duração das etapas previstas no RICA fosse de apenas dois anos e não três como na cultura Xavante.

É evidente que a formação para a Iniciação Cristã dada ao primeiro grupo de Xavantes foi muito dispendiosa. Isso porque os catequistas e padrinhos, estes últimos necessários em todos os ritos da Iniciação Cristã, segundo a cultura Xavante, precisavam antes de tudo entender a doutrina da fé cristã, que lhes era ensinada pelos missionários e missionárias em língua portuguesa. Outro fator

de impedimento inicial era que os missionários precisavam, simultaneamente, aprender a língua indígena, na qual a catequese e os ritos progressivos seriam celebrados. Toda a catequese ministrada pelo catequista indígena foi e é feita em língua Xavante.

5. Escolha dos padrinhos e das madrinhas

Se no início, os padrinhos e as madrinhas eram os missionários e as missionárias, quando o RICA assumiu os traços indígenas, padrinhos e madrinhas devem ser obrigatoriamente indígenas. O Rito de iniciação Cristã dos Xavantes, respeita a ordem dos ritos dessa tribo.

Para os Xavantes a escolha dos padrinhos é um ponto crucial, pois eles têm papel fundamental na formação dos iniciandos. Em um rito demorado, apresenta-se à comunidade os padrinhos, outorgando-lhes autoridade e possibilidade concreta de atuação no acompanhamento dos catecúmenos. São os futuros catecúmenos que indicam seus padrinhos e madrinhas, todavia são os pais quem efetivamente os escolhem. O RICA Xavante prevê o ritual de instituição dos padrinhos.

É interessante notar que em todos os ritos do RICA o padrinho tem que obrigatoriamente estar presente: ele exerce uma função ritual, como, por exemplo, no rito de entrega dos Evangelhos, o padrinho recebe o livro do sacerdote e, por sua vez, o entrega a seu afilhado.

Os critérios para a escolha do padrinho foram moldados a partir da cultura indígena: o padrinho tem que pertencer ao clã oposto, somente ele pode corrigir seu afilhado, enquanto aos pais cabe sempre o papel de defesa de seus filhos, mesmo que tenha cometido uma falta pública. Também aos pais cabe aconselhar os filhos e defendê-los, não, porém, corrigi-los.

Na Aldeia São Pedro, durante o Rito de Entrega, presidido pelo catequista, foi celebrada a entrega do Credo e do Pai Nosso, de norma feita pelos padrinhos no centro da aldeia, com os catecúmenos ajoelhados para recebê-lo. Concluímos que os padrinhos e madrinhas externos teriam muita dificuldade de se fazerem presentes em todos os ritos intermediários.

6. A escolha do catequista

Certa vez, na Aldeia Namuncurá, tínhamos celebrado os sacramentos do batismo. Passado um tempo, conversei com o catequista aprovado pela comunidade para iniciar um novo grupo. Ele recusou categoricamente. Insisti, mesmo

assim, e anunciei o início de um novo grupo para o domingo seguinte. Ninguém apareceu. É que a comunidade escolheu um catequista de outro clã, com seus defeitos conhecidos. "Os velhos garantem que ele não pula fora da linha". Numa outra comunidade, o motorista da comunidade foi escolhido como catequista. Certo dia, quando ele voltou da cidade, ao meio dia, bastou que desse um pequeno gritinho para reunir todos os catecúmenos para catequese.

Nos ritos mais incisivos do RICA, os catecúmenos são ornados à maneira indígena com urucum no corpo e nos braços e carvão nas pernas, além de colares e cordinhas. Os adornos são de competência do pai. Também catequista e o sacerdote têm que ser ornados em consonância com os critérios de sua autoridade.

Os pais e, sobretudo, os idosos são autoridades e podem aparecer durante a catequese. Nesses momentos, o catequista com todo o prazer cede espaço para que eles façam sua intervenção. O sacerdote e a missionária, quando presentes, são convidados a introduzirem-se. E não devem recusar!

7. A escolha dos batizandos

Certa vez, na aldeia Namuncurá, uma semana antes do primeiro domingo da quaresma, convoquei uma reunião com o objetivo de avaliar os catecúmenos que deveriam ser admitidos ao batismo. Na ocasião, até os pecados mais recônditos foram denunciados.

Os catecúmenos, por sua vez, ouviam tudo de cabeça baixa. Como foram quebradas as regras de pertença ao clã, instaurou-se uma verdadeira batalha que durou até às duas horas da tarde. Ficou certo que no domingo próximo a discussão seria terminada. No entanto, para a minha surpresa, no domingo seguinte, quando cheguei próximo à aldeia, o cacique, que me esperava do lado de fora, bradou: "Padre, foram todos aprovados"! Discutimos ainda por uma semana inteira. Retruquei que fulano e fulana tiveram sérias acusações, ao que ele respondeu: "Passaram tanta vergonha que nunca mais vão repetir o que fizeram". Daí, celebrou-se com sentimentos gratos o Rito da Escolha para o Batismo no Sábado Santo.

O comportamento ritual típico dos iniciandos é praticado por todos, mesmo pelos idosos. Atendem prontamente quando convocados para a catequese. Neste caso e em todos os ritos mantêm a cabeça inclinada, não reagem quando são coletivamente corrigidos, não falam, e aceitam todas as recomendações para as práticas rituais. Em resumo, são iniciandos, seja nos ritos indígenas seja nos ritos cristãos. O comportamento ritual indígena transfere-se a todos os ritos cristãos com muito rigor, a tal ponto que os padrinhos ou os idosos podem fazer observações que devem ser rigorosamente obedecidas.

No Sábado Santo, desde cedo, os catecúmenos são convocados pelos catequistas para a catequese; em alguns casos a catequese pode durar até as 14:00 horas. É a preparação imediata para os Ritos de Iniciação. Terminada a catequese, começa a preparação e ornamentação ritual para os ritos cristãos, que pode durar horas, pois, além de ornamentados com senso artístico, tudo precisa ser feito com muita dedicação e esmero. O algodão e o urucum têm que ser plantados no ano anterior e preparados para o uso ritual, o carvão tem que ser colhido no cerrado depois das queimadas e ser aplicado nas pernas. As cordinhas para as pulseiras de pulso e de tornozelo têm que ser preparadas com muito cuidado.

O dia do batismo normal é a Vigília Pascal, pois a Páscoa é o centro da vida e liturgia cristã. Também entre os indígenas, toda a liturgia da Vigília Pascal é toda centrada na morte e ressurreição de Jesus Cristo. O lugar litúrgico celebrativo é sempre o centro da aldeia, a não ser que a chuva obrigue a procurar um outro lugar. Não há tempo delimitado para o ritual pascal, pois tudo tem que ser realizado com calma. Os catecúmenos, tendo atrás de si os padrinhos, são dispostos sempre em um semicírculo. O sacerdote ou bispo posicionam-se na abertura do semicírculo. Ultimamente, o bispo diocesano autorizou os sacerdotes a administrar também o sacramento da Crisma, logo depois do batismo. Que imagem impressionante! ver todos e todas de cabeça levemente abaixada, todos pintados a rigor segundo as tradições indígenas, inclusive os padrinhos.

8. Um caso de adaptação progressiva

Certa vez, na aldeia Namuncurá, durante os anos oitenta, quando o Rito de Iniciação Cristã indígena ainda estava em construção, um catequista veio-me perguntar, com muito cuidado, se os batizandos poderiam cortar o cabelo à maneira Xavante. Tendo eu respondido positivamente, emendou outras perguntas: a primeira era se poderiam fazer a tonsura, como manda a tradição religiosa Xavante, confirmei, embora ignorasse àquela altura o significado desse ritual; a segunda era se fosse permitido aos indígenas pintar a tonsura com urucum; a terceira pergunta era se o sacerdote poderia derramar a água do batismo sobre a tonsura.

Respondidas todas as dúvidas procedemos ao batismo. No escuro da noite, os catecúmenos chegaram divididos por duas filas, uma de homens, outra de mulheres. Os homens estavam vestidos de calças pretas, sapatos pretos, camisas brancas e gravatas. As mulheres de vestidos brancos, tênis e meias brancas. Somente dois idosos vestiam-se segundo as tradições indígenas. Aí entendi a preocupação do catequista com a tonsura. Ela representava, na verdade, o único elemento próprio da tradição Xavante.

No momento da efusão da água sobre a cabeça dos batizandos, cada madrinha ofereceu-me uma cabaça d' água, necessária para o rito.... Naquele instante, pensei comigo 'Aonde vai parar a água misturada ao urucum?'. Tive medo de sujar-lhes as vestimentas. Pedi, então, que no momento da efusão inclinassem a cabeça. Todavia, uma mulher reagiu energicamente, dizendo-me: "faça desse jeito mesmo"! Eu, de minha parte, batizei economizando água para não sujar suas roupas. Quando cheguei à terceira mulher, escutei a reclamação muito sincera da primeira madrinha: "Ö tsyryre di, padre Jorge tsõti!" (Quão pouca água! Pe. Jorge é um mesquinho!). Dito isto, a madrinha mesma derramou o resto da água da cabaça – e foi muita - sobre sua afilhada, recém-batizada. O ritual do batismo continuou e todas as madrinhas "completaram" o batismo derramando toda a água da cabaça sobre os neófitos. Não preciso dizer que o urucum descia junto com a água, o que manchou-lhes a roupa. Mas isso era sinal de orgulho naquele dia.

Só em 1986, quando assisti o rito da iniciação religiosa Xavante, percebi a importância da quantidade de água usada no rito. Nesse ritual Xavante, depois de quinze dias de danças ininterruptas e abstinências (a comida era-lhes oferecida apenas de noite), é encenada a *dança da morte simbólica*: um grito estridente! Todos caem desmaiados... é exatamente meio-dia. Então, entram em cena as mães e as madrinhas, carregando cabaças cheias d'água para derramá-la abundantemente sobre o desmaiado, até que recupere os sentidos e volte à vida. Na concepção Xavante, batizar significa primeiro morrer para depois ressuscitar através da água jorrada abundade. Aprendi a lição! Aquele batismo foi o último onde os catecúmenos vinham vestidos como os "brancos". Hoje em dia, todos vêm ornados com pinturas e adornos próprios da tradição Xavante

9. Os paramentos do sacerdote

É evidente que, neste contexto indígena tradicional, os paramentos romanos não têm muito sentido. Os Xavantes cobram que o sacerdote seja ornado como os indígenas. No lugar da estola, recebe o colar de algodão branco com uma pena atrás. O corpo e os braços são pintados de vermelho através de uma mistura de urucum, sabonete e cuspe, que é aplicada na parte superior e nos braços. Nas pernas, tem-se a pintura com carvão e saliva, como de costume. Depois recebe nos pulsos e nos tornozelos as cordinhas de buriti ou algo semelhante que significam muito para os indígenas.

Certa vez, na aldeia São Pedro durante uma Vigília Pascal, os Xavantes dançaram em semicírculo e cantaram o canto do *Datsiwaiwere*, para a cura de doenças. Enquanto isso, eu atendia às confissões. Foram quase três horas sentado

no centro do círculo! Tendo terminado, voltei ao altar. Mas não havia mais altar. No lugar do altar, tinha uma esteira de palha de urucum, com os apetrechos dispostos em cima. Eu vestia os paramentos normais. Então, os anciãos juntamente com o cacique rodearam-me e o cacique falou: "Padre, vai celebrar com esta roupa de defunto?", referindo-se à túnica. Daí, ofereceram-me um short vermelho e pintaram-me. "Agora está bonito para a Páscoa!", "disseram. Desse jeito, celebramos a Páscoa com os vigorosos cantos e com as danças indígenas, batizando e distribuindo a primeira comunhão, um xavante entre os Xavantes. Que vibração por parte da comunidade!

As notícias daquela celebração correram velozmente e, nas outras aldeias, cobraram que eu fizesse como tinha feito ali. Isso acontece agora normalmente na Páscoa!



Através do Catecumenato e dos ritos da Iniciação Cristã, o cristianismo penetrou na alma e na cultura Xavante.



9. AMAZÔNIA E CARIDADE: SERVIÇO DE PROMOÇÃO HUMANA

Dom Antônio de Assis Ribeiro[31]*, sdb*

Introdução

Quero iniciar esta reflexão manifestando os meus parabéns à Universidade Pontifícia Salesiana por essa iniciativa tão importante e oportuna, que revela o seu profundo senso de Igreja e sintonia com os grandes temas em debates da atualidade. É dentro desse contexto que se apresenta o tema da promoção humana, um tema que ultrapassa as fronteiras amazônicas[32].

[31] Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belém – Pará. Especializado em Teologia Moral.

[32] Bibliografia: Becker, B., *As amazônias: ensaios sobre geografia e sociedade na Amazônia.* Vol 3. (Rio de Janeiro 2015). Boff L., *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (Rio de Janeiro 2004). CELAM: *Carta Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano. Discípulos missionários, guardiões da casa comum: discernimento à luz da Encíclica Laudato Sii* (Bogotá 2018). CELAM: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, *Documento de Aparecida* (São Paulo 2007). CNBB Regional Norte II, *Vida sustentável na Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.* CREAM – Comissão para a Evangelização na Amazônia. Caderno N. 6, Ano 2018. CNBB Regional Norte II, *Os cristãos e as eleições. "Alegres por causa da Esperança"* (Rm 12,12). Cartilha de Orientação Política, CNBB Regional Norte II (Belém-Pa 2018). CNBB Regional Norte II, *Fermentando a Paz. Projeto Fundo Nacional de Solidariedade.* CEPAST – Comissão Episcopal para a Ação Social Transformadora, S/D. CNBB Regional Norte 1,2, *Linhas prioritárias da pastoral da Amazônia. "Cristo aponta para a Amazônia".* IV Encontro da Pastoral da Amazônia (Santarém 1972). CNBB, *Igreja na Amazônia: Memória e Compromisso. Conclusões do Encontro de Santarém* (Brasília 2012). CNBB, IV Congresso Missionário Nacional. *Missão permanente: reflexões e propostas* (Brasília 2017). CNBB, *Missionários para a Amazônia*, N. 100 (Brasília 2011²). CNBB, Texto Base da Campanha da Fraternidade, 2007. *Fraternidade e Amazônia: Vida e missão neste chão* (São Paulo 2006). Comissão Episcopal Para a Amazônia, *Seminário Nacional sobre evangelização dos povos indígenas* (Brasília 2017). Congregação Para a Educação Católica, *Educar ao humanismo solidário para construir uma civilização do amor: 50 anos após a "Populorum o Progressio"*, Orientações (Brasília 2018). Congresso Internacional Da Vida Religiosa. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade.* CRB (São Paulo 2005). Correa, A.T., O *que pretende a Igreja?* em: Jornal Voz de Nazaré. I Caderno, Edição 863, de 15 a 28 de fevereiro de 2019, 3. Da Silva O.A.; Homma A. K., (Org.), *Pan-Amazônia: Visão Histórica, Perspectivas de Integração e Crescimento*. Manaus: (FIEAM), 2015. em: https://www.academia.edu/ 20077548/PAN-AMAZ%C3%94NIA_Vis%C3%A3o_Hist%C3%B3rica_Perspe ctivas_de_Integra%C3%A7%C3% A3o_e_Crescimento (acesso 02/03/2019). Diretório Pastoral Da Arquidiocese De Manaus (2015). Francisco, *Evangelii Gaudium,* CNBB (Brasília 2013). Francisco, *Laudato Sii,* CNBB (Brasília 2015). Krautler E., *No coração da Amazônia.* Comissão Episcopal para Amazônia. S/D. Modino L.M., *Migração, tráfico de pessoas e sínodo*; em: Boletim do Sínodo sobre a Amazônia. N. 4, pag. 7, 20/09/2018 - Assessoria de Imprensa da REPAM-Brasil e Comissão Episcopal Especial para Amazônia/CEA.

A realização de um Sínodo é sempre uma convocação para que todo povo católico caminhe em sinergia, falando a mesma linguagem, em comunhão de ideais e partilhando experiências da paixão pela promoção do Reino de Deus.

De fato, a experiência da Caridade na Amazônia, se manifesta na promoção humana como o mais eloquente compromisso de promoção do Reino de Deus. Não há Reinado de Deus, onde não se respeita, não se tutela, não se defende e nem se promove a dignidade humana. Assim narra o evangelista Mateus descrevendo a ação missionária de Jesus intimamente vinculada à promoção da vida:

«*Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia*" (*Mt* 11,4-5).

A Igreja, onde quer que esteja, segue fielmente o dinamismo pastoral de Jesus. A missão da Igreja transcendendo a pregação e a liturgia, se compromete com a promoção do Reino como exigência do amor a Deus e ao próximo. Por isso, a Caridade nos move a promover em qualquer lugar no planeta os mais variados serviços de promoção humana. A Caridade inspira o dinamismo pastoral da Igreja presente na Amazônia.

1. Referências fundamentais

O nosso olhar sobre a promoção humana na Amazônia está condicionado por três fontes de referências: o Evangelho, a Doutrina Social da Igreja e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

São referências de fundamentação da nossa sensibilidade e dinâmica pastoral e que tem como função nos estimular a:

- **contemplar** a beleza da dignidade e da vocação humana;
- **inspirar** projetos, métodos de ação, critérios de avaliação atividades hierarquizadas;
- **estimular** o compromisso de preservar e promover o mais precioso dos tesouros, o ser humano;

Pereira J.C., Borba R., *Pastoral da ecologia e do meio ambiente.*,CNBB (Brasília 2016). Plano De Evangelização Da Diocese De Ji-Paraná, *Uma Igreja discípula, profética, missionária, sinal do Cristo vivo e libertador* (Ji-Paraná –Ro 2013). Plano Pastoral Da Arquidiocese De Belém: 2017-2020. Pontes F., *Povos da floresta: cultura, resistência e esperança.* REPAM (São Paulo 2017). Verzeletti C., *Uma Igreja que se aproxima, escuta, ilumina a família, os jovens e as periferias.* Carta Pastoral, Diocese de Castanhal (2019). Video: https://youtu.be/LxdZ1XyWGmc. (acesso 03/01/2019).

- **discernir** as situações de ambiguidades mostrando onde nossa opção deve ser radical;
- **direcionar** o nosso coração e a nossa mente para o cuidado com o desenvolvimento humano integral.

Por isso somos convidados ao exercício de um olhar sobre a Amazônia com uma sensibilidade que supere os parâmetros meramente jornalísticos e sociológicos. O nosso olhar sobre a Amazônia não é científico e nem técnico, mas ético, teológico, eclesial e pastoral. O fundamento de tudo, sobre o qual se baseia a promoção humana pela Igreja, é o ardor da Caridade Pastoral.

2. A complexidade da Amazônia

"Não podemos falar com seriedade da promoção humana na Amazônia sem considerarmos a complexidade dessa realidade em suas diversas dimensões".

Dimensão Geográfica: a Amazônia abrange mais de sete milhões e meio de quilômetros quadrados, compreendendo nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guyana, Peru, Suriname, Venezuela, Guiana Francesa; nessa área geográfica há planuras, rios, lagos, pântanos, campos, montanhas e diversidade de climas.

Dimensão Biológica: a Amazônia é o maior santuário da biodiversidade do mundo; o ser humano está em profunda relação com esse universo biológico; concentra 25% de todas as espécies vivas do planeta.

Dimensão Antropológica: a Amazônia é um santuário de povos, culturas, nações, línguas; são povos indígenas, caboclos, negros, mestiços, europeus; só de povos indígenas a Amazônia está constituída por cerca de 400 povos e nacionalidades diferentes.

Dimensão Política: são nove países diversos entre si, isso significa governos, leis, sensibilidades e contextos históricos de nacionalidade diferentes.

Dimensão Econômica: a Amazônia é um ambiente onde há grandes tensões econômicas: agronegócio, economia doméstica, extrativismo, turismo, indústria, riqueza, pobreza, miséria, agricultura familiar, desequilíbrio de investimentos; por outro lado nenhum país tem a mesma situação econômica do outro.

Dimensão Social: na Amazônia há uma grande variedade de contextos sociais, não é somente um universo de fauna e flora. Em toda a Panamazônia somam 34,1 milhões de pessoas e constitui a região com a população economicamente mais pobre de todo o continente americano; por outro lado, cada ambiente desses tem uma história.

Dimensão Religiosa: na Panamazônia não existe somente o cristianismo católico, mas também o protestante e neopentecostal; há um grande universo religioso formado por religiões indígenas, movimentos religiosos naturalistas, religiões de origem africana, o judaísmo, o islamismo e um variado sincretismo religioso.

Dimensão subjetiva (atores sociais): a promoção humana na Amazônia não depende, exclusivamente, da Igreja católica, há nessa imensa região uma grande diversidade de sujeitos que, de diversas formas promovem a dignidade humana: governos, instituição de controle social, Igrejas, ONG, movimentos sociais, empresas, organizações populares, instituições internacionais...

Dimensão contextual (existencial): no que diz respeito à promoção humana, não basta falar da diversidade dos povos e culturas, devemos também considerar a variedade de contextos existenciais: o indígena, ribeirinho, rural, negro (quilombola) urbano, urbano periférico, urbano central de classe média. Há uma psicologia que caracteriza cada contexto.

3. A interdependência dos sujeitos, problemas e dos recursos

O serviço de promoção humana desenvolvido pela Igreja Católica, nos mais variados contextos e países amazônicos, não está dentro de uma redoma, muito pelo contrário, trata-se de um serviço encarnado numa complexa teia de relações entre sujeitos com mentalidades, interesses e meios diferentes de atuação. Nada está isolado, tudo está em relação; tudo está interligado, tanto na natureza quanto nas relações humanas.

Não podemos conceber uma relação de intervenção passiva sobre qualquer realidade na Amazônia. Nenhum ator social é portador de soluções para todos os problemas. Por isso, não podemos conceber nenhuma forma de "heroísmo solitário! " A sabedoria da Igreja, fiel aos seus princípios e missão, se manifesta na capacidade de interação dialogal com outros sujeitos. Mas é chamada a ser coerente com os seus ideais, testemunhando sua postura profética firmeza e destemida.

Também somos conscientes de que nenhum recurso técnico ou grupo de recursos humanos, constitui o remédio para todos os males presentes na Amazônia. Por isso a Igreja no exercício da promoção humana deve sempre ter presente a necessidade da interação com outros atores sociais.

Outra questão muito importante que devemos considerar na promoção humana, é o fato de que a Amazônia de hoje não é uma realidade puramente natural: já temos vários séculos de intervenção humana, de exploração predatória da natureza e de agressividade nas relações entre povos e nações.

Diante dessa realidade histórica, a promoção humana em sua profusão deve também considerar a gênesis de cada situação, por exemplo, da pobreza, do isolamento, da frágil consistência das políticas públicas, enfim, de todo e qualquer atentado contra a dignidade humana.

4. A necessidade do duplo foco: socio-ambiental

Não podemos mais tratar questões Amazônicas com uma mentalidade extrativista (fonte de recursos), naturalista (tudo é natural), ambientalista (míope atenção à biodiversidade), economicista (laboratório de produção: carne bovina, grãos, geração de energia, montagem industrial). Todos esses modelos são reducionistas, pois não levam em consideração a questão da transversalidade das relações.

A dimensão antropológica é intrínseca ao ecológico e ao ambiental. A questão da promoção humana abraça a totalidade das dimensões da existência do ser humano, independente do seu contexto.

Por isso, a promoção humana, não significa uma atividade diretamente voltada e restrita à pessoa, mas para a totalidade das condições da vida humana, portanto, faz parte dela também o cuidado com a "casa comum". Nessa perspectiva "eco-antropológica" a promoção humana significa o desenvolvimento da ecologia integral.



A promoção humana "eco antropológica" significa o desenvolvimento da ecologia integral.

5. Exigências da promoção humana na Amazônia

As exigências fundamentais da promoção humana são sempre as mesmas em qualquer lugar do mundo, todavia, é necessário, considerarmos o contexto existencial das pessoas presentes em cada realidade. Há sempre uma variedade de fatores que condicionam a gestão, a metodologia e o dinamismo dos projetos, ideias e sonhos. No caso da Amazônia mencionamos:

- A promoção humana não pode ser desvinculada da questão ambiental; não se trata de um puro critério de equilíbrio sócio-ambiental, mas sobretudo, na base do pensar o desenvolvimento humano deve-se considerar o contexto específico da ecologia (o ser humano como parte integrante da biodiversidade).
- Acolher a pessoa humana na sua totalidade de dimensões: pluridimensionalidade natural (visão holística); na Amazônia muitos modelos de desenvolvimento já faliram, justamente porque não consideraram a complexidade das suas dimensões: ambiental, climática, antropológica, cultural, psicológica, religiosa.
- A promoção humana é um compromisso que, abraçando a totalidade da pessoa humana, em todos os contextos e situações, exige ação conjunta: nenhum ator social é, isoladamente, o responsável pela acolhida, tutela, defesa e promoção da pessoa humana; a Amazônia, por sua própria, natureza, exige interação, senso de corresponsabilidade, ação conjunta, parcerias. Infelizmente ainda na gestão da promoção humana na Amazônia, nem sempre os diversos atores sociais convergem e se esforçam para serem bons parceiros, colaboradores uns dos outros; onde há modos variados de compreensão da dignidade humana (e do valor da vida humana), há conflitos, inimizade, antagonismo, polarização.
- A promoção humana exige intervenção em todos os contextos socioculturais: indígena, negro, rural, ribeirinho, urbano (centro e periferia); é preciso exorcizar os fortes resquícios de uma concepção fragmentada e demonizada de alguns atores sociais que cria barreiras e gera antipatias (governos, empresas, fazendeiros, militares, ONGs...); cada ator social tem uma profunda responsabilidade que deve ser resgatada por sua dignidade vocacional; onde cresce o mundo do antagonismo todos perdem e se enfraquecem, e se relaciona em estado de "guerra fria".
- A promoção humana, enquanto desenvolvimento integral, exige a superação de alguns limites: o romanticismo amazônico ("Amazônia paraíso", "Amazônia turística", "Amazônia eldorado", "Amazônia das fontes abundantes", "Amazônia província energética" e também conceitos

opostos como aquele do "Amazônia inferno verde"), o ambientalismo minimalista (progressista), o ambientalismo radical (conservador), o extrativismo predatório, a superação da demagogia ambientalista que descarta o desenvolvimento integral e iguala a dignidade da pessoa humana à das árvores e animais; a superação da mentalidade fatalista que ainda esta fortemente presente na mentalidade do povo (indígena e caboclo interiorano – influxo dos mitos) e do longo tempo de opressão; a superação do forte sentimento de inferioridade.

6. Compromissos importantes da Igreja Católica para a promoção humana na Amazônía

- estar numa atitude de "contínua saída" para contemplar a realidade; a Amazônia é uma realidade complexivamente dinâmica que está em contínua evolução, sobretudo, como consequência da ação humana; não podemos conservar uma visão fixista, ou estática da Amazônia; a Igreja é chamada a ser hermeneuta desse dinamismo;
- como boa samaritana da humanidade a Igreja é chamada a aproximar-se, "descer", a "encarnar-se" sempre mais, a ouvir os clamores e a estender a mão aos sofredores e ameaçados em sua dignidade (cf. *Ex* 3,7-10);
- escutar a realidade não significa dar atenção somente aos gritos de dor, mas também é acolher as alegrias, as conquistas, os dons, as riquezas, as oportunidades, os sonhos;
- testemunhar a alegria do Evangelho, da esperança e da serenidade, sobretudo nos contextos sócio-pastorais mais hostis, evitando assim a "pastoral da raiva" (o conflito desnecessário, os antagonismos, a postura agressiva, as iniciativas ideologizadas, atitudes maniqueístas, antipáticas e polarizadas);
- estabelecer parcerias saudáveis com outros atores sociais que assumem causas saudáveis que tenham afinidade com os valores do Evangelho, juntos podemos dialogar, somar, contribuir, promover em rede a cultura da vida e da ecologia integral; e onde há opressor, eles são chamados à conversão; para isso precisam ser evangelizados. A vontade divina não é a morte do opressor, mas sua conversão (cf. *Jr* 35,15; *Ez* 18,23); precisamos evangelizar os ricos[33] (cf. *Lc* 16,19-31; *Lc* 19,1-10);

[33] Cf. CELAM: *Conclusões da III Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano. Documento de Puebla*, ano 1979. N. 1156; Francisco, *EG* 58 (os ricos devem ser ajudados a serem solidários); *Documento de Aparecida*, 395 (dar-lhes orientações éticas em relação à economia).

- assumir a atitude de compaixão diante dos dramas humanos e socio-ambientais, testemunhando ousadia, iniciativas proféticas, corajosas, provocantes e sermos capazes de pronta intervenção, sobretudo, em situações de grave vulnerabilidade social (ocupações, periferias, violência... Igreja boa samaritana, Igreja Marianamente apressada);
- evitar a arrogância e a frieza, cultivando a simplicidade e a humildade nas iniciativas pastorais, na pregação, na liturgia, nas organizações eclesiais;
- conservar a paciência dinâmica e estimular a cultura de processos de transformação;
- evitar e combater o assistencialismo social que gera dependência e estimular a mentalidade empreendedora e cooperativista, superando a tendência ao comodismo e ao isolamento;
- educar para a promoção da auto-estima, da inquietude social, da projetualidade que contribui para a geração da cultura da autossustentabilidade;
- evitar o "paternalismo pastoral" que é uma forma de evangelizar e catequizar que não favorece o crescimento das pessoas, não forma sujeitos, nem promove líderes;
- evitar o messianismo sociorreligoso que se manifesta como aquela atitude de arrogância na promoção humana que deprecia todos os outros atores sociais e radicaliza a postura, meios e as ideias da Igreja como solução para tudo.

7. O que a Igreja Católica já vem fazendo?

A Igreja Católica na Amazônia, em todos os países, tem uma atuação que dura já quatro séculos de evangelização e promoção humana; evangelização e promoção humana sempre caminharam juntas ao longo de toda essa história. Todavia, é necessário considerarmos os contextos históricos. Por isso podemos afirmar que nem tudo aconteceu da mesma forma e com a mesma sensibilidade de hoje.

A contribuição da Igreja para o desenvolvimento humano na Amazônia no passado foi marcante através da promoção da Saúde (hospitais), educação (escolas formais, escolas agrícolas, internatos educação integral, ensino superior, centros sociais e de formação profissionais), da promoção da economia (tecnologia, produção), da comunicação e cultura (rádios, TV), da defesa da vida, dignidade dos povos indígenas e negros escravos, das organizações sociais (associações, grupos, conselhos, assembleias, foruns...).

A Igreja Católica na Amazônia tem contribuído com a promoção humana através das mais variadas organizações pastorais: pastoral da educação, pastoral

da saúde, pastoral dos enfermos, pastoral da mulher, pastoral carcerária, pastoral da comunicação, pastoral da criança, pastoral da juventude, pastoral do menor, pastoral da itinerância, pastoral afro, pastoral indigenista; pastoral da mobilidade humana, pastoral da pessoa idosa, pastoral da sobriedade, pastoral da terra, pastoral dos moradores de rua, pastoral do surdo, pastoral do turismo, pastoral dos pescadores, pastoral dos refugiados, pastoral familiar, pastoral universitária... Cada uma dessas pastorais representa uma resposta da Igreja a uma situação humana específica.

Além das pastorais, a Igreja Católica, atua na promoção humana através de organismos tais como: a Caritas, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a CPT (Comissão Pastoral da Terra), CDDH (Centro de defesa dos direitos humanos), as CEBs, as Congregações religiosas, os Movimentos, as Associações, os Institutos de Vida Apostólica, Novas Comunidades...

Graças a essa ampla, secular, convicta presença e testemunho da Igreja na promoção da dignidade humana, temos hoje muitos mártires; pessoas que deram a vida pelo povo defendendo a dignidade humana, testemunhando o Reino de Deus.

8. Graves situações que atentam contra a dignidade humana na Amazônia

- violências: doméstica, sexual, abusos, violência no campo, na religião, desprezo pela identidade cultural indígena;
- narcotráfico: que promove a mortes de jovens, intolerância, vícios, dependência, ameaças;
- alienação popular: enfraquecimento do protagonismo (dos povos), alienação, messianismo, demagogia populista, clientelismo político, comodismo, dependência das bolsas do governo, frágil inquietude;
- alcoolismo: esfriamento dos vínculos familiares, conflitos, vícios, hostilidade, negligência, separação, desagregação familiar, abandono do lar;
- injustiça econômica: geradora do abismo entre ricos e pobres; pobreza indígena, cabocla e ribeirinha, pouco investimento no campo, inexpressividade da economia solidária;
- êxodo rural: crescimento das periferias das grandes cidades, agronegócio violento (envenenamento do solo e poluição dos recursos hídricos); pouco investimento tecnológico no campo para os pequenos produtores;
- analfabetismo: cultural (não conhecimento da própria cultura), moral (crise de valores), religioso (não conhecimento doutrinal, devocionismo, superstições), político, jurídico, manipulação, alienação das pessoas...

- migração: maus tratos, xenofobia, criminalização de migrantes e refugiados; o tráfico de pessoas, especialmente de mulheres para fins de exploração sexual e comercial;
- deficitário investimento na saúde pública no interior, falta de educação higiênica e preventiva;
- desenvolvimento economicista: que prioriza a produção econômica, o lucro, o extrativismo predatório, a exportação, os grandes negócios, as grandes empresas, os grandes projetos deixando de lado a força do trabalho dos pobres, negação da agricultura familiar, fraca economia solidária;
- violação de direitos humanos: a impunidade, sistema judiciário que favorece os economicamente poderosos por causa da possibilidade da apelação para recursos de instância superior a pagamento; cárcere privado, exploração trabalhista no campo;
- ausência da autoridade do Estado: corrupção nos Órgãos públicos, indiferença, desperdícios de recursos, miopia na gestão do bem comum, interesses privados;
- crise do sentido comunitário: individualismo, crise de lideranças, enfraquecimento do tecido social e comunitário, crise das associações de moradores, colapso dos conselhos (comunitários, municipais, estaduais), personalismo.

9. Metas desafiadoras da promoção humana na Amazônia?

A meta das atividades de promoção humana é o desenvolvimento integral. Devido a complexidade da abrangência dessa questão proponho metas a partir dos seguintes eixos ou campos de ação:

Relacionamento: aproximação e acolhida – cultivar a boa samaritanidade[34]

- exercitar-se continuamente no ato de sair, de ir encontro, de aproximar-se da realidade existencial dos outros, de interessar-se pela situação deles;
- cultivar uma atitude de empatia, simpatia, abertura, ternura;
- ser presença solidária em todas as circunstâncias da vida do povo, e não simplesmente como consequência de uma denúncia;

[34] "Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele" (*Lc* 10,33-34). Temos aqui uma pedagógica sequência de verbos: sair, ver, sentir, aproximar-se, agir, assumir, pagar...

- alimentar a amizade, o bom relacionamento através da visita gratuita e perspicaz;
- a promoção humana não deve ser vista como ação técnica! É relacionamento humanizante! Por isso a promoção humana, não pode ser um frio serviço! É preciso conciliar o técnico-metodológico com o afetivo-relacional.

Promoção da identidade (crise): dignidade humana, valores, sentido da vida.

- integrar na evangelização um profundo e explícito compromisso com a sacralidade e dignidade da vida humana;
- educar para a assimilação e promoção dos valores morais, cristãos...
- promover experiências de reflexão e estudo sobre a dignidade humana;
- educar para o pensar e fortalecimento da identidade do povo simples, em vista da superação do medo, da timidez, do anonimato;
- despertar as pessoas para uma visão empreendedora da existência, experiência da liberdade e da responsabilidade diante dos condicionamentos (culturais, naturais, religiosos);



Belém. Procissão do Círio de Nazaré.

Promoção da ética na política: gestão e liderança

- estimular nas comunidades o sentido de pertença: do bem comum;
- promover o acompanhamento da qualidade dos serviços públicos;
- assessoria aos conselhos municipais (de saúde, educação, segurança, direitos das Crianças e adolescentes, assistência social...);
- estimular a promoção de cursos de liderança e gestão.

Edução preventiva: analfabetismo e passividade

- favorecer o conhecimento da realidade amazônica (há muita ignorância);
- promover a presença evangelizadora e educativa estimulando a assimilação da dignidade humana e desenvolvimento humano integral; nas diversas iniciativas pastorais;
- potencializar a dimensão moral da catequese, da pregação, das pastorais (compromissos éticos), movimentos e organismos;
- educar para a projetualidade visando a superação da mentalidade presentista, imediatista, passiva e acomodada;
- educar para ao cuidado e a rejeição da exploração predatória dos recursos naturais.

Cultura dos direitos humanos: violências

- promover a cultura da "ecologia integral" e "eco-antropologia (o ser humano integrado);
- integrar na ação pastoral cotidiana, o conceito de dignidade humana e direitos humanos, como consequência do mandamento do amor a Deus e ao próximo;
- educar para os Direitos humanos e estimular a necessária acolhida da dimensão social da fé e da caridade;
- acompanhar as ações do Estado e o cumprimento das leis (ausência, negligência, corrupção, incompetência);
- defender, tutelar e promover a identidade e os direitos naturais e conquistas legais;
- combater a cultura da impunidade promovendo o senso de corresponsabilidade social.

Espiritualidade: cansaço, medo e desvios

- Jesus não foi um ativista dos direitos sociais, mas promotor do Reino de Deus; viveu sua missão em profunda comunhão com o Pai e, por isso, alertou seus discípulos dizendo-lhes: "Sem mim vocês nada podem fazer" (*Jo* 15,5).

- A consciência de promoção humana de Jesus estava em profunda intimidade com o Espírito Santo:

«*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor*» (*Lc* 4,18-19).

- "Jesus era conduzido pelo Espírito através do deserto" (*Lc* 4,1); Jesus inicia seu mistério entre os pobres da Galileia movido pela força do Espírito (cf. *Lc* 4,14).
- O compromisso de promoção humana da Igreja Católica não pode se reduzir a um puro serviço social; sem vida espiritual há desvio da missão, violência, erros, incoerências, inconsistência, cansaço, perda da integridade, mal-estar, fragmentação pessoal, pessimismo, irritação, perda da esperança, ideologização da pastoral, estresse, "síndrome de bournout!" (esgotamento). Isso tem sido a causa de muitos abandonos na vida sacerdotal e religiosa para muitos e até da fé.
- A Vida Espiritual nos proporciona a experiência de sermos contemplativos na ação, capazes de resiliência e de manutenção da comunhão com a Igreja sem cairmos mas malhas das ideologias. A luta pela promoção humana não deve se reduzir a um mero trabalho social. Somos todos servidores do Reino de Deus.

10. Novas pautas da Agenda Pastoral da Promoção Humana na Amazônia

Falando de "Novas pautas da agenda pastoral da promoção humana" significa compromissos que a Igreja deve reforçar na sua dinâmica de promoção humana. Vejamos alguns:

- trabalhar mais a questão da preventividade em relação aos graves problemas sociais, como por exemplo, o fenômeno da violência, drogadição, corrupção, individualismo;
- abordagem interdisciplinar e interinstitucional na promoção da dignidade humana;
- promover a autossustentabilidade da promoção humana, ainda há uma grande vulnerabilidade das iniciativas e dependência do clero e religiosos (as);
- comprometimento das IES – Instituições de Ensino Superior (Católicas, privadas e governamentais) na promoção da dignidade humana; ainda

não temos uma ação conjunta entre as universidades; as universidades presentes na Amazônia são convidadas a converter seu olhar cientifico para a promoção humana na Amazônia, sobretudo, estimulando os estudantes a abraçarem temas de pesquisa profundamente relacionados à realidade regional com tantas demandas específicas; é necessário o aprofundamento acadêmico da amazonicidade, da caboclicidade e da indigenicidade;

- avançar no desafio da relação entre ecumenismo e promoção humana;
- formar de lideranças políticas e sociais (conselheiros, secretários, vereadores, prefeitos, deputados, senadores);
- promover a Responsabilidade Social das empresas: o Documento de Aparecida nos propôs a promoção da evangelização dos empresários (cf. *DA*, 492) e fala do desenvolvimento da espiritualidade dos empresários (cf. *DA*, 285, 404);
- criar um Fórum permanente ou Observatório da promoção humana na Amazônia;
- promoção da cultura da reflexão sobre a dignidade humana, superando o pragmatismo intervencionista; infelizmente, ainda trabalhamos com o foco nos fatos; continua sendo um desafio a promoção da cultura de processos de desenvolvimento humano;
- promoção da cultura da honestidade e da transparência na gestão de recursos públicos (combate à corrupção);
- estimular a cultura do voluntariado, somos semeadores de esperança!



10. A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS SALESIANOS PARA A AMAZÔNIA

Pe. Juan Bottasso, sdb

1. O contexto histórico

Após a Revolução Francesa e o cataclismo napoleônico, a Igreja daquele país experimentou um vigoroso despertar da vitalidade que também se manifestou no renascimento do espírito missionário, com seu epicentro em Lyon. A França no século XIX era o país com o maior número de congregações fundadas exclusivamente com um propósito missionário.

O livro "Génie du Christianisme" de Chateaubriand interpretou com maestria esta atmosfera, que viu no crescimento das missões uma realização estupenda do mandato de Jesus: "Ide e ensinai", juntamente com a tarefa civilizadora. Neste contexto, foi amadurecendo a mentalidade que mais tarde foi expressa no *slogan* "Evangelizar civilizando, civilizar evangelizando".

Nas mãos do seminarista João Bosco, chegou bastante dessa literatura, que semeou em sua consciência o sonho missionário. Foi algo que o acompanhou toda a sua vida, mas que por muitos anos foi apenas isso: um sonho; algo um pouco nebuloso e que cheirava a romantismo. Somente depois de 1870, quando sua Congregação já era conhecida e multiplicavam-se os pedidos para abrir novas presenças, em diferentes continentes, o sonho tomou-se real.

A maioria dos pedidos de fundação tinha como principal escopo o cuidado dos imigrantes italianos, que aumentavam sempre mais. Em Dom Bosco, no entanto, permanecia a obsessão pelos povos não evangelizados, por aqueles que, além de correrem o risco de se perderem por não conhecerem a Cristo, viviam à margem da "civilização": os "selvagens".

A Argentina ofereceu-lhe a possibilidade de alcançar o duplo objetivo: atender aos imigrantes e evangelizar os pagãos. Dom Bosco tinha os olhos fixos mais nos habitantes da Patagônia e da Terra do Fogo do que nos bairros de Buenos Aires, mas a realidade era diferente da que ele imaginara.

Os Salesianos entraram na Patagônia no exato momento em que o exército argentino travava uma guerra de conquista e extermínio contra os Mapuches.

O famoso sonho, em que o santo previa que os índios adultos seriam transformados através dos jovens educados pela missão, foi tragicamente truncado.

A obra salesiana na Patagônia continuou e foi muito proveitosa, mas enveredou por outro caminho.

Foi então que os filhos de Dom Bosco voltaram seus olhos para a Amazônia indígena. O Bispo de Cuiabá, Carlos D'Amour, pediu pessoalmente a Dom Bosco que enviasse missionários para cuidar dos índios e das escolas da cidade. Este pedido não pode ser atendido pelo Santo, mas por seu sucessor, Dom Rua.

Em 12 de março de 1893, o mesmo ano em que o Vicariato Apostólico de Mendez e Gualaquiza foi confiado aos Salesianos para evangelizar os Shuar, Dom Luis Lasagna foi consagrado Bispo com responsabilidade, nada menos, de atender aos Índios do Uruguai, Paraguai e Brasil. Foi uma tarefa enorme e quase impossível de realizar, mas aquele homem enérgico não se intimidou. Ele colocou as mãos à obra e voltou para a América com 36 missionários. Em 18 de junho de 1894, foram recebidos solenemente pelo povo e pelas autoridades de Cuiabá e imediatamente tiveram os contatos oportunos para iniciar o trabalho com os índios. Como sabemos, os projetos audaciosos do Bispo Lasagna naufragaram muito em breve por sua morte trágica. Não teve sucessor como bispo dos índios dos três países.

Aqueles que herdaram seu compromisso foram homens igualmente excepcionais, como padre Malán e padre Balzola. Este último, em 1914, foi designado para o Rio Negro, para iniciar o trabalho missionário naquela região. O zelo que padre Balzola mostrou e as viagens que fez naquele imenso território foram incríveis. No registro de batismos de Puerto Ayacucho, Venezuela, o último Vicariato entregue aos Salesianos, consta que o missionário chegou lá em cima e administrou o sacramento para vários índios.

2. A teologia dos missionários

Não poderia ser outra, senão a de sua época: salvar almas. A porta de entrada imprescindível era o batismo. O importante era fazer com que as pessoas fossem batizadas para evitar o risco de perder a visão de Deus para sempre. Uma interpretação restritiva dos Padres dos primeiros séculos resumiu em uma frase, que tornou célebre, esse famoso tema teológico: "Fora da Igreja não há salvação". Uma imagem bíblica que expressava claramente esse conceito era a da arca de Noé. Não há alternativas: aqueles que entram nela são salvos, aqueles que permanecem do lado de fora morrem. A missiologia ainda não tinha aparecido no horizonte, por isso ninguém falou do objetivo da missão como implantação da Igreja local e anúncio dos valores do Reino. "Salvar uma alma" já era visto como uma recompensa suficiente para uma vida de entrega e uma segurança para a salvação eterna do missionário.

Essa abordagem caminhava de mãos dadas com outra imagem evangélica, aplicada ao anúncio apostólico: a do campo e das sementes. Um agricultor prudente, antes de jogar o bom trigo, tem o cuidado de limpar o campo de todas as ervas daninhas e depois vigia para que elas não voltem. Aplicação: para que o evangelho seja aceito, é essencial destruir as falsas crenças que um povo elaborou e depois prestar muita atenção para que o erro não invada o campo novamente.

Em outras palavras: o Evangelho é chamado para substituir totalmente o pensamento religioso de um povo.

Mas a religião não é o núcleo mais íntimo e forte de uma cultura? Se for destruída, o que ocorrerá com a cultura?

3. A antropologia dos missionários

Que visão eles tinham das culturas e das pessoas a quem foram enviados? Aquela comum a todo o mundo ocidental.

A aplicação da teoria da evolução às ciências sociais levou à conclusão de que, como acontece com os diferentes organismos presentes na natureza, algumas



Os Salesianos na Amazônia equatoriana.

culturas se desenvolveram muito e outras permaneceram no estado embrionário, como os "selvagens amazônicos". Não faltaram aqueles que achavam inútil passar tempo com eles, porque não tinham um quociente de inteligência que lhes permitisse progredir. Todavia, foi adotada uma corrente mais humanista, a do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondón, conhecida e apreciada em todo o mundo. Ele estava convencido de que os índios da Amazônia, sendo seres humanos, com um paciente trabalho educativo, poderiam ser levados à "civilização". Sua abordagem era tipicamente positivista, maçônica e liberal. Os missionários compartilharam esse otimismo, mas acrescentaram que o anúncio da verdadeira religião era indispensável.

A antropologia, vista como uma disciplina digna de cidadania entre todas as outras ciências sociais, apenas começara a dar seus primeiros passos. E não se pode ignorar que muitos dos antropólogos culturais dos primeiros tempos foram contratados pelas potências coloniais de modo que, através do conhecimento da dinâmica das culturas, os estudiosos tornaram-se auxiliares úteis para a administração de seus impérios. Este é o caso de Bronislav Malinowski em relação ao Império Britânico.

4. A preparação dos missionários e o contato com os antropólogos

Os Salesianos designados para as missões recebiam a formação religiosa padronizada, como todos os outro: algumas bases filosóficas e teológicas, espírito de piedade, a formação para uma vida sóbria .... Nada específico.

No local de trabalho, todos procuravam mover-se guiados pelo senso comum e pela experiência adquirida em sua terra. O fato de que logo se começou a enviar pessoas muito jovens, não apenas facilitava a inserção na mentalidade do povo, o aprendimento da língua e da cultura do país de missão, mas também favorecia a assimilação do preconceito local em relação aos povos "primitivos".

Quase todos os Salesianos (e foram muitos), que realizaram pesquisas importantes e produziram obras significativas – em áreas como a etnografia, a linguística, a etno-história, etc... – foram autodidatas e empreenderam suas iniciativas mais motivados pelo entusiasmo pessoal do que pelo impulso da Congregação como tal.

Apesar dessas limitações, não poucas de suas produções científicas foram altamente valorizadas por alguns dos maiores expoentes das ciências antropológicas.

Eu gostaria de deter-me especialmente na análise do relacionamento com o famoso antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, por considerá-la emblemática.

Ele passou de uma crítica radical do método missionário para uma visão mais serena e até mesmo admiradora. Foi um processo que se desenvolveu ao longo dos anos.

Em 1935, quando era professor da Universidade de São Paulo, Lévi-Strauss aventurou-se no Mato Grosso. Mesmo sendo filósofo, já tinha a curiosidade do etnólogo. Em sua famosa obra "Os Tristes Trópicos, conta como teve contato com os Bororo e como esse encontro foi fundamental: "Esse encontro marcou minha carreira"[35].

Nessa área, há cerca de 40 anos, os Salesianos já estavam lá. Admirou suas pesquisas, mas pronunciou um julgamento francamente negativo sobre seu método: "Esses missionários realizam simultaneamente excelentes pesquisas etnográficas ... e uma tarefa de extermínio metódico da cultura indígena"[36].

Qual é a razão para tal condenação inapelável da obra missionária? Provavelmente há algum mal-entendido. Lévi-Strauss havia observado que a aldeia Bororo era circular e dividida em duas metades. A disposição das malocas ao redor do círculo relacionava cada uma delas com a da frente. Esse local tinha um papel fundamental nas relações de poder e nas políticas de casamento.

Os Salesianos, porém, mudaram a disposição das habitações, organizando-as sistematicamente ao longo de ruas paralelas, segundo um arranjo retangular. Para o antropólogo, isso tinha sido um estratagema desleal dos padres: ao ver seus pontos de referência subvertidos, os Bororo ficariam completamente desorientados, o que facilitaria a sua aproximação ao cristianismo.

Provavelmente, a realocação da aldeia pelos missionários deu-se não por um propósito explícito de desmontar a visão de mundo dos índios mas por um fator muito mais simples, e um tanto ingênuo: proporcionar-lhes habitações funcionais.

De qualquer forma, o resultado da presença da missão não foi aquela catástrofe que Lévi-Strauss previra.

Os missionários continuaram a acompanhar o povo Bororo e a aprofundar o conhecimento de sua cultura, ajudando-os a redescobrir a sua dignidade, em todos os sentidos. Em breve tempo, de um pequeno grupo com algumas centenas de pessoas os Bororo passaram a ser alguns milhares. Vê-se hoje que a experiência dos valores tradicionais é muito importante aos Bororo. Em 1976, o Pe. Rodolfo Lunkenbein foi assassinado por defender seu território da invasão dos latifundiários.

Quando, em 1976, o Pe. Bartolomé Giaccaria, o maior especialista da cultura do Xavante, pediu a Levi-Strauss que fizesse a apresentação de sua obra

[35] Lévi-Strauss C., *Los Trsites Trópicos*, ed Paidos 2006, 258.

[36] Op. cit. 258.

"Povo autêntico", o antropólogo aceitou. Naquela apresentação, Levi-Strauss recordou outra vez a sua experiência com os missionários: "No início do século, o zelo apostólico inspirava neles métodos que, sem dúvida, o etnólogo não podia aprovar sem renegar a si mesmo. Mas o importante é o fato de que esses métodos não resistiram à experiência, graças aos laços profundos que os Salesianos foram capazes de estabelecer com a cultura entre as mais ricas e mais fascinantes da América tropical: a dos Bororo do Brasil central. Nenhuma outra foi embebida numa espiritualidade tão alta: entrando em contato com aquela cultura não foi difícil estabelecer convicções para obter um acordo entre o missionário e o etnólogo"[37].

O que causou surpresa e total admiração em Leví-Strauss foi conseguir ter em suas mãos o primeiro volume da Enciclopédia Bororo, fruto de incansáveis investigações dos padres Antonio Colbacchini e César Albisetti, organizado pelo Pe. Ángel Venturelli. Leví-Strauss definiu aquela como "uma obra monumental que recolhe uma herança de imenso conhecimento, sem igual entre as obras dedicadas a outras tribos sul-americanas"[38].

Convidado a escrever uma apresentação para o terceiro volume da mesma enciclopédia, Leví-Strauss escreveu: "os padres Albisetti e Venturelli tiveram a gentileza de me pedir uma breve introdução ao terceiro volume da Enciclopédia Bororo. Estou profundamente comovido com este testemunho de confiança por parte de eminentes especialistas, cuja vida foi e é dedicada ao estudo dos Bororo"[39].

Alguém poderia perguntar o porquê de os missionários terem pedido a Leví-Strauss para que escrevesse uma apresentação. Pode ter sido, em parte, para superar as críticas recebidas, mas, acima de tudo, era para conseguir uma espécie de apoio de um dos cientistas mais apreciados da época.

O que acabo de relatar não deve ser considerado uma história simples, mas algo que revela um fato de enorme importância.

E é isto: o missionário não pode ser considerado autossuficiente. A "boa vontade" não é suficiente para realizar o trabalho em um campo tão sensível como aquele em que diferentes culturas interagem. Sem a ajuda das ciências sociais é possível viver durante anos no meio de um grupo sem entender como ele funciona, mas sentindo-se satisfeito "por estar fazendo muito bem", não percebendo que, por vezes, os efeitos de tal atividade são todos, menos "bons".

---

[37] Lévi-Strauss C., Apresentação de *Uomini Veri*, SEI (Torino 1975) 3. É curioso que esta apresentação, escrita originariamente em francês, aparece so na edição italiana, traduzida ao italiano. No seu lugar, na edição em português, aparece uma apresentação de Egon Shaden.

[38] Lévi-Strauss C., Apresentação de *Uomini veri*, 4.

[39] Lévi-Strauss C., Apresentação do terceiro volume da *Enciclopêdia Bororo*, (Campo Grande 1975) 1.

Vou citar Levi-Strauss pela última vez. "Aprendi dos Bororo que certas formas de pensamento, aparentemente tão diferentes das nossas, são sem sombra de dúvidas capazes de analisar e decifrar fenômenos, de abstrair suas propriedades comuns e de elaborar uma visão do mundo, com um alcance verdadeiramente filosófico"[40].

Acostumados com a facilidade com que se fala dos nativos amazônicos definindo-os como primitivos e selvagens, estas palavras devem soar como se tivéssemos vindo de outro planeta. Preconceitos são resultados da ignorância, mas um missionário deve lutar contra o preconceito. Isso requer preparação, dedicação e capacidade de observação altamente treinada.

5. Produções científicas

Um primeiro pioneiro neste esforço de colaboração entre missão e ciência foi o Servo de Deus, Pe. Carlos Crespi. Foi biólogo e naturalista; suas coleções de insetos e plantas serão muito valorizadas na comunidade científica, com a qual manterá sempre uma relação frutífera. Ele fez um esforço para conhecer e aprender a língua Shuar. Foi pioneiro na produção cinematográfica; registrou, em 1926, o longa-metragem "*As Shuaras Invencíveis da Alta Amazônia*". O grande museu que ele fundou em Cuenca é famoso por ser uma forma de preservar a cultura tradicional indígena; infelizmente, muito do rico patrimônio do museu foi perdido em um trágico incêndio, em 1962.

Os missionários que, na Amazônia, produziram obras cientificamente valiosas nem sempre tiveram vida fácil. Espera-se que o missionário trabalhe, organize, esteja em atividade permanente. Quando havia quem dedicasse tempo pesquisando as línguas, os mitos, os costumes, às vezes, era visto como um tempo desperdiçado.

No entanto, é algo extremamente útil, exatamente para a eficiência do trabalho.

Consideremos, por exemplo, o padre Alfredo Germani. Assim que chegou às missões entre os Shuar, dedicou-se completamente ao estudo da língua, até que a dominou perfeitamente.

Isso permitiu que ele escrevesse manuais de aprendizagem da mesma língua, repensando o foco dos livros didáticos, a partir da cultura tradicional Shuar. Logo após sua chegada, implantou-se o sistema escolar radiofônico. O uso da linguagem permitiu que ele desempenhasse um papel decisivo. Ao mesmo tempo,

[40] Lévi-Strauss C., op. cit., 1.



Como expressão de amor e desejo de uma evangelização que conhece, valoriza, respeita e promove as culturas amazônicas, os salesianos produziram, nestes 125 anos de presença missionária, mais de mil obras em relação aos povos amazônicos.

roubando horas de sono, ele passou anos pesquisando a história do povo Shuar, que publicou em três volumes. Pelo que sei, nenhum outro grupo amazônico possui uma documentação tão completa de sua própria história.

Igualmente importante foi o trabalho do Pe. Siro Pellizzaro: a documentação da mitologia Shuar, que lhe custou a dedicação de toda a vida. Os seis volumes do mesmo, com texto shuar, tradução literal interlinear e tradução livre, constituem uma coleção apreciada por especialistas, mas também foram muito úteis para o seu trabalho pastoral e educativo. Padre Pellizaro elaborou também um grande Dicionário Shuar-Castelhano.

Sempre falando do Equador, uma iniciativa de grande importância para o mundo científico foi a criação do Centro Cultural Abya-Yala pelos Salesianos. Em 45 anos, publicou cerca de 3.000 volumes sobre as culturas, valores e problemas dos povos indígenas. Não há outra realização semelhante no continente latino-americano.

A Enciclopédia Bororo (Mato Grosso), que já mencionamos. São três volumes, dos quais o terceiro é subdividido em outros três volumes. O trabalho dos autores principais foi completado pelo padre Gonzalo Ochoa. No Mato Grosso,

ao lado dos Bororo, vivem os Xavante. O maior especialista da língua e da cultura Xavante é o padre Bartolomé Giaccaria. O seu livro, "Povo Autentico", tem a apresentação feita amigavelmente por Claude Lévi-Strauss.

Se a atividade de pesquisa dos Salesianos do Mato Grosso foi muito extensa, a do Rio Negro também não deixou a desejar.

Padre Casimiro Beksta mereceu a apreciação de todos os linguistas brasileiros por seu estudo da língua Tukano. O padre Alcionílio Bruzzi da Silva publicou uma extensa coleção de mitos Tukano. O Victor Hugo deixou-nos dois grandes volumes de história da região do Rio Negro. Os trabalhos do Padre Antonio Giacone documentam sua atividade no campo linguístico, sempre com os diferentes grupos de Tukanos: gramáticas, dicionários, manuais de aprendizagem.

Padre Luís Bolla (Yánkuam') passou metade de sua vida missionária no Equador e a outra metade no Peru. Foi especialmente neste último país que ele elaborou seus trabalhos mais notáveis. Deixou-nos vários volumes de etnografia sobre os Achuar, dicionários, coleções de plantas úteis e medicinais, traduções da Bíblia.

Particularmente notável é o seu diário: 14 volumes cada um entre 400 e 500 páginas. Ao longo de 40 anos, ele foi registrando meticulosamente seus movimentos, seus contatos e principalmente a localização e as vicissitudes de cada família Achuar. Por que o fez? Ele disse isso explicitamente em uma de suas páginas: para que a história deste povo não fosse enterrada no esquecimento. Segundo alguns antropólogos, que tiveram contato com os volumes, trata-se de um trabalho único. Não há outro grupo amazônico que conte com uma crônica detalhada de sua vida, feita ao longo de quatro décadas por um observador atento que os apreciava e os admirava. Nesta fase de mudanças fortes e rápidas, este documento adquire um valor particular.

O missionário salesiano que realizou pesquisas no Paraguai foi o Pe. José Zanardini. Como resultado de seu trabalho, ele nos deixou vários textos sobre os nativos do país, especialmente os Ayoreo.

Na Venezuela, um trabalho que se tornou clássico é "Parima" sobre a cultura dos Yanomami de Pe. Luis Cocco. O irmão Juan Finkers dedicou-se a documentar o conhecimento desse povo sobre o mundo vegetal e animal. O padre Ramón Yribertegui preparou uma investigação sobre a era da exploração da borracha na região dos rios Negro e Orinoco.

Esta não quer ser uma resenha exaustiva. Mas uma explanação que nos permita ter uma ideia do compromisso de muitos missionários salesianos que se dedicaram a conhecer profundamente o universo cultural dos povos a quem consagraram suas vidas.

6. Desafios

Não há dúvida de que o mundo científico agradece a esses Salesianos a contribuição que deram ao conhecimento da Amazônia e de seus habitantes. Mas, de maneira especial, devemos reconhecer que seus esforços tornaram mais eficaz o trabalho pastoral e educativo de todos os missionários.

A tarefa está longe de terminar.

Hoje a Amazônia sofre um verdadeiro assalto, que pode terminar com a destruição de suas florestas, privando seus habitantes ancestrais de um espaço adequado.

A situação é dramática: o contingente de Salesianos e Salesianas que trabalham na região vem encolhendo; os que ainda estão lá são mais idosos e menos numerosos.

Felizmente hoje eles podem encontrar nos mesmos lugares com valiosos aliados. Há três universidades salesianas localizadas na Amazônia, ou próximas: a do Equador, a de Campo Grande e a de Manaus. É precisamente com o pessoal dessas instituições que os Salesianos devem trabalhar, para dar uma contribuição efetiva à defesa do "pulmão do mundo".

As áreas em que, de alguma forma, os Salesianos deveriam especializar-se são especialmente duas: a defesa do meio ambiente e o acompanhamento dos índios urbanos.

Seria indesculpável que uma missão salesiana localizada na Amazônia se limitasse a uma atividade de rotina, sem uma visão clara dos problemas que ameaçam a macrorregião. O acesso a essa informação não é difícil: basta um contato permanente com as entidades que lidam com o assunto e uma atenção constante à informação especializada que circula.

Os estudantes que se formam nos centros missionários salesianos devem ser todos versados em conhecer os instrumentos de defesa do meio ambiente e em estratégias para limitar os efeitos da destruição.

Se o meio ambiente não é defendido, a defesa de seus habitantes tradicionais terão um futuro duvidoso.

Hoje se tem conhecimento que os mais jovens são mais atraídos pela modernização do que por suas tradições. Suas referências não são os idosos, mas o estilo de vida dos povoados de brancos – mestiços. Muitos migram para cidades em que encontram uma inserção muito problemática.

Precisa-se conhecer as situações em que eles vivem. É necessário também desenvolver estatísticas, investigar, saber o que eles fazem, onde vivem, em que trabalham, que espiritualidade têm, que ligações têm com a Igreja (se as têm) ... Todos esses dados exigem suor para serem encontrados e registrados. Nesse campo, as universidades podem oferecer uma contribuição preciosa.

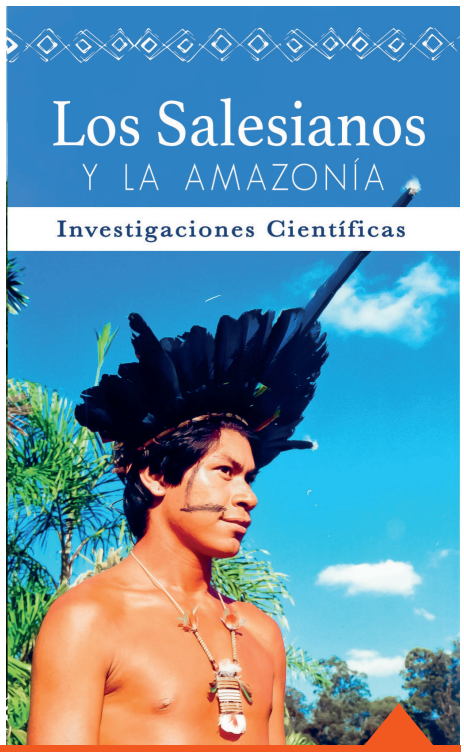
A elaboração de teses, que investiguem os costumes tradicionais ainda são uma pesquisa válida, mas hoje o mais importante é saber como vivem e o que sonham os filhos e os netos daqueles que viviam na floresta.

É um dever prestar homenagem aos missionários que, em meio a mil ocupações, encontraram tempo para a pesquisa. No entanto, o maior reconhecimento que podemos dar aos missionários é adquirir a sua curiosidade, a sua capacidade de observar, o seu espírito crítico; e lutar contra a obsessão de "fazer", para poder encontrar longos momentos para "pensar".

7. Catálogo de algumas contribuições salesianas

Como expressão do amor e do desejo de uma evangelização que conheça, valorize e respeite as culturas amazônicas, os Salesianos produziram, nestes 125 anos de presença missionária, centenas, talvez mais de mil, obras em relação aos povos amazônicos.

Nós as dividimos em três categorias fundamentais:



Catálogo das pesquisas Científicas dos Salesianos em Amazônia.

a) Pesquisa **científica**: mitologia, linguística, etnografia, etno-história, ecologia.

b) Obras educativas e **pedagógicas**: Livros escolares, Formação de professores, alfabetização.

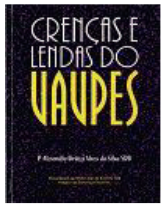
c) Contribuições **pastorais**: Tradução da Sagrada Escritura, Catecismos, Formação de Ministros, Livros de cânticos, Liturgia, biografias.

O centro histórico salesiano de Quito começou a recolher várias publicações para preservar e enriquecer o patrimônio histórico das missões na Amazônia. Basta pensar que a Editora Abya-Ayala de Quito já publicou mais de 3.000 títulos desde 1975, ao serviço do mundo latino indígena. Apresentamos alguma obra como exemplo.



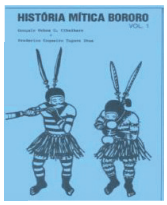
Boe eno Bakaru. Mitología bororo

Ochoa Camargo Gonzalo
1983



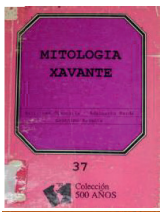
Crenças e lendas do Vaupés

Giaccaria Bartolomeu
1984



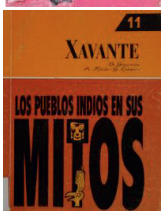
História mítica Bororo Vol I

Ochoa Camargo Gonçalo - Coqueiro Tugore Frederico
1990



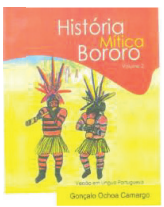
Mitologia Xavante

Giaccaria, Bartolomeu - Heide Adalberto
1991



Xavante. Los pueblos índios em sus mitos

Giaccaria Bartolomeu
1993



História mítica Bororo. Vol II. Versão em língua Portuguesa

Ochoa Camargo Gonçalo (UCDB) 2010



Arútam. Mitos y ritos para propiciar a los espíritus
Mundo Shuar, "F" nº 1

Pellizzaro Siro
1976



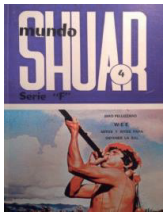
Tsunki. Mitos y ritos de la pesca
Mundo Shuar, "F" nº 2

Pellizzaro Siro
1980



El Uwishin. Iniciación, ritos y cantos de los chamanes
Mundo Shuar, "F" nº 3

Pellizzaro Siro
1978



Wee. Mitos y ritos para obtener la sal
Mundo Shuar, "F" nº 4

Pellizzaro Siro
1980



Ayumpum. Mitos de la cabeza cortada
Mundo Shuar, "F" nº 5

Pellizzaro Siro
1978



Etsa defensor de los Shuar
Mundo Shuar, "F" nº 6

Pellizzaro Siro
1980



Nunkui. Mitos y ritos de la huerta
Mundo Shuar, "F" nº 8

Pellizzaro Siro
1978



Tsantsa. Mitos y ritos de la cabeza cortada
Mundo Shuar, "F" nº 9

Pellizzaro Siro
1980



Shakaim. Mitos y ritos del desmonte
Mundo Shuar, "F" nº 10

PELLIZZARO Siro
1980



Iwianch. El mundo de los muertos

Mundo Shuar, "F" nº 12
PELLIZZARO Siro
1980



Mitos de los Espíritus Y ritos para propiciarlos
Mitologia shuar
Mundo Shuar

PELLIZZARO Siro
1981



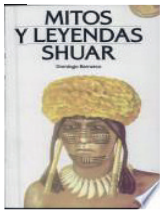
El modelo del hombre shuar.
Mitologia shuar
Mundo Shuar

PELLIZZARO Siro
1982



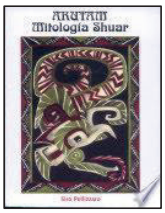
La celebración de Uwi

PELLIZZARO Siro
1978



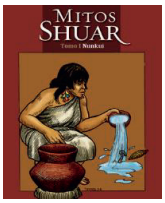
Mitos y Leyendas Shuar

BARRUECO Domingo
Abya Ayala1985



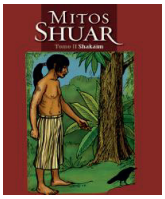
Arutam

PELLIZZARO Siro
Abya Ayala 1990



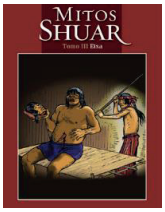
Mitos shuar Tomo I

PELLIZZARO Siro
2009



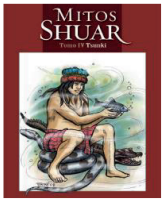
Mitos shuar Tomo II

PELLIZZARO Siro
2009



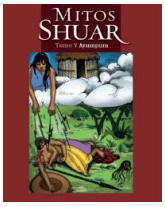
Mitos shuar Tomo III

PELLIZZARO Siro
2011



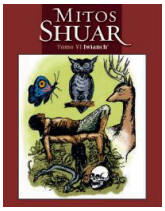
Mitos shuar Tomo IV

PELLIZZARO Siro
2012



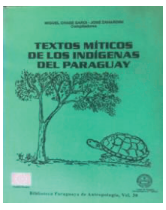
Mitos shuar Tomo V

PELLIZZARO Siro
2012



Mitos shuar Tomo VI

PELLIZZARO Siro
2012



Textos míticos de los indígenas del Paraguay

ZANARDINI José
1999



Elementos de Grammatica e Diccionario. Língua dos Bororos Coroados

Missão Salesiana
MG
1908



Uma explicação: notas ao dicionário Tukano - Português

Alves da Silva brüzzi
Alcionílio
1947



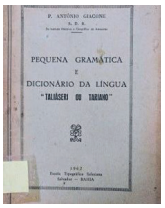
Pequena gramática e Dicionário Português Ubde – Nehern ou Macú

Giacone António
1955



Pequena O meu mundo - Wahöimanadzé Livro de exercícios português - Xavante

Giaccaria,
Bartolomeu
1960



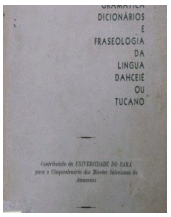
Pequena gramática e Dicionário da língua Taliáseri ou Traiano: Missão Indígena de Iauareté

Giacone Antonio
1962



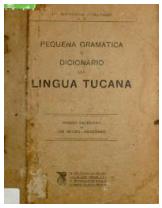
Diccionario: Tucano - Castellano

Gallo M. Carlos
1965



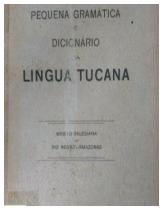
Gramática dicionários e fraseologia da língua Dahceiè ou Tucano. Dicionário Dahceiè ou Tucano-Português – Português-Tucano

Giacone António
1965



Pequena gramática e Dicionários da língua Tucana: Missão Salesiana Rio Negro - Amazonas

Giacone António
1965



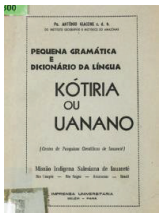
Pequena gramática e Dicionário português Ubde-Nehern ou Macú: Missão indígena Salesiana Rio Uapés-Rio Negro

Giacone António
1965



Observações gramaticais da língua daxseyé ou tukano

Alves da Silva brüzzi
Alcionilio
1966



Pequena gramática e Dicionário da língua Kótira ou Uanano: Centor de Pesquisa científica de Iauareté

Giacone Antonio
1967



Kasarari. Subsídios para alfabetização na língua tribal

Beksta Casimiro
1977



Xavante Cartilha Português 1

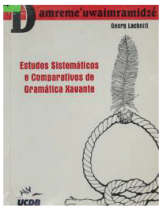
Salesianos MG
s.d.



Dicionário xavante - português

Lachnitt Georg
1987

Linguística



Damreme'uwimrmidzé Estudos sistemáticos e comparativos de gramática Xavante

LACHNITT Georg
1988



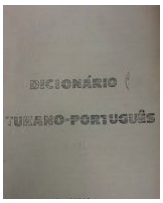
Dicionário português-xavante

LACHNITT Georg
1989



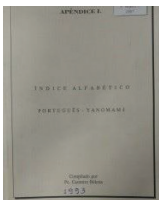
Cadernos missionários: um estudo prático da língua Yanomami

INSPETORIA SALESIANA DOM BOSCO
1989



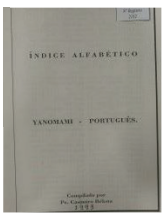
Dicionário Tukano – Português

ALVES DA SILVA BRÜZZI Alcionílio
1991



Índice Alfabético – Apêndice I: Português – Yanomami

BEKSTA Casimiro
1993



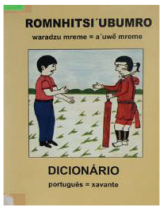
Índice Alfabético – Apêndice II: Yanomami – Português

BEKSTA Casimiro
1993



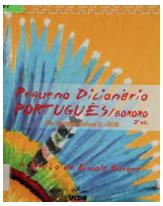
Romnhitsi'ubumro a'uwê mreme = waradzu mreme Dicionário Xavante – Português

LACHNITT Georg
2003



Romnhitsi'ubumro waradzu mreme = a'uwê mreme Dicionário Português – Xavante

LACHNITT Georg
2003



Pequeno dicionário Português - Bororo

OCHOA C. Gonzalo
(UCDB) 2005



Pequeno dicionário Bororo - Português

OCHOA C., Gonzalo
(UCDB) 2005



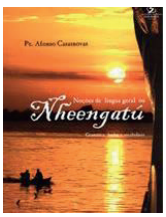
Noções de língua geral: publicação da Diocese de São Gabriel da Cachoeira (Amazonas)

CASASNOVAS Afonso
2006



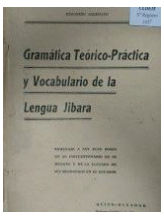
Curso de Língua Xavante

LACHNITT Georg (UCDB)
2005



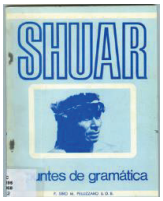
Noções de língua geral ou nheengatu: gramática, lendas e vocabulário

CASASNOVAS Afonso
2006



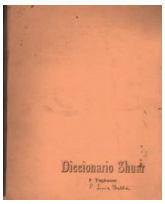
Gramática Teórico-Práctica y Vocabulario de la Lengua Jíbara

GHINASSI Juan
1938



Gramática shuar

Pellizzaro Siro
1969



Diccionario práctico del idioma ashuar

Bolla Luís
1972



Ortografia Shuar y apuntes de gramática y léxico Achuar
Mundo Shuar, "D" nº 1

Alɟju Juank
1976



Aujmatsatai, yatsuchi... Manual de apredizaje de la lengua Shuar
Mundo Shuar, "D" nº 4

Alɟju Juank
1980



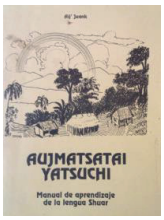
Primeros pasos. Introducción al estudio del idioma Shuar
Mundo Shuar, "D" nº 5

Alɟju Juank
1977



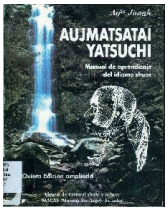
Shuar Chicham Gramática Shuar
Mundo Shuar, "D" nº 6

Rouby André –
Riedmayer Otto
1979



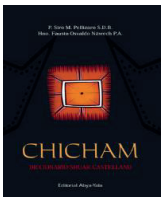
Aujmatsatai Yatsuchi. Manual de aprendizaje de la lengua Shuar

Alij' Juank
1991[4]



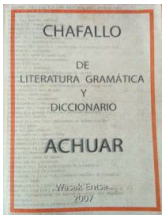
Aujmatsatai Yatsuchi Manual de aprendeizaje del idioma shuar.
Vicariato Apostólico de Méndez

Germani Alfredo
1997



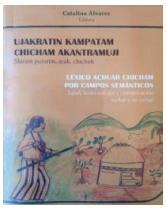
Chicham: diccionario shuar - castellano

Pellizzaro Siro -
Náwech Fausto Osvaldo
2005



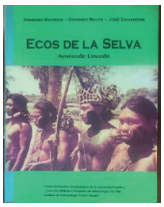
Chfallo de literatura, gramática y diccionario Achuar
Misión de wasak'Entas

Bottasso Domingos
2007



Ujakratin Kampatam Chicham Akantramuji Léxico Achuar Chicham por campos semánticos

Álvarez Cataalina
(ed.)
Wasak'Entsa 2012



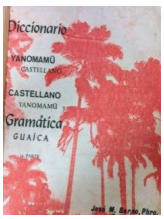
Ecos de la selva

Barrios Armindo –
Zanardini José
1984



Beyoi ga yicatecacoi

Zanardini, José
1993



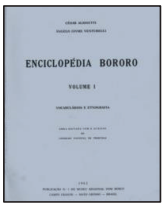
Diccionario Yanomamü – Castellano: precedido de algunos apuntes de gramática Yanomamü o guaíca

Berno, José
1969



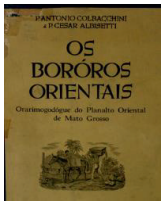
Usos e costumes dos selvícolas das Amazônia

MISSÃO SALESIANA DO RÍO NEGRO
1936



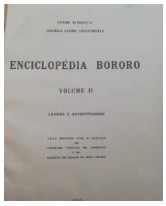
Enciclopédia Bororo Vol. I

ALBISETTI César - VENTURELLI Angelo Jaime
1962



Os Bororos orientais

COLBACCHINI Antônio
1942



Enciclopédia Bororo Vol. II

ALBISETTI César - VENTURELLI Angelo Jaime
1969



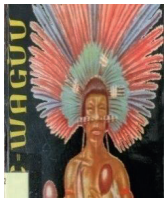
Os Tucanos e outras tribus do rio Uaupés afluente do Negro – Amazonas: notas etnográficas e folclóricas de um missionário salesiano

GIACONE Antonio
1949



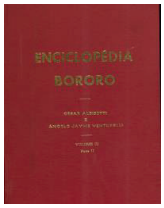
Enciclopédia Bororo Vol. III. Parte 1

ALBISETTI César - VENTURELLI Angelo Jaime
1976



Ukée Wagúu

COLBACCHINI Antônio
1957



Enciclopédia Bororo Vol. III. Parte 2

ALBISETTI César - VENTURELLI Angelo Jaime
2002



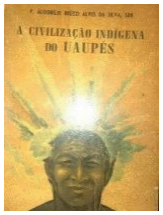
Origem e divisão das tribos

BEKSTA Casimiro
1958



Enciclopédia Bororo Vol. III. Parte 3

ALBISETTI César - VENTURELLI Angelo Jaime
2009
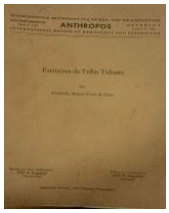


A Civilização indígena do Uaupés

SILVA ALVES DA BRÜZZI Alcionílio
1962



Datssiwaíwéré. Um rito de cura Xavante

GIACCARIA, Bartolomeu
s.d.



Anthropos: estrutura da tribo Tukano

SILVA ALVES DA BRÜZZI Alcionílio
1966



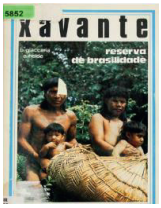
Danhorbdzu'wa, o irmão da má. Um rito de passagem na cultura Xavante

GIACCARIA Bartolomeu
s.d.



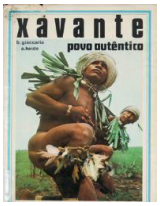
Esboço para um curso sobre para os missionários a ser realizado em Meruri.

GIACCARIA Bartolomeu
s.d.



Xavante. Reserva de brasilidade

GIACCARIA Bartolomeu
1984



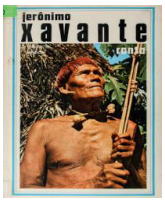
Xavante (auwe uptabi). Povo auténtico

GIACCARIA Bartolomeu
1972



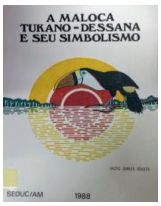
Meu dia a dia em Marauiá

LAUDATO Francisco
1986



Jerónimo Xavante. Conta

GIACCARIA Bartolomeu
1975



A maloca Tukano-Dessana e seu simbolismo

BEKSTA Casimiro - KAZYS Jurgis
1988



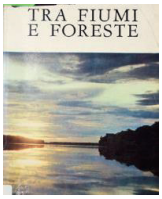
A Civilização indígena do Uaupés: observações antropológicas, etnográficas e sociológias

SILVA ALVES DA BRÜZZI Alcionílio
1975



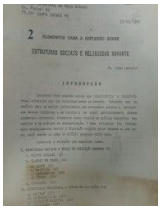
Noa tho niati teré? Quem foi que disse isso?

REZENDE Justino Sarmento
1990



Tra fiumi e foreste com le tribu del Negro d'Amazzonia

MARCHESI Giovanni
1975



Elementos para a reflexão sobre uma igreja com rosto Xavante

LACHNITT Georg
1991



Me Bakukamã-re'ã Ujarênh-neja Lendas Kayapó

SALESIANOS MG
1982



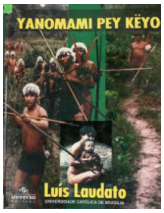
Anthropos: Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés (Amazonas)

SILVA ALVES DA BRÜZZI Alcionílio
1995



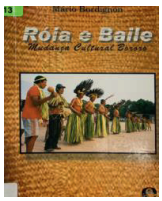
Jerónimo Xavante. Sonha

GIACCARIA Bartolomeu
1984



Yanomami pey keyo

LAUDATO Luís
1998



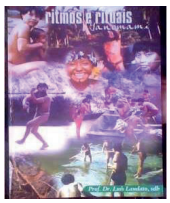
Róia e Baile

BORDIGNON Mário
2001



Datssiwaíwéré. Um rito de cura Xavante

MISSÃO SALESIANA DE MATO-GROSSO
2001



Ritmos e rituais Yanomami

LAUDATO Luís
2009



Iniciação Xavante. Danhono

GIACCARIA Bartolomeu – SALVATORE Cosma
2001



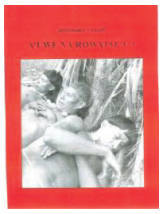
Processo Evolutivo da Pessoa Bororo

OCHOA CAMARGO Gonçalo
(UCDB) 2001



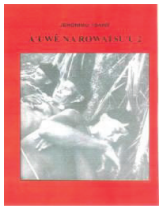
Iniciação Religiosa Xavante. Darini

GIACCARIA Bartolomeu – SALVATORE Cosma
(UCDB) 2001



A'uwê na Rowatsu'u I

TSAWÉ Jerônimo
(UCDB) 2005



A'uwê na Rowatsu'u II

TSAWÉ Jerônimo
(UCDB) 2005



Começo da Arte na Selva: desenhos manuais por Dr. Theodor Koch-Grünberg em viagens pelo Brasil

BEKSTA Casimiro - Koch-Grünberg Theodor
2009



Abadzi'Rihidiba: Iniciação Familiar

GIACCARIA Bartolomeu
2016



Cantos de amor
Mundo Shuar, "G" nº 1

TSAMARAINT A. – MASHUMAR B. – PELLIZZARO S.
1977



Cantos de amor de la mujer achuar
Mundo Shuar, "G" nº 2

PELLIZZARO Siro
1977



El cuerpo humano, animales y plantas
Mundo Shuar, "A" nº 1

BOTTASSO Juan
1976



Actividades y técnicas
Mundo Shuar, "A" nº 2

BOTTASSO Juan - ARCOS Juan
1978



La família e la vida social
Mundo Shuar, "A" nº 3

Bottasso Juan
1978



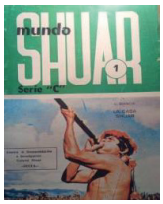
El cuerpo humano, enfermedades y las plantas medicinales
Mundo Shuar, "A" nº 4

Broseghini Silvio
1977



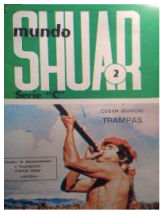
Plantas
Mundo Shuar, "A" nº 5

Bottasso Juan
1977



La casa shuar
Mundo Shuar, "C" nº 1

Bianchi César
1978



Trampas
Mundo Shuar, "C" nº 2

Bianchi César
1976



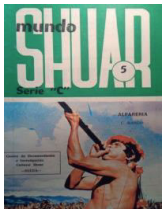
Hilos, tejidos y pieles
Mundo Shuar, "C" nº 3

Bianchi César
1976



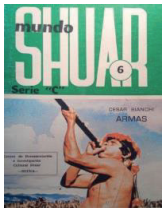
Canastos y redes
Mundo Shuar, "C" nº 4

Bianchi César
1977



Alfarería
Mundo Shuar, "C" nº 5

Bianchi César
1976



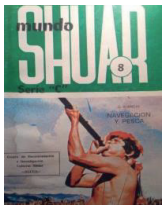
Armas
Mundo Shuar, "C" nº 6

Bianchi César
1976



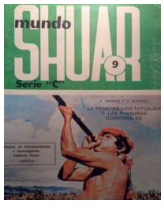
Instrumentos musicales
Mundo Shuar, "C" nº 7

Bianchi César
1976



Navegación y pesca
Mundo Shuar, "C" nº 8

Bianchi César
1976



La tsantsa, los tatuajes y las pinturas corporales
Mundo Shuar, "C" nº 9

Bianchi César –
Rovere Franco
1977



Los adornos
Mundo Shuar, "C" nº 10

Bianchi César
1978



Utensilios y manufacturas varias
Mundo Shuar, "C" nº 12

Bianchi César
1978

Etnografia



El shuar y el ambiente Conocimiento del medio y cacería no destructiva
Mundo Shuar

Bianchi César
1981



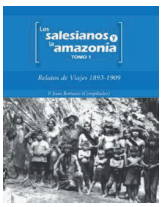
El cuerpo humano, enfermidades y pantas medicinales

Broseghini S. Frucci S.
1986



Hombre y Mujer en la Sociedad Shuar

Bianchi César



Los Salesianos y la Amazonía. Relatos de viajes 1893-1909

Bottasso Juan
1993



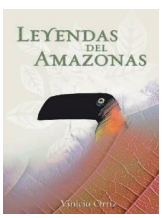
Los Salesianos y la Amazonía. Relaciones etnográficas y geográficas

Bottasso Juan
1993



Los Salesianos y la Amazonía. Actividades y presencias

Bottasso Juan
1993



Leyendas de Amazonas

Ortíz Vinicio
Abya Yala 2007



Arqueología Catálogo

Museo Abya Ayala
2016



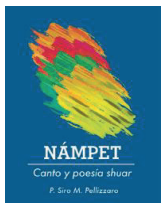
Etnografia. Tomo I Catálogo

Museo Abya Ayala
2016



Etnografia. Tomo II Catálogo

Museo Abya Ayala
2016



Námpet, Canto y poesía shuar

Pellizzaro Siro
2018



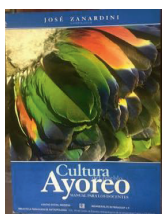
Il Ciaco Paraguayo e le sue Tribù

Missioni Salesiane
1925



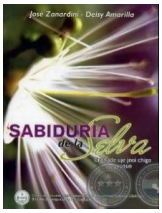
Como hojas al viento

Zanardini José
1997



Cultura Ayoreo

Zanardini José
2003



Sabiduría de la Selva. Cuchade uje jnoi chigo uyoque

ZANARDINI José - AMARILLA, Deisy
2008



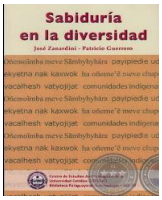
Estudos antropológicos

ZANARDINI José
2011



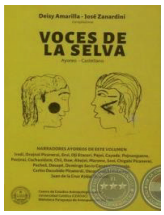
Culturas Indígenas

ZANARDINI José (compilador)
2013



Sabiduría en la diversidad

ZANARDINI José - GUERRERO Patricio
2015



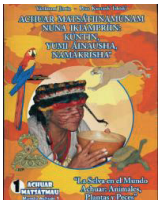
Voces de la Selva. Ayoreo – Castellano

ZANARDINI José - AMARILLA Deisy
2016



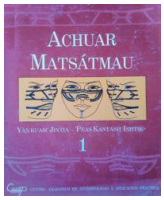
Por las rutas del Paititi

POLENITINI WESTER Juan Carlos
1979



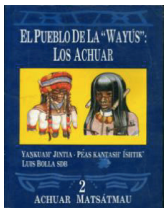
La selva en el mundo achuar, plantas y peces

BOLLA Luís
1991



El Pueblo de la "Wayús": Achuar Matsátmau – 1

YÁNKUAM' JINTIA (BOLLA Luis) -PÉAS KANTÁSH' ISHTIK[U]
2003



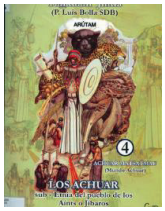
El Pueblo de la "Wayús": Los Achuar. Achuar Matsátmau – 2

YÁNKUAM' JINTIA (BOLLA Luis) - PÉAS KANTASH' ÍSHTIK"
1993



El Pueblo de la "Wayús": Achuar Matsátmau – 3

YÁNKUAM' JINTIA (BOLLA, Luis) PÉAS KANTÁSH' ISHTIK[U]
2003



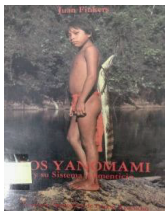
Los Achuar: "Sub etnia del pueblo de los Aíntis o Jíbaros. Achuar Matsátmau - 4

BOLLA Luis
2003



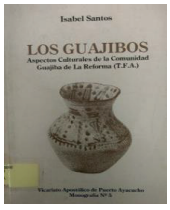
Los Yanomami Venezolanos: Propuesta para la creación de la reserva indígena Yanomami

BÓRTOLI J. - CERDA J. COLCHESTER M - COPPENS W.
1986



Los Yanomami y su sistema alimenticio: Yanomami NII PE

FINKES Juan
1986



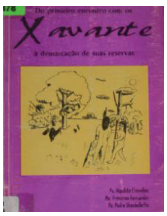
Los Guajibos: aspectos culturales de la comunidad guajiba de La Reforma (TFA)

SANTOS Isabel
1989



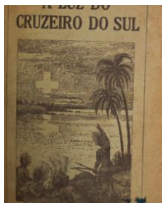
Prefettura Apostolica del Rio Negro

MISSIONI SALESIANE
1926



Do Primeiro encontro com os Xavante a demarcação de suas reservas

CHOVELON Hipólito
1996



A luz do cruzeiro do sul

COLBACCHINI Antonio
1939



Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716-1986

BÓE ERÓ MARIGUDÚWO – BORDIGNON ENAURÊU Mario
1986



Desbravadores. Tomo I

HUGO Vitor
1959



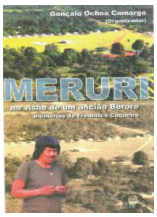
A Epopéia Bororo

SCOTI Osvaldo – BOFFI Giulio
(UCDB) 2001



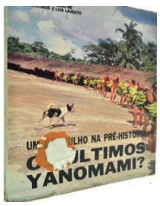
Desbravadores. Tomo II

HUGO Vitor
1959



Meruri na visão de um ancião Bororo. Memorias de Frederico Coquiero

OCHOA CAMARGO Gonçalo
(UCDB) 2001



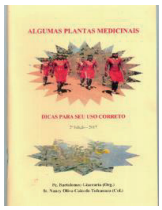
Um mergulho na pré-história os últimos Yanomami

LAUDATO Luís
1984



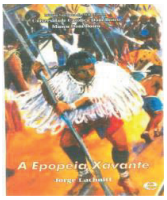
Seminário Terra e agua na Amazônia

COLEGIO DOM BOSCO
2002



Algumas plantas medicinais. Dicas para seu uso correto

GIACCARIA Bartolomeu
1994



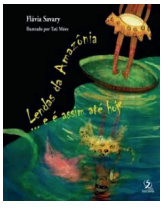
Epopeia Xavante

LACHNITT Georg
2003



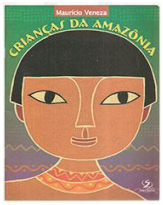
História de la Amazonía Brasileña

HUGO Vitor
1994



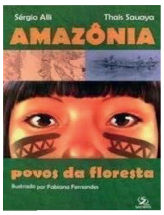
Lendas da Amazônia

SAVARY Flávia
Ed. Salesiana 2006



Crianças da Amazônia

Veneza Mauricio
Ed. Salesiana 2006
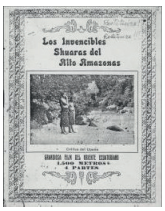


Amazônia. Povos da floresta.

Alli Sergio - Sauaya Thais
Ed. Salesiana 2006



A Ação do Salesianos de Dom Bosco na Amazonía
Gomes da Costa Mauro

2015



Los Invencibles Shuaras del Alto Amazonas (Film Documentario)

Crespi Carlo
1926



Una comunidad shuar en proceso de cambio
Mundo Shuar, "B" nº 2

Ochoa Carmen – Serra Luz María
1976



Un grupo shuar marginado y dependiente
Mundo Shuar, "B" nº 3

Segovia Mariana – Amaluiza Cecilia
1977



El pueblo Shuar-Achuar y su evangelización según el decreto "Ad Gentes"
Mundo Shuar, "B" nº 6

Sainaghi Ambrosio
1976



La Iglesia Shuar. Nueva presencia y nueva lenguaje
Mundo Shuar, "B" nº 7

Broseghini Silvio - Arnalot José
1976



El peinado y las posiciones corpolares
Mundo Shuar, "B" nº 12

Rovere Franco
1977



La muerte y los entierros
Mundo Shuar, "B" nº 13

Pellizzaro S. - Arnalot J. - Broseghini S.
1978



Organizarse o sucumbir – La Federación Shuar -
Mundo Shuar, "B" nº 14

Zallez Jaime – Gortaire Alfonso
1978



Aportes para la historia de Macas. Cartas del P. José Magalli desde las misiones de Oriente (1888-1890)
Mundo Shuar, "E" nº 2

Vargas José
1976



Nankijukima
Mundo Shuar, "E" nº 3

Vacas Galindo Enrique
1976



Gualaquiza, Bomboiza, Zamora a comienzos del S. XIX.
Mundo Shuar, "E" nº 4

Landivar Manuel
1977



La misión franciscana de Zamora
Mundo Shuar, "E" nº 5

IZAGUIRRE Bernardino
1978



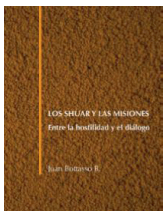
Los primeros textos impresos en Shuar
Mundo Shuar, "E" nº 7

VACAS G. E. – DELGADO A. – TALLACHINI F. – MARTÍNEZ J. – GHINASSI J.
1979



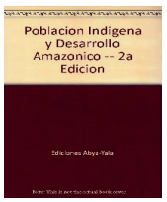
El pueblo shuar de la leyenda al drama
Mundo Shuar

MÜNZEL M. – KROEGER A. - GRONEMEYER R.
1981



Los Shuar y las Misiones. Entre la hostilidad y el diálogo.
Mundo Shuar

BOTTASSO Juan
1984[2]



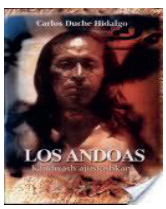
Población indígena y Desarrollo Amazónico

ABYA AYALA EDITORA
Abya Ayala 1987[2]



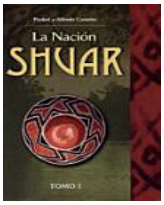
Lo que los Achuar me han enseñado

ARNALAOT José (CHUINT')
Abya Yala 1992[3]



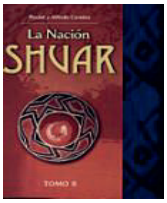
Los Andoas. Kandwash ajustushkani

DUCHE HIDALGO Carlos
Abya Ayala 2005



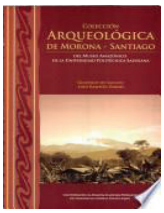
Historia de la nación shuar. Vol 1

PEÑAHERRERA Piedad – COSTALES Alfredo
Abya Ayala 2006



Historia de la nación shuar. Vol 2

PEÑAHERRERA Piedad – COSTALES Alfredo
Abya Ayala 2006



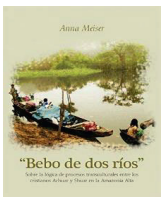
Colección Arqueológica de Morona Santiago.

DE SAULIEU Goeffroy – RAMPÓN ZARDO Lino
Abya Ayala 2006



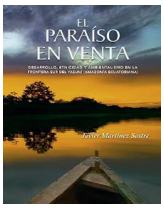
Los Salesianos y los Shuar

BOTTASSO Juan
Abya Ayala 2011



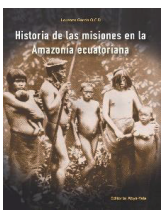
Bebo de dos ríos. Sobre la lógica de procesos transculturales entre cristianos Achuar y Shuar en ea Amazonía Alta

MEISER Ana
Abya Ayala 2015



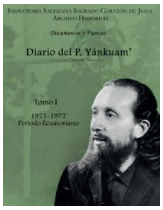
El paraíso en venta. Desarrollo, etnicidad y ambientalismo en la frontera sur del Yasuní (Amazonía ecuatoriana)

MARTÍNEZ SASTRE Javier
Abya Ayala 2015



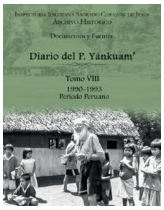
Histora de las missiones em la Amazonía ecuatoriana

GARCÍA Lorenzo
Abya Ayala 2019[3]



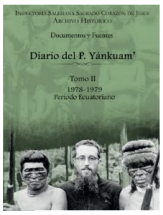
Diario del P. Yánkuam'
Tomo I, 1971-1977
Período Ecuatoriano

Bolla Luis
2018



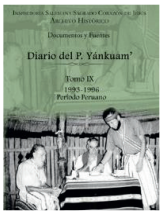
Diario del P. Yánkuam'
Tomo VIII, 1990-1993
Período Peruano

Bolla Luis
2018



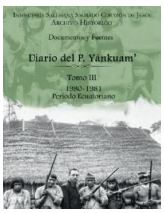
Diario del P. Yánkuam'
Tomo II, 1978-1979
Período Ecuatoriano

Bolla Luis
2018



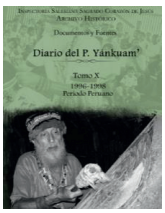
Diario del P. Yánkuam'
Tomo IX, 1993-1996
Período Peruano

Bolla Luis
2018



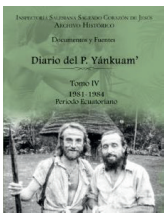
Diario del P. Yánkuam'
Tomo III, 1980-1981
Período Ecuatoriano

Bolla Luis
2018



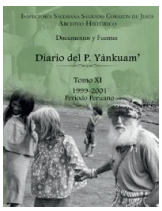
Diario del P. Yánkuam'
Tomo X, 1996-1998
Período Peruano

Bolla Luis
2018



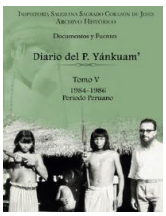
Diario del P. Yánkuam'
Tomo IV, 1981-1984
Período Ecuatoriano

Bolla Luis
2018



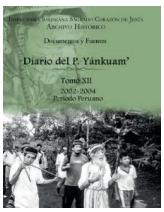
Diario del P. Yánkuam'
Tomo XI, 1999-2001
Período Peruano

Bolla Luis
2018



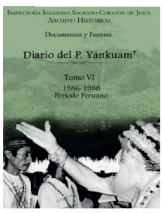
Diario del P. Yánkuam'
Tomo V, 1984-1986
Período Peruano

Bolla Luis
2018



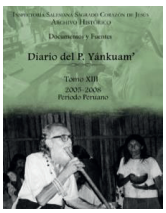
Diario del P. Yánkuam'
Tomo XII, 2002-2004
Período Peruano

Bolla Luis
2018



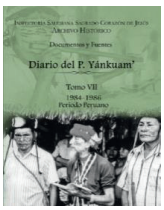
Diario del P. Yánkuam'
Tomo VI, 1986-1988
Período Peruano

Bolla Luis
2018



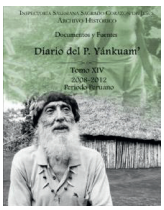
Diario del P. Yánkuam'
Tomo XIII, 2005-2008
Período Peruano

Bolla Luis
2018



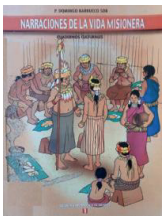
Diario del P. Yánkuam'
Tomo VII, 1988-1990
Período Peruano

Bolla Luis
2018



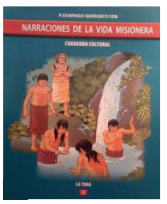
Diario del P. Yánkuam'
Tomo XIV, 2008-2012
Período Peruano

Bolla Luis
2018



Tantsa. Celebración del Amiamu. Crónicas, tradiciones y entrevistas - 1
Narraciones de la vida misionera

Barrueco Domingo
Abya Yala 2005



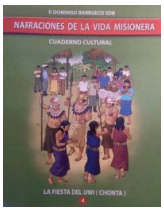
La Tuna. Crónicas, tradiciones y entrevistas - 2
Narraciones de la vida misionera

Barrueco, Domingo
Abya Yala 2006



Shamanes. Crónicas, tradiciones y entrevistas - 3
Narraciones de la vida misionera

Barrueco, Domingo
Abya Yala 2006



La fiesta del Uwi. Crónicas, tradiciones y entrevistas - 4
Narraciones de la vida misionera

Barrueco, Domingo
Abya Yala 2007



Pueblos de fuertes Tomo I

Germani, Alfredo
1984



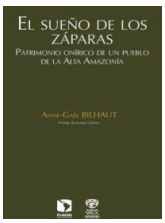
Pueblos de fuertes Tomo II

Germani Alfredo
1994



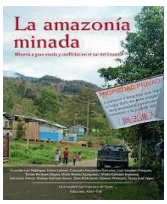
Pueblos de fuertes Tomo III

Germani Alfredo
2016



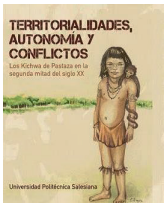
El sueño de los Záparas. Patrimonio onírico de un pueblo de la Alta Amazonía

Bilhaut Anne-Gaël
Abya Ayala 2011



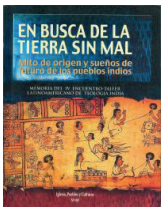
La Amazonía Minada

Teijlingen K.; Leifsen E., Fernández C. Sánchez L.
Abya Ayala 2017



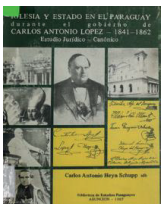
Territorialidades, autonomia y conflictos. Los Kichwa de Pastaza em la segunda mitad del siglo XX°

Ortiz P - Narváez I.- Solo de Zaldívar B.
Abya Ayala 2017



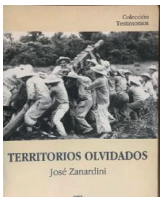
Iglesia, Pueblos y culturas
(*Revista con ya 68 números*)

Abya Ayala Editorial
1990 - 2019



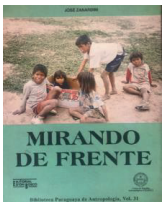
Iglesia y Estado en el Paraguay durante el gobierno de Carlos Antonio Lopes, 1841-1862

Heya Schupp Carlos Antonio
1987



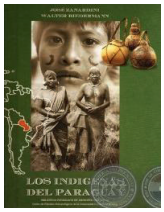
Territorios Olvidados

Zanardini José
1995



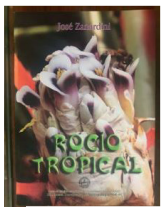
Mirando del frente

Zanardini José
1999



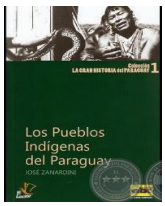
Los Indígenas del Paraguay

ZANARDINI José - BIEDERMANN Walter
2001



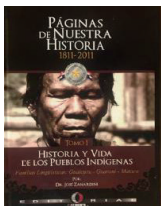
Rocío Tropical

ZANARDINI José
2010



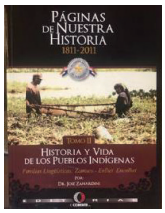
Los Pueblos Indígenas del Paraguay

ZANARDINI José
2010



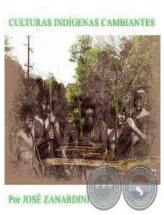
Páginas de Nuestra historia y vida de los pueblos indígenas Tomo 1

ZANARDINI José
2011



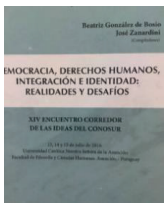
Páginas de Nuestra historia y vida de los pueblos indígenas Tomo 2

ZANARDINI José
2011



Culturas indígenas cambiantes

ZANARDINI José
2015



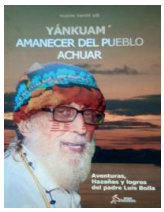
Democracia, derechos humanos, integración e identidad: Realidad y desafíos

ZANARDINI José
2016



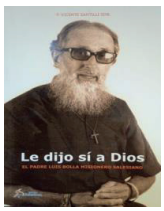
Las aventuras de Yánkuam' Padre Bolla. Misionero entre el Pueblo Achuar

SANTILLI Vicente
2016



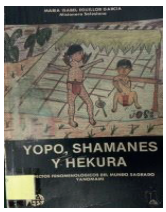
Yánkuam' amanecer del pueblo achuar. Aventuras, hazañas y logros del padre Luis Bolal

SANTILLI Vicente
2017



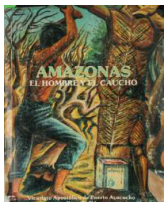
Le dijo sí a Dios. El padre Luis Bolla, misionero salesiano

SANTILLI Vicente
2019



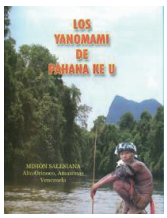
Yopo, shamanes y hekura: aspectos fenomenológicos del mundo sagrado Yanomami

GARCIA María Isabel Eguillor
1984



Amazonas. El hombre y el caucho

IBERTEGUI Ramón
1987



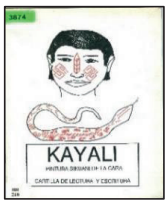
Los Yanomami de Pahana Ke U

FINKES Juan
2007



La Iglesia en Amazonas

Revista Trimestral del VICARIATO APOSTÓLICO DE PUERTO AYACUCHO
1979-2019



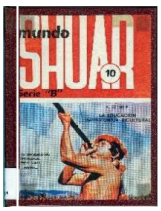
Kayali
Cartilla de Lectura y Escritura

VICARIATO APOSTOLICO DE MÉNDEZ
s.d.



Guía Didáctica de la Cartilla y del Cuaderno de Trabajo Shuara Antukuá! Suara Aártá!

GERMANI Alfredo
1970



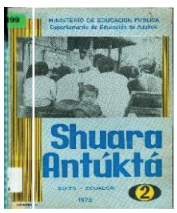
Mundo Shuar – La educación radiofónica bicultural
Mundo Shuar, "B" nº 10

GERMANI Alfredo
1977



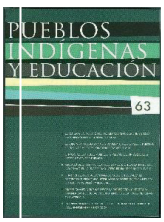
Una educación Shuar
Mundo Shuar, "B" nº 15

MERINO José
1979



Shuara Antúktá 2 Educación de adultos

GERMANI Alfredo
1972



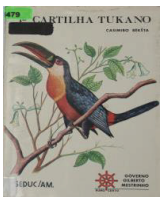
Pueblos Indígenas y Educación (*Revista, más de 70 números*)

ABYA YALA EDITORAL
1975-2019



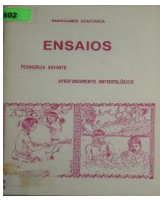
Áwê Ewawé romturédi teñámra. Cartilha para uso dos Xavantes das margens do Rio das Mortes

ISTITUTO TEOLÓGICO SALESIANO
1958



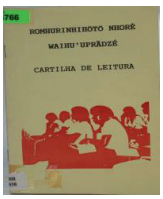
Primeira cartilha Tukano

BEKSTA Casimiro
1984



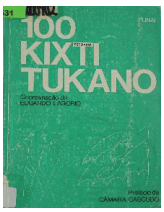
Ensaios. Pedagogia Xavante Aprofundamento antropológico

GIACCARIA Bartolomeu
1990



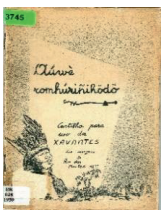
Romhurinhihötö Nhorë waihu ïuprã Cartilha de Leitura

LACHNITT Georg
1993



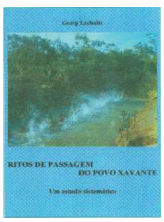
100 Kixiti (estórias) Tukano

LAGÓRIO Eduardo (coord.)
1983



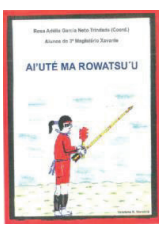
Aúwè Romhúriñihödö Cartilha para uso dos Xavantes das margens do Rio das Mortes

GIACCARIA Bartolomeu
1959



Ritos de Passagem do Povo Xavante. Um estúdio sistemático

LACHNITT Georg
2002



Ai-uté ma Rowatsu'u Alunos do 3º Magistério Xavante

GARCIA NETO TRINDADE
Rosa Adélia, coord
(UCDB)1999



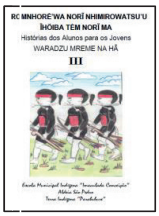
Romnhoré'wa Norî Nhimirowatsu'u. Îhöiba tém norî ma. Histórias dos Alunos para os Jovens I

ABZU TÕMOSTSU Tito
(UCDB) 2009



Romnhoré'wa Norî Nhimirowatsu'u. Îhöiba tém norî ma. Histórias dos Alunos para os Jovens II

ABZU TÕMOSTSU Tito
(UCDB) 2009



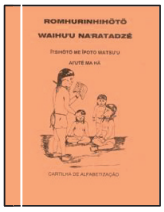
Romnhoré'wa Norî Nhimirowatsu'u. Îhöiba tém norî ma. Histórias dos Alunos para os Jovens III

ABZU TÕMOSTSU Tito
(UCDB) 2009



Educação indígena e alfabetização

MELIÁ Bartolomeu
1978



Romhurinhihötö Waihu'u Na'ratadzé. Ïtsihötö me îpoto watsu'u Ai'uté ma hã. Cartilha de Alfabetização

LACHNITT Georg (Coord.)
(UCDB) 2005



Boé Eejíwu Pinturas faciais Bororos

BORDIGNON ENAURÉU Mario
1996



Adornos Clânicos de cabeça pintados em folhas de Broto de Babaçu

RONDON ADUGO ENAUREU H.
BORDIGNON ENAUREU Mario
1996



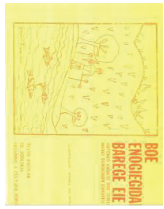
Lendas Bororo. Boe eno bakaru

OCHOA CAMARGO Gonçalo
BORDIGNON ENAURÉU Mario
1997



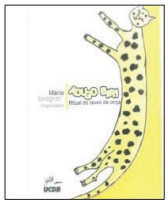
Mano. Um ritual Bororo e uma experiência didático-pedagógica.

KANAJÓ António - OCHOA C. Gonçalo - BORDIGNON ENAURÉU Mario
1997



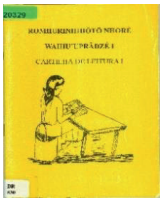
Boe Enogiegidae Barege Eie. Texti escolar de Zoología segundo a cultura Bororo

KANAJÓ António - BORDIGNON ENAURÉU Mario
1988



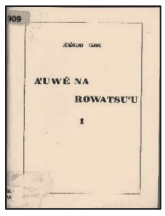
Adugo Biri. Ritual Bororo do couro da onça

BORDIGNON ENAURÉU, Mario Org.
(UCDB) 1988



Romhurinhihötö Nhoré Waihu' Upradzé I Cartilha de Leitura I 2° Edição

SALESIANOS MG
2004



A-uwê ma Rpwatsu'u 1

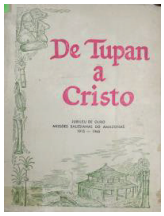
TSAWE Jerónimo
1990



Datsiwamri Prédubzé – Datsi'ãma Tsapari Prédu. Palavras antigas Xavante – com tratamento

TÕMOPTSÉ DUPRÉDZAMO, Rufino (Coord).
(UCDB) 2009

Pastoral



De Tupan a Cristo. Jubileu de Ouro

MISSÕES SALESIANAS DO AMAZONAS 1915-1965
1965



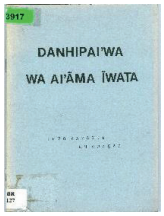
Missa em Bororo

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
1984



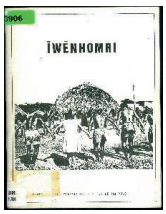
Itsa' Rada. Liturgia da Santa Missa em língua Xavante

GIACCARIA Bartolomeu - LACHNITT Georg
1985



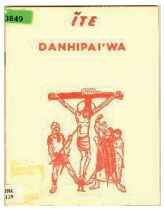
Danhipai 'wa Wa Ai' Ama Iwata. Povo Xavante em Oração

LACHNITT Georg
1985



Iwenhomri. Celebracão dos Sacramentos

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
1985



Îte – Danhipai'wa

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
1985



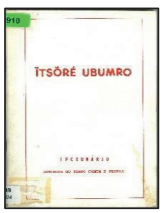
Robdzépatadzé (Quaresma)–Danhipai'wa Tsihoibadzé (Páscoa)

MISSAO SALESIANA DE MATO GROSSO
1985



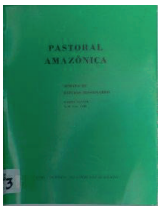
Danhipai'Wa, Ama Rowêdza 'Éné. Glória a Vós, Senhor

PAES SILVA, Miguel - GIACCARIA Bartolomeu
1986



Itsôré Ubumbro. Lecionário Domingos do Tempo Comum e Festas

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
1987



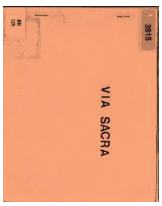
Pastoral Amazônica Semana de Estudos Missionários – Campo Grande

DICASTERO PER LE MISSIONI
1988



Hoimanaïuïo te aima rowahutu. Catecismo para os Xavante. Livro do mestre.

GIACCARIA Bartolomeu
1988



Via Sacra Xavante

LACHNITT Georg
1989



Cantos litúrgicos Xavante

LACHNITT Georg
1990



Culto Dominical Xavante

LACHNITT Georg
1990



Itsoré Ubumbro (Suplemento) Lecionário Domingos do Tempo Comum e Festas

Missão Salesiana de Mato Grosso
1990



Hoimanaïuïo te aima rowahutu. Catecismo para os Xavante. Livro do aluno

Giaccaria Bartolomeu
1991



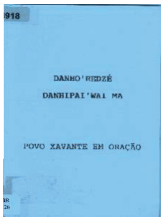
Danhipai 'wa Wa 'Adze. Natal do Senhor. Advento-Natal- Tempo de Natal

Lachnitt Georg
1991



Bakaru Maiwu: Novo Testamento em língua Bororo

Ochoa C. Gonçalo
1992



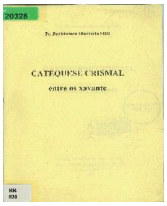
Dahno 'Redzé Danhipai 'Wa Ma. Povo Xavante em oração

Giaccaria Bartolomeu
Lachnitt Georg
1993



Itsa' Rata Nhihödö Missal Romano em língua Xavante

Lachnitt Georg
1993



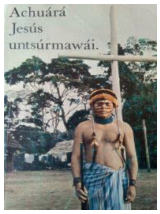
Catequese Crismal entre os Xavante

Giaccaria Bartolomeu
1999



Seminário sobre a práxis missionária na região "Amazônica". Manaus

Dicastero per le Missioni
1999



Achuará Jesús untsúrmawai Achuar chichamji Evangelios en lengua achuar

Vicariato Apostólico de Méndez
1978



Los shuar y el cristianismo

Broseghinni S - Pellizzaro S. - Germani A. - Bottasso J. - Bottaso D.
1978

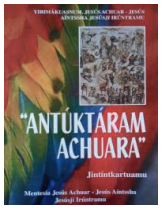


La Iglesia shuar. Interrogantes y perspectivas.
Mundo Shuar "B" n.8
Bottaso D. – Bottasso J. – Broseghini S. – Münzel M.
1978



Shuar Natsa. Nuatnaikiatniun anentaimta au. Algo de problemática juvneil matrimonial

Vicariato Apostólico de Méndez
1984



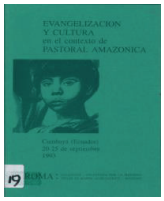
"Antúktáram Achuara" Jinitíntkaratuamu

Bolla Luis
1988



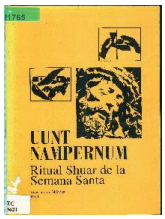
Uunt Nampernum Ritual Shuar de la Semana Santa

Vicariato de Méndez
1990



Evangelización y cultura em el contexto de Pastoral Amazónica Cumbayá (Ecuador)

DICASTERO PER LE MISSIONI
1993



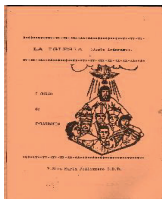
Uunt Nampernum Ritual Shuar de la Semana Santa

VICARIATO DE MÉNDEZ
1994



Imiakratin I Nuestro Pueblo em la vida del Pueblo de Dios.

AÍJIU JUANK
1997



Imiakratin I La iglesia (Jesús – irúnramu)

PELLIZZARO Siro
1997



Imiakratin II Inpinmatai (teología). Jáamrui (enfermedad)

PELLIZZARO Siro
1996



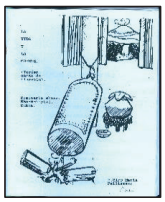
Imiakratin II Sagrada Escritura. Seminario shuar

PELLIZZARO Siro
1996



Imiakratin II La palabra (Chichamtin)

PELLIZZARO Siro
1997



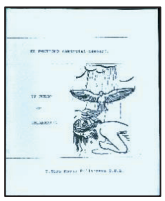
Imiakratín III La vida y la muerte Seminario Shuar.

PELLIZZARO Siro
2007



Imiakratin III Los ministerios y los religiosos en la historia de la iglesia. Seminario shuar

PELLIZZARO Siro
1998



Imiakratin IV El Bautismo (Akintiai – nántar)

PELLIZZARO Siro
1996



Imiakratin V El Matrimonio (Nuátnaitiai – nántar)

PELLIZZARO Siro
1996



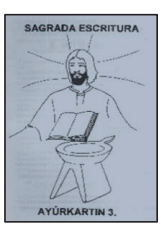
Imiákratin V Magisterio de la Iglesia – El Matrimonio.

PELLIZZARO Siro
1999



Ayurkartin II Iwiaaratai-Nátar La Penitencia

PELLIZZARO Siro
1996



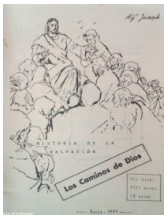
Ayurkartin III Sagrada Escritura

PELLIZZARO Siro
1996



Ayurkartin III
Yurúmak-nátar.
La Eucaristia

Pellizzaro Siro
1996



Ayurkartin VII, VIII y IX
Los Caminos de Dios
Historia de la Salvación

Pellizzaro Siro
1997



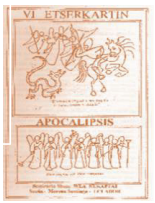
Iidratin I
Iwianch'. Los Espíritus

Pellizzaro Siro
1996



IV Etserkartin Evangelio
San Lucas, Sagrada
Escritura, seminario
shuar – "Wea Nekartan

Pellizzaro Siro
1996



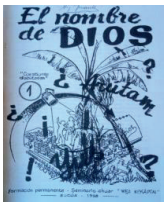
IV Etserkartin
Apocalipsis. Seminario
achuar Wea Nekaptai

Pellizzaro Siro
1996



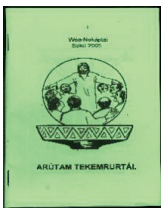
Anéntrutai
(Liturgia de las
horas en shuar)

Vicariato Apostólico de
Méndez
1998



El Nombre de Dios
¿Arutm?
Seminario Shuar

Pellizzaro Siro
1998



Wéa – Nekáptai Sukú.
Arútam Tekemrurtái.

Pellizzaro S.- Kunkumas B.
Náwech A. - Fausto P.
2005



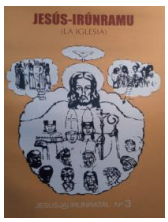
Arútam Chikichktiti
(Dios es uno solo)
Jesúsjai Irúnratái nº 1

Vicariato Apostólico de
Méndez
2007



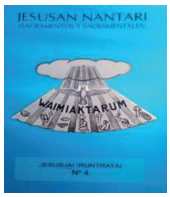
Arútam Awetúrmaji
(Dios es uno solo)
Jesúsjai Irúnratái nº 2

Vicariato Apostólico de
Méndez
2007



Jesús-Irúnramu
Jesúsjai Irúnratái nº 3

Vicariato Apostólico de
Méndez
2010



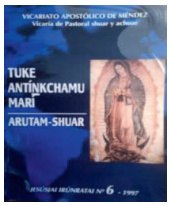
Jesusa-Nantari
Jesúsjai Irúnratái nº 4

Vicariato Apostólico de
Méndez
2008



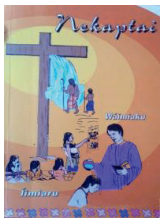
L Iwia Ajasaip'
Jesúsjai Irúnratái nº 5

Vicariato Apostólico de
Méndez
1997



Tuke antínkchamu Marí
Arutam-Shuar
Jesúsjai Irúnratái nº 6

Vicariato Apostólico de
Méndez
1997



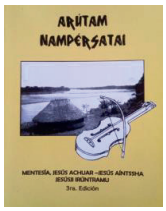
Nekaptai
(Camino de iniciación Cristiana)

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
1997[3]



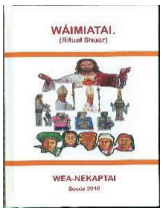
Anentruatái

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2016[10]



Arútam Nampérsatai
Mentesía, Jesús Achuar
Jesús Aíntssha.
Jesúsji Irúnttramu

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2000[3]



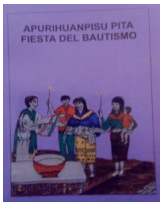
Wáimiatai (Ritual Shuar). Wea - Nekaptai

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2018



Arùtam 3. (Etsa)

PELIZZARO Siro – TSERE Washíkiat – NAWECH Fausto – ENTSAKUA Pedro
2002



Aourihuanpisu pita Fiesta del Bautismo

HNA. GARCÍA Dolore María Dolorosa C.M.S.C.J.
2000



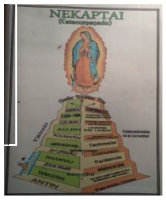
Úunt Nampérnum Ritual de Semana Santa.

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2010[5]



Narín Nájankur. Jesusan Yurumke Yurúmak Yuká (Ritual)

VICARIATO DE YURIMAGUAS. SAN LORENZO
2002



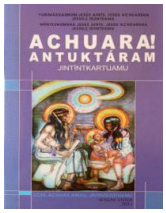
Nekaptai Catecumeando

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2011[6]



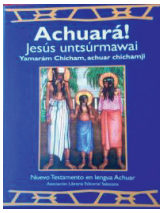
Cantoral Bilingüe Shawi - Castellano

PARROQUIA SAN LORENZO
VICARIATO DE YURIMAGUAS
2006

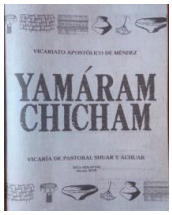


Achuara! Antuktáram Jintínkartuamu
(Catecismo de niños)

MISIÓN DE WASAK'ENTSA
2011



Achuará. Jesús untsúrmawai Yamarán Chícham, achuar chichamji Nuevo Testamento em lengua achuar
EDITORIAL SALESIANA
2009



Yamáram Chicham Nuevo Testamento em Shuar

VICARIATO APOSTÓLICO DE MÉNDEZ
2012



Jesús yuká
(Los sacramentos)

BOLLA Luis
2015[2]



AMAZÔNIA
SALESIANA

A.

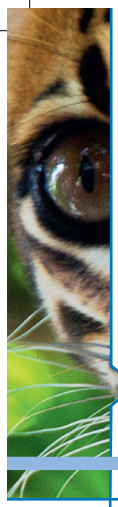
ANEXOS

- ENCONTRO SALESIANO PAN-AMAZÔNICO

1-4 novembro de 2018

- ENTREVISTAS,

Roma, 7-8 março de 2019



A. Encontro Salesiano Pan-Amazônico de Manaus. 1-4 novembro de 2018

1. PARTICIPANTES

INSPETORIAS DOS SALESIANOS

Inspetoria de Manaus (BMA)

01. Pe. Jefferson Luís dos Santos (*Insp.*)
02. Pe. Reginaldo Lima Cordeiro
03. Pe. Justino Sarmento Rezende
04. Pe. José Reginaldo Oliveira
05. Pe. Ubaldino
06. Pe. Antônio da Cunha
07. Pe. Washington Luís
08. Pe. Roberto Cappelletti
09. Pe. Gerardo Zarate
10. Ir. Jomar Castillo
11. Pe. Slawomir
12. Pe. Isley Queiroz
13. José Mario Pereira
14. Marciano Moreira
15. Andrè
16. Graziela
17. Adelson Campos
18. Alison (Jovem indígena)
19. Raydison (Jovem indígena)
20. Alexandra (Jovem indígena)

Inspet. do Mato Grosso (BCG)

21. Pe.Wagner Luis Galvão
22. Pe. Georg Lachnitt
23. Pe. Bartolomeu Giaccaria
24. Pe. Aquilino Tsere´ubu´õ Tsi´rui´a
25. Diac. José Alves de Oliveira
26. Pe. José Marcos de Oliveira
27. Pe.Andelson D. Oliveira
28. Diac. Vanderson de Souza Gomes
29. Ir. Mário Bordignon
30. Ir. Nelcina Alves de Souza hma
31. Ir. Cleide Pallo Janeiro hma
32. Ir. Antônia Brioschi hma
33. Ir. Úrsula Costa Guimarães hma
34. Ir. Joana Aparecida Ortiz
35. Ir. Martha Genoveva J. Andino
36. Ir. Carmen Falla
37. Divino Tserewahu Tsereptsé
38. Sr. José Mário Kugarubo (Bororo)
39. Sra. Eva Maria Luiz Ferreira

Inspetoria de São Paulo (BSP)

40. Pe. Tiago Eliomar Morais

Inspetoria do Equador(ECU)

41. Guido Etsaa
42. Marcelino Chumpi
43. José Juncosa
44. Pe. Juan Bottasso,
45. Ir. Consuelo Chiriboga - hma
46. Pe. Agustinus Togo
47. Pe. Juan José Huinisaca
48. Pe. Ángel Lazo

Inspetoria do Peru (PER)

49. Pe. Martín Quijano
50. Pe. Diego Clavijo
51. Pe. Josef Kamza
52. Pe. Fidelius Marie Freud
53. Diac. Puanch Mukuin
54. Diac. Yuran Saan

Inspetoria da Venezuela (VEN)

55. Dom José Ángel Divasson
56. Pe. Manuel Neto Vieira Coelho
57. Pe. Nelson Briceño Contreras

Inspetoria do Paraguai (PAR)

58. Pe. José Daniel Martínez
59. Ir. Blanca Ruiz Díaz hma

Roma – SDB – Sede Central

60. Pe. Guillermo Basañes (*RMG)*
    Conselheiro para as Missões
61. Pe. Martín Lasarte (*RMG*)
62. Pe. Georg Menamparampil (*RMG*)
63. Pe. Amaglo Samuel (*UPS*)
64. Pe. Jacob Kalavanal (*comunicação*)

INSPETORIAS DAS SALESIANAS

Inspet. Laura Vicuña Manaus

65. Ir. Carmelita (*Inspetora*)
66. Ir. Monica Hivana
67. Ir. Magda
68. Ir. Leonéia
69. Ir. Rosalva



Participantes ao encontro Panamazónico Salesiano, Manaus 01-04/11/2018.

70. Ir. Evanete
71. Ir. Janete
72. Ir. Vera Regina
73. Ir. Vanusa
74. Ir. Ana Clébia
75. Ir. Mauraluce
76. Ir. Soraya
77. Ir.Célia
78. Ir. Orminda

Inspet. Santa Teresinha – Manaus

79. Ir. Madalena Scaramussa (*Inspetora*)
80. Ir. Fermina Lopez
81. Ir. Mariluce Mesquita
82. Ir. Carmen Silva
83. Ir. Adeilza Souza
84. Ir. Maria dos Anjos
85. Ir. Rute Moreira

86. Ir. Terezinha de Jesus
87. Ir. Cristina Freire
88. Ir Martha Aparecida
89. Gilsa Cardoso
90. Jocilaria Lana
91. Adenilza Lopez
92. Marinete Campos
93. Josilene Azevedo
94. Ianka Araujo

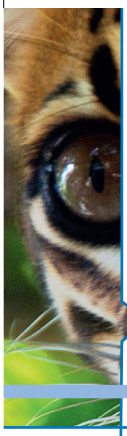
Roma – Casa Geral

95. Ir. Alaíde Deretti
96. Ir. Maike Loes

Outras Inspetorias

97. Ir. Gloria Elena García (Colômbia)
98. Ir. Rosario Lourdes (Bolívia)
99. Ir. Eliana Velapatiño (Peru)





Primeiro Dia (01/11)

2. PALAVRAS DE BOAS-VINDAS

Pe. Jefferson Luís Santos[1]*, sdb*

Ao anunciar o Sínodo para a Amazônia, o Papa Francisco definiu seu objetivo: "Identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta".

Diante deste anúncio, que traz muita alegria e esperança para a igreja na América Latina e Pan-Amazônia, queremos preparar-nos também para viver este Sínodo com toda a Igreja, como Família Salesiana, Povo de Deus. Muito se tem refletido e escutado os povos da Pan-Amazônia a partir dos gestos do Papa Francisco desde a convocação deste sínodo, do seu encontro com os povos indígenas em janeiro deste ano, para escutar suas vozes e ajudar em suas organizações; levar as problemáticas indígenas a organismos internacionais de apoio e defesa de seus direitos; contribuir para o protagonismo dos povos indígenas nos espaços de incidência e luta; conectar-se com experiências para além da própria instituição ou geografia; fortalecer, valorizar e defender iniciativas conectadas com o Bem Viver; conhecer e divulgar a Carta Encíclica *Laudato Si'*; retomar a espiritualidade ecológica em conexão com as realidades socioambientais tanto urbanas como nativas. Na certeza de que, no vigor da Espirito, o Sínodo para a Amazônia já está gerando frutos de comunhão e escuta comunitária, procuremos discernir novos caminhos para a evangelização em contexto amazônico, somando forças com o jeito de ser sdb-fma, com os elementos fundamentais do nosso carisma e com um grande respeito pelo bem viver dos povos que habitam essa região há séculos.

Sintam-se em casa, neste ambiente preparado com muito carinho para ser o espaço da contemplação das maravilhas de Deus, e também do encontro com irmãos e irmãs que comungam da mesma paixão pelo Reino, pelo povo mais esquecido e abandonado de nossas nações, verdadeiro rosto de Cristo encarnado nas diversas culturas. A alegria de caminharmos lado a lado nesta missão sonhada por nosso pai Dom Bosco nos sustente na superação dos desafios que

[1] Inspetor da Inspetoria salesiana Missionária da Amazônia.

se apresentem e nos anime sempre mais a presença de Maria Auxiliadora mãe e mestra de uma igreja em saída. Bom trabalho!

Os Salesianos estão presentes neste território há 103 anos. No dia 05 de dezembro festejaremos 60 anos de Fundação da Inspetoria São Domingos Sávio, isto para dizer que a missão da Família Salesiana na Amazônia possui uma história cheia de acertos, limites e sonhos. E é com essa liberdade, de quem faz parte deste vasto território, que recebo cada um de vocês e ouso dirigir estas breves palavras.

Buscai o Reino de Deus e sua justiça (*Mt* 6,33), a busca por construir o Reino de Deus foi, e continua sendo, a chama de que alimenta o ardor missionário da Igreja. De fato, ela se compreende com uma instituição que existe para evangelizar (*EN*, 14). Esta missão, recebida do seu Senhor – *Ide, batizem, façam discípulos* (*Mt* 28,19), a faz chegar aos confins da terra (*At* 1,8). Entretanto, sua prática missionária ao longo da história, infelizmente, em muitos momentos ficou marcada por posturas que não espelharam o núcleo essencial do evangelho. A busca pela construção do Reino de Deus e sua Justiça, em tantos momentos se confundiram com as estruturas sócio-políticas de dominação e, em alguns casos, com graves prejuízos ao mandamento máximo de Jesus - Este mandamento *eu vos deixo, amem-se!* (*Jo* 13,34). Hoje, à luz dos acontecimentos da história, precisamos debruçar-nos sobre estes fatos para avaliar nossa ação como Igreja na Pan-Amazônia e para continuar sonhando o futuro. Aqui aceno três aspectos que acredito serem importantes para a reflexão que faremos ao longo destes dias.

1. Rever a história

A história da Evangelização na América Latina é marcada pelo dilema 'cruz e espada', de tal sorte que é impossível, para um homem de fé, ler as páginas da obra *A Heresia dos Índios* de Ronaldo Vainhas, ou *La destruición de las Indias,* do Frei Bartolomé de Las Casas e não sentir uma natural necessidade de penitência. Sim, pois as violências cometidas por cristãos do novo continente ligam-se ao hoje de nossa história de uma forma muito atuante. Se acreditamos haver uma "solidariedade na graça", existe do mesmo modo uma corresponsabilidade no mal. E não precisamos abraçar todas as críticas de Eduardo Galeano em "As veias abertas da América Latina", ou de Darci Ribeiro para entender isso. Nos basta recorrer à fidelidade das letras do Evangelho, como fez o Papa Francisco durante sua viagem ao México em fevereiro de 2016. **Bem verdade que a história da colonização conheceu também exemplos de amor cristão**. Entre eles recordamos Frei Bartolomé de Las Casas, e São José de Anchieta,

intrépidos defensores dos povos indígenas, fizeram de suas vidas um hino de contestação ao domínio colonial. Deixara-nos exemplos edificantes de inculturação, dedicação à causa dos mais frágeis. Sofreram perseguições e difamações, sem desanimar. Quanto o documento sinodal nos apresente a dimensão profética, parece-me acenar à necessidade que temos de retonar à estas figuras para nos perguntar sobre o presente – *Onde tem ficado o profetismo de nossa ação? O que temos dito sobre o massacre continuo a que estão expostos os indígenas na beira das rodovias, ou encurralados em territórios mínimos? Nos toca a continua exploração e destruição da Amazônia? Em quais organismos de defesa dos povos indígenas e da ecologia marcamos presença?*

O Sínodo e os jovens nos interpelam e desafiam.



2. Revisitar a presença salesiana no continente latino americano

A Igreja está presente no novo continente desde os seus inícios. A Congregação Salesiana também veio, séculos mais tarde, para dar sua parcela de contribuição. Chegamos na América nas últimas décadas do século XIX na primeira expedição missionária desta empreitada. Certamente a história nos fará reconhecer que nem sempre fizemos as melhores escolhas, mas também nos ajudará a purificar e aperfeiçoar o serviço que prestamos ainda hoje aos indígenas, destinatários e participantes de nossa missão. É preciso recordar a nossa participação nos movimentos campesinos após o Vaticano II.

O ressurgimento do indigenismo e da defesa ecológica na América Latina teve uma importante participação da Igreja Católica. "*Nas zonas rurais na Guatemala, na Bolívia, na Colômbia, no Equador e no México, o clero católico desenvolveu discursos que revalorizam as línguas e culturas autóctones*", criaram estratégias pastorais favoráveis à "*organização social das populações indígenas*". Recordamos aqui de modo particular a figura dos bispos *Leônidas Proaño e Samuel Ruiz.* Como esquecer a fabulosa mensagem e testemunho de São Oscar Romero, recentemente canonizado. Nele a luta, até a oferta da vida, tornou-se mais que um discurso, tornou-se semente de esperança para todos os continentes. No Brasil, a criação do Conselho Indigenista Missionário, o CIMI, do qual participaram valorosos

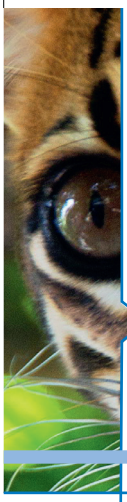


Salesianos, a fomentação das CEB's, formam importantes espaços de organização popular. Como não existe profecia sem consequências, aqui também tantos derramaram o sangue. Como não lembrar o Salesiano Padre Rodolfo Lunkenbein, e Dórothy Stang e tantos outros inumeráveis mártires da causa dos pobres. *Como revisitar essa memória para sarar as feridas e levantar ânimo abatido? Como revisitar nossa relação com os militares e com o estado? O que estas alianças nos dizem? Que resquícios destas relações ficaram em nosso modo de lidar com os mais necessitados?*

3. O Reino a Construir

Os indígenas migraram por todo o continente fugindo da colonização. Frei Bartolomé denunciou o paraíso destruído, a Campanha da Fraternidade aqui no Brasil refletiu em 2002 sobre – A busca da terra sem males. O Salesiano Padre Alcionílio Brüzzi, relatou as crenças e lendas de Uaupés, Padre Casimiro Beksta traduziu as importantes obras de Theodor Koch-Grünberg, hoje buscamos o "bem viver". ***Entre a utopia sem males e a triste constatação dos imensos males nesta terra praticados, o que nos resta?*** A resposta não é simples e nem fácil, mas certamente ela não pode prescindir da esperança cristã. Acredito que este Sínodo é para nós uma preciosa oportunidade de aprofundarmos o nosso compromisso com a **Inculturação do Evangelho, com a defesa da ecologia e dos mais pobres – dos jovens, das crianças e adolescentes, sem esquecer de todos os demais**. Todavia, isso só será possível quando houver espaço para a acolhida do outro na sua língua, na expressão dos seus códigos culturais e no seu universo simbólico. Sem isso teremos indubitavelmente ou diálogo ou destruição de um polo da alteridade.

E à guisa de conclusão, faço presente que este encontro realiza-se num momento providencial. Acabamos de celebrar o sínodo dos jovens sobre o tema do acompanhamento e discernimento vocacional. Na esteira do sínodo o Reitor-Mor lançou-nos o convite à preparação ao CG28 com o tema – O perfil do Salesiano de hoje para os jovens de hoje. E para completar a tríade, o sínodo para a Amazônia – novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Os jovens, os Salesianos, os Salesianos na Pan-Amazônia. Esta é uma oportunidade privilegiada para que nos debrucemos sobre a nossa identidade missão, sobre a situação geopolítica deste vasto território em que atuamos para uma vez mais colaborarmos com a Igreja Universal. O tema escolhido para este encontro é – ***O sínodo nos interpela?*** Se nos interpela, ***que exigência nos faz? Que provocações nos propõe? O que lhe diremos em resposta?*** Desejo que estes dias sejam profícuos e nos ajudem a encontrar caminhos para uma evangelização na América Latina com rosto salesiano e que ajudem os nossos povos a encontrarem a vida plena do Reino proposto por Jesus.



Segundo Dia (02/11)

3. TRABALHO EM GRUPOS: OS SALESIANOS E AMAZÔNIA

Depois da palestra do P. Juan Bottasso: "A contribuição dos Salesianos na Amazônia"; a assembléia foi dividida em 6 grupos (6 rios) para responder à seguinte pergunta:

O que nos ensina a história para os dias atuais?

Grupo 1: RIO NEGRO

- Que homens e mulheres, apaixonados por Deus, deram suas vidas em prol do Reino.
- Superação do medo, dos desafios, do cansaço físico/emocional.
- Ousadia em anunciar a Boa Nova, não ficando presos aos métodos de evangelização.
- Busca por responder às necessidades reais do seu tempo, por meio do diálogo e da escuta.
- Criatividade e capacidade de adaptação dos missionários.
- Exageros por parte de missionários no processo evangelizador (quanto à concepção teológica, antropológica, filosófica).
- Superação da visão de que há a cultura superior e a inferior; a que só tem a oferecer e a que só tem a receber.
- Superação de um projeto pessoal para um coletivo; de um personalista para um projeto realizado com processos, comunitário.
- Conhecendo a história, não repetir os mesmos erros. Daí a importância da convivência e da partilha para construir juntos o caminho.
- Necessidade de trabalhar em conjunto com grupos diversos, movimentos, congregações.
- Compreensão do processo histórico/político/social/eclesial de cada período.
- Importância dos registros, memórias do povo.
- Superação da grande concentração em alguns missionários. Autoreferenciamento.
- A certeza de que nossa missão deve ser caracterizada pelo que "somos" e não pelo que "fazemos".
- Entrar dentro da cultura, estar ali presente, abrir mão de muitos valores, esquemas, estruturas pessoais.

- Amor, cuidado, atenção com a natureza em sua totalidade.
- Com o testemunho dos missionários, aumentar a certeza que podemos dar muito mais do que damos hoje.
- Continuidade dos trabalhos na realidade atual em que os povos estão inseridos.
- Necessidade dos missionários aprenderem os costumes e as línguas dos povos com quem convivem.
- Importância do diálogo inter-religioso entre as culturas.
- Rever os projetos pastorais a partir da espiritualidade, da pedagogia, das tradições de cada povo.

Grupo 2: RIO SOLIMÕES

- Uma nova compreensão para a prática missionária.
- Os missionários fizeram uma evangelização segundo a partir de uma teologia do seu tempo. Hoje em um novo contexto histórico, não se pode mais repetir uma prática antiga, o mundo nos cobra.
- A coragem que os primeiros tinham para superar as dificuldades como transporte, solidão, espírito de sacrifício... que deu abundantes frutos.
- É pedido que os missionários sejam presença no meio da comunidade indígena. Testemunhar o carisma na vida do povo.
- Os missionários de ontem deixaram valores e nós o que vamos deixar?
- Os missionários de ontem não só cuidaram de almas mas educaram, cuidaram da saúde e promoção humana.
- A história nos ensina a esvaziar-nos para sermos generosos, entregues à missão.
- O testemunho dos missionários é muito forte ainda hoje.
- A paixão missionária nos ajuda a superar o sacrifício, a pobreza, conhecer a cultura do povo, sentir alegria de anunciar Jesus Cristo porque Ele é o centro da missão.
- Conhecer a realidade de um mundo que muda rapidamente.
- Para dar novas respostas, repensar caminhos novos.
- É estimulo para que os jovens não se deixem instrumentalizar.
- Qual o fruto do nosso trabalho?
- Repensar um novo tipo de formação para o clero e as vocações autóctones.
- A educação trouxe autonomia para ser porta voz das comunidades.
- A semente lançada no passado deu frutos ao protagonismo indígena.
- Ser presença sensível frente às dificuldades, entender a espiritualidade do mundo dos povos com os quais convivemos, demonstrando que estamos com eles por amor.
- Os Salesianos (as) têm como desafio sensibilizar e envolver os universitários a se engajar nas paróquias.

- Responder ao desafio dos indígenas urbanos.
- Não impor nossas ideias, compartilhar a vida e missão.
- Gritar o Evangelho com a vida é o caminho.
- A presença missionária é importante, partilhando vida e valores recíprocos.

Grupo 3: RIO MADEIRA

- Um elemento importante é a realidade dos povos indígenas. Valorizar o conhecimento dos povos indígenas.
- Trabalho em rede, não podemos trabalhar isolados, mas realizar uma pastoral de conjunto.
- Como conhecemos onde está Deus entre os indígenas? A imensa maioria dos missionários necessitam fazer um aprofundamento.
- Desafio presente: o aprendimento da língua local para poder entrar mais profundamente na realidade e essência da cultura.
- Tem muitas obras dos Xavantes e Bororos que foram criadas, todavia não se aprofundou uma espiritualidade dos mesmos; teve um avanço, mas parou.
- Existem ministérios entre os indígenas, todavia ficamos presos ao pensamento romano dos ministérios da igreja. As lideranças espirituais indígenas são por natureza verdadeiros ministros de sua cultura.
- Em relação aos jovens indígenas, são um desafio atual. Pensar em mecanismos, propostas no sentido de respeitar a cultura e a história. Ajudá-los a conhecerem sua história, valorizar seus ritos, cultura. Tem elementos na cultura branca que mais atrapalham do que contribuem na educação dos jovens.
- Ajudar os jovens a aceitarem sua cultura e não terem vergonha de suas origens. A pressão social contribui para a perda do sentido do sagrado.
- Como missionários devemos ter presente o sentido de ver e aprender com os povos indígenas. Antes de querer apenas ensinar devemos cultivar o espírito de escuta e aprendizado.
- Como Congregação devemos pensar sobre a formação dos jovens indígenas, pois o período de formação é muito longo e contribui para o distanciamento de suas raízes.
- Como vivenciamos nossa fé em meio aos povos indígenas, como anunciar nosso carisma. Nosso cristianismo está vivendo um tradicionalismo. É necessário deixar-nos viver pela ação do Espirito. Favorecer o discernimento sobre o que devemos fazer junto do povo.
- As missões deixaram em alguns momentos uma grande dependência junto as comunidades indígenas, culpa de um certo modo de pensar do passado: "Se o missionário está aí, porque me preocupar?"

- Muitos Salesianos foram paternalistas, deixando uma carência na formação política do povo. Todavia, a política às vezes mais divide do que agrega, é necessário um acompanhamento do povo sem tirar sua autonomia.
- A formação é algo que merece uma constante atenção, não apenas teoricamente, mas na prática. Preparar e acompanhar bem os missionários e missionárias que são enviados em terras de missão. Proporcionar aos jovens experiências em terra de Missão.
- Algumas comunidades indígenas têm por natureza uma maior profundidade espiritual do que muitos religiosos.
- Os missionários são importantes na nossa história. Nossos pais ajudaram na construção da Missão. Antigamente não existia tanta tecnologia como hoje existe. Isso atrapalha muito na vida dos jovens, causa conflitos e o afastamento da cultura. Muitos jovens terminam o Ensino Médio e ficam na comunidade, acabam não fazendo nada. Na Missão aprendi a falar português, escrever o nome, conhecer a política do homem branco. Falta a nós, povo Yanomami, padres e religiosas autóctones.

Grupo 4: RIO UAUPÉS

- A história precisa estar viva nas nossas mentes, pois nos ajuda a reaprender com o seu movimento. Ela é dinâmica e não estática.
- A história dá um importante direcionamento na condução do trabalho missionário.
- É fundamental que o contexto histórico esteja presente todos os dias no nosso trabalho. A memória dá consistência e credibilidade no porquê das coisas e ajuda a abrir as perspectivas para o presente e para o futuro.
- A história nos ensina que precisamos conhecer a história dos povos amazônidas para nos envolvermos nela e com ela.
- A história é um conjunto de conhecimentos tradicionais e científicos do passado que fortalece o presente.
- A formação do missionário é fundamental para uma melhor inculturação em meio ao povo.
- A formação das lideranças para um maior envolvimento e valorização dos autóctones no processo de inculturação em ato.
- A evangelização deve começar pela acolhida e o conhecimento da pessoa como tal. Consequentemente, segue a proposta do evangelho e o encontro com a Pessoa de Jesus.
- Ter atenção às mudanças que a própria história vai sinalizando de modo a corrigir o que não foi bom, o que não trouxe benefícios para o crescimento das pessoas.

- Ter sempre muita fé e muita esperança para ousar e ir adiante.
- Alimentar hoje em nós, a doação, o espirito de sacrifício, a audácia missionária dos que vieram antes de nós, para que possamos ser significativos na vida das pessoas pelas quais estamos lutando; fazer com e por amor à causa; acreditar nela.
- Retomar e valorizar o trabalho em conjunto, em parceria, como Família Salesiana, como Igreja, com aqueles que abraçam esta causa.

Grupo 5: RIO TAPAJÓS

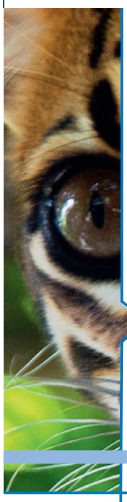
- Paixão por Jesus Cristo e pelo o seu Reino. Os primeiros missionários trabalharam com ardor apostólico ao ponto de não existir analfabetos no Rio Negro.
- A história nos ensina a aprender caminhos e a corrigir processos junto ao povo.
- Com toda entrega e generosidade; ver as luzes e as sombras.
- Houve transformações e fomos capazes de acompanhar as mudanças. Capacidade de dialogar com os antropólogos, políticos, instituições de forma crítica; capacidade de lidar com as mudanças para o desenvolvimento dos povos. Trabalho em rede em prol da comunidade apostólica.
- A importância de trabalharmos juntos: SBD, FMA, leigos (as) em prol da missão.
- Ir ao encontro das periferias, a presença das Irmãs no meio urbano, com a proximidade do povo, surgindo o crescimento das vocações.
- Questionamento: Tínhamos no passado uma atitude de inferiorizarão da cultura indígena.
- Precisamos ter em vista que é importante evangelizar ajuda-los a fazer experiência com Jesus Cristo.
- Precisamos nos conscientizar do passado que se preocupou com a colonização e com isto não evangelizou. Por esta razão precisamos estar abertos ao diálogo intercultural e evangelizar. Precisamos conhecer o passado para não repetir os erros do mesmo. Somos filhos (as) de Dom Bosco.
- O protagonismo não está em mim que sou evangelizador, mas nos povos Indígenas e ribeirinhos, na Pastoral Indígena. Discernir o que há de evangelização e aproveitar para a evangelização, o nosso modo de viver que contagie.
- Faz-se necessário se re-escutar a história, a cultura para valoriza-lá.
- A mentalidade dos primeiros missionários que desvalorizava a cultura dos Indígenas. Alguns missionários ainda precisam se inculturar. Algumas práticas são desencarnadas da realidade.
- A cultura não pode viver sem Deus. Os missionários nos valorizaram, nos ensinaram a ler, a escrever, a falar e também a nossos filhos. Nos ensinaram a ser.



- A cultura é importante, porém é importante a inculturação da espiritualidade.
- A cultura deve estar vinculada à religião. Na medida em que se conhece o evangelho vão mudando as atitudes.

Grupo 6: RIO AMAZONAS

- Um bom número de SDB e FMA entregaram suas vidas, é indiscutível.
- A grande contribuição na educação, a preparação de professores e profissionais que continuam o desenvolvimento do protagonismo. O trabalho nos internatos para a formação e educação, mas ainda é necessário estudar o assunto dos diplomas. Alguns esquecem da sua cultura.
- Defesa do território com a criação de organizações, mas falta uma formação política que os faça donos do seu futuro e do seu povo.
- Os Salesianos e as FMA preservaram o povo, a raça (Bororos, Xavantes), a cultura como fato muito importante, destaca-se o trabalho do Pe. Rodolfo.
- Trabalharam em pesquisa, especialmente na conservação de idiomas.
- O desafio é ser como Jesus, estar com as pessoas que vieram, proclamando a justiça, a verdade, fraternidade, paz, respeito, vida, promovendo a educação, a saúde, ... relacionamento verbal, relacionamento religioso, relacionamento alteridade (bondade salesiana que muda os corações).
- Valorizar a cultura indígena que enfatiza o viver e não o fazer.
- Inculturar a liturgia, levando em conta sua visão de mundo e sua religiosidade.
- Devemos aprender juntos, o uso da tecnologia, o desafio para as pessoas neste campo é também o nosso desafio.
- Promover sua cultura que se deve valorizar e cultivar também na cidade, ensinar que eles têm sua originalidade, sua riqueza que não podem ser esquecidas.
- Tem faltado o trabalho com as mulheres, valorizando sua figura e seu papel fundamental entre os povos.
- Diante de jovens que não querem cultivar sua própria cultura, deve-se lhes ajudar a assmir a sua cultura de forma aberta à cultura do mundo.
- Estar atentos ao testemunho e à vocação para a Vida Religiosa. Há um choque de diferentes culturas. É importante fazer uma releitura entre os missionários de como eles se apresentam, de como eles pensam, há muitos jovens que começaram o caminho da Vida Religiosa, mas se tem retirado.
- A inculturação deve ser sempre uma questão pendente, porque encontram-se rupturas.



Segundo Día (02/11)

4. TRABALHO EM GRUPOS: A SITUAÇÃO DA AMAZÔNIA.

Após a conferência do Sr. José Juncosa: "Contextos, Interculturalidade e Situação da Juventude"; a assembléia foi dividida em 6 grupos (6 rios) para responder às perguntas:

1) Da realidade apresentada, que elementos parecem mais urgentes?

2) Que aspectos da situação dos jovens de hoje parecem mais desafiadores?

Grupo 1: RIO NEGRO

1. • Denunciar profeticamente o modelo de desenvolvimento econômico atual (agronegócio, mineradoras, exploração de madeiras, construção de usinas hidrelétricas) que agride e destrói a "*Casa Comum*".
   • Criar estruturas de formação diferenciada para os jovens que desejam ingressar nas instituições religiosas.
   • Possibilitar os ministérios ordenados (diaconato) e dar as devidas condições para o pleno exercício dos mesmos na missão.
   • Formar lideranças para inserção nos interesses de políticas públicas sociais e do Meio Ambiente.

2. • Lutar pelo reconhecimento e pela valorização dos costumes, da língua, da identidade cultural junto às comunidades indígenas e não indígenas.
   • Formar jovens, agentes de transformação, para que sejam protagonistas do processo de educação/evangelização.
   • Atuar junto ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário) no processo de formação de missionários, apoiando as populações indígenas na busca pelos seus direitos.
   • Acompanhar, motivar os indígenas em sua entrada e permanência nas universidades, uma vez que estão mais propensos aos riscos que são próprios desse novo ambiente em que estão inseridos.

GRUPO 2: RIO SOLIMÕES

1. • Aproximação da realidade para compreender os temas que dizem respeito ao bem comum.
   - Formação da consciência crítica para as grandes e pequenas causas.
   - Acompanhar os animadores com os quais trabalhamos nas várias pastorais.
   - Gastar mais tempo para assessorar as lideranças, quanto à fé, saúde, educação, política, sendo presença propositiva.
   - É urgente anunciar Jesus Cristo, estando ao lado dos mais pobres.
   - Como SDB e FMA envolver os ex-alunos (as) nas causas em favor dos direitos.
   - Propiciar sólida formação para os leigos.
   - Itinerância SDB e FMA para acompanhamento das comunidades dos rios onde é possível.
   - Trabalhar em rede, equipe.
   - Empoderar as lideranças e jovens de suas responsabilidades para enfrentar os desafios futuros.
2. • Acompanhamento dos jovens universitários na cidade.
   - Envolver os jovens nas organizações comunitárias que já existem para o fortalecimento e defesa de seu protagonismo.
   - Prevenir e conscientizar para o perigo do álcool e da droga.

GRUPO 3: RIO MADEIRA

1. • O fortalecimento das culturas. Cuidado com a identidade dos povos para que a mesma não se perca.
   - Os desafios da tecnologia tanto no meio indígena como no urbano. Perca da comunicação entre a família.
   - O missionário não conhece suficientemente a conjuntura econômica político social sobre a região.
   - Incentivar o trabalho em redes.
   - Como Igreja, promover o encontro entre culturas.
   - Necessidade de trabalho junto aos indígenas urbanos.
   - Com a carência de pessoal ter prioridades mais claras.
2. • Nosso papel como educadores. Muitos jovens terminam os estudos e voltam para a aldeia não tendo perspectiva.
   - Conhecer com competência um pouco mais a situação juvenil amazônica. Qual é sua relação com a Igreja? Querem conhecer sua cultura? Suas aspirações?

- Muitos jovens vêm para a cidade estudar e ficam à mercê de situações de explorações.
- Mudança de mentalidade, conversão pastoral.
- Continuidade do projeto educativo das aldeias na cidade.
- Universitários formados para que? Conscientizar os jovens sobre a necessidade de ajudar seu povo.
- Uma voz profética na cidade para favorecer a cultura de onde os jovens saíram, para não perderem sua identidade.
- Conscientização educativa sobre o bem da casa comum, cuidado com o meio ambiente.
- Com a vinda dos internatos se perdeu alguns elementos culturais. Todavia, ainda se preservou muitos elementos dos povos. Os mais jovens nem sempre são bem aceitos pelos mais velhos, suas propostas e ideias devem ser valorizadas e discutidas entre os mais velhos.
- Valorização da autoestima sobre a cultura dos jovens.
- Estilo de seleção para o estudo que pode marginalizar alguns jovens.
- Necessidade de uma maior dedicação dos Salesianos para as prioridades mais urgentes que são os jovens, não prendendo se a estruturas físicas.

GRUPO 4: RIO WAUPÉS

1. • Conhecer melhor a realidade sócio-política-cultural e educacional que nos envolve.
   - É urgente inteirar-nos da real cojuntura, como expressão concreta de uma conversão pastoral para uma mudança de mentalidade.
   - Preparar-nos significativamente, Família Salesiana, Lideranças, Agentes de Pastoral para, junto com os Indígenas e outras parcerias, enfrentarmos as mudanças conjunturais e suas forças contrárias.
2. • O distanciamento dos adultos da realidade concreta das juventudes.
   - O protagonismo dos jovens na sua formação.
   - Envolver e capacitar as Famílias e os Jovens, com projetos propositivos que levem à educação para os valores.

GRUPO 5: RIO TAPAJÓS

1. • Criar oportunidades para que os jovens descubram valores.
   - Como formar os jovens com valores evangélicos; apresentando estratégias novas para manter os jovens nos valores.
   - Trabalhar em grupos a formação dos jovens. Suscitar o voluntariado.
   - Estar com os jovens para acompanhá-los.

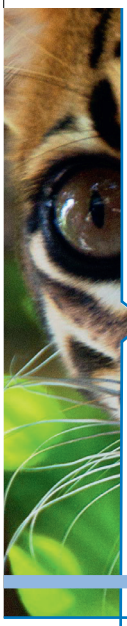


2. • Trabalhar o protagonismo da mulher.
   • Não perspectiva de trabalho para a juventude.
   • Há falta de oportunidade para continuar os estudos; situações complexas da realidade chegam nas comunidades indígenas; estrutura familiar que influência a vida do jovem.

GRUPO 6: RIO AMAZONAS

1. • TRABALHO EM REDE: É positiva a contribuição da Igreja em vários aspectos, o trabalho em prol do meio ambiente e o trabalho em rede com outras congregações e organizações (civis e públicas) com o objetivo de influenciar as políticas públicas. Lutar pelo respeito dos territórios indígenas e pela proteção da natureza.
   • IDENTIDADE: Cuidar da identidade dos povos indígenas nas grandes cidades, onde eles se tornam invisíveis. Como os jovens educados na cultura de seu povo são ajudados? Eles retornam para sua aldeia?
   • JOVENS: Os jovens são a porcentagem importante do nosso povo e não temos uma análise da realidade da juventude amazônica. Como encontrar um caminho para as propostas de maneira mais cuidadosa na educação em interculturalidade? Há muito que se contribuir nos sistemas de educação; nossas universidades devem liderar uma proposta educacional que forme líderes com propostas no âmbito da gestão pública.
   • Devemos ter em mente que este sínodo é para todas as realidades juvenis das diferentes partes do mundo.

2. • A INFLUÊNCIA DO CONSUMISMO: é por isso que é importante cuidar os líderes da juventude.
   • As universidades oferecem programas que não funcionam em áreas indígenas, isso é uma preocupação para a educação intercultural.
   • Os trabalhos salesianos devem influenciar na formação dos jovens. Torna-se necessário ajudar os jovens a deixarem de ser invisíveis para se tornarem voz dos jovens para que seja ouvida. Os missionários devem falar as línguas indígenas, para traduzir não só as palavras, mas também os sinais e os símbolos. O missionário deve compartilhar valores com a sua vida, experiências de trabalho, responsabilidade, fé.
   • Há discriminação de jovens, pela sua grande dificuldade de comunicação. É necessário ajudar a enxergar o valor da cultura das pessoas.
   • Representa um desafio para a formação dos novos Salesianos e Salesianas.



Segundo Día (02/11)

5. BOA NOITE: A PRESENÇA MISSIONÁRIA SALESIANA ENTRE AS MINORIAS NO NORDESTE DA ÍNDIA, "OS *WANCHOS*"

P. George Menamparampil[2]*, sdb*

A presente Boa Noite é a partilha de uma experiência missionária junto à uma minoria étnica em outro ponto geográfico do globo. Apresentaremos o trabalho dos Salesianos no Nordeste da Índia com os "Wanchos"; um caso paradigmático de sucesso educativo-pastoral.

1. Os Wanchos: Vídeo

Os Wanchos [pron. '*uánchos*'] são uma das 116 tribos da família tibeto-birmana, no Estado do Arunachal Pradesh, que habitam no Distrito de Longding, no nordeste da Índia. Vivem em vilarejos ocultos nas montanhas do Himalaia Oriental. As aldeias são 41, protegidas por bambus agitados e balançados pelo vento. Estão estrategicamente posicionadas sobre colinas, acessíveis apenas por estradas íngremes, o que defende melhor a tribo contra eventuais inimigos e a favorece em sua opção pelo isolamento. Antes de entrar em contato com o cristianismo, os Wanchos eram animistas e caçadores de cabeças.

Visto que os missionários eram severamente proibidos de entrar em seu Estado, foi pela educação, meio efetivo para a evangelização, que se deu o contato. Desde 1976, os meninos e as meninas do Estado Arunachal Pradesh foram admitidos nas escolas católicas dos Estados vizinhos: após viverem em internatos católicos, voltavam para suas casas partilhando as boas notícias. Os esforços pioneiros desses alunos se complementaram com visitas, ocasionais e clandestinas, de missionários. Apenas em 1996, quando as circunstâncias tornaram-se mais favoráveis, os Salesianos abriram um Centro Missionário em Mintong. 'Pediram-me que começasse o Centro. Ali cheguei depois de uma extenuante viagem de nove horas. Trazia apenas uma bolsa com os pertences mais necessários, um saco de dormir, o 'kit' para a Santa Missa e meu livro de orações'.

[2] Membro do Dicastério para as Missões salesiana (Roma).

Era apenas um missionário como tantos outros em diferentes lugares do mundo, que – deixando seus lares e entes queridos – plantavam suas tendas de campanha no meio de um povo desconhecido, por língua e cultura, em condições climáticas desafiadoras. Fora isso, havia profundas consolações, como a de ver a multifacetada transformação de todo um povo!

Os Wanchos vivem em típicas moradias feitas de bambu e cobertas de palmas, com divisórias internas, enfeitadas com crânios e chifres de animais caçados. A casa do chefe distingue-se facilmente por ser bem maior que demais.

Em cada aldeia os solteiros viviam em 'morung' (i.e., dormitório): era ali que se iniciavam nos usos e tradições da tribo. A eles também competia velar pelo povoado. Cada 'morung' possuía um enorme tambor de madeira, seu único instrumento musical, que só se tocava nas grandes ocasiões, como no caso de uma caça bem sucedida ou mesmo na morte de um chefe. Com a chegada da educação 'moderna', os 'morung' começaram a desaparecer.

Os Wanchos – tanto homens, quanto mulheres – vestiam-se de modo frugal e gostavam de tatuar o corpo, pretejar os dentes, perfurar as orelhas e o nariz para dependurar neles ornamentos exóticos. Mas o contato com o mundo exterior os fez, gradativamente, abandonar as suas vestes tradicionais, mudando, ao mesmo tempo, vários outros aspectos de sua cultura. A agricultura dos Wanchos baseava-se no cultivo do «Jhum»: desmatavam, queimavam a área e lançavam as sementes sem arar nem adubar. Com isso produzia-se pouco, empobrecia-se o terreno, desapareciam as árvores, o verde... O impacto sobre a fauna e a flora era incontestavelmente negativo. E mais: contaminava-se o ar, corroía-se o solo. Por isso, foram introduzidas alternativas, como o cultivo em terraços e o plantio de árvores, inclusive frutíferas. Entretanto, tais inovações devem ainda – em todos os sentidos – criar raízes. Devido à absoluta falta de serviços sanitários, a mortalidade infantil entre os Wanchos era muito elevada. Na ausência de uma assistência médica moderna, o tratamento de qualquer enfermidade consistia em apaziguar os deuses através de implorações e esconjuros...: 'Quase todas as noites me chamavam para ir interceder por uma criança em ponto de morte. As orações, entretanto, por si sós não podiam salvar aquelas infelizes criaturas...'.

Uma das principais contribuições da Igreja foi na área da saúde e da higiene: deu-se especial atenção às mulheres e às crianças, graças, sobretudo, à intervenção das religiosas, Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora. Isso causou também um impacto positivo adicional nas aldeias: foram instituídos grupos de jovens tanto para manter limpas as vilas, quanto para sensibilizar acerca do uso de sanitários e da criação de suínos confinados. Compreensivelmente, foi a educação que endereçou a missão 'Mintong' em direção à transformação. Inicialmente, os pais relutavam em mandar os filhos à escola, visto que contavam com eles para o trabalho no campo ou no cuidado dos irmãos mais pequenos. Todavia, com

uma refeição ao meio-dia, com o sistema salesiano da bondade, da persuasão, da possibilidade de brincar, as resistências foram anuladas. O fato de ver a primeira geração de educandos, formados pela escola salesiana, num bom emprego convenceu firmemente todos sobre o valor da educação. Em 'Mintong', foram construídos internatos para meninos e para meninas. A catequese é consistente; e os frutos já podem ser vistos: quatro religiosas e um candidato ao sacerdócio.

A ação dos missionários, especialmente através da educação, ajudou a superar alguns hábitos prejudiciais, como a 'dependência' do ópio que os colonizadores britânicos haviam introduzido. Outra prática nociva consistia em expor os mortos ao relento, sobre plataformas de bambu, nos arredores da aldeia, com o objetivo de proteger a tribo do ataque de animais – o efeito protetivo durava um mês. Para isso, decepavam a cabeça, lavavam-na e a penduravam em algum lugar ao externo, depois organizavam um banquete ritual para finalmente cobrir o crânio com pedras. Hoje em dia, os Wanchos percebem os perigos que tal prática pode trazer-lhes à saúde. Os cristãos pelo menos já enterram seus mortos. A Comunidade católica é muito vibrante. As igrejas estão sempre cheias para as celebrações litúrgicas. De fato, agora, tudo gira em torno da igreja e das suas atividades.

Os religiosos e as religiosas acompanham de perto seus fiéis com visitas regulares aos doentes e idosos, e às casas.

Os Salesianos, seguindo o lema de Dom Bosco, *Da mihi animas, cetera tolle*, são conhecidos no nordeste da Índia como incansáveis 'caçadores de almas'. E o fazem com o devido respeito à identidade tribal, esforçando-se com criatividade em preservar a cultura dos povos. Sabendo que os Wanchos são por natureza amantes do canto e da dança, mais e mais, vai-se despertando neles sua mui variada sensibilidade cultural.

O que os Salesianos já conseguiram entre os Wanchos de Arunachal Pradesh é mais que um tributo à sua ousadia e esperança, às suas convicções e compromissos, e à sua capacidade de trabalhar em Equipe pelo Reino de Deus, no espírito de São Paulo: "Eu plantei, Apolo regou e Deus fez crescer". De fato, a mudança operada entre os Wanchos num breve período de 22 anos é inacreditável!

Mas é apenas uma amostra do impacto que a pedagogia salesiana operou em todo o Nordeste da Índia, em menos de 100 anos. Só pode ser um milagre: «Pelo Senhor é que foi feito tudo isso: que Maravilhas Ele fez aos nossos olhos!».

2. A presença da Igreja no Nordeste da Índia

Eu pertenço à província de Dimapur. A maioria da população nesta área pertence a comunidades étnicas minoritárias da Índia. Vivo entre eles desde os onze anos de idade.

Existem centenas de comunidades assim em nossa região. Mostrei um vídeo de uma dessas comunidades, chamado "Wanchos". Por que escolhi essa comunidade? Porque se trata de uma presença recente que remonta a apenas vinte e dois anos atrás, precisamente em 1996. O primeiro missionário entre os Wanchos tinha uma boa câmera. Então, ele foi capaz de documentar tudo desde o começo. O vídeo é uma combinação do que ele gravou há 22 anos e do que o P. Jiji gravou há alguns meses. Nós obtivemos uma comparação e um contraste de como era a situação vinte e dois anos atrás e de como é nos dias de hoje. Vimos o impacto dos Salesianos nessa comunidade, em termos de fé e em diversos aspectos de sua cultura e da promoção humana. O vídeo é apenas de um grupo étnico. Na área onde estão os Wanchos, a Igreja Católica tem agora oito paróquias, nove escolas e sete internatos; tudo isto, nos últimos vinte e dois anos.

Os Salesianos chegaram a Shillong, no nordeste da Índia, em 1922. Naquela época não havia sacerdotes porque os missionários salvatorianos, que eram alemães, tinham sido expulsos pelos ingleses. Havia menos de mil católicos em toda a região. Esta é a situação atual da Igreja Católica na mesma área:

Agora existem duas arquidioceses e treze outras dioceses. Oito bispos vêm das pequenas comunidades locais; os outros sete são índios de outras partes da Índia.

Há 1.650.000 católicos, quase todos de comunidades locais. Há 1621 sacerdotes e 3756 religiosas. Cerca de 50% deles são de grupos étnicos locais.

Existem dois institutos de teologia e três de filosofia. Os Salesianos têm três Inspetorias com dois noviciados, as Filhas de Maria Auxiliadora contam com duas Inspetorias com um noviciado.

Existem 908 paróquias. Todos os catequistas são das comunidades locais.

Como Salesianos, nos concentramos na evangelização, educação, saúde e emprego.

Existem 741 escolas e 30 instituições de ensino universitário. Há duas universidades católicas com plenos direitos: uma pertencente aos Salesianos e a outra à diocese.

Há duas congregações de irmãs fundadas localmente, pertencentes à Família Salesiana. As Missionárias de Maria Auxiliadora contam com 1216 irmãs que trabalham em 205 centros de 60 dioceses, em 12 países. A maioria delas pertencem aos grupos étnicos minoritários locais. As 142 Irmãs da Visitação são das comunidades locais. Muitos católicos destas minorias étnicas são membros em parlamentos estaduais e no parlamento nacional. Existem e existiram vários ministros no governo estadual e federal. Um deles foi presidente do Parlamento Federal em Delhi.

Há milhares de leigos formados nas missões que são atualmente médicos, engenheiros, especialistas em informática, advogados, empresários, professores e outros profissionais que trabalham no Nordeste, em outros lugares da Índia e até mesmo em países como os Estados Unidos, o Reino Unido e a Austrália.

Existem inevitáveis mudanças na cultura. Os jovens são menos conscientes de sua cultura tradicional do que seus avós ou bisavós. Contudo, podemos afirmar que temos ajudado a fortalecer a sua cultura, suas línguas e os deixamos orgulhosos de sua identidade indígena. Traduzimos a Bíblia em dezenas de idiomas locais; escrevemos gramáticas e fizemos os primeiros dicionários em vários idiomas. Temos publicações de literatura diversa em quase todos os idiomas da área. Até dois filmes de sucesso comercial foram produzidos em língua étnica.

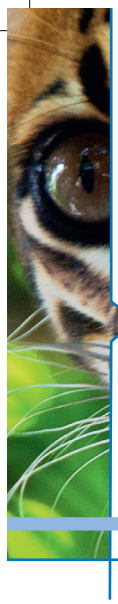
Fundamos o museu "Dom Bosco", em Shillong, que apresenta o património cultural da região; dedicando-se à pesquisa através de publicações sobre as culturas minoritárias. Em poucas palavras, poderíamos dizer que temos contribuído a fim que as minorias étnicas tenham a possibilidade de tomar suas próprias decisões: a escolha do que farão, onde viverão, como vão viver, incluindo as possibilidades de autogoverno em estados autônomos dentro da Índia federal, a escolha de quais práticas tradicionais serão preservadas e quais serão abandonadas.

Compartilho como irmão, de outra parte do mundo, estes dados das minorias étnicas com as quais trabalhamos, que têm muitas coisas semelhantes com os povos da amazônicos.

É um grande privilégio para mim ter visto o maravilhoso trabalho aqui na Amazônia. Eu também convido vocês a visitar-nos. Bem-vindos e boa noite!

Alguns dados da presença missionária salesiana com minorias étnicas no nordeste da Índia

Arqui/ Diócesis	Superficie	População	Católicos	Padres	Paróquias	Sub centros	religiosas	Cong. Religiosas	Catequistas	Escolas	Inst. Univer	Internados	Hospitais	C. saúde
Agartala	10,486	3,700,000	40,000	59	20	210	110	29		27	1			9
Aizawl	28,002	585,000	37,910	54	32		190	36	18	54	1		0	
Bongaigaon	13,630	6,451,912	69,620	84	34		223	50		53	1	38	1	14
Dibrugarh	26194	5,964,458	118,318	149	37	626	317	56	626	52	1	65	1	12
Diphu	15,222	1,178,809	59811	73	31	10	166	42	398					
Guwahati	13,961	6,500,000	55,510	169	454		495	96		69		72	3	27
Imphal	22,327	2,850,000	98,046	158	45		332	70	507	69	3	96	1	13
Itanagar	52,283	725591	80,000	101	31	17	160	37		37	3	43	3	12
Jowai	3,819	4,05,000	108595	51	17		125	26	28	20	1	17	1	17
Kohima	16,579	1,990,036	58,101	201	37	15	392	74	181	124	6		2	11
Miao	43,955	483,500	90000	92	41		170			48	1		1	15
Nongstoin	5,247	,56,600	136,200	48	20		40	4		21				
Shillong	5,196	1,155,000	303,500	180	34		539		40	46	4	34	2	18
Tezpur	1,92,326	8,375,191	92,326	104	32		242	47	924	64	4	70	2	17
Tura	8167	1,103,115	299828	98	43		255	50		57	4	78	1	23
Total	**457,394**	**41,339212**	**1,647765**	**1621**	**908**	**878**	**3756**	**617**	**2722**	**741**	**30**	**513**	**18**	**188**



Terceiro Dia (03/11)

6. VAMOS VIVIR EM CONTÍNUA INTERAÇÃO! ECOLOGIA INTEGRAL E POESIA

Pe. Justino Sarmento Rezende, sdb,
(Manaus - Brasil)

1. CANTO DOS PÁSSAROS DA AMAZÔNIA

Bonitas florestas da Amazônia!
Suas cores verdes mostram nossas vidas!
Bonitos pássaros cantam nossa Amazônia!
Cantam dia e noite nossas vidas!
Bonitos pássaros colorem nossa Amazônia!
São verdes, amarelos, azuis, vermelhos!
Milhares de pássaros embelezam nossa Amazônia!
São pretos, marrons, roxos, brancos!
Belos cantos dos pássaros da Amazônia!
Sons variados que anunciam um novo dia!
Cantos atraentes dos pássaros da Amazônia!
Melodias que anunciam o fim de um dia!
Cantos noturnos dos pássaros da Amazônia!
Cantos que anunciam a dinâmica da vida da noite!
Cantos dos pássaros da Amazônia!
Cantam a beleza da vida do nosso Norte!
Pássaros da nossa Amazônia!
Que falam suas próprias línguas!
Pássaros da nossa Amazônia!
Que pulam e dançam nas próprias melodias!
Pássaros da nossa Amazônia!
Que cantam próximo às pessoas que trabalham!
Pássaros da nossa Amazônia!
Cantam junto às pessoas que caçam!

Lindos pássaros da Amazônia!
Que voam na frente dos indígenas pescadores!
Lindos pássaros da Amazônia!
Assim como nós homens e mulheres, lutadores!



2. NOSSA VIDA E ÁGUA

Lindo firmamento envolve nossa terra.
É grande, azulado e elegante.
Enorme concha nos protege.
Lindas montanhas de nuvens passeiam.
São cores leves, brancas, sombrias, escuras.
Quando vem a chuva,
Emerge no horizonte infinito.
Um paredão de nuvens escuras,
Outras vezes nuvens avermelhadas,
Acompanham ventos leves e fortes.
Belas chuvas caem molhando tudo.
Molham as belas florestas.
Os seres vivos deliciam-se das gostosas águas.
Aparecem bonitos e perigosos raios.
As pessoas se escondem em suas casas,
Nas roças, florestas, beira dos rios,
As águas caem em milhões de gotas,
Molham as pessoas, natureza e seres vivos.
Penetram em nossos solos,
Fecundam a terra e geram vidas.
Enchem igarapés, rios e lagos.
Correm exuberantes sempre para frente.
Em diversos ritmos seguem seus destinos.
Geram vidas e mortes.
Matam sede de bilhões de pessoas.
Águas belas e bonitas, fortes, traiçoeiras e perigosas.
Águas calmas que transmitem paz em nossa alma.
Águas agitadas que nos causam medo e cuidados.
Águas bonitas, nossas irmãs e amigas.
Companheiras de nossa existência.
Amigas de nossas vidas,
Do início ao fim de nossa história.
Amigos, seremos todos os dias da nossa vida.



AS ÁRVORES

As árvores são vidas,
Como nós seres humanos.
As árvores são gentes,
Como nós seres humanos.
Árvores nascem, crescem e morrem,
Como nós seres humanos.
Possuem pais, mães, avós, parentes,
Como nós seres humanos
Crescem, amadurecem, dão frutos,
Como nós seres humanos.
Frutos bons dão sabor às vidas,
Como nós seres humanos.
Ficam alegres, tristes, choram,
Como nós seres humanos.
As árvores são originais e únicas,
Como nós seres humanos.
Árvores têm amigos e amigas,
Como nós seres humanos.
As árvores cuidam-se, são elegantes,
Como nós seres humanos.
As árvores crescem e vivem livres,
Como nós seres humanos.
As árvores possuem bonitas histórias,
Como nós seres humanos.
As árvores são riquezas do mundo,
Como nós seres humanos.
As árvores acolhem outros seres,
Como nós seres humanos.
As árvores espeitar outros seres vivos,
Como nós seres humanos.
As árvores querem viver felizes,
Como nós seres humanos.
Eu quero viver bem com toda a natureza.
Quero ser cada vez mais humano.
Amigo de todos, do bem e da vida!



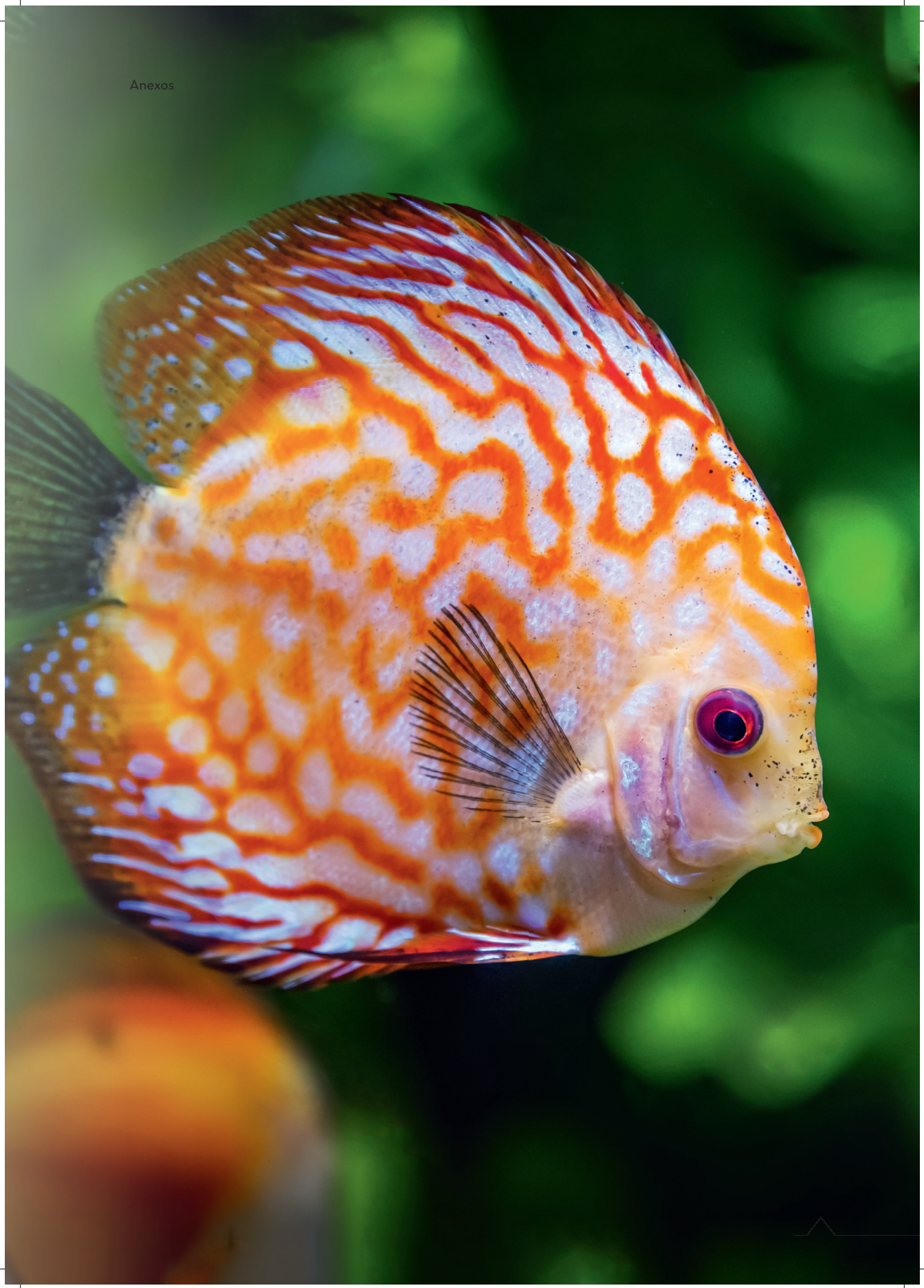
O DIA

O dia é pai e mãe que cuida de seus filhos.
O dia chega para todos os seres viventes.
Abraça e envolve a todos com o seu brilho.
Cada dia é novo dia e não se repete.
No brilho do dia os seres vivos ganham vida,
Recebem energias, alimentos, bebidas,
Crescem exuberantes e cheios de vitalidade,
Caminham seguros, fortes, animados e esperançosos.
O dia é o presente bonito do Criador.
Do jeito como chega vai embora,
Nos deixa com saudades.
O dia não é refém dos seres viventes.
Não podemos pará-lo.
O dia não faz as nossas vontades,
Nem nossos gostos.
O dia é divino, misterioso e lindo.
O homem sábio e mulher sábia vivem bem cada dia.
Cada dia é plenitude da vida.
O dia nos mostra a beleza da natureza,
Dos seres viventes.
O dia é revelação do mundo, das pessoas.
Durante o dia as crianças brincam, choram,
Caem, levantam-se sempre.
Os jovens brincam, dão gargalhadas gostosas.
Meus parentes indígenas,
Pescam nos igarapés, rios, lagos, cachoeiras.
Saem alegres a caçar com suas flechas,
Zarabatanas e outras armadilhas,
Correm atrás das cutias, pacas,
Veados, tamanduás, macacos.
Encontram inambus, mutuns, jacamins, jacus.
Cachorros bons de caça,
Encontram animais comestíveis.
Minhas irmãs indígenas limpam suas bonitas roças,
Cultivam mandioca, macaxeira,

Sujam-se de carvão e banham-se com prazer,
Nos igarapés de águas bem frias.
Ralam mandioca e depois fazem gostosa farinha,
Preparam um saboroso beiju-curadá para comer com peixe.
O dia é generoso para com seus filhos e filhas.
Sabedoria é aproveitar bem cada dia,
Ser amigo do dia, ser aliado de cada dia.
Muito obrigado meu querido dia!

OS PEIXES

Os peixes são seres vivos,
Criaturas do Criador Divino!
Criaturas bonitas, atraentes, maravilhosos,
Embelezam os rios, igarapés, lagos, praias, cachoeiras.
Peixes pequenos e grandes.
Os peixes carregam em seu ser a beleza da arte divina,
Nas costas e peitos os desenhos são detalhadamente pintados.
As cores colorem identificando cada tipo de peixe.
Os peixes são seres bem ativos, correm para cá e para lá.
São seres vivos que cansam, descansam, dormem.
Alguns peixes, de dia ou de noite buscam seus alimentos,
Que os tornará fortes e bonitos.
Outros seres vivos habitam neste universo bonito e grande.
Não faltam seres vivos que se alimentam dos peixes.
O ser humano, homem e mulher, sendo um ser pensante aprendeu
A conhecer bem as vidas dos peixes, conhecer tipos de peixes,
Conhecer tipos de água nos quais os peixes se criam e crescem.
Conhecer os alimentos que cada tipo de peixe se alimenta.
O ser humano é um pesquisador incansável do universo.
O homem indígena, caboclo... é desde seu nascimento,
Conhecedor dos igarapés, lagos...
Muito cedo aprende com pai, amigos e parentes,
A jogar linha de pesca, anzol e isca.
Em algumas culturas as pessoas pegam peixe com arco e flecha.
Noutras, pescam com diferentes armadilhas.
O homem e a mulher pescadores são seres inspirados,
Seres com sensos apurados para conhecer outras vidas.
Conhecem cada época do ano,
Conhecem tempos de águas cheias, vazantes e secas,
Conhecem quando cada tipo de peixe aparece com mais facilidade.
Sabem o momento certo do dia e da noite para fisgar os peixes.
Depois de matar os peixes o homem e a mulher voltam felizes para casa.
Chegando a casa, alegres cozinham e se alimentam.
Muitos povos indígenas partilham com seus irmãos da comunidade.
Assim todos ficam felizes e seguem a vida!



A DANÇA

Danças! Inúmeras danças do universo!
Os sons da natureza e dos seres vivos produzem diversas melodias e ritmos.
A criação toda participa da grande dança das vidas!
Nossa vida segue a dança, ritmo, parada, silêncio...
Dança é a essência da existência, das histórias.
Essência dos seres viventes.
A fonte das danças está mesmo no Criador!
Desde os minúsculos até os gigantes animais,
Movimentam-se no ritmo de danças da vida.
As formigas dançam enfileiradas nos caminhos,
Nas pedras, nas florestas, nas árvores.
Os peixes dançam correndo em grupos pelos rios, lagos, praias, cachoeiras,
Fazem suas piracemas, suas festas rituais.
Os pássaros de diversas espécies gritam, voam,
Fazem zig-zag nos ares, em cima dos rios, lagos, entre as árvores.
Os diversos animais pulam nas florestas e nas árvores, gritam, cantam.
Os sapos pulam de um lado para outro,
Dançando suas danças e suas músicas.
São infinitos motivos para as danças.
Os ritmos e melodias saem de dentro dos corações, dos sentimentos, emoções.
Os seres humanos são produtores de músicas, ritmos, melodias e danças.
Expressam sentimentos de alegria, paz, dores,
Decepções, frustrações, realizações, medos,
Esperanças, desejos, pedidos, súplicas.
Os corpos movimentam-se de acordo com os ritmos.
Os sons, músicas e instrumentos são construídos nas histórias.
Os ritmos mexem os homens e as mulheres por dentro e por fora,
Dançam, suam, cansam e realizam-se.
Os povos indígenas dançam,
Tocam instrumentos e acompanham seus pares.
Cantam, dançam, gritam e pisam forte no chão da vida.

Expressam suas alegrias, tristezas, pedidos, emoções.
Envolvem a natureza que os sustenta em suas danças.
As danças corporais deixam ligado o homem
e a mulher com a vida.
Dançam pelos acontecimentos da natureza, da vida,
da história, da morte...
As danças nos deixam cansados e realizados,
Deixam-nos extasiados, transformados, alegres, satisfeitos, leves.
As danças simbolizam o entusiasmo pela vida!
E mostram outros sentidos da vida!





Quarto Dia (04/11)

7. TRABALHO EM GRUPOS: PRIORIDADES E PROPOSTAS PARA O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO

1. Perguntas de resposta pessoal:

Tópicos indicados nas pesquisas a serem propostos ao Sínodo a partir de nossa missão salesiana. Foram apresentadas estas 16 propostas.
Os números do quadro indicam os pontos atribuídos a cada proposta. Cada participante tinha 5 pontos, que podiam ser distribuídos nas diferentes propostas. Indicamos as intenções dos Salesianos (sdb), Salesianas (fma) e outros participantes. Pomos os resultados em ordem de acordo com a prioridade dada.

	SDB	FMA	Outros	TOTAL
A formação das **vocações indígenas**	22	21	9	52
O fenômeno da **migração dos jovens indígenas à zona urbana**	17	12	10	39
Situação e perspectivas atuais dos **jovens amazônicos**	13	15	10	38
A **formação** dos missionários/as e agentes pastorais	19	13	5	37
Defesa dos direitos dos indígenas e a demarcação de Terras	5	16	16	37
A **inculturação** do Evangelho nas culturas locais	11	15	7	33
A importância da educação para a juventude	8	6	12	26
A denúncia da destruição da Casa Comum	5	10	11	26
Os ministérios nas comunidades	13	8	3	24
O trabalho com jovens universitários indígenas	10	4	8	22
A criação e o fortalecimento dos centros de estudo paraAmazônia	8	6	2	16
A realização de trabalhos pastorais comuns	1	5	7	14
O potenciamento da formação técnica profissional na Amazônia	1	6	3	10
O caminho do catecumenato	6			6
A Reorganização dos territórios eclesiais amazônicos	2	1	1	4
A organização de cooperativas de produção		2	1	3

2. Perguntas aos grupos por inspetorias:

1. **Para as inspetorias: Quais são nossas propostas concretas em relação aos Projetos Educativo-Pastorais de nossas Inspetorias?**
2. **Indicar 3 propostas para o Sínodo Pan-Amazônico.**

GRUPO 1: BCG (Campo Grande)

a. Propostas para as Inspetorias

- ✓ A demarcação das TIs (apoiar outras etnias, o CIMI, com documentos, denúncias, visibilizar a questão indígena nas escolas, paróquias, universidades, enfim, na Igreja. Temos que defender não só a terra, mas os Direitos dos Indígenas nas Constituições).
- ✓ Os indígenas em contexto urbano.
- ✓ A formação para os missionários.
- ✓ A formação da vocação indígena e a questão da formação dos ministérios, num processo que possa levar ao diaconato permanente. A vocação religiosa: uma formação diferenciada.
- ✓ Que haja uma pastoral vocacional indígena que acompanhe este jovem na família, iluminando-o e fortalecendo-o quanto ao chamado de Deus e sua resposta ao Reino de Deus, respeitando sua cultura, inserida na pastoral, oferecendo uma formação diferenciada.

GRUPO 2: BMA e VEN (Manaus e Venezuela – Salesianos)

a. Propostas para as Inspetorias

- ✓ Retomar, os encontros trienais entre as três dioceses que estão com os Yanomami (Ayacucho, São Gabriel e Roraima) para rever as experiências e processos educativos, formativos, catecumenais que cada um foi podendo desenvolver. Agora como responsabilidades das inspetorias por sermos nós os responsáveis diretos. Possibilitar as participações de professores e líderes que estão mais envolvidos nos projetos missionários e programas formativos.
- ✓ Formação ministerial como uma iniciativa das dioceses e apoiada por nós, compreendendo como um processo natural de evangelização.
- ✓ Estudo, elaboração e publicação de material cultural na língua dos povos: Dicionários, histórias, biografias, mitologias, cartilhas, textos bíblicos. Sempre uma parceria entre dioceses e inspetorias.

b. Propostas para o Sínodo

- ✓ Diante a falta de sacerdotes, vemos a necessidade que se aprofunde o tema dos ministerios dos leigos.
- ✓ O catecumenato, como um caminho e processos formativos de uma pessoa que se envolve sempre mais e chega a uma maturidade de fé através dos compromissos que assume na Igreja.

GRUPO 3: PER e ECU (Peru e Equador)

a. Propostas para as Inspetorias

- ✓ Realizar uma ação pastoral conjunta integrando todas as instâncias e envolvendo as dioceses e vicariatos para formar as equipes de formação que edificam a Igreja com uma forte pastoral vocacional, juvenil, missionária e intercultural.
- ✓ Promover e propor itinerários de treinamento para o processo do caminho ministerial nativo.
- ✓ Criar uma Igreja que ouça, participe e envolva seus fiéis na construção da Igreja e a todos para o cuidado da casa comum.
- ✓ Inserir no PEPSI as experiências pastorais missionárias dos formandos por um longo tempo.
- ✓ Uma pastoral urgente para os povos indígenas em um contexto urbano.
- ✓ Promover uma animação missionária e experiências missionárias.

b. Propostas para o Sínodo

- ✓ Cuidar e defender os territórios indígenas e reorganizar os territórios eclesiais como fator importante para a construção da face amazônica da Igreja.
- ✓ Promoção e proeminência de mulheres para a construção de uma igreja com rosto amazônico.
- ✓ Estudar a proposta de um rito indígena americano.
- ✓ A formação do candidato indígena ao sacerdócio a partir de sua realidade, em sua própria filosofia, espiritualidade e que as universidades ajudem a aprofundar esses aspectos.

GRUPO 4: FMA - BMA/BMT (Salsianas de Manaus e Mato Grosso)

a. Propostas para as Inspetorias

- ✓ A formação e o acompanhamento específico das Vocações autóctones, como?

- ✓ A socialização do Itinerário Formativo envolvendo as jovens e as Comunidades das FMA na construção e avaliação do mesmo.
- ✓ Maior atenção e envolvimento das Irmãs na proposta de formação permanente.
- ✓ Participação das lideranças da comunidade e familiares das jovens, na elaboração do Itinerário Formativo.
- ✓ Pastoral Juvenil.
- ✓ Criar um projeto comum mais inculturado de Pastoral Juvenil – FMA/ SDB/JOVENS e LEIGOS, em vista da Ecologia Integral, com coordenação em Manaus, em parceria com as Igrejas Locais, e outros Organismos que trabalham com os Jovens.
- ✓ Promover a Formação e a auto formação atualizadas das Irmãs, para acompanhar a caminhada dos Jovens.

b. Propostas para o Sínodo

- ✓ Dar visibilidade à realidade amazônica - seus valores e questões sociais gritantes ao mundo.
- ✓ Promover os diversos ministérios, em especial reconhecendo e valorizando a atuação da mulher nas Comunidades Eclesiais.

GRUPO 5: PAR (Paraguai)

a. Propostas para as Inspetorias

- ✓ Criar oportunidades para que os jovens descubram valores.
- ✓ Trabalhar em grupos a formação dos jovens. Suscitar o voluntariado.
- ✓ Estar com os jovens para acompanhá-los.

b. Que aspectos parecem mais desafiadores para a situação juvenil amazônica?

- ✓ Trabalhar o protagonismo da mulher.
- ✓ Não perspectiva de trabalho para a juventude.
- ✓ Falta de oportunidades para continuar os estudos; situações complexas da realidade chegam nas comunidades indígenas; estrutura familiar que influência a vida do jovem.



B. Do Seminário no UPS. 7-8 março de 2019

1. O GRITO DA IGREJA AMAZÔNICA (Vídeo-Entrevista)

Cardeal Cláudio Hummes[3], ofm

1. ***Caro Dom Cláudio, gostaria de saber como o grito da Amazônia foi acolhido pela Igreja universal a tal ponto que o Papa Francisco convocou um Sínodo Especial para aquela região?***

Cardeal Humes: caro padre Damásio, agradeço esta oportunidade. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que visitei a antiga missão dos Salesianos no estado do Amazonas no Brasil: São Gabriel da Cachoeira e Iauareté. Os Salesianos são realmente verdadeiros missionários, aos quais a Igreja do Brasil deve muito. É com muito carinho que tenho essa conversa com vocês Salesianos e com todos aqueles a quem chegar essa mensagem.

Em relação ao Sínodo para a Amazônia, que foi convocado pelo Papa Francisco, e será realizado em outubro, tem como objetivo principal escutar o grito das populações, o grito da Igreja e o grito do próprio território, do território como floresta, rios, águas, enfim, esse conjunto.

O que significa grito? É o que o Papa Francisco disse no encontro com os indígenas em Porto Maldonado: «nunca como agora as populações, sobretudo indígenas, mas também ribeirinhos e o próprio território estiveram tão ameaçados de destruição e devastação como



Cardeal Cláudio Hummes.

[3] Arcebispo emérito de São Paulo. Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Brasil). Entrevista feita pelo Pe. Damásio Medeiros, sdb.

hoje». Naquela ocasião, o papa afirmava que deveríamos ouvir os povos amazônicos e não apenas fazer uma descrição do que venha a ser a Amazônia. O papa sublinhava a necessidade de ir ao lugar e escutar, deixá-los falar; são eles que têm que nos dizer quais são seus sonhos e grandes sofrimentos, sua história que está sendo massacrada, enfim, contar a história dessa região toda: a Pan-Amazônia. Porque o Sínodo não é apenas para a Amazônia brasileira, mas para a Amazônia. A floresta Amazônica inclui também partes de outros oito países, vizinhos à Amazônia brasileira que, por sua vez, possui 67% do território amazônico. É a Amazônia brasileira que eu conheço melhor, apesar de conhecer muita coisa em relação a Amazônia nos outros oito países onde ela está presente. Portanto, o papa convida-nos a escutar. Não se pode ver e ir em socorro sem antes escutá-los. E, para isso, precisamos ir lá, temos que encontrá-los. E o Sínodo começa exatamente com a escuta: o primeiro passo do seu percurso é a consulta.

A fase de consulta deste Sínodo para a Amazônia termina agora no mês de Fevereiro, precisamente hoje está terminando a consulta, onde se escuta, onde o povo pode falar e a Igreja vai registrando o que nos dizem, o que as populações amazônicas nos dizem, o que os bispos locais nos dizem, o que o os missionários e as missionárias nos dizem; e ao mesmo tempo, procuramos ver o que é a região hoje, como ela está sendo devastada, isto é, o território por culpa de projetos que normalmente são implantados com um espírito muito colonialista de simplesmente entrar sem pedir permissão, sem perguntar, apenas para extrair e devastar para ter o máximo de lucros possíveis, sem se importar com as consequências: degradação, perda de vidas humanas, expulsão de comunidades de seu habitat natural. São projetos que, normalmente, ignoram seja o território seja as comunidades de pessoas. Então, é esse grito que de fato o Sínodo quer ouvir e dar uma resposta com o intuito de, como o Papa Francisco diz, defender a vida e o território.

2. ***Dom Cláudio, o senhor ao longo de sua vida tem uma lista riquíssima de serviços prestados à Igreja do Brasil e à Igreja Universal. O senhor, em certo momento de sua vida, foi envolvido com a Conferência Episcopal da Amazônia e certamente começou a visitar uma região que antes não conhecia. Quais foram os grandes elementos positivos de uma Igreja pujante que encontrou na Amazônia e quais são os pontos que em sua visão são frágeis para a continuação da missão evangelizadora e de promoção humana que a Igreja sempre promoveu nessa região?***

Cardel Humes: Todo esse passado heróico dos nossos missionários e da Igreja na Amazônia que todos reconhecemos e que, ainda hoje, notamos aquela mesma paixão, aquele mesmo fogo dentro. Só que hoje, cada vez mais, a Igreja

na Amazônia brasileira, pelo menos, sente que ela não tem condições suficientes para chegar a todos e, assim, realmente realizar a sua missão. Não tem condições suficientes porque a limitação tanto do isolamento – o estar sozinhos na floresta – quanto da vinda de novas pessoas de fora sobretudo aquelas que fazem parte das missões pentecostais e evangélicas, que se estão espalhando.

A Igreja não tem condições suficientes, forças, agentes missionários, estruturas para vir ao encontro dessas necessidades. Hoje muitos missionários e bispos sentem que não estão conseguindo. Por isso, o trabalho missionário se reduz à pequena cidade sede ou às metrópoles negligenciando a floresta Amazônica, que fica cada vez mais sozinha com a presença reduzida de missionários; em muitas comunidades não tem eucaristia, nem confissão sacramental, nem unção dos enfermos. Tudo isso praticamente não existe nas comunidades que vivem na floresta.

Por todas essas coisas, o Papa dizia que é necessário procurar novos caminhos, não aqueles caminhos que a Igreja sempre trilhou; novas e melhores condições para que a Igreja consiga realizar a sua missão de chegar a todos. Chegar com a inculturação fazendo nascer de dentro das comunidades, sobretudo das indígenas, uma Igreja que tenha o rosto indígena, que seja uma Igreja indígena. Esses são os grandes desafios que o Sínodo vai enfrentar: dar melhores condições, novos caminhos e não ter medo do novo, como disse o Papa. De um lado, devemos ser corajosos em instituir novos e condições para que a Igreja tenha suficiente condição de evangelizar. O Sínodo deve enfrentar também a questão da degradação do território por projetos extrativistas seja projetos estatais seja da iniciativa privada, ambos devastam a Amazônia que, por consequência, corre o risco de desaparecer. O que seria um desastre total para o planeta, sobretudo, nessa época em que vivemos uma crise ecológica muito grave e urgente.

3. ***O senhor acenou à preocupação do Papa Francisco em relação à questão da Amazônia. Ao mesmo tempo, sabemos também que este tema já esteve presente na Conferência de Aparecida. Em nível eclesial como foi a gênese do Sínodo? Poderia nos dizer se a iniciativa partiu da Comissão Especial para a Amazônia, da Rede Eclesial Panamazônica ou por iniciativa direta do Papa?***

Cardeal Humes: Sim, rapidamente a gente pode dizer como se deu o início do Sínodo. De fato, o Papa Francisco participou da quinta Conferência Latino-Americana de 2007, onde ele se despertou para a grande problemática da Amazônia pela insistência dos bispos da Amazônia em falar sobre as suas condições difíceis de trabalho.

Logo depois de ser eleito papa em 2013, o papa veio ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, onde reuniu os bispos brasileiros e disse a nós que

«a Amazônia é um teste definitivo, decicivo, um banco de prova para a Igreja no Brasil e para a sociedade brasileira». Com isso ele estava dizendo que a Igreja não pode errar na Amazônia, a Igreja não pode perder a Amazônia, precisa ter coragem de buscar novos caminhos, de dar um rosto amazônico, de formar um clero autóctone, um clero indígena que possa assumir as comunidades. O Papa nos ajudou muito. No ano seguinte, 2014, foi fundada a REPAM, Rede Eclesial Pan-amazônica, que quer ser um serviço que articula as frentes de trabalho existente. A REPAM não é "mais uma instituição", mas um serviço de articulação das Igrejas, instituições e de todas as entidades que de alguma forma trabalham para defender a vida e defender o território amazônico.

Em 2015, o Papa Francisco começou a falar sobre a necessidade de reunir os bispos todos para juntos conversar sobre a Amazônia. Porém, o Papa não sabia como isso se daria. Pensou na eventualidade de um Sínodo, mas não tinha certezas sobre a questão. O Papa, portanto, começou a consultar as conferências episcopais e os bispos sobre o que eles pensavam sobre fazer um sínodo para a Amazônia. Finalmente, no dia 15 de outubro de 2017, em Roma, o Papa anunciou um Sínodo para a Amazônia.

Um Sínodo com uma finalidade: procurar novos caminhos. Vem sempre a questão de não ter medo do novo, de uma Igreja que caminha, de uma Igreja que sai, de uma Igreja que não se acomoda em casa e fica esperando que o povo venha, mas uma Igreja que sai e vai procurar o povo, uma Igreja missionária que, sobretudo, deve ser relançada, diz o Papa, na Amazônia. Novos caminhos para a Igreja, mas também novos caminhos para a ecologia – que o Papa gosta de chamar ecologia integral – e, sobretudo, esperança e atendimento aos gritos das comunidades indígenas que o Papa afirma estarem extremamente ameaçadas. Depois disso se escolheu o tema: *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e novos caminhos para uma ecologia integral*. Isto para a Amazônia.

O Papa sempre diz que precisamos manter o foco, a Amazônia e não outras coisas. Não podemos falar de todas as coisas, de todos os desafios missionários que a Igreja tem no mundo, precisa-se focar na Amazônia. O que, por sua vez, terá reflexos sobre a Igreja Universal também sobre a grande problemática da sociedade humana diante da crise climática e ecológica. Isto será um reflexo. Todavia, o Sínodo vai se ocupar daquele território com esses grandes objetivos.

4. ***Sabemos que, à luz das várias conferências gerais do episcopado Latinamericano já em Medellín e depois em Puebla, a Igreja na América Latina fez sempre sua análise a partir da situação e do aprofundamento do Evangelho. Quanto aos grandes desafios e às prioridades – que obviamente serão estabelecidas somente depois da fase de acolhida do Sínodo –, ouvindo as Igrejas particulares,***

o senhor teria como indicar três pontos que, na sua opinião, formam o grito das Igrejas da Amazônia, três pontos que significassem os novos caminhos para a Igreja amazônica.

É difícil agora escolher quais seriam esses três pontos mais significativos. O que é importante dizer é que a preparação que nós fizemos e que agora termina, isto é, a fase da escuta da qual os resultados serão analisados e partir daí se fará o *Instrumentum Laboris* (Instrumento de trabalho) – que será entregue aos padres que depois têm voto no Sínodo –, não é um ponto final porque as dicussões continuam depois na realização do Sínodo. É claro que é a realização do Sínodo que é importante. Não se pode produzir apenas um documento para se colocar na biblioteca ou no arquivo. Não, o Sínodo é um momento forte em que a Igreja está reunida e, em especial, a Igreja da Amazônia – aliás são só os bispos da Pan-amazônia que vão participar e alguns outros que o Papa escolhe, mas fundamentalmente estarão apenas os bispos da Pan-amazônia. É evidente que o que acontecerá depois é muito importante. Sempre dizemos que quanto mais gente participa da preparação, tanto mais gente estará esperando os resultados. Isto é muito psicológico e pedagógico. Eles participarão para dizer «olha, esses são os nossos sonhos; esses são os nossos sofrimentos; esse é o nosso grito». Portanto, agora eles esperam saber o que a Igreja vai dizer sobre isso. Temos uma grande esperança de que os resultados terão uma grande recepção e que se começará o grande trabalho porque os resultados do Sínodo vão ser um processo: não se faz emanando alguns decretos, é um grande processo renovado de uma Igreja que está trilhando outros caminhos, novos caminhos, novas condições de trabalho. Esperamos, de fato, que a Igreja possa sentir-se capaz e motivada para chegar até a Amazônia para ser uma Igreja mais presente, próxima do povo, que quer muito uma Igreja mais próxima que não seja distante, que partilhe a vida deles, que partilhe a vida quotidiana das comunidades, que encoraje as pessoas, que as console para juntos caminhar e fazer sua oração. O povo precisa disso, precisa do ministro alí, não um ministro que vem de vez em quando e pelo resto do tempo eles ficam sós nas suas aldeias e comunidades isoladas, desligadas de tudo e de todos.

Queremos que a Igreja seja uma Igreja realmente viva que ao mesmo tempo cuida da casa comum, uma Igreja que aprenda a cuidar da casa comum, aprenda e tenha convicções de que ela deve fazer isso por sua própria fé. Não certo dizer que a Igreja agora de repente quer se ocupar da ecologia, ao contrário, isto faz parte da nossa própria fé porque nós cremos num Deus criador, num Deus que incarnou, em Jesus de Nazaré, um homem cujo o corpo é feito da terra. Portanto, tudo está interligado e não podemos desligar-nos dessas coisas. Por isso que essa missão de preservar, de cuidar do planeta, da casa comum,

provem da fé. Sou do parecer também que as universidades, devam-se abrir um pouco mais e que não sejam círculos abstratos e fechados que cuidam apenas de coisas altamente científicas, sem olhar para a realidade. As universidades salesianas, a causa de sua índole missionária natural, devem ter uma abertura missionária e se interessar em coisas que vão além dos estudos – obviamente o estudo é importante; bem como o embasamento científico, teológico, filosófico –, devem participar e fazer os estudantes participarem mais vivamente no processo de 'ir', 'escutar', 'conviver' para acender a paixão de que é importante defender o planeta, de que é importante defender os povos mais ameaçados que, no caso, são os indígenas.

5. ***Agradecemos ao cardeal Cláudio Humes pelas palavras no início do nosso seminário e, como dizia no início, a nossa Universidade Pontifícia Salesiana nesse grande multirão, como nós chamamos na região Amazônica, procura também dar a própria contribuição à reflexão e assumir para dentro da universidade os grandes desafios da Igreja para sermo depois mais significativos na missão evangelizadora. Ao cardeal Humes nossas saudações e um muito obrigado em nome também do Reitor Magnifico, o professor Mauro Mantovani.***

Cardeal Humes: eu que agradeço e saúdo todos os estudantes e professores e a direção da Universidade Pontifícia Salesiana.

REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuente de vida en el corazón de la Iglesia



2. OS DESAFIOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA A PARTIR DAS ASSEMBLÉIAS TERRITORIAIS EM PREPARAÇÃO AO SÍNODO (Vídeo-Entrevista)

Sr. Mauricio López Oropeza[4]

1. *Mauricio, O que é a REPAM?*

Uma maneira de explicar o que é a REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazõnica) é compará-la a uma casa, a uma "maloca", como os indígenas chamam ou seja, um lugar onde moram juntas diversas famílias, onde a vida é compartilhada, onde cada um traz o que tem, as esperanças do dia-a-dia, e onde a vida cotidiana é construída e compartilhada. Nesse sentido, a REPAM é uma casa de portas abertas. É um lugar onde queremos integrar não só as diversas vozes da Igreja Católica, mas também de todos aqueles que querem defender a vida por uma razão especial: a situação na Amazônia é cada vez mais difícil!

Há sinais profundos de morte em toda a Pan-Amazônia: assassinatos, execução de líderes, criminalização de atores eclesiásticos; o crescimento cada vez maior de interesses externos, ou mesmo locais, que veem a floresta apenas como uma despensa sem se importarem com os povos e comunidades que ali vivem e são uma fonte de vida, que nos ensinam parâmetro de relação. A Igreja caminha com esses povos



Mauricio López Oropeza.

[4] Secretário Executivo da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Equador). Entrevista feita pelo padre Roberto Carrasco, omi.

há décadas e se sente irmanada com eles. Ela está presente, mas profundamente fragmentada. A REPAM é o lugar de encontro para todos aqueles que se sentem frágeis e limitados diante desta realidade para juntos dar uma resposta a essa situação desafiadora. Isso também envolve jovens aqui presentes, todas as redes globais da Igreja que sentem que a Amazônia é algo distante, que nada tem a ver com ela. Esta é uma casa aberta para todos, porque o futuro está em risco e aqui queremos trabalhar nessa perspectiva.

2. ***Foram realizadas 45 assembleias territoriais ao longo desta fase preparatória para o Sínodo de outubro de 2019. Como é a convergência de todas essas assembleias?***

A ideia original era realizar 45 assembleias, mas a realidade nos superou, devido à enorme esperança que o sínodo gerou e à necessidade de que esse sínodo pertença a todos.

Na verdade, estamos falando de cerca de 260 escutas em todo o território Pan-Amazônico: cerca de 60 assembleias envolvendo grandes grupos, de 60 a 200 pessoas dos povos indígenas, organizações locais, aldeias de camponeses e membros da Igreja, às vezes adicionando duas ou três jurisdições eclesiásticas e discutindo sobre a abordagem do sínodo. Tivemos cerca de 25 fóruns temáticos, reflexões especializadas, focadas, em uma visão Pan-Amazônica, que é a grande visão que move a REPAM: olhar para o território como lugar teológico, como o lugar sociológico. Nesse sentido, tivemos fóruns temáticos sobre: a vida consagrada na Amazônia, os direitos humanos, os povos indígenas, os povos em isolamento voluntário, as universidades na Amazônia. Finalmente, tivemos 180 rodadas de conversa, nos lugares mais distantes que não puderam participar nestas reuniões organizadas, realizadas em suas pequenas comunidades, em sua casa comum, em suas malocas, realizando o processo de escuta do Sínodo. Estamos falando de 22.000 pessoas, formalmente, registradas e envolvidas na escuta sinodal que a REPAM realizou. Havia 65.000 pessoas a mais nos processos preparatórios que também fizeram parte desta jornada sinodal. Estamos falando de um total de 87.000 pessoas; 174 povos originários representados dos 390 que existentes na Amazônia, com 44% e 90% dos bispos da Amazônia participando desses espaços. Homens e mulheres de diferentes realidades, membros da Igreja, pessoas sensíveis à causa da casa comum e, especialmente, muitos povos e comunidades que querem dizer uma palavra, porque eles sabem que o Papa os quer ouvir, e sabem que a Igreja está em um momento crucial de possibilidades e de transformação. Acho que isto é o sínodo: escutar-nos para tentar caminhar juntos. Sínodo significa caminhar juntos na mesma direção, mas a partir dessa escuta direta do povo de Deus.

3. ***Toda a região Amazônica é formada por 9 países. Estamos falando de cerca de 30 milhões de pessoas que vivem em toda esta região. Estamos falando de um exercício de escuta e diálogo dentro da sinodalidade da Igreja que hoje o Papa Francisco está convidando. Mas ainda parece que em outras partes, como na Europa, na América do Norte e em outros países, o grito da Pan-Amazônia ainda é baixo. O que precisamos fazer para que esse grito seja ouvido?***

Para mim, resume-se em três palavras essenciais que fomos descobrindo ao longo desta caminhada.

A primeira é a ***metanoia***, uma conversão radical do coração. Por mais que encíclicas belas e desafiadoras possam ser feitas, com uma perspectiva de horizonte, se não houver conversão interior do coração, se não se começa pela conversão pessoal de que cada um tem possibilidades de contribuir para a mudança e crer que se 'eu não mudar' ou 'se eu não adaptar minhas práticas diárias', isso não tem futuro; então nada será suficiente. A *metanoia*, a conversão radical do coração, não é uma questão mental.

A segunda: ***alteridade***. Reconhecer o outro como a presença de Deus, como um mistério, independentemente da fé que professamos. Nisso, os povos nos ensinam muito; mas para quem crer é no outro que meu plano de vida tem sentido e eu me encontro com Deus. A *Laudato Si'* expande o olhar de alteridade e é possível reconhecer a irmã mãe terra como uma verdadeira irmã, como outra que me desafia, como outra que me dá sentido, mistério e possibilidade, outra que tenho que proteger para poder proteger a mim mesmo.

A terceira palavra: ***parrésia***, que significa falar com coragem, falar a palavra certa e agir com coragem para fazer as mudanças acontecerem.

Mudança interna, reconhecimento do outro e no outro ver os mais pobres ou empobrecidos e a irmã mãe terra, os povos originários, claro, também como excluídos. Só assim seremos capazes: de sair, de mudar, de dizer aquela palavra profética que pertence a todos nós, homens e mulheres da igreja e de qualquer credo ou denominação. Somos todos chamados para fazer um processo de transformação. O Sínodo é uma oportunidade. Eu também diria outra palavra sobre isso. A REPAM é uma rede, como expliquei, uma casa que representa muito bem as preocupações de toda a Igreja Universal. Embora o Sínodo esteja focado na Amazônia, é um sínodo para a conversão pastoral de toda a Igreja, como o Papa apresenta na *Evangelii Gaudium* e para uma ecologia integral segundo *Laudato Si'*.

Existem redes irmãs que estão sendo criadas no Congo. Tivemos o privilégio de poder acompanhar o início da rede da Bacia do Congo. Na Mesoamérica, a rede eclesial mesoamericana também está sendo fundada; Na Ásia-Pacífico, o sistema de florestas tropicais da Indonésia, Filipinas e outras regiões, está em andamento

um processo de rede. Temos uma nova perspectiva de articulação na América do Norte com os povos nativos de lá. A Europa está começando a se organizar, não apenas para ajudar com um olhar de assistência a "povos" indígenas dos quais às vezes temos um olhar folclórico, mas para empenhar-se na conversão pessoal, porque meu estilo de vida, minhas decisões diárias, o caminho de desenvolvimento em que estou vivendo têm implicações para a Amazônia. No mesmo sentido, se a Amazônia não conseguir sobreviver, todo o planeta também não sobreviverá, inclusive as sociedades do Norte, não teremos um futuro. Não é para levantar a mão e apontar o dedo para os culpados. É buscar uma verdadeira conversão em comum, porque o futuro está em risco.

4. ***Uma das preocupações presentes no Documento Preparatório é em relação à ausência do clero, da vida religiosa, dos missionários nas regiões mais longínquas da Amazônia. O objetivo seria alcançar os povos mais remotos para que possam ter essa presença missionária, essa presença da Igreja através da Eucaristia e dos outros sacramentos. Qual é a abordagem que foi desenvolvida, ouvindo e trabalhando?***

A nossa experiência é encarnada. Quem esteve na Amazônia, entende que existem situações particulares que não podem ser discutidas de longe. Somente quem viveu lá pode entender. Existem dois fatos irrevogáveis:

A Igreja é ausente, limitada com muita dificuldade de acompanhar a vida cotidiana do povo. Sem a Eucaristia, o referencial da comunidade se perde, e consequentemente a sacramentalidade que lhe dá sentido, se isto não existe, vem a pergunta: que tipo de Igreja e de experiência comunitária católica existe.

A outra situação é que estão vulnerando, violando, esmagando muitas comunidades, em particular indígenas em toda a Amazônia. Temos de ter muito cuidado no Sínodo para não perdermos o foco, no sentido de que qualquer proposta que tenha que ser feita deve vir de um amor profundo por esse território e pela Igreja e como consequência de um discernimento adequado.

Há muitas pessoas que querem provocar ou polemizar ou às vezes querem validar o Sínodo em termos 'do que eu quero dizer' e não o que é um processo de discernimento. Temos que discutir esse assunto. Creio que há ministerialidades dentro da experiência eclesial que nos ajudam a encontrar caminhos possíveis, mas é evidente que isso não é suficiente e a pergunta do Papa é quais são os novos caminhos. Acredito que devemos fortalecer e aprofundar todas as expressões de ministerialidade que já existem e há casos concretos que nos ajudam muito. Há bispos empenhados que, nesse sentido, estão olhando com grande responsabilidade para responder à realidade e também exercem seu papel de dar atenção específica e real a todos que sofrem e ao que nosso povo também espera. Teremos

que discutir questões difíceis, mas como resultado de um discernimento. A Igreja deve repensar o modo de estar presente.

Encerro com uma palavra que dizia no seminário que tivemos alguns dias atrás. Houve discussões, talvez um pouco doutrinárias, que ajudam muito a entender a estrutura e outras muito experienciais. O pano de fundo de nossas preocupações é a tensão entre ***sensus fidei***, a capacidade do próprio povo de descobrir a presença de Deus e ir marcando os seus horizontes, sentindo que Deus atua e sentindo que Deus age em suas próprias vidas e que também marca o caminho para a Igreja e a tensão sobre possíveis adaptações ao âmbito sacramental, litúrgico, catequético. Essas são questões muito complexas porque por trás disso e não estamos dizendo isso tão abertamente, o medo que temos é que uma mudança na Amazônia produzirá perspectivas de mudança para a Igreja global. Porém, como já disse Cardeal Hummes, não tenhamos medo. Façamos propostas ousadas, bem discernidas como resultado de um amor à realidade e à Igreja, entendendo o contexto, purificando nossas intenções, pois há muitos fundamentalismos e essencialismos que estão agora em conflito, mas nos perguntamos realmente, do que precisa a comunidade para viver em plenitude o seu ser Igreja, o seu ser sujeito e ser humano; e como responder a isso. Porque se não respondermos, nossa presença provavelmente se tornará irrelevante ou inexistente.

5. ***Há uma experiência por parte das universidades jesuítas que estão dialogando sobre como, em âmbito universitário, a ciência, o estudo, o aprofundamento e o discernimento em vários campos podem ser envolvidos neste processo. A comunidade salesiana do mundo também tem uma grande experiência nesse campo: como se envolver como universidade nesse processo que a Amazônia está desenvolvendo?***

O mais interessante é agradecer toda a rede de universidades salesianas pelo encontro realizado em Manaus para refletir o que o carisma salesiano tem a dizer sobre a Pan-Amazônia hoje. A reflexão sobre a Amazônia deve envolver todas as múltiplas formas de estar no mundo e uma delas é a universidade, sendo uma contribuição valiosa para o Sínodo. Certamente, em outras universidades, algumas jesuítas e outras Pontifícias, esta discussão já começou. O sínodo é apenas o ponto de partida.

É urgente que a linha teológica, com a qual fundamentamos as abordagens que o Sínodo poderia dar, precisa de um sustento adequado, uma experiência de práxis que permita sistematizar; fazer uma teologia sistemática que permita uma pastoral. Sem a ajuda das universidades, isso não será possível. Tudo o que tem a ver com a situação dos povos indígenas, que não significa que eles

tenham que permanecer como são. Existem mudanças, transformações; o que a antropologia contextualizada diz sobre todas essas situações e como acompanhá-las adequadamente. A multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade são necessárias para poder responder a múltiplos dinamismos. Sobre as universidades, a categoria mais importante que o Papa Francisco nos deu na encíclica *Laudato Si'* é a ecologia integral. Nós todos falamos sobre ela. A questão é se estamos quebrando nossas próprias epistemologias e modos de compreensão para integrar uma dimensão multidimensional. Às vezes citamos a ecologia integral e continuamos fazendo 'minha ecologia econômica', 'minha ecologia política', 'minha ecologia humana', 'minha ecologia ambiental', 'minha ecologia cultural'. O grande desafio das universidades é decifrar o que a grande categoria transformadora que o Papa Francisco coloca na *Laudato Si'* significa gerar um exercício transdisciplinar e inter e multidisciplinar. Desta forma, podemos responder ao que acreditamos ser a base do Sínodo. O território como lugar teológico, o território como novo sujeito eclesial, neste caso a Amazônia, mas também outros. Sem as universidades, será muito difícil identificar essas possibilidades de articular tudo isso. O padre Teilhard de Chardin tem uma frase que me marca: "Não somos seres humanos tendo uma experiência espiritual; somos seres espirituais tendo uma experiência humana". Integridade e interconexão mudam tudo. Existe o mistério da encarnação, e aí descobrimos o mistério da encarnação na Pan-Amazônia e nos outros biomas. Nós nos preocupamos não apenas porque o seu futuro e o do planeta estão em risco, mas também por causa da esperança de vida e do Reino que emerge dele.

REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuente de vida en el corazón de la Iglesia



3. PROFECIA E ESPERANÇA PARA A IGREJA PAN-AMAZÔNICA (Vídeo-Entrevista)

Cardeal Pedro Ricardo Barreto Jimeno[5]*, sj*

1. *Qual é a importância do sínodo Pan-Amazônico para a Igreja?*

Primeiramente, queria dizer que, para mim, é uma alegria poder falar para toda a Família Salesiana. Eu mesmo sou cooperador salesiano.

O Sínodo indica que a Igreja sempre teve uma dimensão profética na sua evangelização. A convocação do Sínodo é fundamentalmente profética. O Papa Francisco colocou o dedo na ferida que a Igreja sempre teve como desafio; o desafio de ir aos últimos. A Amazônia foi sempre que algo está longe de nós, e na melhor das hipóteses, pensamos que os povos indígenas são aqueles que não têm a nossa sabedoria, o nosso conhecimento. Eu nasci em Lima, na costa do Peru, no deserto e somente aos quinze anos eu conheci um indígena da Amazônia. Antes de conhecê-los, achei que eram pessoas que não tinham nada para nos ensinar. Todavia, comecei a perceber que eles tinham muito a nos ensinar. É por isso que o Papa Francisco ao convocar o Sínodo sobre a Amazônia está nos indicando que devemos buscar novos caminhos como Igreja, neste processo de evangelização, mas ao mesmo tempo também pensar na ecologia integral, que é a nossa harmonia com Deus, com as pessoas e com a natureza. A profecia é essencial na missão evangelizadora. O profeta



Cardenal Pedro Ricardo Barreto Jimeno.

[5] Arcebispo de Huancayo, (Peru), Vice-Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica. Entrevista feita por Roberto Carrasco, omi.

é aquele que anuncia uma grande alegria pela presença de Deus no mundo, na humanidade. O grande profeta para nós é Jesus; mas houve profetas no Antigo Testamento. Profecia é fundamentalmente um **anúncio**; e um alegre anúncio: é a alegria do Evangelho. Mas também a profecia implica uma **denúncia**; e esse é o problema subjacente: seguir Jesus como profeta é não só anunciar sua presença, mas também denunciar tudo o que impede a pessoa humana de ser considerada como pessoa.

2. ***Papa Francisco, na encíclica Laudato Si', faz uma denúncia concreta e um chamado; até mesmo os bispos do CELAM escreveram uma carta (2018), que falava sobre o papel da Igreja diante das indústrias extrativistas, que continuam sendo um risco, uma ameaça nessa área do mundo.***

Sim, de fato, a Amazônia como região e como foco especial deste Sínodo, tem que ser um anúncio alegre do Evangelho e, ao mesmo tempo, uma denúncia daquelas empresas extrativas coniventes com os governos dos países que devastam populações e destroem a natureza.

Os indígenas da Amazônia são pessoas que vivem desde a muitos séculos atrás nesse território e que de repente veem-se despojados de suas terras, obrigados de emigrar. É um problema muito sério, não só da Amazônia, mas também do mundo. Temos que dizer que a profecia implica num **compromisso**. Não é suficiente só denunciar, deve-se acompanhar as vítimas, daqueles que irracionalmente exploram os recursos naturais e gravemente ofendem a Deus, pisoteando a dignidade da pessoa humana. Resumindo, **a profecia é anúncio, denúncia, compromisso e apoio** para aqueles que sofrem as consequências da injustiça, neste caso, das indústrias extrativas.

3. ***O papa Francisco nos deu uma chave na Laudato Si', quando levanta a questão da ecologia integral. Não apenas um ponto de partida, mas também um ponto de chegada, onde todos nós temos que contribuir, todos nós temos que trabalhar. Qual é a contribuição deste Sínodo no contexto do Laudato Si'?***

Na realidade, o Sínodo Amazônico tem a particularidade de que, pela primeira vez na história, não vai tocar um tema, mas a vida e a casa comum em uma determinada porção da Terra, que é a Amazônia.

Alguém pode perguntar: Por que a Amazônia? É porque na realidade é um dos principais biomas do mundo. 20% do oxigênio sai da Amazônia. É a maior massa aquífera. O rio Amazonas tem mais de 1.100 afluentes e percorre 6.500 km dentro desse grande bioma. A Amazônia é uma riqueza de **biodiversidade**; mas o mais importante é que as **culturas das populações indígenas** da Amazônia

têm uma riqueza muito grande. Eles são, com limitações, é claro, a expressão do que o papa quer nos dizer através da **ecologia integral**. Ou seja, eles têm uma relação harmônica com a água, com a terra, com o ar, com a transcendência. Eles têm ritos e, nesse sentido, podemos dizer com o papa Francisco, em Puerto Maldonado, por ocasião de sua visita pastoral ao Peru: "Vocês são os interlocutores válidos para falar da realidade amazônica; e peço-lhes que ajudem seus bispos, seus sacerdotes, religiosos e agentes pastorais a se tornarem um com vocês". Esse é o aspecto mais importante do Sínodo Amazônico, ou seja, não é a Igreja oficial que chega na Amazônia para ensinar, mas, ao contrário, é a Igreja que chega na Amazônia para se **inculturar** como Jesus na cultura hebraica; a partir disso, a Igreja é chamada a descobrir novas maneiras de viver sobriamente, como nos ensinam os autóctones.

4. ***Um dos problemas dos jovens é a emigração. Tive a oportunidade de conhecer muitos jovens valiosos dos povos indígenas que, não tendo oportunidades, emigraram para as grandes cidades; eles se tornam urbanos. O que fazer com esse processo e movimento juvenil? Como a Igreja pode preparar e cuidar desse campo?***

Na realidade, a Congregação Salesiana, em toda a Amazônia, tem uma experiência muito importante de trabalho com os jovens.

Por exemplo, a Operação Mato Grosso, com o Pe. De Censi, que morreu recentemente. Há jovens com capacidade e temos no Peru uma experiência em Chacas, os jovens trabalham com madeira, fazem coisas artísticas. É uma experiência muito importante.

Agora, temos muitos jovens para atender, porém muitos estão desaparecidos e a maioria migra para as cidades. Os jovens, ao se depararem com outras culturas, são tentados, como qualquer um de nós, a aceitar o que parece melhor para eles, esquecendo sua própria identidade. A identidade dos indígenas da Amazônia é uma identidade forte. Tem princípios, tem valores. Isso não significa que alguns jovens indígenas não se percam no *mare magnum* de ofertas tecnológicas, em uma sociedade eminentemente tecnocrática. Precisamos, no entanto, trabalhar com os jovens.

Eu repeti várias vezes e em várias ocasiões que devemos levar em conta o que o Papa Francisco diz na *Laudato Si'*, como um *slogan* que percorre toda a encíclica: tudo está conectado: nosso próprio corpo, o mundo, a criação. Nesse sentido, temos que recolher as conclusões do Sínodo da Juventude. Temos também que coletar as conclusões dos dois sínodos da família. Porque a família e os jovens também estão na Amazônia. Isso temos que ter em mente por causa desse processo migratório que ocorre.

Papa Francisco e o Cardeal Pedro Barreto Jimeno.



5. *No Sínodo da Juventude, fala-se em discernimento e acompanhamento. Como a Família Salesiana, as congregações que se dedicam a acompanhar os processos dos jovens, vendo que a Amazônia não tem muitas vocações, podem chegar a lugares distantes? A participação dos leigos, dos catequistas; como podemos todos nos envolver neste processo?*

Esse é um problema, não só dos religiosos salesianos e salesianas, mas também da Igreja. É um desafio. Do ponto de vista da formação integral, isto é, de uma formação que integre não só a doutrina, mas a espiritualidade e a ação, urgente trabalhar com as famílias. Por trás de um jovem, há uma família. O jovem, em grande parte, é um reflexo da família. Portanto, não podemos trabalhar com jovens sem estarmos conectados à pequena célula de onde eles vêm. Nesse aspecto, temos que insistir muito não só na formação integral de jovens, mas também no acompanhamento de seus pais. Às vezes, os pais não estão no mesmo lugar que os jovens, por causa da questão dos estudos. De nossa parte, temos que ajudar nesses dois níveis que me parecem muito importantes.

6. ***Há uma experiência maravilhosa, por parte dos jesuítas, na cooperação entre suas instituições universitárias. Os Salesianos também têm uma grande experiência nesse campo. Como envolver tais universidades nesse debate sobre a Amazônia, através, por exemplo, da ecologia integral, visto a sua importância para a nossa Casa comum?***

Estou convencido de que nenhuma congregação religiosa sozinha, nenhuma rede religiosa, no caso das universidades, nem a própria Igreja resolverão o problema mais sério que temos hoje no mundo, que é o da mudança climática.

A **mudança climática** está varrendo o Peru, assim como as indústrias extrativistas, na área de Puerto Maldonado, onde esteve o papa. Há uma devastação total das florestas.

Somente no Peru, 427 hectáres são limpos todos os dias. Esta é uma ameaça muito séria porque afeta a mudança climática, que é a grande vilã, não só do século, mas do mundo e da humanidade. O que eu sugeriria é que, se tudo está conectado, deve haver uma conexão, uma rede de redes nas universidades, na Igreja.

Devemos ajudar os bispos, os sacerdotes diocesanos, a fazer parte dessa dinâmica de profecia que todos temos que ter hoje: anunciar, denunciar, comprometer-nos e acompanhar as populações afetadas.

7. ***Este Sínodo, sem dúvida, é uma esperança não só para a região amazônica, mas para toda a Igreja: quais seriam as palavras chaves a considerar neste processo de diálogo, de discernimento?***

Você disse muito bem: Esperança. A **esperança** não se baseia em algumas reflexões que podem ocorrer em uma experiência como o Sínodo.

Já houve uma experiência preparatória, onde mais de 20.000 indígenas participaram em toda a Amazônia.

São 260 pontos em toda a Amazônia, em 7,5 milhões de km^2, e os índios estão entusiasmados, pois dizem que pela primeira vez a Igreja, de forma organizada e orgânica, está interessada 'em nós'. Já não é mais um 'simples padre', ou 'essa congregação', ou 'aquela religiosa'.

É a Igreja como um todo. Por isso, falam do Papa Francisco como o grande "avô" da Amazônia. Para nós, na cultura ocidental, o avô é aquele que é muito velho, já é 'vovozinho', seu tempo já passou. Ao contrário, na cultura indígena da Amazônia eles chamam de "avô" aquele que tem a sabedoria para poder direcionar as pessoas, a família e a humanidade. Lembro-me de uma frase que o Papa Francisco nos disse: "Os jovens correm depressa, mas os velhos, avós, conhecem o caminho".

As palavras-chave para a continuidade do Sínodo, visto que o Sínodo é um ponto de partida que nos comprometerá na Amazônia, na Igreja e no mundo, são portanto:

1. A Capacidade de ouvir. Em algum momento, ouvi o Papa Francisco dizer que vivemos em um mundo surdo, que não ouve a sabedoria da própria natureza, a sabedoria humana e, claro, a sabedoria de Deus. A palavra-chave é *escutar*. É necessário perder tempo para ouvir o outro, para ver a realidade, para olhar a partir da fé, não apenas da antropologia e da sociologia: escutar, ver, mas ver conscientemente.

2. O discernimento. Discernir, do ponto de vista espiritual, significa separar-se; e aqui há uma luta frontal entre o bem e o mal. O Sínodo nos colocará nessa situação de luta, de combate. São Paulo fala de "armar-se". Combater, é lutar contra todos os sinais do mal e seguir o que é bom.

3. A ação. Agir de forma organizada. É o que o Papa Francisco nos diz: uma Igreja em saída, missionária, porém organizada. A Congregação Salesiana, as universidades salesianas, todos os que compõem a comunidade salesiana tem que olhar para Dom Bosco, pois este olha para Jesus e para os jovens. Ele é realmente o padre dos jovens. Nesse sentido, as universidades salesianas unidas a outras redes universitárias, dentro da Igreja, têm muito a fazer para ouvir, discernir e agir.

REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuente de vida en el corazón de la Iglesia

Publicações do Dicastério para as Missões

(*Por título e ano de publicação*)

1. *Il Missionario* (1980).
2. *Salesian Africa* (1986).
3. *Pastoral Amazónica. Semana de Estudos Missionários* – Campo Grande (1986).
4. *Evangelization in India. Study Sessions for the Salesian Family on Evangelization in Tribal Areas of India* – Shillong (1987).
5. *Africa Salesiana. Visita d'Insieme* – Lusaka (1988).
6. *Spiritualità Missionaria Salesiana I. La Concezione Missionaria di Don Bosco* (1988).
7. *Spiritualità Missionaria Salesiana II. L'Educazione Cristiana e Missionaria di Don Bosco* (1988).
8. *Salesian Missionary Spirituality III. Prayer and the Salesian Missionary* (1988).
9. *Espiritualidad Misionera Salesiana IV. The Ideal of Mission* (1988).
10. *Spiritualité Missionnaire Salésienne V. The Missionary Project of the Salesians of Don Bosco* (1988).
11. *Pastorale Salesiana in Contesto Islamico* (1989).
12. *Animazione Missionaria Salesiana II. Secondo Incontro di Studi per DIAM* – Madrid (1989).
13. *Pastoral Mapuche. Encuentro DIAM Salesiano* – Junin de los Andes (1989).
14. *The Far East. Cultures, Religions, and Evangelization* – Hua Hin (1989).
15. *Lettura Missionaria di "Educare i Giovani alla Fede" CG XXIII. Incontro di Procuratori e DIAM dell'Europa* – Roma (1991).
16. *Animación Misionera Salesiana. Primer Encuentro de DIAM de America Latina* – Lima (1991).
17. *Missionary Animation. First Meeting of the PDMA for Asia and Australia*– Bangalore (1992).
18. *Spiritualité Missionnaire Salésienne, Les Jeunes Africains en Quête de Leur Identité. Séminaire d'Animation* – Yaounde (1992).
19. *Evangelización y Cultura en el Contexto de Pastoral Amazónica. Seminario de Animación* – Cumbayá (1993).
20. *Evangelización y Cultura en el Contexto de Pastoral Andina. Seminario de Animación* – Cumbayá (1994).
21. *Evangelización y Cultura en el Contexto de Pastoral Mapuche. Seminario de Animación* – Ruca Choroi (1993).
22. *Evangelization and Interreligious Dialogue. Missionary Animation Seminar* – Batulao (1994).
23. *Evangelization and Interreligious Dialogue. Missionary Animation Seminar* – Hyderabad (1994).

24. *Evangelización y Cultura en el Contexto de Pastoral Mesoamericana. Seminario de Animación* – Mexico (1994).
25. *Il Volontariato e la Missione Salesiana* (1995) –ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
26. *Educare alla Dimensione Missionaria* (1995) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
27. *Presenze dei Salesiani in Africa* (pubblicazione annuale dal 1986 to 1996).
28. *Church - Communion and Mutual Missionary Relationship. Missionary Animation Seminar* – Addis Abeba (1997).
29. *Incontro Europeo Delegati Ispettoriale per l'Animazione Missionaria [DIAM]* –Roma (1997).
30. *National Missionary Animation Meeting for PDMA* – Mumbai (1997).
31. *Manual of the Provincial Delegate for Missionary Animation* (1998) - ENG, ESP, FRA, ITA, POL, POR.
32. *Uniqueness of Salvation in Jesus Christ and Need of Primary Evangelization. Animation and Missionary Formation Seminar SDB-FMA East Asia Oceania* – Hua Hin (1998).
33. *Missionary Praxis and Primary Evangelization. Animation and Missionary Formation Seminar SDB-FMA* – Calcutta (1999).
34. *Seminário de Pastoral em Contexto Afro-Americano. Seminario de Animação e Formação Missionária* – Belo Horizonte (1999).
35. G. Ballin, *I Fioretti d'un Missionario. Paraguay Cuore d'America* – (1999).
36. *Le Projet-Afrique face au Défi de la Première Evangélisation et de la Phase de Consolidation. Séminaire d'Animation et de Formation Missionnaire* – Yaounde - Mbealmayo (1999).
37. *La Primera Evangelización en Diálogo Intercultural. Experiencias y Formación de Catequistas. Seminario de Animación y Formación Misionera en el Contexto Pastoral Andino y Mesoamericana* – Cumbayá (2000).
38. *Seminário Sobre a Práxis Missionaria na Região Amazônica. Seminário de Animação e Formação Missionária* – Manaus (2000).
39. *Missionari nel Paese del Sol Levante Discepoli di Don Cimatti. Figure che Parlano ancora* – Roma (2000).
40. P. Baldisserotto, *Rio de Agua Viva. Cartas de Pe. A. Scolaro Para a Missão e Testemunho* – Roma (2000).
41. *Sprazzi di Vita. Figure che Parlano Ancora* – Roma (2000).
42. *Project Africa between the Challenges of First Evangelization and the Phase of Consolidation. Animation and Missionary Formation Seminar SDB-FMA* – Nairobi (2001).
43. *Seminario di Animazione e Formazione Missionaria. SDB-FMA in Contesto Islamico* – Roma (2001).
44. *Presenza Salesiana SDB-FMA in Contesto Ortodosso. Seminario di Animazione e Formazione Missionaria* – Roma (2002).
45. *Salesian Family Missionary Seminar.* Mission Animation Notes 1 – Port Moresby (2005).
46. *East Asia and the Challenges of Mission Ad Gentes. Salesian Family Missionary Seminar.* Mission Animation Notes 2 – Hua Hin (2005).
47. *Planning and Development Office. Proceedings of the Seminar* – Roma (2005).
48. *Les Défis de la Mission Ad Gentes en Afrique. Séminaire de Missiologie de la Famille Salésienne.* Animation Notes 3 – Kinshasa (2006).

49. *Mission Ad Gentes Today in Africa. Challenges to Mission Ad Gentes in the English Speaking Provinces of Africa in the Light of the Apostolic Exhortation Ecclesia in Africa.* Mission Animation Notes 4 – Nairobi (2006).
50. *Pueblos Indígenas y Evangelización. V Encuentro de Misioneras y Misioneros Salesianos en Contextos Pluriculturales* – Cumbayá (2006).
51. *Progetto Africa [1980-2005]* (2006) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
52. *Impegno Salesiano nel Mondo Islamico*. Dossier (2008).
53. *Il Volontariato nella Missione Salesiana* (2008) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
54. *Mantén Viva tu Llama Misionera. II Seminario Americano de Animación Misionera SDB-FMA* – Cumbayá (2012).
55. *Oficinas de Planificación y Desarrollo al Servicio del Carisma Salesiano en la Provincia* – Hyderabad (2012) – ENG, ESP, FRA, POR.
56. *Procuras Misioneras Inspectoriales al Servicio del Carisma Salesiano* – Bonn (2012) – ENG, ESP.
57. *Giornate di Studio sulla Missione Salesiana in Situazione di Frontiera e Primo Annuncio Cristiano in Europa Oggi* – Praga (2013).
58. *Giornate di Studio sulla Presenza Salesiana tra I Musulmani* (2013) – ENG, FRA, ITA.
59. *Study Days on the Salesian Mission and the Initial Proclamation of Christ in Oceania in the Context of Traditional Religions and Cultures in the Process of Secularization* – Port Moresby (2013).
60. *Study Days Study Days on The Salesian Mission and the Initial Proclamation of Christ in the Three-fold Context of East Asia* – Sampran (2013).
61. *Study Days Study Days on The Salesian Mission and the Initial Proclamation of Christ in the Three-fold Context of South Asia* – Kolkata (2013).
62. *La Formazione Missionaria dei Salesiani di Don Bosco* (2014) – ENG, ESP, FRA, ITA, POL, POR.
63. *Journées d'Étude sur la Mission Salésienne et la Première Annonce du Christ en Afrique & Madagascar* – Addis Abeba (2014) – ENG, FRA, POR.
64. *Jornadas de Estudio del Primer Anuncio al Discipulado Misionero en América y el Caribe* (2014).
65. *Missionari Salesiani in Europa.* Atti degli Incontri dei Missionari per il Progetto Europa (2016) - ENG, ESP, ITA.
66. *Atti delle Giornate di Studio sul Primo Annuncio in Citta* (2015).
67. *Il Primo Annuncio Oggi* (2017) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
68. *Amazonía Salesiana. El Sínodo nos interpela. Contribuciones de los Salesianos de Don Bosco para el Sínodo y para una renovada presencia entre la juventud amazónica* (Torino, Elle Di Ci, 2019) - ENG, ESP, POR.
69. *Il Volontariato nella Missione Salesiana. Identità e Orientamenti del Volontariato Missionario Salesiano* (Settore della Pastorale Giovanile – Settore per le Missioni) (2019) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.
70. *Animazione Missionaria Salesiana Manuale del Delegato Ispettoriale - DIAM* (2019) – ENG, ESP, FRA, ITA, POR.

Stampa: Mediagraf S.p.A. (PD)

